

ALICIA
BESSETTE

Uma pitada
de AMOR

Benvirá





ALICIA
BESSETTE

Uma pitada
de AMOR

Benvirá



ALICIA
BESSETTE

Uma pitada
de AMOR

Benvirá

Uma pitada
de amor

ALICIA
BESSETTE

Uma pitada de amor

Tradução
Ryta Vinagre

Benvirá



Rua Henrique Schaumann, 270

Pinheiros – São Paulo – SP – CEP: 05413-010

PABX (11) 3613-3000

0800-0117875

SAC De 2a a 6a, das 8h30 às 19h30

www.editorasaraiva.com.br/contato

Diretora editorial Flávia Alves Bravin **Gerente editorial** Rogério Eduardo Alves
Planejamento editorial Rita de Cássia S. Pupo Debora Guterman Gisele Folha Mós
Editoras Luiza Del Monaco Paula Carvalho Tatiana Allegro **Assistente editorial** Lara
Moreira Félix Alline Garcia Bullara Amanda Maria da Silva **Produtores editoriais** Daniela
Nogueira Secondo Deborah Mattos Rosana Peroni Fazolari William Rezende Paiva
Comunicação e produção digital Nathalia Setrini Luiz **Suporte editorial** Juliana Bojczuk
Juliana Moura Lucena **Preparação** Flavia Yacubian **Revisão** Laila Guilherme Diana de
Hollanda **Diagramação** Estúdio Plot **Capa** IDÉE Arte e Comunicação **Imagem de capa**
Frizzantine/Thinkstock **Conversão eBook** Hondana

ISBN 978-85-8240-187-3

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

(CIP) ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Bessette, Alicia – Uma pitada de amor / Alicia Bessette ; tradução de Ryta Vinagre. – São Paulo : Benvirá, 2015.

320 p.

ISBN 978-85-8240-187-3

Título original: A Pitch of Love 1. Literatura norte-americana 2. Romance 3.

Culinária 4. Amizade I. Título II. Vinagre, Ryta 15-0158

CDD 813.6

Índices para catálogo sistemático: 1. Literatura norte-americana - ficção Traduzido de *A Pitch of Love*, de Alicia Bessette Copyright © 2010, by Alicia Bessette Todos os direitos reservados à Benvirá, um selo da Editora Saraiva.

www.benvira.com.br

1a edição Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Saraiva. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei no 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

547.478.001.001

Este livro é dedicado aos amigos que me fizeram crescer.

SUMÁRIO

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

1

Zell Amarro o avental com estampa de camuflagem de Nick abaixo dos meus peitos, incapaz de me lembrar da última vez que usei sutiã ou preaqueci o forno. Esse é meu estilo viúva.

O açúcar mascavo está duro feito concreto, então o despedaço com uma faca.

Depois disso, o modo de fazer é muito simples. Misturo os ingredientes improvisados até obter uma massa de biscoito lisa. É quando sinto cheiro de fumaça, o que me choca, porque não tem nada no forno.

Ou tem?

Tento acender a luz do forno, mas a lâmpada está queimada. Pelo vidro, só consigo distinguir um objeto escuro na prateleira de cima. Não deveria estar ali; disso sei muito bem.

Talvez eu devesse ter procurado por objetos estranhos antes de ligar o forno.

– Devo deixar queimar, Capitão? – Ajoelho-me, e o Capitão Ahab se junta a mim.

Delicadamente, puxo sua triangular orelha de veludo. Ele bufa e suspira, como um cavalo resfolegando, sem conhecimento do objeto não identificado no forno que, a qualquer segundo, será consumido pelas chamas. Ou talvez Ahab *esteja* consciente do desastre que está prester a acontecer e simplesmente o aceite com toda a calma do mundo. Ele é assim, zen; é seu estilo galgo.

– Sim – digo na Voz do Capitão Ahab, uma voz de pirata embriagado mas gentil. – Que queime. És uma rapariga atrevida, Rose-Ellen.

Pego na bancada *Cozinhar é moleza com Pol y Pinch* e deixo Ahab farejar o encarte especial da revista, onde brilham o elétrico sorriso branco e a bronzeada pele de pêssego de Polly. Ela aparece dando uma piscadela, braços cruzados, a cabeça tombada de lado, fazendo charme.

O vencedor do Concurso de Sobremesas que Aquecem a Alma de Polly receberá vinte mil dólares. Vinte mil. A quantia exata que Nick mencionou em seu e-mail quando me contou do dinheiro que queria levantar para o povo de Nova Orleans, para a reconstrução depois do furacão e das inundações.

– Ora, não me digas que é o destino. Arre. – Dou um beijo entre os olhos de Ahab.

Um alarme apita. Um alarme de incêndio. Um alarme de rapariga-atrevida-tentando-cozinhar. Saco.

O objeto no forno está oficialmente em chamas. Suas asas em azul e laranja sobem como que infladas, como quem se prepara para levantar voo.

Minutos depois, ainda de joelhos, abro a porta do forno com um puxão. A fumaça gordurosa e ondulada envolve a mim e a Ahab. Alguma coisa me agarra pelo ombro, e ao levantar a cabeça vejo um grandalhão de botas, capacete e machado.

– Saia daqui, Zell! – É o comandante Kent. Reconheço sua voz grave. Ele engancha os polegares sob minhas axilas e me coloca de pé. Me empurra pela fumaça, agora turbulenta, até seu segundo homem em comando, ou EJ ou Russ; com a fumaça e seus trajés volumosos e pretos à prova de fogo, os dois são iguais.

Aqui estão eles, os melhores super-heróis voluntários com pança de cerveja de Wippamunk, apagando um incêndio no número cento e onze da High Street, lar de Rose-Ellen Roy (nascida Carmichael): Zell – eu, a mulher cujo marido, Nick, morreu aos cuidados deles, em outro mundo, em outra vida. Será que eles acham que quero me matar? Que ateei fogo na casa de propósito? Será que pensam que meus miolos torraram?

– Tire-a daqui! – grita o segundo salvador. Ele me empurra para um terceiro, que me arrasta pela cozinha, passando pela sala de estar, saindo pela varanda da frente e descendo a escada de cimento. Grito o tempo todo “Ahab! Ahab!”.

Sei lá como, escorrego e caio de barriga para cima na dura e fina crosta de neve do jardim. Meu sótão, com sua única janela tapada por tábuas, é de um branco-igreja contra o céu azul, azul. O sótão em que não entrarei – porque não posso.

Russ tira sua jaqueta de bombeiro, revelando braços finos, uma camiseta por baixo e suspensórios refletos que faíscam ao sol. Ajoelha-se na calçada gelada que leva até minha varanda. Limpar a neve era trabalho de Nick, junto com a manutenção do carro e – adivinha – cozinhar. Recuso-me a fazer essas tarefas. Cuidarei disso depois, sempre digo a mim mesma.

Já faz mais de um ano que sinalizo com a mão quando vou entrar à esquerda, como refeições de micro-ondas Polly Pinch no jantar e deixo duas trilhas da largura de pneus em minha entrada depois de cada nevasca.

Russ segura uma máscara de oxigênio em formato de focinho no nariz comprido de Ahab, que está com cara de que nada de anormal está acontecendo, como se não estivesse respirando oxigênio puro de uma máscara projetada especificamente para cães que inalaram fumaça. De vez em quando ele pisca.

Fico sentada na escada da varanda, enrolada num cobertor do carro 1747 do Corpo de Bombeiros – por acaso, o ano em que Wippamunk foi incorporada ao estado de Massachusetts. O carro 1747 resmunga na frente de casa.

O frio é tanto que nem sei se meu nariz está escorrendo. Para garantir, limpo com o cobertor.

– Os cachorros me curtem – diz Russ a Ahab. – É por isso que sou carteiro.

Meu emprego de verdade, quero dizer. – Com a mão livre, mostra o polegar para cima a Ahab, depois bate em seu flanco com tanta força que o animal cambaleia.

– Você tá bem, Zell? – pergunta Russ.

– O Ahab está bem?

– Chuchu beleza. – Ele sorri e dá outro tapa no flanco do cachorro.

– Então acho que também estou. Chuchu beleza.

– Zell? Tenho um presente pra você – diz o comandante Kent. – Literalmente. – Ele geme ao se abaixar ao meu lado na escada. O comandante é sexy como um cavalheiro das antigas, como muitos guardas-florestais, tocadores de gaita de foles e pilotos de avião. Mas agora seu rosto de algum modo me lembra o de um velho gentil, o cabelo grisalho desgrehado e as grandes botas intimidando meus pés descalços. Ele mora nesta cidade desde que nasceu e é chefe dos bombeiros desde o ano em que eu nasci.

Nas enormes mãos do chefe Kent está o objeto do forno: uma caixa chamuscada do tamanho

de uma cabeça, feita, ao que parece, de plástico rígido. O cubo está deformado por causa calor. Parece lava endurecida coberta com o resíduo do extintor de incêndio. A tampa está lacrada.

O chefe Kent a joga para mim. Deixo-a cair, densa e pesada, no colo. Não sei dizer, de cara, se tem alguma coisa dentro.

É um presente do além. Um presente de Nick.

Sempre me perguntei onde Nick escondia os presentes para mim. Várias vezes por ano, antes do Dia dos Namorados, do meu aniversário e do Natal, eu xeretava pela casa.

Invariavelmente, examinava os mesmos lugares: atrás dos casacos no armário, na lareira imprestável, no cesto de roupa suja. Nick me seguia de um cômodo a outro nessas caçadas.

“Você nunca vai encontrar!”, dizia sorrindo.

Pensando nisso agora, todos os presentes dele – os pequenos, pelo menos – tinham um cheiro estranho e desconhecido. Um cheiro vagamente químico, gorduroso, de caverna. Um cheiro – agora sei – de forno.

O FDP do forno, teria dito Nick. O pai nunca permitiu que Nick dissesse “filho da puta”, ele preferia a forma abreviada, e o hábito pegou.

– Zell! – Dennis corria pela calçada, acenando com o bloco de notas. Um passe de imprensa do *Wippamunker* balançava no bolso puído do seu casaco de lona J. Crew, que devia ter uns vinte anos. O passe é puramente para exibição, já que ele é o único jornalista daqui.

Dennis para junto da escada da varanda. Sua cara está vermelha de frio e adrenalina. Ele e Nick trabalharam juntos no jornal por dez anos. Tinham a intimidade que dois colegas de trabalho podem ter.

– Zell, graças a Deus você está bem! – diz Dennis. – Quando ouvi o endereço pelo rádio e percebi que era sua casa, eu... – Solta o ar pelos lábios, estufando as bochechas.

– Eu estou bem, Dennis. É que sou a pior cozinheira do mundo. Só isso.

– Mesmo assim. – Ele lambe a ponta do lápis; sempre usa um lápis no inverno, porque a tinta congela. – Chefe, a causa do incêndio?

Kent dá um tapinha em meu joelho.

– Pergunte à Zell aqui.

– A causa do incêndio? – repete Dennis.

– *Cozinhar é moleza com Pol y Pinch* – respondo.

– Polly Pinch? – Dennis escreve. – A *chef* celebridade?

– Isto é extraoficial – diz Kent.

O cara novo encosta o carro e estaciona. Dispara pelo quintal, tirando fotografias, virando a câmera em todos os ângulos possíveis. Bisbilhota através das janelas, depois corre até Ahab, e o disparador estala algumas vezes na cara do cachorro enquanto Russ o beija por cima da máscara de oxigênio. O cara novo tira fotos do comandante, que, como todos em Wippamunk sabem, detesta ser fotografado. E tira umas fotos minhas, descalça e sem sutiã, largada na escada com um cubo de plástico queimado no colo.

Estou usando um avental de camuflagem e um cobertor laranja néon.

Eu o observo fazer suas trapalhadas por ali. Ele entendeu tudo errado, e por isso, para mim, ainda é o cara novo, embora tenha assumido o lugar de Nick no *Wippamunker* há mais de um ano. O contraste entre o estilo dele e o de Nick é gritante. Nick sempre andava despreocupadamente antes de tirar a câmera da bolsa. Observava a cena, apresentava-se e pedia permissão ao dono da casa para fazer algumas fotos. “Não podemos nos levar muito a sério”, costumava dizer. “O pessoal de Wippamunk não é Nixon, e eu não sou Woodward e Bernstein.”

O cara novo sobe a escada da varanda – o comandante se inclina em minha direção para evitar o joelho do rapaz que se desloca rapidamente – e continua tirando fotos do interior.

Ouçoo falar com EJ, que está em minha cozinha, fazendo coisas de bombeiro, imagino.

Um instante depois, o cara novo desce a escada.

– Não houve nenhum dano.

– Puxa vida, é mesmo? – Tento aparentar ânimo. – É uma ótima notícia pra mim. Mas, pra você, imagino que seja decepcionante.

Ele dá de ombros, recoloca a tampa na lente da câmera e se dirige até o carro.

Fico imaginando o que ele sabe a meu respeito. Sobre Nick e EJ.

Uma viatura policial de Wippamunk para em frente de casa. France sai, sobe a escada da varanda e bate na porta do meu novo vizinho.

– Oi, Zell – diz ela por cima da grade de metal que separa as varandas.

Cicatrizes de acne marcam seu rosto fino. Seus olhos são um tanto esbugalhados, e as orelhas

vermelhas aparecem por baixo do quepe rebaixado.

– Você se machucou?

Antes que eu possa responder, a porta do vizinho se abre. France aperta a mão de um homem alto de cabelo bem rente, olhos castanhos e pele de chocolate.

– Policial Frances Hogan – ela se apresenta.

– Garrett Knox – responde o homem. – Eu e minha filha, Ingrid, nos mudamos do outro lado da cidade para cá no mês passado.

France garante a ele que está tudo bem; foi só um acidente na cozinha e nossa casa geminada está em boas condições.

– Fico feliz em saber – diz Garrett. – Obrigado. – Ele acena para mim com um movimento célere do pulso e abre um rápido e caloroso sorriso antes de entrar.

Na realidade, moro em metade de uma casa, uma casa geminada. Durante a rota de entrega de correspondência de hoje, por acaso Russ deixou na minha caixa de correio o exemplar dos Knox de *Cozinhar é moleza com Pol y Pinch*.

Um erro compreensível, vendo nossas caixas de correio lado a lado, presas com epóxi ao vinil entre nossas portas.

Ahab e eu voltávamos de uma caminhada quando vi *Cozinhar é moleza* projetando-se da caixa do correio. A matéria de capa prometia elevar meu ânimo; assim, naturalmente, peguei a revista e vi Polly Pinch rindo, cercada de adolescentes arrumadinhos, todos mastigando felizes suas cenouras, maçãs e outros lanches saudáveis e cheios de fibra depois da escola. Li as chamadas: ALEGRE A TODOS EM SUA CASA! PARTICIPE DO PRIMEIRO

CONCURSO DE SOBREMESAS DE POLLY

E GANHE 20 MIL DÓLARES!

Foi o valor em dinheiro – o mesmo que Nick havia falado – que me pegou. Fui para dentro, tranquei-me no pequeno lavabo embaixo da escada e li de cabo a rabo *Cozinhar é moleza com Pol y Pinch*.

A filha de Garrett, Ingrid, sai da casa, pisando firme pela varanda com suas botas Ugg de cano alto. Segura a grade e faz alguns *pliés*. Um gorro vermelho de esqui grande demais cobre suas tranças compridas e castanhas. Ela tem nove ou dez anos, e sua pele é mais clara que a de Garrett, a cor do sol refletido no piso de carvalho.

– O que você estava cozinhando? – pergunta.

– Boa pergunta – murmura Dennis, lambendo a ponta do lápis.

– Biscoitos amanteigados de amendoim sem farinha – respondo.

Dennis escreve.

– Por quê? – Ingrid salta da varanda, passando pelos quatro degraus e esmigalhando a neve ao pousar.

– Estava fazendo pra você – digo. Não é bem a verdade, embora eu pudesse ter lhe dado uma dúzia se tivessem ficado bons. Afinal, eu teria de testar com alguém a receita que inscreveria no concurso.

– Sou alérgica a amendoim. – Ela estoura uma bola de chiclete.

Russ solta Ahab e guarda a máscara de oxigênio para cães no estojo.

– Ahab deve voltar ao normal logo – diz.

Olho em volta e percebo que estou cercada pelas pessoas que fizeram A Viagem com Nick.

Ali estão Russ e Dennis na calçada a certa distância, o comandante Kent sentado bem a meu lado, a policial Frances recostada na grade da varanda e, dentro de casa, EJ, que ouço fuçando em tudo, pois, para livrar a cozinha da fumaça, alguém deixou a porta da frente aberta.

Ahab dá alguns passos cautelosos na minha direção, mas para quando a menina joga os braços em torno de seu corpo e beija sua testa.

– Ahab gosta de você – diz Russ a ela. – Você devia entregar correspondência quando crescer. Igual a mim.

– Vou ser *chef* na televisão – diz a menina.

Russ acha graça. Ri como um pateta e puxa os suspensórios, deixando que batam em seu peito miúdo.

– Bom, voltarei amanhã com sua correspondência, Zell – diz depois de se recompor. – Ei, amanhã é sexta-feira.

– Nosso almoço de sempre – digo. Russ me traz o almoço toda sexta desde o funeral de Nick. Ele tem alguns anos a mais do que eu e sempre foi como um irmão mais velho; no primário, se autointitulou meu “amigo do ônibus”, sentando-se comigo até quando seus amigos o chamavam para os fundos do veículo.

– O que vai querer comer? – pergunta.

Procuro sorrir, mas não me saio muito bem. Usei meu forno pela primeira vez em anos e acabei com bombeiros na cozinha, uma policial na varanda e um repórter no gramado. É

claro que conheço a maioria dessas pessoas há anos. Mas ainda assim...

– Me surpreenda – respondo, embora não espere nada além de Orbit Pizza ou as sobras generosamente doadas por sua mulher. Por mim tudo bem, porque, se não fosse por isso, eu provavelmente nem almoçaria, como em todos os outros dias.

Russ assente.

– Sou cheio de surpresas. – E ruma desajeitado em direção ao carro 1747.

O rádio no quadril de Frances solta um guincho. Ela abaixa o volume e suspira.

– Preciso ir, Zell. Te ligo mais tarde, tá bem?

– Tá, a gente se vê.

Ela toca o quepe para o comandante Kent e Dennis, trota para a viatura e parte dali.

– Obrigada, policial Frances! – grita Ingrid enquanto coça as costas de Ahab.

Suas unhas são roídas e brilham com um esmalte velho. Ahab anda de lado para ela; seu dorso encontra a cintura da menina.

Os olhos dela se arregalam.

– Ele está se encostando em mim.

– Os galgos fazem isso – digo. – É o jeito deles de abraçar.

Ahab é grande para um galgo: quarenta quilos. Mas é tão gentil que ela mal se balança como toque dele.

O comandante Kent ri.

– Bonito gorro, garota.

Ela empurra o gorro, que caiu sobre seus olhos, mais para o topo da cabeça.

– Obrigada. – Depois se vira para mim. – Gosta de cozinhar?

– Eu adoro cozinhar. – É mentira, claro. Gosto é da ideia de ganhar vinte mil dólares. Por Nick. Por Nova Orleans. Não conheci aqueles sobreviventes do furacão, mas ele, sim. Graças a eles, Nick era um homem transformado. Talvez até um homem melhor.

– Você gosta da Polly Pinch? – pergunta ela.

Penso na inevitável Polly Pinch. Seu rosto reluzente decora caixas de biscoito nos mercadinhos de toda a América; ela segura o biscoito entre o polegar e o indicador, de maneira provocante, sobre a boca aberta. Em seu mais recente comercial de televisão para uma rede de cafeterias, o café na cama chega em uma bandeja de prata e consiste apenas em um *latte* espumoso. Com um meio sorriso sonolento, ela sopra o vapor, engole e geme em aprovação.

Polly Pinch é a coisa mais distante que se pode imaginar da Bruxa Velha de Economia Doméstica, de óculos bifocais e sapatos ortopédicos – a sra.

Chaffin, professora no Colégio Wippamunk dezoito anos atrás. E até hoje – enquanto folheava a revista e tomava conhecimento desse concurso de sobremesas – eu não tinha ideia de quanto gostava dela. De Polly Pinch, quero dizer.

– Eu adoro a Polly Pinch – respondo.

– Não vai abrir seu presente? – Ingrid aponta para o cubo plástico em meu colo. O

presente de Nick que, pelo visto, ficou escondido no meu forno por pelo menos um ano e três meses.

Não respondo.

– Anda! – diz ela. – Não quer saber o que tem na caixa?

– Ah, não tem nada nela – respondo.

O chefe Kent e Dennis trocam um olhar, que finjo não perceber.

Ingrid se aproxima pulando; Ahab, que estava encostado na menina, escorrega no gelo.

– Deve ter alguma coisa aí. – Alegrementemente, ela pega o cubo em meu colo, segura-o junto da orelha e o sacode. O pacote emite uma batida sólida, como se tivesse um brinquedo de criança ou colheres de pau.

– Pode me devolver isso? – Fico em pé, sem sapatos, na calçada gelada. O

cobertor cai em meus tornozelos.

Ela hesita, rindo. Mas não estou brincando.

– Devolva! – digo.

– Calma, Zell – diz o comandante. Ele se levanta e se aproxima de mim, acariciando o ar.

– O que é isso, Zell? – intervém Dennis. – Ela só está brincando. E você precisa calçar uns sapatos.

Queimo a sola dos pés no gelo, mas não consigo tirar os olhos do cubo embrulhado nas mãos pequenas e cor de mel de minha vizinha.

O comandante se posiciona entre mim e ela. Olha-me com severidade e, com gentileza, pega o cubo de Ingrid, que o entrega tranquilamente. Com a maior coragem que consegue sem chorar – sei que ela está engolindo as lágrimas, porque reconheço o esforço –, sussurra: – Gosto do seu cachorro. – E sobe a escada de sua casa, batendo a porta depois de entrar.

Meus pés agora estão totalmente dormentes. Chuto o cobertor.

E então EJ, da cozinha, grita: – Acho que acabamos aqui, chefe.

Ouçõ EJ andando dentro da casa, e também mesa e cadeiras da cozinha sendo arrastadas.

– Não tem nada aí – digo.

– Tudo bem – diz o comandante, entregando-me o presente do forno. – Não tem nada aí.

Como quiser, Zell. Você que manda.

– É claro que não tem nada aí – concorda Dennis. – Agora cubra seus pés antes que congelem.

Sento-me na escada e enrolo os pés no cobertor. Coloco o cubo no colo e passo o dedo pela

tampa, derretida e deformada como um lábio inchado. Ahab gane e se aproxima de mim.

Acaricio sua cabeça e baixo o rosto para beijá-lo. Uma lágrima escapa do meu olho e é absorvida pelo denso tufo de pelos acima de seus olhos, que pode ser considerado sua sobrancelha.

– Ei, chefe! – chama EJ de dentro.

– Será que você pode tirar EJ da minha cozinha? Eu não posso... Desculpe, mas...

– Claro. É claro, Zell. – O comandante suspira e entra.

Dennis desprende o passe da imprensa e o guarda no bolso. Segura meu ombro em um gesto paternal.

– Se cuide – diz ele. Um instante depois, vejo seu carro descer a rua.

Logo EJ e o comandante saem da minha casa e descem a escada a passos pesados.

– Zell? – chama o comandante, dizendo adeus.

EJ, evidentemente, não fala comigo – não desde A Viagem. Acho que tem medo de mim.

Não posso culpá-lo, porque, desde que Nick morreu, não tenho sido o que se pode chamar de acessível, apesar de meus esforços.

EJ se abaixa e puxa delicadamente o cobertor dos meus pés. Não nos olhamos nos olhos.

Ele e o comandante se juntam aos outros bombeiros no carro 1747. Russ dirige, o magrelo Russ com os braços expostos sobre o volante imenso, quicando pela esburacada High Street. O

carro 1747 vira a esquina. Nuvens de uma fumaça de escapamento cinzenta e gordurosa pendem pela rua e desaparecem, e o mundo mais uma vez fica em silêncio.

E, exceto por Ahab, estou sozinha. Simples assim.

Ahab me segue até a cozinha, onde tenho de admitir que o cara novo tinha razão: não houve dano nenhum. O cheiro da fumaça e do extintor de incêndio ainda persistem, mas o cômodo não parece nada diferente de antes do fogo, exceto talvez por estar, de certo modo, um pouco mais limpo.

Sinto cheiro de outra coisa. Café. Ao que parece, EJ preparou meio bule. Não para ele, eu sei, porque não encontro nenhuma caneca usada na pia ou na lava-louça. Ele preparou para mim. Me sirvo de um pouco e tomo puro.

Ahab quer massa de biscoito. Encosta a cabeça no chão, de lado, virando para o piso o lado do tapa-olho. Não um tapa-olho de verdade, mas a mancha que parece um.

Belisco um pedaço de massa e deixo cair em seu potinho. Ele pula e cutuca minha mão, querendo mais, então lhe dou mais um pouco de amendoim amanteigado.

– Arre, Zell. Eu comeria *todos* teus quitutes. Cozidos ou não. Cada pedacinho.

Com ou sem um trago de rum. Arre.

Penso na filha de Garrett Knox e em sua alergia a amendoim. Ela não sabe o que está perdendo: a cremosidade doce e salgada da pasta de amendoim.

Aposto que ela nem mesmo tem memória do amendoim – nenhuma lembrança, nenhum sabor. Uma *tabula rasa*, uma parede nua.

Coloco o avental camuflado de Nick onde o encontrei, debaixo da pia. E ali descubro, na lixeira, um monte de toalhas de papel escurecidas de fuligem. EJ, aquele tempo todo, estava limpando meu forno, minha cozinha.

Vejo o bloco de recados preso à geladeira. A primeira folha traz a letra inclinada e espremida de homem: OI, ZELL, HORA DE CONVERSARMOS, VÁ QUALQUER DIA DESSES À MUFFINRY, POR

FAVOR.

O cartão de apresentação de EJ está metido embaixo do ímã, como se eu não soubesse onde fica a Muffinry. Diz o cartão: EJ Murtonen, “O Homem Muf f in”!

Venha à Murtonen’s Muf f inry, na Main Street, 900, na bela Wippamunk, Massachusetts, e prove os melhores muf f ins e caf é a oeste da 495

ou leve seu dinheiro de volta!

Faz alguns anos que meu coração faz uma coisa estranha, em momentos estranhos. Como agora: quatro da manhã. A coisa estranha do coração é um pouco como a viuvez – já me é familiar, mas, ainda assim, inteiramente desconhecida.

Meu coração bate forte e acelerado. Sento-me, ofegante, e me recosto na cabeceira da cama, que Nick catou no lixo e eu pinteí de azul-escuro com estrelas prateadas de diferentes tamanhos. A meu lado, Ahab levanta a cabeça.

Seus olhos faíscam no escuro.

Conto os segundos que passam durante as batidas espasmódicas: seis. Depois as batidas

cessam, e conto os segundos que duram a ausência de batidas: cinco.

Meu coração volta ao normal, trabalhando de maneira firme e calma, sem nada fora do comum.

Acendo a luz; não vou dormir. Ahab também sabe disso, então se levanta e desce, pisando elegantemente no tamborete que Nick catou no lixo pensando na velhice de Ahab, porque, com o passar do tempo, seria um desafio cada vez maior pular de nossa cama. Algumas vezes Ahab escorregava do colchão e caía no chão, as pernas esparramadas sob o corpo.

Ele me segue pelo corredor. Paro na porta do escritório – ganho a vida fazendo ilustrações médicas – e respiro o cheiro de madeira, cera e borracha de lápis. Acaricio o maxilar frouxo do esqueleto pendurado em um suporte sobre rodas bem ao lado da porta.

– Oi, Hank – sussurro.

Hank é o nome que Nick deu ao esqueleto.

Levo um Tapa da Memória; eles me atormentam com muita frequência. Eu apagava alguma coisa – um risco de lápis em uma tibia ou talvez a palavra “braquiocefálico” escrita errada – quando Nick botou a cabeça para dentro do escritório.

– Você precisa de um descanso – disse. Cantou “Welcome to the Jungle”.

Pegou Hank, segurou-o pelos pulsos e o fez dançar como Axl Rose: as pernas sendo arremessadas para os lados, os braços ondulando, balançando o quadril.

Isso foi quando nos mudamos para cá.

Como acontece frequentemente quando se é viúva, um Tapa da Memória leva a outro, sem considerar a ordem ou a cronologia, e o segundo Tapa da Memória é de uma noite de “catação” há não muito tempo: Nick buzinou e veio de ré pela entrada com nosso decrepito carro azul. Ahab e eu olhávamos da porta enquanto ele enchia os braços de coisas que retirava do porta-malas. Ele sorriu, subiu a escada da varanda de dois em dois degraus e plantou um beijo barulhento na minha boca.

– Tomara que a gente goste de Gladys – disse.

– Quem?

Aquele cheiro pungente de outono se agarrava a seu cabelo preto. Aquele cheiro de coisas da rua refluindo no ar frio. Mas, em Wippamunk, apreciamos esse processo – pode-se dizer que o *veneramos* –, a beleza anual do que desbota, murcha e desaparece. É nosso estilo Nova Inglaterra.

Nick colocou no sofá o resultado de sua catação: um toca-discos e uma caixa de papelão contendo a coleção completa dos discos de vinil de Gladys Knight and the Pips – trinta e seis álbuns, no total.

O toca-discos e os vinis foram as últimas coisas que ele catou no lixo.

O Tapa da Memória termina. Suas margens escurecem, e a cena encolhe até que não consigo mais enxergar, nem sentir o cheiro, nem ouvir.

Tempo real, lugar real.

A meu lado, Ahab fareja a rótula de Hank.

– Caramba, Hank! – digo baixinho, na Voz de Ahab.

Descemos a escada, deixando Hank balançando um pouco.

Prendo o velcro do casaco de *fleece* cinza de Ahab e guardo suas orelhas dentro do capuz.

Enfio uma botinha de neoprene em cada pata.

Coloco as botas por cima da calça do pijama, aperto bem o casaco e o cachecol. Pego o cubo embrulhado e queimado na prateleira da sala de estar, onde o deixei em meio à cerâmica do pai de Nick. Mesmo quando o conteúdo bate nas paredes internas do cubo, digo a mim mesma que o pacote está vazio.

O presente parece pesado, mas não deve chegar nem a um quilo. Meto a embalagem debaixo do braço e prendo a guia de Ahab.

Sáímos, e o frio atinge o algodão fino que cobre minhas pernas. Escorregando e deslizando pela High Street, passamos por uma fila uniforme de casas pré-

fabricadas de estilo colonial, todas pintadas em tons de caramelo, embora no escuro sejam de uma cor enlutarada e luminosa.

Passamos pelo Pomar Bedard. Ahab fareja com expectativa, procurando o gordo gato laranja do sr. B, que ele adora perseguir, mas o gato não está por ali esta noite.

Passamos pelo prédio de três salas da delegacia e entramos à esquerda na Main Street.

Ahab tenta atravessar, achando que vamos ao campo de futebol do colégio, onde eu geralmente o solto para correr. Mas esta noite não vamos lá. Em vez disso, subimos a Main Street e passamos pelo cruzamento com a Rota 331.

Nenhum carro. Praticamente nenhum trânsito.

Sinto a pele do rosto endurecer. Tento sorrir. Tento franzir a testa. O frio é tanto que não consigo fazer nada disso.

Passamos pela prefeitura, pela praça e pelo cemitério, onde as lápides do século XVIII tombam como dentes podres.

Ahab não faz ideia de para onde vamos, mas mesmo assim assume a dianteira, passando pela igreja congregacional, a loja de conveniência, a lojinha de suvenires, a Big Yum Donuts e o posto de gasolina.

A Main Street está escura, silenciosa e sem vida – menos à frente, onde o sinal de trânsito pisca diante da Murtonen's Muffinry. As vidraças da cafeteria estão embaçadas. O cheiro de café, manteiga aquecida e açúcar atinge o estacionamento de cascalho vazio, e, do lado de dentro, brilham luzes amarelas. É possível ver, atrás do prédio, a traseira do furgão da Muffinry.

Consigo distinguir suas letras, que parecem comestíveis; o y com marca de mordida.

O corpo enorme de EJ se mexe atrás da vitrine da Muffinry. Ele está tirando as cadeiras de cima das mesas.

Ahab e eu prosseguimos. Mas paramos de repente quando ele rosna. Ele nunca rosna.

Passo os olhos em volta, procurando pelo que ele está vendo – e que o faz rosnar. Mas o escuro é tanto que não consigo enxergar grande coisa, mesmo com o sinal de trânsito piscando. Percebo que não devia ter parado, porque agora, de pé no estacionamento, com a respiração pairando sobre mim em nuvens geladas, olhando estupidamente boquiaberta para o toldo de listras marrom e cinza da Murtonen's Muffinry, eu perco a coragem. Talvez não esteja preparada para falar com EJ. Talvez não esteja preparada para abrir o presente de Nick.

O ar cheira a gasolina, sal e areia da estrada e aos muffins de EJ. Os deliciosos, suculentos, molhadinhos, imensos muffins de EJ Murtonen – o “Homem Muffin” – prêmio de O melhor de Wippamunk.

No peito, meu coração fica novamente suspenso num silêncio sem batidas.

Quatro segundos de paralisia. Cinco segundos de paralisia. Seis. Eu devia mesmo ligar para a dra.

Carrie Fung. Mas talvez, se não o fizer, algo ruim – bem ruim – aconteça.

Afinal, há muito para o corpo humano sabotar, tantos erros gloriosamente fatais que ele pode cometer. Se eu nunca retornar os telefonemas da dra. Fung, talvez me ocorra algum episódio cardíaco bem ruim e o evento me arranque do chão, para longe deste estacionamento, para longe de Wippamunk, para longe da minha vida. Flutuarei lindamente por aí – como penugem

de dente-de-leão se soltando do caule, como um emaranhado de pelos de Ahab levados pelo vento frio quando abro a porta dos fundos para deixá-lo entrar. Reencontrarei Nick. E

flutuaremos juntos, de maneira espetacular.

Mas o batimento volta, como sempre: no início rápido, depois normal.

Vou para casa. Tocarei Gladys e os garotos e dormirei com os lábios pousados atrás da orelha de Ahab.

– Ahab! – sussurro. – Vamos, Capitão.

Ele rosna mais uma vez para o estacionamento, mas vem até mim, porque sempre vem até mim. E partimos de novo, pelo mesmo caminho que viemos, para a High Street. Para casa.

– Arre, Zell, és uma frouxa cagarolas.

EJ

Três e meia da madrugada. A Main Street é uma versão fantasma preta e azulada do que costuma ser à luz do dia. É uma hora estranha para conhecer o mundo – uma hora em que não é nem dia nem noite. E quando o furgão da Muffinry geme e protesta quando ele gira a ignição, o próprio EJ precisa de algum estímulo. Passa as mãos no rosto, se permite uns bocejos que balançam o corpo e obriga as palmas a segurar o volante frio. (Os descendentes de finlandeses são durões demais para usar luvas, seu pai costumava dizer.) Ele deixa o motor em ponto morto por alguns minutos, engata a ré, sai da entrada de carros para o mundo real e dirige para a Muffinry.

Depois de chegar, preaquece os fornos. Girando os botões – ainda engordurados mesmo depois de uma boa limpeza –, pensa no forno cheio de fuligem de Zell. Há anos EJ sabia que Nick escondia ali os presentes para Zell. Sabia que ela não era de cozinhar, mas não sabia que *jamais* cozinhava.

E o fato de que ela levou pelo menos um ano e três meses para descobrir esse presente, qualquer que seja – o fato de que Zell não tocou no forno por todo esse tempo –, ora, isso faz com que ele sinta ainda mais por ela.

EJ prepara a massa de muffin de mirtilo (açúcar, farinha, fermento em pó, sal, canela, ovos, manteiga, gordura vegetal, leite e mirtilos congelados que ele próprio colheu na Wippamunk Farms em julho). Despeja a massa em fôrmas extragrandes de muffim. Na Murtonen's Muffinry não se compra massa pronta no atacado, espremida em sacos plásticos.

Ele não se formou como o primeiro da turma de culinária na Johnson and Wales à toa.

Repete o processo para os muffins de milho, depois aveia, chocolate, panqueca, maçã com canela e tomate com abobrinha. Desliza as bandejas para dentro dos fornos e ajusta o timer.

Uma olhada rápida no estoque o satisfaz, tem tudo: xícaras, guardanapos, envelopes de açúcar. Numa tentativa de impressionar Charlene – e ela ficou impressionada, porque sua última carta incluía um P.S. que dizia “Muito bem, respeitando o ambiente!!” –, EJ

recentemente passou a usar copos de papel 80% reciclado, guardanapos sem alvejante e açúcar mascavo. *Os ingredientes orgânicos são o próximo passo*, pensa. Ou, talvez, o comércio justo. Ele faz um lembrete mental para pesquisar a diferença.

Na estação de café, ele abre um saco de café comum e aspira profundamente ao pôr os grãos no filtro. Repete o processo com o descafeinado e todos os sabores de inverno: gemada, *crème de menthe*, caramelo amanteigado. Depois prepara um bule de uma invenção própria: Nova Orleans. Coloca grãos comuns no filtro e algumas raízes de chicória por cima.

Ele compra a raiz de chicória de Charlene. Antes mesmo de pôr o pé dentro da cafeteria dela, EJ percebeu de cara que ela sabia cozinhar; percebeu pelo aroma, que chegava à calçada. O aroma de manteiga de verdade, farinha de verdade. Quando o sino anunciou sua chegada, ela saiu de uma sala nos fundos. Um avental limpo acentuava sua discreta barriga e o quadril largo. O

corpo de uma mulher de verdade, pensou; *o corpo de uma mulher que leva a sério seus doces*.

EJ pediu oito cafés. Ela riu – oito cafés? – e foi servi-los. Ele admirou a concavidade exagerada da base de suas costas, que fazia seu traseiro redondo sobressair, convidativo.

Cabelos brilhantes e pretos se cacheavam em volta das orelhas claras e lhe davam a aparência de um duende.

Ela se virou e sorriu, passando-lhe um copo alto de café com chicória.

– O seu é de graça – disse ela numa voz arrastada e calorosa.

Ele pegou o copo de sua mão pequena e agradeceu, notando a boca em formato de losango.

Ela olhou para fora, para o furgão ecumênico de Wippamunk que aguardava na rua.

– Veio do norte?

– Ah, sim. – EJ se ouviu dizer.

– E dirigiu até aqui para ajudar na tragédia do Katrina?

– É – disse a voz dele de novo.

Ela sorriu.

– Está com algum grupo de voluntários?

Ele não respondeu. Sombras marcavam a pele sob os olhos dela; os pulsos sujos de massa.

Somos feitos do mesmo material, pensou EJ. Provavelmente ela cheira a café e açúcar mesmo depois de um banho e deve adorar tanto bater papo com os clientes quanto os instantes sozinha, raspando tigelas prateadas com espátulas brancas.

A sineta tocou; Nick estava à porta.

– Precisa de ajuda, Silo? – perguntou Nick. Ele sempre chamava EJ de Silo porque assim era seu corpo: alto e grosso. Nick se aproximou do balcão, e Charlene lhe passou uma bandeja que comportava quatro copos de café.

– Todos por conta da casa – disse ela, e encaixou mais três cafés em outra bandeja e encheu um saco de papel com envelopes de açúcar, misturadores e creme.

Nick falou com Charlene daquele jeito autêntico e simpático dele. Contou-lhe sobre A Viagem, o trabalho deles, onde estavam hospedados, o que faziam.

Charlene assentiu, mas de olho em EJ.

– Voltem amanhã, se puderem – disse ela.

– Ah, só vamos ficar pelo bairro turístico hoje – disse EJ. – Porque...

– Voltaremos amanhã – disse Nick.

Por fim, eles saíram da cafeteria, cada um carregando uma bandeja de café.

Nick parou na calçada.

– Olhe pra mim – disse ele.

– Que foi? – EJ parou ao lado do furgão, seus olhos encontraram os de Nick.

Nick riu daquele jeito dele, com todo o corpo.

– Que foi?

– Você sabe o que foi. – Nick virou a cabeça para a cafeteria. – Você ficou caidinho por aquela *cajun* bonitinha da cafeteria. Tá exatamente com a mesma cara de quando tinha doze anos e a France convidou você pra dançar “Stairway to Heaven”.

– Shhhh. – EJ olhou para France dentro do furgão; Russ parecia desafiá-la para uma quedade polegar, mas ela o ignorava. Já fazia muito tempo desde que EJ sentira alguma coisa por France e vice-versa. Já fazia muito tempo desde que EJ sentira alguma coisa por alguém.

Ele sentiu as bochechas ficando vermelhas.

– Não diga nada – disse a Nick.

– Pode deixar. – Nick riu mais uma vez. – Seu cachorrão.

Russ abriu a porta do furgão e pegou a bandeja de EJ.

– Qual é a graça? Eu sempre perco a piada.

– Nada. Absolutamente nada. – EJ sentou-se ao lado de Russ. Mas sorria ao ajudar a distribuir o café a todos: Russ, France e Dennis, o comandante Kent, o padre Chet e a pastora Sheila, que

estava dirigindo, e ficou sorrindo pelo resto do dia.

Desde então, a cada três semanas, toda encomenda de raiz de chicória de Nova Orleans vinha com uma carta de Charlene, escrita de próprio punho. Em geral começava com algo assim: “Obrigada por seu pedido. Como está a vida no Grande Norte Branco?”; como se Massachusetts fosse uma impenetrável tundra congelada.

Charlene nunca esteve na Nova Inglaterra. Ele fantasia em hospedá-la, mostrar-lhe a cidade, todos os seus lugares preferidos. Ou comer no monte Wippamunk (embora, por estar fora de forma, ele provavelmente tenha de levá-la de carro até lá); o segundo andar do antigo quartel dos bombeiros, com seu poste de bronze antigo e mesa de sinuca de 1892; o banco em seu próprio quintal, que dá para o lago Malden. Ele lhe mostrará o nome de sua mãe entalhado atrás do banco. Seu pai o fez para a mãe. O pai sempre mexia nisso e naquilo, estava sempre fazendo coisas. O banco foi a última que ele fez antes do divórcio.

EJ nem consegue acreditar que já se passou mais de um ano desde que se encontrou pessoalmente com Charlene. Não acredita que durante todo esse tempo ela continuou a escrever, mandar e-mails, mensagens de texto e até, de vez em quando, telefonar. Quando seu celular tocava às quatro da manhã, ele sabia que era Charlene.

Ele devia tê-la visitado uma vez, em agosto. Ela o convidou, e EJ fez todos os preparativos; planejou tirar duas semanas de folga e ir de carro. Até comprou um pingente muito pequeno de diamante no shopping Greendale, mas devolveu depois que ela escreveu, em sua carta mais recente, sobre as atrocidades da mineração de diamantes e uma reunião de conscientização a que ela compareceu. Ele ficou nervoso por não ter um presente e por algum tempo lamentou por Nick não estar ali para lhe dar conselhos.

Mas a mãe de Charlene morreu inesperadamente, e ela telefonou, às lágrimas, dizendo que ele não devia ir. Pedia desculpas sem parar, e ele repetia incessantemente: “Não, não, não precisa se desculpar”. Mas já haviam se passado seis meses, e ela não voltou a convidá-lo.

EJ serve um copo de Nova Orleans para si mesmo. Bebe enquanto vira as cadeiras com uma só mão. Perto da vidraça, embaçada pelo calor dos fornos, vê movimento do lado de fora. Olha a rua e se assusta ao distinguir alguém ali, alguém muito agasalhado. Pode ser qualquer um, e EJ aperta os olhos antes de perceber Ahab. O Capitão é inconfundível. É o único galgo em Wippamunk e o único cachorro de quarenta quilos da cidade que usa casaco e botas seis meses por ano.

EJ reconhece as luvas e o gorro amarelos de Zell. A mesma Zell que pegava vaga-lumes em vidros com ele e Nick quando tinham mais ou menos sete anos.

A mesma Zell – a franja com tanto spray que formava uma garra imóvel – que se sentou ao lado dele no primeiro ano na turma da Bruxa Velha, que provou um muffin de mirtilo do primeiro lote que ele fez na vida e disse – mesmo depois de a Bruxa Velha colocá-la de castigo

por conversar —: “É

incrível, Eege. Você devia ser confeitoiro ou coisa assim. É sério”.

É isso, então, pensa EJ. Zell recebeu seu bilhete e agora, enfim, eles iam conversar.

Havia algo debaixo do braço de Zell — o presente. O presente do forno de Nick. *Meu bom Senhor*, pensa EJ; *talvez ela queira estar com ele quando abrir o embrulho*. Engole o café quente e estica o braço livre sobre a cabeça.

Meu bom Senhor. Mas o que vai dizer a ela?

Ahab está à frente de Zell. Eles se viram para o estacionamento e se aproximam da Muffinry. Mas os dois param de repente. Olham ou procuram alguma coisa — a origem de um barulho desconhecido, talvez. EJ estica o pescoço, mas só o que vê é escuridão. De súbito, Zell e Ahab viram-se e praticamente correm pela calçada, voltando pela Main Street e saindo de vista.

— Ela perdeu a coragem — diz EJ. Bebe um pouco do Nova Orleans e vira uma cadeira. — Perdeu a coragem.

Instantes depois, faróis varrem o estacionamento. EJ olha o relógio na parede: a colher de pau pequena está no quatro e a grande, no seis, o que significa que Travis está atrasado, como sempre. Pelo menos ele é coerente.

O sino da porta toca com a entrada de Travis; ele esfrega as botas no capacho, fazendo um barulho de arranhão.

— Bom dia, e aí? — diz Travis.

— Bom dia. — EJ abre a porta dos fundos. Está prestes a jogar um grande pote de manteiga vazio na lata de reciclagem quando é dominado por uma espécie de ordem silenciosa para não se mexer. Todo o seu corpo parece tomado por uma consciência atenta e formigante: se ele tivesse pelos, estariam eriçados. É

a mesma prontidão arrepiante de dilatar as pupilas que viveu pouco antes da passagem de Nick. É assim que EJ pensa nisso: não a morte de Nick, mas sua passagem. Não algo aleatório, lamentavelmente terrível, mas nobre, como o destino.

Ou pelo menos como algo pelo qual Nick não protestaria, se ele conseguisse fazê-lo compreender os acontecimentos que levaram sua vida.

EJ pegou a terminologia — “a passagem” — de Charlene. Logo no início, ele lhe contou sobre os pesadelos em que testemunhava, repetidas vezes, o que havia acontecido com Nick.

Ela respondeu que todos os sobreviventes tinham pesadelos; era um sintoma de distúrbio de

estresse pós-traumático. Ela escreveu sobre “a passagem” das vítimas do Katrina: “Elas não morreram. Fizeram a passagem para outro lugar.

É no que acredito, sinceramente”.

EJ está agarrado ao pote vazio de manteiga. Arrepios sobem por sua nuca.

Algo se aproxima – possivelmente a mesma criatura que distraiu Zell e Ahab instantes atrás. Ele dá um passo para trás e pensa nos ursos-negros que assaltam lixeiras, depois se lembra de que é inverno e os ursos estão hibernando. Talvez seja um puma; ouviu boatos sobre esses animais rondando pela área.

Perto da lixeira de reciclagem, percebe um movimento – olhos verdes baços e desconhecidos. Os olhos são seguidos por um gato, desajeitado e praticamente torto com bolas de pelo, um pequeno saco de batatas com pernas. Ele se senta e mia. O gato do velho Bedard. Um verdadeiro gato de rua.

EJ ri.

– Cretino! – exclama. – Você me deu um susto. – EJ joga o pote de manteiga na lixeira, e o gato corre para a rua.

Nick 2 de novembro de 2006

De:

nicholas.roy@thewippamunker.com Para: rose-ellen@roymedicalillustration.com Oi, Chefinha, Estamos dormindo em sacos de dormir na cantina da escola, já reconstruída desde o furacão. É meio chato dormir no chão de uma cantina, mas fico lembrando a mim mesmo de que é melhor do que ficar sem teto, como tantas dessas pessoas estavam e, em muitos casos, ainda estão, ou assim me disseram.

Enfim fomos à cidade à noite e não consegui ver grande coisa, porque estava escuro. Mas acho que amanhã conseguirei ver como andam as coisas. Eles vão limpar uma casa pequena. Com eles quero dizer todo mundo, menos eu e Dennis: a pastora Sheila, o padre Chet, o comandante Kent, France, EJ e Russ.

Quer dizer, tecnicamente Dennis e eu devemos continuar meros espectadores enquanto eles trabalham. Dennis fará o relatório aos missionários; eu tirei fotos. Vamos preparar uma reportagem e um ensaio fotográfico para o Wippamunker quando voltarmos. Não vai ser muito difícil.

Como foi a consulta com a cardiologista? Eu disse ao padre Chet e à pastora Sheila que você tinha problemas no coração, e agora eles rezam por você. É

um pouco assustador esse negócio, as orações deles, mas eles são “do clero”, então acho que devia esperar por isso. A certa altura, eles até nos fiz eram rezar no furgão. Nós oito, de mãos dadas e olhos fechados.

Enfim, acho que você vai ficar bem, Chefinha. Eu sinto isso. É sério, Zell, quando eu estiver em casa, vou com você a todas as consultas, a cada uma delas. Mas espero que você não tenha muitas outras, porque você vai ficar bem.

Quando me responder, me fala o que disse para a médica.

Cuide desses peitinhos perfecitos. Vou acariciá-los nos meus sonhos.

Escreverei a você todo dia e telefonarei quando puder.

Nick 2

Zell O sol está alto, e o vitral catado no lixo lança um tom avermelhado no segundo andar de casa.

Recosto-me na porta do quarto, de frente para a porta do sótão. Seguro o presente quase destruído de Nick. Delicadamente o sacudo. O conteúdo solta um ruído baixo. O que será que faz esse barulho? Nada, digo a mim mesma.

Nada além de poeira, ar e fantasma derretido.

A maçaneta na minha frente é de vidro. Ela mostra meu reflexo, minúscula, ainda de casaco e gorro. Cubro a mini-Zell com a mão enluvada. Giro a maçaneta. Empurro dois centímetros a porta do sótão. Cinco centímetros.

Empurro firme, com o ombro e o braço, porque a porta raspa no chão.

O cheiro de sótão bolorento me atinge.

Saco.

Não posso fazer isso. Não posso abrir mais a porta. Puxo-a de volta até que ela trava e deixo o cubo no corredor.

Momentos depois, estou tremendo na escada dos fundos, vendo Ahab urinar como uma cadela ao lado da hortênsia congelada. Enquanto urina, mexe as orelhas pontudas – uma preta, outra branca – e fareja o ar, que ainda cheira a plástico queimado. Também tem o cheiro de inverno: neve antiga sobre grama morta por cima de terra congelada.

A um quilômetro e meio de distância, o monte Wippamunk é um grande calombo no horizonte. É um verdadeiro *monadnock* – um pico isolado. Nick me ensinou o significado da

palavra, dos índios americanos. As trilhas sobem e descem em fitas, como rastros de gotas de chuva numa janela. Já a essa hora do dia, os esquiadores parecem moscas pulando lado a lado.— Gosto do seu cachorro.

Ahab para de urinar e olha em volta.

A menina, minha vizinha, curva-se para fora de uma janela do andar de cima.

Seu cabelo não está em tranças por baixo do gorro vermelho de esqui.

— Oi — digo. — Desculpe por ontem. Eu estava chateada.

— Tudo bem. Às vezes eu também fico com raiva. Meu nome é Ingrid.

— O meu é Zell.

— Cinco minutos! — grita Garrett de dentro da casa.

— Seu cachorro é da raça que corre muito rápido, né? — pergunta ela.

— É.

— Mas seu cachorro não é mais rápido do que um guepardo, porque os guepardos são os animais terrestres mais rápidos do mundo.

— É mesmo?

— É.

Ouçoo o ronco da caminhonete de Garrett do outro lado da casa; ele esquento o motor.

— Meu pai me deixa na escola antes de ir pro trabalho — explicou. — Ele trabalha para advogados. Um dia ele vai ser advogado também, quando tiver acabado a faculdade. É pra lá que ele vai à noite. E no sábado. — Ela arranha o peitoril e solta uma casca de semente presa, que cai no quintal sem ruído algum.

— Ei. Quer saber por que eu estava cozinhando ontem? — pergunto.

— Porque cozinhar é legal?

— Desça aqui e te mostro.

Ahab me segue enquanto eu pego *Cozinhar é moleza com Pol y Pinch* no pequeno lavabo embaixo da escada. Lá fora, Ingrid espera em seu quintal. Sua mochila parece pesar tanto quanto ela. Está vestida para a escola: meiacalça, botas Ugg, saia de brim, parca com pele falsa de um azul elétrico com capuz e o grande gorro vermelho. Entrego-lhe a revista por cima da

cerca. Ela a olha sem pegar, como que tentando confirmar que era dela.

– O carteiro colocou na caixa de correio errada – explico. – Então, tem um concurso de sobremesas. Dê uma olhada na página quarenta e oito.

Ela examina a página do encarte, acompanhando o rosto de Polly com o dedo.

– Caramba! – disse ela. – Você leu isso? O grande prêmio é conhecer a Polly Pinch no *Pitada de amor ao vivo*. A versão nova e ao vivo do *Pitada de amor*.

– E você ganha vinte mil dólares.

– É, mas você também pode *conhecer* a Polly Pinch.

– Ingrid? – grita Garrett de dentro. – Cadê você?

Ela me abre um sorriso de conspiração. Um dente da frente é maior do que o outro. Em vez de meter a revista na mochila, ela a joga para mim.

– Fica com ela. Mas só hoje.

Deixo a revista cair sem querer. Tento pegar suas páginas escorregadias, mas ela desliza pelo meu casaco.

– A gente se vê – diz ela antes de disparar escada acima.

Pego a revista, sacudo para retirar a neve e encontro os detalhes sobre o concurso.

Ganhe US\$ 20 mil e uma viagem com acompanhante com todas as despesas pagas para visitar os Scrump Estúdios em Boston! Seja uma convidada especial do episódio inaugural do novo programa de Pol y, Pitada de amor ao vivo !

Você tem uma sobremesa fácil que aquece a alma? Se tiver, Pol y quer prepará-la em seu programa! Mostre ao mundo – e a Pol y Pinch – sua criatividade na cozinha! Mande suas receitas para o endereço a seguir ou por e-mail, usando o formulário online em www.sobremesasqueaquecemaalma.com . Dois sortudos serão selecionados pela equipe de especialistas escolhida a dedo por Pol y. As duas sobremesas vencedoras serão preparadas no primeiríssimo episódio de Pitada de amor ao vivo , em 5 de maio. E uma das participantes também levará o grande prêmio de US\$ 20 mil!

As receitas serão julgadas por originalidade, facilidade de preparo e, sobretudo, gostosura. As receitas participantes devem ser enviadas pelo correio ou por e-mail até no máximo o dia 10 de março. Não é necessário comprar nada. Entre em www.sobremesasqueaquecemaalma.com para obter mais informações e o regulamento completo do concurso.

– O que você acha, Capitão? – pergunto. – Vinte mil dólares. A quantia exata de que Nick falou no e-mail. A quantia exata que ele queria levantar para os sobreviventes do Katrina.

Deve significar alguma coisa, não?

Ahab espirra, sobe a escada e gane. Eu o deixo entrar.

– Arre. Perdida como uma broca num barril de rum.

Estou no meio da subida para o segundo andar quando, através da vidraça sem vitral, vejo Garrett e Ingrid saindo da casa. Ele joga um sobretudo de lã e uma pasta no banco do passageiro de sua caminhonete. Ingrid sobe no banco de trás, e ele coloca o cinto de segurança nela. Eles fazem um jogo de beijos: ela finge que não quer ser beijada. Ele demonstra indiferença, olha em volta, aparentemente assobiando, depois mergulha para um beijo. Consegue dar dois na testa da filha e um no rosto. Ela ri sem parar.

Ele se senta no banco do motorista. Atrás dele, Ingrid baixa a cabeça; está lendo um livro.

Antes que Garrett dê a ré pela entrada da casa, ajeita o retrovisor e olha diretamente para mim.

Saco.

Afasto-me da janela, mas ele acena – um único movimento de pulso, como noutro dia –, então retribuo o cumprimento.

Sua caminhonete se afasta roncando, e sei que não haverá nenhuma distração por algumas horas. Transfiro o toca-discos e os LPs de Gladys Knight and the Pips na caixa de papelão do quarto para meu escritório, a pouca distância no corredor. Não olho – nem uma vez – o presente de Nick no chão.

A m... do presente do Nick.

Coloco o toca-discos numa cadeira pequena ao lado do esqueleto Hank. Logo Gladys canta sobre voar nas asas das coisas e ter uma canção no coração.

Monto em minha banqueta e viro a mesa de desenho para mim. O sol brilha sobre ela, tornando-a branca como um campo de neve. Desenho em papel novo, de vez em quando estendendo a mão à procura da borracha e de lápis diferentes, arrumados por cor e guardados em latinhas, como velas de oração numa igreja.

Desenho durante horas, levantando-me apenas para trocar os discos de Gladys. A certa altura, peço a Hank para trocar o disco e imagino-o atrás de mim, realizando a tarefa com a boa vontade de um mordomo. Mas, quando me viro, ele, obviamente, está pendurado ali, o maxilar frouxo.

Como em qualquer outra sexta-feira, a uma e quinze o furgão dos correios estaciona na frente da entrada da casa (não nela, porque não limpei a neve).

Minha campainha toca – na realidade chia no frio de cortar.

Abro a porta para Russ. Ele bate um “toca-aqui” comigo com uma das mãos, entregando-me a correspondência com a outra. Ahab fareja os envelopes, conclui que não há nada de especial e volta a se enroscar no sofá.

– Alguma coisa rolando? – pergunta Russ.

– Hoje não.

Sua cara está vermelha, e as pontas dos dedos, brancas. Ele leva alguns minutos para parar de tremer. Preparo um bule de café. Dividimos um sanduíche de atum grelhado com queijo extra que ele comprou na Orbit Pizza e um saco de batatas fritas.

Russ não tirou as luvas sem dedos para comer. Mastiga e fala ao mesmo tempo, relacionando todos os funcionários dos correios de Wippamunk.

– Gosto do Paddy. Sabia que ele usa peruca? Tammy às vezes é engraçada, mas ela se acha mais inteligente do que todo mundo. O Steve? Não suporto o sujeito. Não cala a bocanunca.

Nunca. Ei, mudando de assunto, sabia que a France tem um gatinho? Ela quer que você vá lá conhecer. É danado de bonitinho, mas me fez espirrar vinte e duas vezes seguidas. A France contou...

Deixo que ele fale sozinho, como sempre; é mais fácil escutar. Não digo a ele que é difícil ficar perto da France porque ela me lembra da última noite de Nick em Wippamunk, quando ele foi fotografar um horrível acidente de carro.

France também estava na cena do acidente, e Nick, quando voltou para casa, contou-medo sangue e dos cacos de vidro refletindo à luz da lanterna dela.

Não gosto de pensar nisso.

Quando termina de comer, Russ abre um pequeno embrulho do açougue e joga um naco de carne no prato elevado de Ahab. Ele vem a galope para a cozinha ao ouvir o barulho e engole toda a carne em dois segundos.

– Com os cumprimentos do grande grego da Orbit Pizza – diz Russ. Ele arrota e se levanta para sair. – Por que você acha que os cachorros gostam tanto de mim, Zell?

– Deve ser por causa da sua regatinha.

– Aposto que tem razão.

Eu o acompanho até a porta.

– Posso te fazer uma pergunta? – digo.

Ele se remexe um pouco e olha pela janela. O sol atinge os pontos amarelos em seus olhos azuis e acentua seus pés de galinha.

– Manda – diz.

– Bom, durante a viagem, Nick falou sobre um presente pra mim? Quer dizer, um presente que talvez ele me desse na volta?

– Não, gata. Ele não falou nada. – Russ segura a porta. – Tá falando do presente no seu forno?

Concordo com a cabeça.

– Quer dizer que você ainda não o abriu?

– Não consigo.

– Precisa de um pé de cabra ou coisa assim? Posso trazer um e levantar...

– Não. Quer dizer, eu *não consigo* abrir.

– Ah. – Russ olha um pouco a sala, evitando meu rosto. Não sabe o que dizer.

– Obrigada pelo almoço – digo.

– De nada. Não se esqueça de dar comida ao Hank. – Ele soca meu ombro como se fosse um treinador da liga juvenil.

Quando se acomoda no furgão grita, como em toda sexta-feira: – Você está bem? Chuchu beleza?

– Chuchu beleza.

Sorri e arranca dali.

Volto para cima. Recolo Gladys. Desenho.

À tarde, Ingrid toca a campainha para pegar de volta *Cozinhar é moleza com Pol yPinch*.

Garrett espera na caminhonete.

– E aí? – diz ela quando atendo. – Bolou alguma coisa? Para o concurso?

– Ainda não. Quer dizer, minha última experiência foi ontem mesmo e...

Garrett acena para Ingrid entrar na caminhonete.

– Vamos lá, bubu! – diz ele. – Não me faça chegar atrasado na aula de novo.

– E o jantar? – pergunta ela.

– Vamos parar no caminho. Vem. Você pode ler sua revista.

Ela revira os olhos.

– Preciso ir.

– Obrigada por me emprestar *Cozinhar é moleza* – agradeço.

Ela assente e desce a escada num salto, pulando os quatro degraus de uma vez.

*

No final da tarde, minha artéria saudável é uma paisagem marciana estranha, com paredes rosa-chiclete. Em minha representação, uma pequena eu pode deslizar de cabeça pelo túnel arterial bem em direção ao coração, que flutua sem corpo ao fundo. Não é um coração de cartão de Dia dos Namorados.

Parece um coração humano real. Bulboso. Gelatinoso.

Impossível.

Coloco minhas iniciais – RCR, de Rose-Ellen Carmichael Roy – em lápis escuro e fino no canto inferior direito. Borrifo levemente o fixador no papel e observo secar.

É uma tarde escura de terça-feira quando volto do mercadinho carregada de farinha de trigo, bicarbonato de sódio e fermento em pó.

Fermento em pó é igual a fermento *eu posso*.

A Bruxa Velha ficaria p... da vida. Vou me animar e ganhar esse concurso.

Gladys Knight and the Pips: feito. Avental camuflado: feito. Forno preaquecido *vazio*: feito.

Ahab encostado nas pernas de uma banqueta da cozinha, piscando o olho do tapa-olho: feito.

Numa tigela misturo o açúcar, o ovo e o extrato de baunilha. Acrescento a manteiga, um

punhado de farinha de trigo e três envelopes de cacau solúvel.

Amasso uma banana e quatro minibarras de Milky Way que sobraram do Halloween e coloco tudo na tigela. Adiciono uma pitada de bicarbonato de sódio e fermento *eu posso*.

Mexo, mexo, mexo. Unto a assadeira com manteiga. Jogo a massa pesada a esmo. Ajusto o timer.

A Bruxa Velha *não* aprovaria. Imagino-a me olhando feio por cima das lentes bifocais enquanto eu me sento no chão, fecho os olhos e estalo os dedos como um dos Pips. Logosinto o queixo de Ahab encostado na minha cabeça, estendo a mão e afago seu pescoço. Canto junto com o disco: “Why don’t you... Make me the woman you go home to... And not the one that’s left to cry, and die?”.

Grunhindo, Ahab se recosta em mim e deita a cabeça em minha coxa. Abro uma minibarra de Milky Way, dou uma dentada e ofereço o resto a ele. Os cachorros não deviam comer chocolate, mas ele adora, e, além disso, um pouco não vai matá-lo. Ele mastiga deitado de lado. Nem se dá ao trabalho de levantar a cabeça.

A janela acima da pia emoldura o monte Wippamunk. Olho através dela e levo uma bofetada do Tapa da Memória, submeto-me, deixo que me domine: Nick no teleférico, nos tempos do colégio. Ele balançava a bota esquerda livremente sobre a prancha de snowboard e berrava “Welcome to the Jungle”, e minhas costas vibravam com sua voz. Na cadeira atrás de nós, France – seis ou sete anos antes de se tornar a policial Frances – jogou uma bola de neve, que ela formou com os nacos pendurados na barra de segurança de sua cadeira, na cabeça de Nick. “Cala a boca, retardado!”, gritou ela.

Nick se virou e abriu seu famoso sorriso escancarado.

Recebo outro Tapa da Memória, mais recente, ainda no tema esqui: Nick e eu no alojamento ao pé do monte Wippamunk, de frente para o fogão a lenha.

Nossos casacos e calças ensopados pendurados em ganchos na parede. A chuva batendo na janela. Mas não nos importamos com o clima horrível; fizemos umas descidas boas.

Ele bebia sidra fumegante em um copo de isopor. Vestia um suéter de lã surrado – que tinha desde o colégio.

– Isso é que é vida, bem aqui – sussurrou ele, sua mão quente afundando em meu cabelo sob o gorro. Seus cílios castanho-claros palpitavam. Sua respiração sonolenta, em ondas sibilantes. – Um dia isto será nosso. – Apontou com o copo para a *Família de esquiadores* de madeira: esculturas em tamanho natural de uma mãe e um pai, com duas crianças pequenas entre os dois, partindo para a fila do teleférico. A cara de todos sugeria a expectativa emocionante da primeira descida da temporada.

- Seremos nós – disse Nick. Ele admirava a estranha família feliz de madeira.
- Logo teremos nossa própria família. Só que teremos mais de dois. Teremos filhos suficientes para formar um grande time de futebol.
- E quantos seriam? – perguntei.
- Nove, mais você e eu. Onze. Um time de futebol tem onze jogadores.
- Nove filhos?
- Claro.
- Sei. Tá.

O timer soa: tempo real, lugar real. Ainda no chão, estendo a mão e abro o forno. Os Biscoitos de Banana, Cacau e Milky Way da Zell formam uma massa cinzenta, esponjosa e gigante, feito o cérebro de um grande mamífero. Parte do cérebro pinga na base do forno, que chia. Primeiro minhas Delícias de Pasta de Amendoim sem Farinha quase incendiaram a casa.

Agora crio essa bolota trêmula e imprestável. Penso na Polly Pinch da capa de *Cozinhar é moleza*, aqueles adolescentes à sua volta, felizes e unidos, como se estivessem prestes a cantar em coro uma versão espontânea e harmoniosa de “Peace Train”. Polly consegue reunir o mundo todo com um sorriso e um bolo redondo, é o que a capa parece dizer.

Já eu não consigo reunir ninguém. Pelo menos não sozinha. Nick queria que fosse mãe de seus filhos, entretanto nem mesmo consigo usar um forno – ou assar um biscoito normal que seja. Uma solidão envergonhada entalha meu peito, torna-o oco. Eu *sou* a bolota enorme que criei: uma massa trêmula não identificável.

- Quem passa a vida toda sem cozinhar, Capitão? – pergunto. – Sem cozinhar nadinha?

Ahab levanta a cabeça e observa enquanto me levanto, pano de prato enrolado na mão, para pegar a assadeira pesada. Ela bate no alto do fogão.

- Como Nick suportava? – grito. – Como *me* aguentava? – Uma única lágrima cai na bolota semicozida. E eu caio aos prantos, grandes lágrimas quentes para todo lado – em minhas bochechas e no queixo, nas pontas do cabelo, no avental. Até no alto da cabeça de Ahab, encostando-se em minha coxa.

A campanha chia: c-h-i-a.

- Porcaria! – Aperto um canto do avental nos olhos e decido ignorar a campanha até que quem quer que esteja tocando desista e vá embora.

C-h-i-i-i-i-i-a.

Saco.

O sr. Garrett Knox espera na varanda, afrouxando a gravata.

– Estou... atrapalhando? – pergunta.

Não sei o que dizer, porque, tecnicamente, está.

– O cheiro está ótimo – diz.

– Sério? Muito obrigada. Só estava assando uns... biscoitos. – Aliso o avental por cima da barriga e me posto um pouco mais reta.

Ele me olha, e me pergunto se sabe que eu estava chorando sobre o fogão.

Tento sorrir um pouco.

– Você cozinha bastante? – pergunta ele.

– Ah, de vez em quando. Claro.

– Não admira que minha filha goste tanto de você. – Ele ri e estende a mão. – Garrett. – Sua palma é macia, como a de um homem que trabalha em escritório. – É, a Ingrid é mesmo sua fã.

– Sério? Bom, ela parece uma menina ótima.

– Obrigado. Ela é mesmo de outro mundo. Ahn, você tem... – Ele finge enxugar a área sob o olho esquerdo.

Eu o imito; vem manteiga com chocolate na ponta de meus dedos.

– Ah, que legal. – Abro um sorriso forçado. – Meu nome é Rose-Allen, mas me chamam de Zell. – Zell – diz ele. – Bom, isso é estranho.

– É.

– Não, quer dizer, o que vou falar é estranho. Porque estou meio atolado e preciso pedir um favor. Na verdade, um favor imenso.

Ahab vem à porta e se encosta em mim. Olha para Garrett – ele é muito sociável para um galgo, porque eles costumam ignorar estranhos.

– Cachorro bonito. – Garrett acaricia a cabeça de Ahab, depois percebe um risco de canela na área do mamilo em meu avental e rapidamente volta a meus olhos, que tenho certeza de que

estão inchados e vermelhos.

– E então, o que é? – pergunto, enquanto Ahab lambe a bainha de meu avental.

– Bom, minha babá me deu bolo – diz Garrett. – Ela cuida da Ingrid quando estou em Boston, nas noites de terça e no sábado, o dia todo. Ao que parece, ela conseguiu um emprego de verdade. E me deixou na mão. Quer dizer, fico feliz por ela. Mas sinceramente não sei o que fazer. E aqui estamos nós, já é noite de terça e tenho de ir pra aula... vinte minutos atrás.

Arrastei Ingrid para a aula comigo algumas vezes, mas ela odeia ir.

– Por que ela não dorme na casa de uma amiga? – sugiro, tentando parecer útil.

– Na casa de uma amiga? Eu, ahn... Acho que não pensei nessa opção. É uma ótima ideia.

Quer dizer, para a próxima vez. Mas, bom, eu estava pensando se você podia cuidar dela. Esta noite. Quer dizer, agora.

Tenho vontade de dizer “tá brincando comigo, né?”. Quero falar pra ele sobre como eu estava só há alguns minutos, quando chorei por minha sobremesa fracassada. É minha obrigação moral informar Garrett que estou tão deprimida que não sou recomendável para cuidar de uma criança, mesmo que por uma noite?

Me esforço para sorrir, mas tenho certeza de que pareço simplesmente temerosa.

Garrett me encara. Sua boca é séria, os olhos sinceros.

– Estou implorando. Acabamos de nos mudar pra cá, viemos do outro lado da cidade. E tem sido uma loucura. Desculpe incomodá-la. Peço desculpas. Mas imploro.

Servir de babá? Aos 34 anos? Bom, talvez seja meu estilo viúva. Meu incrível estilo viúva.

Dou de ombros e falo: – Acho que sim.

– Ah, você salvou minha vida. Escute, Ingrid virá diretamente para sua casa.

Na verdade, ela está a caminho. Vai fazer o dever de casa, sem problema nenhum. Já jantamos, então você não precisa se preocupar com isso também. E

depois ela pode ver televisão.

– E o que ela pode assistir?

– Ela só vê um programa. – Ele sorri com ironia. – Vou chegar tarde. Quero dizer *tarde mesmo*. O que acha de deixar ela dormir no seu sofá e eu a pego quando chegar em casa? Ela dorme

em qualquer lugar, aquela menina.

– Em geral vou pra cama lá pelas dez e meia – digo.

– Caramba. É mesmo? Vou chegar muito mais tarde do que isso.

– Não costumo deixar minha porta destrancada à noite. – Não é mentira. Nick nunca trancava a porta; muitos moradores daqui não fazem isso. Mas eu tranco porque sou uma viúva.

Garrett morde o lábio inferior.

– Não, não. Claro que não.

Ingrid sai da casa deles. Joga a mochila pro meu lado da varanda e escala a grade divisória.

– E aí? – diz ela. – Qual é o plano?

Ele olha o relógio.

– Estava pensando que você ficaria mais à vontade em sua própria casa. Meu Deus, detesto me impor às pessoas desse jeito. Pode cuidar dela na nossa casa?

– Espere. Só um minuto.

Entro rapidamente. O chaveiro do Guns N’ Roses de Nick está pendurado em um dos ganchos do lado de dentro da porta. Aperto as chaves frias e as encosto em meus lábios.

De volta à varanda, Ingrid abraça Garrett, e ele acaricia sua cabeça.

– Olha – diz ele quando me vê parada ali. – Deixa pra lá. Lamento ter incomodado você.

Vou levar Ingrid comigo. Então não se preocupe com isso.

Entrego as chaves.

– Pode usar quando voltar.

– Isssssooo! – Ingrid pega a mochila e passa roçando por mim; Ahab vai atrás dela.

Garrett olha as chaves.

– Tem certeza?

– Vai ficar tudo bem.

– Guns N’ Roses, hein?

– “Sweet Child O’ Mine” – digo, sorrindo.

A referência o faz rir pelo nariz, e então guarda as chaves no bolso do sobretudo de lã.

– Ah – diz, pegando uma caixinha verde. – Quase me esqueci de te entregar isso.

– O que é? – Pego a caixa; tem a etiqueta AUTOINJETOR DE EPINEFRINA.

– Talvez não precise usar. É só por precaução. – Ele se vira e desce a escada da varanda aos saltos.

– Ei, Garrett! – grito. – Não sou qualificada para dar injeção numa criança!

– Basta deixá-la longe de pasta de amendoim. Ela sabe que precisa evitar. Ela é uma veterana. E é mesmo uma boa garota, Zell.

Ele joga a pasta e o casaco no banco do carona da caminhonete e entra.

– Mas? – grito.

– Ingrid gosta de você. – Ele bate a porta, acena e vira a esquina.

Encontro Ingrid na cozinha. Examinando minha sobremesa agora murcha.

– O que é isso? – pergunta.

– Ah, nada. Só tentando bolar alguma coisa para o Concurso de Sobremesas que Aquecem a Alma.

– Tem amendoim? – pergunta, prestes a mergulhar um dedo. – Ou manteiga de amendoim?

– Não. Mas tem Milky Way.

– Aaah. Então é melhor não arriscar. – Ela recua um passo. – Bom, a cara é esquisita, mas aposto que o gosto não é tão ruim.

Agradeço enquanto ela sobe numa banqueta e põe os cadernos na bancada.

– Vai fazer seu dever? – pergunto.

– Vou. – Ela morde o lábio e risca alguns problemas de matemática. Não consigo me lembrar da última vez que cuidei de uma criança. Provavelmente no ensino fundamental, quando os gêmeos Pierce, que moravam na mesma rua, tinham seis ou sete anos. Agora, enquanto Ingrid se coloca à vontade em minha cozinha, sinto um estranho deslocamento, como se *eu* é que nunca tivesse estado ali.

Depois de mais ou menos um minuto, ela levanta a cabeça.

– Não precisa ficar me vigiando, sabia?

– Quer que mostre a casa a você?

– Bom, parece igualzinha à minha, então, tô bem. – Ela volta a seu dever.

Não sei o que dizer e não a quero aqui. Mas agora não há nada que possa fazer a respeito.

– Tudo bem se eu trabalhar um pouco em meu escritório? – pergunto.

Ingrid ri.

– Não sou uma criancinha. Tenho nove anos.

– É verdade. Estarei lá em cima se precisar de alguma coisa. É só gritar.

Ela levanta a cabeça do papel e abre um sorriso forçado.

– Tá legal.

Meia hora depois, quando volto, a televisão está ligada. Polly Pinch revira camarões sob um jato fino da torneira. Dá uma piscadela para a câmera. “Isso vai ficar... *uma gostosura!*”

– Sinta-se em casa – digo, meio irritada por Ingrid ter se aboletado em meu sofá, os pés com meia enfiados embaixo do corpo.

– Obrigada. – Ela não percebe meu sarcasmo. Abre um largo sorriso. – Quer ver comigo?

Jogo-me no outro lado do sofá.

Ingrid ergue a mão suja de pincel atômico.

– Shhhh.

A câmera passeia por Polly Pinch. Um close em seus lábios redondos, ligeiramente separados. Ela salpica seu Molho do Amor Secreto número 2

Polly Pinch em um wok com ervilhas na vagem.

Close em seus olhos verdes, grandes como nozes. Ela confessa sua obsessão por determinada marca de batatas fritas.

Close em seus dedos diminutos. Ela fatia cenoura em uma tábua de corte de madeira molhada.

Close nos ossos de seu quadril. Ela abre uma Massa para Tortas Supersimples Polly Pinch.

“Agora *este* neném precisa é de... uma pitada!”, diz Polly. Ela pega o pote de cerâmica arredondado com o rótulo AMOR e bate o dedo sobre o wok que agora chia.

Depois de alguns comerciais, Polly crava um garfo em sua variação especial de fritura oriental. Uma pequena torta *supersimples* de amora-preta espera junto de seu cotovelo. “Até a próxima, e não se esqueça dessa pitada!” Seus lábios brilhantes envolvem uma garfada de camarão. “Hummmm! Gostosura!”

A próxima, por acaso, é agora; rolam os créditos de abertura de *Pitada de amor*. Grandes caracteres rebuscados flutuam pela tela, e Polly rebola por sua cozinha dos anos cinquenta, dublando a animada música-tema.

– Maratona de episódios? – pergunto.

– É. – Ingrid entrelaça os dedos atrás da cabeça. – Ah, sim.

Ahab entra na sala. Esparrama-se no sofá entre mim e Ingrid. Pousa o queixo em seu colo, e ela passa a ponta do dedo pelo focinho dele. Nem acredito como é estranho ver essa pessoinha que mal conheço sentada a meu lado, assistindo a um programa de culinária.

– Acabou seu dever de casa?

Os olhos de Ingrid estão fixos na tela da TV.

– Já, já fiz. Pode ver. Todo. Todinho.

Close nas unhas curtas e pintadas de laranja de Polly. Ela esfrega um dente de alho em um lombinho. “Este alho dará uma bela incrementada”, diz ela. “Vai ficar... *uma gostosuuuuura*.”

– Já tentou fazer uma dessas receitas? – pergunto a Ingrid.

– Não – sussurra ela.

– Por que não? – sussurro também.

– Porque um dia ela vai me ensinar a cozinhar. Quer dizer, pessoalmente.

– Quem?

– Minha mãe.

– Ah. Bom, isso vai ser legal. – Até agora, eu supunha que a mãe de Ingrid simplesmente não existia. – Mas então, onde *está* a sua mãe? – pergunto, tentando parecer despreocupada e não

enxerida.

– Bem ali. – Ela aponta a televisão.

– Polly Pinch?

– É.

– Polly Pinch é a sua mãe?

Close nos dentes brancos e quadrados de Polly. Ela apresenta a sobremesa: Musse de Licor de Anis *Supersimples*.

– Polly Pinch é sua mãe? – repito.

Ingrid me olha. Seus lábios e suas narinas tremem.

– Ninguém acredita em mim.

– Claro que acredito. Eu acredito em você. – Mas a verdade é que não sei no que acreditar.

Imagino que Polly Pinch *possa* ser a mãe de Ingrid, mas talvez Ingrid simplesmente nutra alguma fantasia maluca de garotinha.

Seu queixo treme como se ela segurasse as lágrimas. Como se desconfiasse que não engoli sua história.

“Agora *este* neném precisa é de... uma pitada!”, diz Polly, brandindo um vidro de creme batido e assumindo uma pose do tipo *As Panteras*.

– Ela é perfeita – diz Ingrid. – Olha só pra ela. É linda, talentosa, engraçada, inteligente.

– Então você puxou sua mãe.

– Eu sei. Puxei mesmo. E nem conheço minha mãe. – Ingrid cobre o rosto com as mãos.

Solta alguns guinchos, e tenho certeza de que está chorando, ou se esforça para não chorar.

Saco.

Nunca tive uma menina de nove anos chorando no meu sofá. Sinto a inadequação; eu mesma tenho vontade de chorar. Nick saberia o que dizer.

Nick saberia *exatamente* o que dizer.

Polly passa um guardanapo de pano no canto da boca. “Hummm.”

Pego o controle remoto e desligo a televisão; Polly desaparece em um ponto prateado.

– Ingrid?

Ela não responde.

Isso não é bom. A última coisa que quero é que minha nova vizinha passe uma noite às lágrimas aqui só porque pensei que ela fosse mentirosa. Não tenho ideia do que fazer. Preciso distraí-la.

– Quer brincar? – pergunto.

Ela balança a cabeça. Suas tranças castanhas batem em seu rosto, e as miçangas que enfeitam as pontas se chocam.

Não consigo pensar em nenhuma outra sugestão. Um suborno parece uma opção poderosa, talvez minha única.

– O que faria você parar de chorar? O que posso fazer *agora* para você parar de chorar?

Seus ombros relaxam. Ela resmunga alguma coisa nas mãos que parece “be abá colecomum guepá”.

– O quê? Não consegui entender. Olhe pra mim.

Suas mãos deslizam do rosto. As bochechas estão molhadas. Ela respira fundo.

– Ver Ahab correr como um guepardo.

– Você quer levar Ahab pra correr? Agora?

Ela assente e limpa o muco do queixo com as costas da mão.

– Ele corre rápido, bem rápido?

– Seu pai vai chegar em casa logo.

– Não, não vai. Ele chega tarde pra caramba.

Vejo Ahab cochilando com a cabeça no colo de Ingrid. Os bigodes dele se remexem em seu sono. As garotinhas são assim, pergunto-me, ou Ingrid é um caso especial? Uma rainha do drama? Será que *eu* era assim?

– Talvez em outra hora – digo. – Quando você não tiver escola no dia seguinte.

Seus olhos agora parecem mais verdes. Uma única lágrima cai e escorre pela bochecha.

– Tudo bem? – Dou um soquinho em seu ombro, como Russ costuma fazer comigo.

– Não tá, não. *Não tá*. Você me perguntou o que eu queria. E eu falei. – Ela tosse e funga.

É claro que ela tem razão. E, por algum motivo, penso no presente de Nick. Na droga do presente de Nick. O cubo do tamanho de uma cabeça humana. Está no segundo andar, em meu corredor, na frente da p... da porta do sótão.

– Vamos fazer um acordo. – Dou um tapa em minhas coxas. – Você faz uma coisa pra mim, e eu levo você para ver Ahab correr quase como um guepardo.

Ahab levanta a cabeça enquanto Ingrid desliza para a beira do sofá.

– Como assim? – Seus lábios e o nariz estão inchados de chorar.

– Bom, você é alérgica a amendoim, não é?

Ela concorda com a cabeça.

– E eu sou alérgica ao meu sótão.

– De verdade?

– De verdade. Tenho alergia a sótão. E é grave.

Ela dá um tapinha no meu braço.

– Eu *amo* sótãos. São cheios de segredos, de histórias, e às vezes até têm um tesouro escondido.

– Têm mesmo. Você tem cem por cento de razão nisso.

– Mulher, eu tenho *um zilhão* por cento de razão *nisso*.

*

– Aquele troço? – diz Ingrid, apontando o presente de Nick.

Recosto-me na porta de meu quarto.

– Da última vez que toquei naquele troço, você meio que arrancou de mim – diz ela. – Lembra?

– Eu sei. Mas agora não ligo mais. Agora *quero* que você o pegue. Mas sem sacudir. É só levar para o alto da escada e colocar no chão.

Ela percebe as manchas de pincel atômico nas mãos, lambe o polegar e as esfrega.

– Só isso?

– Só isso.

– Por quê?

– Porque o lugar dele é lá.

– Tudo tem seu lugar. – Ela assente. – É o que meu pai sempre diz quando quer que eu arrume minha bagunça. Ele tem mania de arrumação.

– É isso mesmo: tudo tem seu lugar. E essa coisa – aponto o cubo –, o lugar dela é no sótão. E sou muito alérgica ao sótão.

– Estava no seu forno, né? Você tentou queimar no seu forno.

– Não *tentei* queimar. Foi um acidente. Nem sabia que estava lá.

– Como você pode não saber que tem uma coisa no seu forno?

– Não cozinho muito, tá bom?

– Tá. Mas tá aprendendo, né? Pro concurso.

– Isso mesmo.

– Então vamos ver esse sótão. – Ela cruza os braços. – Deve ser igual ao meu.

– Duvido muito.

No corredor, a maçaneta de vidro reflete a mini-Zell e, a meu lado, uma micro-Ingrid.

Ponho a mão sobre a mini-Zell e a micro-Ingrid. Empurro a porta com o cotovelo e o quadril.

Ela se abre dois centímetros.

Empurro. Cinco centímetros.

Empurro. Trinta centímetros.

Ela mete a cabeça para dentro e olha a escada.

– Tá cheio de poeira aqui.

– Eu sei.

– Tem um cheiro muito esquisito.

– Eu sei. Desculpa.

– Isso é tipo super, super-horripiloide, Zell.

Estendo a mão para dentro. Apalpo a parede, procurando o interruptor. Meu coração faz sua dança louca – *tump-tump-tump-tu-tu-tu-tu* –, e, quando a luz se acende, jogo-me contra a porta do meu quarto.

– Tudo bem com você? – ela pergunta. – Você é alérgica *mesmo*.

– Estou ótima. – Forço um sorriso, e as batidas param inteiramente. Depois o coração volta ao normal.

A luz a mais faz a maçaneta cintilar. O chão na frente do primeiro degrau do sótão parece não só arranhado, mas raspado, raspado até o âmago.

Ingrid solta o ar intensamente.

– Escute – digo. – Você não precisa...

– Adoro uma aventura. Promete que não vai pirar se eu pegar esse troço?

– Prometo. Não vou pirar.

– E você jura... de mindinho... que só preciso levar isso pra cima, deixar lá, e vamos levar Ahab pra correr? Agora mesmo?

– Juro de mindinho.

– Mesmo que seja meio tarde?

– Juro.

Ela me olha nos olhos. Segura meu pulso, puxa meu dedo mínimo para cima e passa o dela por ele. Depois pega o presente, o aninha no colo e sobe a escada.

– O que é tudo isso aqui em cima? – grita. – O que são todos esses...

– É só colocar o cubo ao lado da outra caixa no chão e descer aqui. Não toque em nada.

– Tá legal, tá legal.

Clunk.

– Cuidado – digo.

– Desculpe. Tô descendo.

Ouço-a colocar os dois pés em cada degrau antes de descer ao seguinte.

– Segure-se no corrimão, tá bem? – digo.

– Tô segurando. Por que você tá tão nervosa?

Porque sou a viúva furiosa da cidade? Porque sou uma pamonha que não consegue fazer biscoitos e faz crianças pequenas chorar?

A porta do sótão solta um guincho medonho quando a fecho. Ingrid espana a poeira invisível das roupas, pega minha mão e me leva pelo corredor.

– Hora do Ahab – diz. Mas para na porta do meu escritório, que está entreaberta o suficiente para deixar ver a ponta dos dedos das mãos e dos pés de Hank.

– Zell? – Ela se aproxima de Hank.

– Acho que não vai querer entrar aí. – Imagino o pavor de Garrett quando souber que há um modelo de esqueleto humano pendurado no meu escritório.

Estendo a mão para fechar a porta, mas é tarde demais: Ingrid agora está bem na frente de Hank. Ele parece se agigantar diante dela.

– Hã, por que tem um esqueleto na minha frente? – Ingrid acende a luz e olha em volta; a coluna cervical presa ao cérebro pendurado na parede, o modelo de coração na estante. A visão do coração me faz receber um Tapa da Memória. Nick me deu o coração logo depois de nossa formatura no Colégio Wippamunk. Enquanto EJ e France posavam para as fotos, Nick me pegou pelo pulso e me arrastou para baixo da arquibancada.

Ele tirou o saco de papel da beca.

– Não tive tempo de embrulhar. Chegou pelo correio hoje de manhã.

Examinei o coração, segurando-o na fresta de luz que entrava pela arquibancada. Sua consideração me levou às lágrimas; ele sabia que eu queria estudar ilustração médica. Na realidade, nós dois sabíamos, desde muito novos, o que queríamos ser quando crescêssemos.

Talvez por isso tenhamos ficado tão próximos no colégio.

– Você deve ser a única garota no mundo que chora de alegria quando segura um modelo de coração – ele falou.

Joguei os braços em volta dele e sussurrei: “Eu te amo”. Foi a primeira vez que disse isso.

Lembro-me de sentir seus braços no meu quadril, seus lábios no lóbulo da minha orelha enquanto ele dizia: “Eu sei. Eu também te amo”.

O coração agora está muito gasto, tendo me acompanhado à faculdade, ao mestrado e além.

Apontando, Ingrid marcha para minha mesa.

– E isso é um olho enorme? Tá legal. Isso é mesmo *um olho*. Na sua *mesa*.

– Vamos – digo. – Não quero que você tenha pesadelos com essas coisas.

Ela balança a cabeça.

– Mas que tipo de birutoide você é?

– Desenho partes do corpo. É meu trabalho.

– Primeiro toda aquela esquisitice no sótão. Agora toda *essa* esquisitice. Me mostra?

– Mostrar o quê?

– Me mostra o que você desenha.

– Tem certeza de que quer ver? É tudo meio... realista.

– Gosto de realista. Acho.

Ela sobe na banqueta e se vira para minha mesa. Sento ao laptop e lhe mostro minha mais recente imagem digitalizada: o corte transversal da artéria saudável. Explico que o sangue pode fluir livremente por suas artérias se você fizer exercícios e comer alimentos nutritivos, mas, caso contrário, todo tipo de lixo as entope e isso deixa seu coração doente.

Ela examina a ilustração na tela e recita as camadas que rotulei, pronunciando lentamente: *Tunica intima, Tunica media, Tunica adventitia*.

– Esse é seu trabalho? – pergunta.

– É.

– É muito bacana.

Fecho o arquivo e um e-mail continua aberto por baixo, uma mensagem que comecei há algum tempo, mas nunca terminei. Ingrid dá uma olhada nela antes de eu minimizar.

– Era uma carta? – pergunta.

– É. Um e-mail.

– De quem?

– Meu.

– Pra quem?

– Meu marido.

– Por quê?

– Porque, quando as pessoas se amam, elas trocam cartas.

– Mas pensei que seu marido tivesse morrido. Foi o que meu pai me falou quando perguntei se você era casada.

– É isso mesmo. Ele *morreu*. – Não me surpreendi que Garrett soubesse da história. Nick era uma espécie de lenda local, mesmo antes de morrer.

Pego o grande globo ocular de plástico e acaricio os nervos que correm pelo alto da coróide. Preciso mudar de assunto de algum jeito, mas sinto um nó se formando na garganta e tenho medo de abrir a boca.

Ingrid pula da banqueta e sobe no meu colo. Seu braço enlaça meu pescoço.

Fico surpresa com sua familiaridade, sua confiança aparentemente imediata em mim. Eu era assim tão aberta quando criança?

Seus olhos verdes investigam meu olho esquerdo, depois o direito.

– Você não mente pra mim, né?

Isso magoa um pouco porque eu *menti* para ela – mentiras inocentes, sobre minha alergia a sôtão e gostar de cozinhar. Passo o polegar na córnea límpida.

– A vida é bem difícil – digo.

– A Trudy também não mente pra mim. Sei disso.

– Quem é Trudy?

– Minha avó emprestada. – Ela mete o dedo na pupila do olho de plástico. – Tem umburaco no seu olho? De verdade?

– De verdade. – Guardo o olho e fecho o laptop. – Vamos. Ahab precisa correr.

Ingrid, Ahab e eu estamos entre trotando e escorregando pela High Street. A pele falsa e azul no capuz do casaco de Ingrid envolve seu rosto redondo e sardento. Ela ri do casaco de *fleece* justo e das botinhas de neoprene de Ahab.

Peço a ela que faça silêncio enquanto deslizamos ladeira abaixo.

– Qual é o nome completo dele? – pergunta ela.

– Deleite da Meia-noite do Capitão Ahab.

– Não entendi.

– Não fomos nós que escolhemos.

– Nós quem?

– Nick e eu.

– Nick é seu marido que morreu?

– É. Olha, pode chamá-lo só de Ahab. Ou Capitão. Ou Capi. – Na Voz de Ahab, acrescento “não metais água, campanhas!”, o que a faz rir ainda mais.

Eu nem mesmo sabia o que significava essa expressão, mas Nick sempre dizia isso e me parecia de pirata.

Ela me faz perguntas intermináveis sobre Ahab.

O que não digo a ela: 1. Nick era um daqueles caras que sempre souberam que iam se casar, comprar uma casa e ter um cachorro. Cumpriu as três tarefas exatamente nesta ordem.

2. Costumávamos brincar que “Deleite da Meia-noite do Capitão Ahab”

parecia o título de um pornô com tema de baleia.

3. Nick tirou centenas de fotos em preto e branco dos primeiros anos de Ahab conosco.

Ahab perseguindo o próprio rabo, de olhos arregalados, semicerrando os olhos para o sol. Ahab, Ahab, Ahab, como se fosse nosso primogênito.

O que digo a ela: 1. Ahab é um campeão aposentado que veio morar comigo quando ficou

cansado de correr por uma pista com outros cachorros atrás de um coelho mecânico.

2. Quando era filhote, homens maus fizeram uma tatuagem em suas orelhas para fins de identificação.

3. Eu escovo os dentes dele toda noite com creme dental sabor frango porque os galgostêm dentes terrivelmente moles.

4. É normal ele ser magrela assim.

5. Ele não pega frisbees, nem gravetos, nem senta quando mando.

Ingrid testa o número cinco. Para Ahab na rua e grita “Senta!”, e empurra seu dorso com as duas mãos.

Ele não senta, só fica de pé ali.

– Arre, livrai-me dessa rapariga louca, rapaz! – rosno.

Ingrid dá uma risadinha.

Torço para que Ahab tenha vontade de correr esta noite. Torço para que ele dê um espetáculo para Ingrid. Porque a verdade é que às vezes ele não corre. Não está no espírito.

Em algumas noites, ando com ele até o campo, solto a guia e ele olha em volta, com o focinho tremendo. Dou-lhe alguns minutos. Ele bate a pata no chão e gane, prendo a guia de novo e ele me leva de volta para casa. Nisso, os galgos são parecidos com os gatos: instáveis, misteriosos. Na maior parte do tempo, não se pode obrigá-los a fazer o que você quer. E, como um verdadeiro morador de Wippamunk, Ahab guarda os motivos para si mesmo.

Ingrid, Ahab e eu corremos pela Main Street sem trânsito e subimos a ladeira em direção ao colégio. Estou bufando por causa do esforço; meus pulmões zumbem com aquela ardência metálica, fria e estranha.

No campo de futebol, fecho o portão depois de passarmos. Por segurança, os refletores ficam acesos a noite toda, o que é uma sorte para Ahab, porque ele está ficando cego – seus olhos ficam mais leitosos a cada dia – e não enxerga muito bem no escuro.

– Você só pode soltar a guia de um galgo numa área completamente fechada, onde eles não poderão fugir – digo. – Como aqui. Está vendo? – Gesticulo com o braço para o perímetro da cerca que encerra totalmente o campo. Não há nenhum buraco.

– Por quê? – pergunta Ingrid.

Solto a guia de Ahab. Ele fareja o ar noturno. Ele é um solene *beatnik* canino, compondo um

poema livre em sua cabeça.

– Porque ele pode resolver correr atrás de qualquer coisa peluda que esteja se mexendo.

Ele simplesmente é assim. Depois que bota os olhos num esquilo, gato ou no que for, ninguém o segura.

– Nunca sem a guia?

– Nunca sem a guia. A não ser que esteja completamente fechado. – Tiro as botinhas de Ahab e as guardo nos bolsos. Ele fica imóvel. Parece até que parou de respirar.

Tapa da Memória: enquanto Ahab disparava por este campo, Nick, a meu lado na arquibancada, imitava o barulho de um carro potente trocando de marcha.

Ingrid agarra meu cotovelo. Estamos na expectativa do movimento repentino do Capitão, da velocidade súbita. Mas ele só fica parado ali.

Tiro o casaco de seu dorso; ele estala de eletricidade estática. Coloco o casaco enrolado debaixo do braço. Ahab bate as patas na neve.

– Corra! – digo.

Ele boceja.

– Ahab, corra!

Ele espirra.

Atrás de nós, rodas de carro esmagam o gelo. Uma viatura policial roda até o campo, na direção do portão. France está ao volante. Por um momento, ela nos olha e fala pelo rádio.

Lentamente sai da viatura, fecha a porta, vem andando. Apoia os braços finos na cerca de tela. – Está tudo bem? – pergunta. – Está frio esta noite. Oi, Ingrid, tudo legal?

Ingrid fica radiante.

– Oi, policial Frances.

France abre para Ingrid um sorriso de dentes amarelados e encavalados.

– Oi, France – digo pelos lábios enrijecidos. O frio é tanto que meus olhos ardem.

Ela passa o braço por mim e aperta meu ombro contra o dela.

– Como está sua cozinha? – pergunta.

– Ótima. Nenhum dano.

– Foi o que eu soube. Tá tudo bem com você?

Ahab trota até a cerca e fareja os dedos de France. Ela tenta acariciar seu queixo, mas não alcança. Ele se afasta alguns passos, agacha-se e urina. O

vapor sobe a sua volta como se estivesse no palco de um show de rock ou coisa assim. Por algum motivo, nós três ficamos olhando Ahab fazer xixi.

– Não fico muito tranquila com você sozinha aqui à noite, Zell – diz France.

– Não estou sozinha.

– Você entendeu o que eu quis dizer. – Ela ajeita o cachecol com POLÍCIA DE

WIPPAMUNK

escrito. – Tenha cuidado aí. Entendeu? Olho nas coisas. Fique atenta.

– Ahab vai correr pra mim – diz Ingrid.

– Depois vamos embora – digo.

– *É mesmo* uma visão e tanto, o Capitão correndo – diz France.

– Então, podemos ficar aqui mais alguns minutos?

– Só mais um pouco. – Ela bate os punhos com as luvas de couro nos nós da cerca.

– Legal. Obrigada por não dar uma de xerife Rosco P. Coltrane com a gente.

France ri porque, quando éramos pequenas, nosso programa preferido nas festinhas de pijama das sextas-feiras era *Os Gatões*, e nosso personagem preferido era Rosco. Sempre morríamos de rir de suas trapalhadas: embolando-se no fio de seu radiotransmissor, perseguindo o chapéu do xerife por uma estrada de terra.

France nunca fez as unhas dos meus pés, nem me levou ao shopping para comprar um vestidinho preto nem nada parecido, mas ainda é minha melhor amiga. Minha melhor amiga cuja presença tenho dificuldade de suportar desde *A Viagem*, não só porque ela me lembra da última noite de Nick em Wippamunk, mas também porque foi France que convenceu Nick e Dennis a acompanhar o grupo e fazer uma reportagem para o *Wippamunker*. Nick voltou todo animado daquela primeira reunião no porão da prefeitura. Queria ir a Nova Orleans e ter a oportunidade de fotografar algum lugar – *qualquer* lugar – que não fosse Wippamunk. “Adoro isso aqui”, disse. “Mas às vezes é muito... *aqui*, entende? Além de EJ ir, e France e Russ, Dennis está totalmente convencido da ideia. Pode ser legal.”

Ahab solta um longo ganido.

– Ele está com frio, Zell – diz France. – Você tirou o casaco dele.

– Ele nunca corre de casaco.

– Por que ele não quer correr? – pergunta Ingrid.

– Às vezes os galgos simplesmente não querem correr – digo. – Ahab, corre!

– Cante – diz Ingrid.

– O quê?

– Talvez Ahab precise de música para correr. Meu pai diz que *ele* não consegue correr sem música.

– Então cante você.

– Não. Você canta. O cachorro é seu.

– Nada disso.

– Acho que Ahab quer que você cante – sussurra Ingrid. Ela puxa meu braço. – Ele quer muito mesmo que você cante.

France ri.

– É, Zell. Cante pra nós. Queremos ouvir.

Mas eu sei que Ahab não gosta quando canto. Ele só gosta de Gladys Knight and the Pips.

E ele adora “Hora do Biscoito”, que Nick cantava sempre que dava um petisco a Ahab. Ele cantava no ritmo de “A Pirate’s Life for Me”.

– Vamos fazer o seguinte – diz France. – Vou levar você, o Capitão e a Ingrid para casa. Na patrulha. – Ela ergue o queixo para Ingrid, como se uma carona para casa na viatura policial fosse muito melhor do que ver Ahab correr. – Quer uma carona na patrulha? – pergunta.

Ingrid puxa o capuz de forma que só aparecem o nariz e os olhos.

– Corre, Ahab!

Ele se aproxima de nós e gane.

Ingrid suspira. Olha os próprios pés e chuta a neve.

Saco.

Por algum motivo, a ideia de decepcionar Ingrid me parece insuportável.

Então respiro fundo. Cacarejo uma versão vacilante da primeira coisa que me passa pela cabeça.

– “Didn’t you know you’d have to hurt sometime?” – Até faço também a parte dos Pips. – “Sometime, sometime.” – Sopro o baixo num tom suave pelos lábios ligeiramente separados.

Ahab tomba a cabeça de lado. Vira o tapa-olho na direção do chão. Depois explode,

disparando atrás da presa imaginária, traçando um imenso sinal do infinito e levantando neve atrás de si.

Ingrid joga o capuz para trás e grita. Sua voz reverbera nos pinheiros brancos e altos na beira do campo.

– Eu falei!

France sacode a cerca.

– Uuuurruuuul!

Bato as mãos enluvadas e trino a balada triste, minha cara imóvel de frio.

– “Didn’t you know you’d have to cry sometime? Didn’t anybody tell you love had another side?”

E o Capitão – boquiaberto e de olhos arregalados – dispara pela neve com naturalidade.

Com uma p... de naturalidade.

Já passa das dez quando France nos deixa em casa. Ela dispara pela High Street com as luzes piscando. Ingrid pede para ouvir a sirene, mas France diz que em outra hora, porque não quer assustar os vizinhos.

Em casa, Ingrid veste o pijama sem que eu precise pedir. Implora para que eu a jogue (de mentirinha) no sofá e assim faço, e prendo minha manta de lã felpuda por baixo dela.

– Vai ler pra mim? – pergunta.

– O quê, tipo uma história pra dormir?

– É.

– Não tenho nenhum livro infantil.

– Deve ter alguma coisa.

– Tenho mil exemplares antigos do *Wippamunker* no sótão e uma parede cheia de livros de anatomia. E é só isso.

– Já sei. *Cozinhar é moleza com Pol y Pinch*. Vou ler pra você. Adoro ler.

– Você precisa dormir um pouco. – Vou até o toca-discos. Colo os meus lábios secos no disco e deixo que acariciem os sulcos frios e mínimos. Enquanto coloco Gladys, Ingrid fala: “Gosto desse som”. Levo um segundo para entender que ela fala do crepitar da agulha riscando o sulco

do vinil.

– Também gosto – digo.

Gladys canta que vai ficar bem, que vai aprender a não lamentar pela vida.

Uma pata de cada vez, Ahab sobe seu corpo velho no sofá e se coloca à vontade. Suspira, mete o focinho sob as panturrilhas de Ingrid e fecha os olhos.

Ela mete os pés por baixo de seu traseiro.

– É legal ele parecer ter um tapa-olho – diz.

– Boa noite. Vou subir.

– Zell? Seu esqueleto é meio incrível.

– O Hank? Vou falar pra ele que você disse isso. Durma bem, tá legal?

– Espera. Preciso falar uma coisa com você.

Paro junto da mesa de centro, as mãos no quadril.

– Tudo bem. Mas que seja rápido. Seu pai não vai ficar muito feliz comigo se encontrar você acordada a essa hora da noite.

– Acho que você precisa de uma ajuda. Com o forno.

– Você sabe cozinhar?

– Bom, eu vejo *Pitada de amor* várias vezes por dia. E leio a revista de cabo a rabo. Mais de uma vez. E como Polly Pinch é minha mãe, cozinhar está no meu sangue. Então, de repente posso te ajudar com suas experiências. E

podemos ganhar o concurso *juntas*. Como uma equipe. – Do sofá, ela sorri radiante para mim, minha manta enrolada em seu pequeno rosto como uma touca.

Nunca previ que dividiria esforços culinários e não acho que possa revelar minha culinária disfuncional a ninguém, que dirá a essa garotinha que mal conheço.

– Não sei se essa é uma boa ideia, Ingrid.

Ela pisca, olhando fixamente para mim. As lágrimas enchem seus olhos, exatamente como antes.

Saco.

– Sabe de uma coisa? Duas cabeças pensam melhor do que uma, né?

Ela se senta, os olhos brilhando novamente.

– É mesmo. E ainda mais numa cozinha. – Seu braço se projeta da manta. – Temos que jurar de mindinho – sussurra.

Travamos os mindinhos na sala escura.

– Vamos ganhar o Concurso de Sobremesas que Aquecem a Alma – afirma ela.

– E vamos ser convidadas para o *Pitada de amor* juntas. Como uma equipe.

– Como uma equipe – repito. – Parece bom.

Não boto muita fé nesse plano. Mas agora estou presa; jurei de mindinho. Não há como voltar atrás.

EJ

EJ joga outro pedaço de lenha no fogo e volta para o banco. Tira o suéter. Lá fora, diante da fogueira na noite de fevereiro, ele usa um gorro, uma camiseta, jeans forrado de flanela e botas.

Uma luz é acesa na oficina do sr. Roy, do outro lado do lago Malden. O pai de Nick desce a escada do porão. EJ só consegue ver os três primeiros degraus da oficina, pois as janelas ficam pouco acima do chão e a maior parte do porão é subterrânea.

Antigamente, o sr. Roy guardava um trenó para seis pessoas na garagem. Um trenó antiquado, de madeira encerada e assentos acolchoados. Nick mantinha sua base lubrificada com a cera que usava em sua prancha de snowboard.

Para EJ, deslizar com o trenó – ou a lembrança disso – faz valer as tardes escuras, as meias molhadas, o cabelo com estática, a pele tão seca que parece inflamada, limpar a neve às cinco da manhã e ter de esquentar o carro por dez minutos antes de ir a qualquer lugar; tudo o que compõe a vida no “Grande Norte Branco”, como diz Charlene.

O quintal lateral dos Roy era o melhor da cidade para usar um trenó. Não tinha obstáculos, era íngreme, longo e descia diretamente em direção ao lago. E

assim, em todo dia com neve – da primeira série até o último ano do ensino médio –, EJ andava com dificuldade pelo gelo até a casa do sr. Roy. EJ e Nick construíram uma pequena rampa de neve alisada por cima de algumas toras.

Logo Zell chegou. Veio com raquetes de neve nos pés pelo bosque do lado norte da cidade, onde os pais moravam antes de se mudarem para Vermont.

France também foi; o pai era policial, levava a filha até lá em sua viatura e dava aos quatro – EJ, Nick, France e Zell – um sermão severo sobre não ir de carro a nenhum lugar, porque o pessoal da estrada precisava limpar a rodovia.

Mas o sermão era desnecessário, porque nenhum deles tinha habilitação e, além disso, eles só queriam andar de trenó.

EJ ia na frente porque era o mais pesado. Montava no trenó e o mantinha no lugar enquanto o resto embarcava: primeiro Nick, depois Zell, em seguida France, que era pele e osso. Ainda é. Em um trenó, não há onde se segurar; você apenas se agarra ao corpo de quem está à sua frente. Assim, eles se agarravam e, se alguém caísse, provocaria uma reação em cadeia. Mas nenhum deles jamais caiu.

EJ levantava os pés. Desciam a colina, desciam sem parar, desciam direto, não precisavam virar, não precisavam dirigir. Na verdade, não havia como *dirigir*, mesmo que fosse necessário. A casa dos Roy passava zunindo, as árvores molhadas e cobertas de neve passavam zunindo.

Zell gritava durante toda a descida. France não fazia barulho nenhum. Nick soltava sua gargalhada vigorosa, aos arrancos. EJ escondia seus joelhos na parte dianteira do trenó. Mas seu rosto estava exposto, e a neve e o vento castigavam suas bochechas e testa.

Eles percorriam o gelo a oitenta por hora, talvez mais.

Bons tempos, pensa EJ. *Bons tempos*. Bebe a cerveja. A noite é iluminada graças à fogueira, ao refletor atrás de sua casa e à lua, pequena, cheia e a pino.

Ele se pergunta se o sr. Roy ainda tem aquele trenó. Imagina Charlene montada nele, com as pernas e os braços envolvendo suas coxas, os dois voando sobre o gelo.

Mas talvez ela não tenha nenhuma inclinação amorosa por ele. Talvez só queira amizade e nada mais. Ela nunca falou sobre um namorado, mas isso não quer dizer que não tenha um.

Ou namorada, pensa EJ. Nunca se sabe. Ele ri e deseja que essa imagem provocante saia de sua cabeça.

Do outro lado do lago, a luz da oficina no porão do sr. Roy se apaga.

EJ se levanta, espreguiça-se e joga mais uma tora na fogueira. Em algum lugar ali perto, uma coruja pia: *uu-uuuuu*, *ãã-uuuu*. *Uuu-uuu*, *ãã-uuuuu*. É o que faz uma coruja-barrada, EJ

sabe, porque Nick ensinou. Ele sabia identificar cada ave da enciclopédia e também imitar seu canto. Era um gênio nisso. Qual era o canto da coruja-barrada mesmo? “Fui no guru, fui no Bhopal?” Algo assim.

EJ coloca as mãos em concha, joga a cabeça para trás e uiva para a noite: – *Uu-uuuuu*, *ãã-uuuuu*. Fui no Bhopal.

Ele procura ouvir uma resposta, mas a coruja fica em silêncio.

– Para o Nick – diz EJ. Solta um arrote e despeja o que resta da cerveja na neve entre seus pés.

Nick 3 de novembro de 2006

De:

nicholas.roy@thewuppamunker.com Para: rose-ellen@roymedicalillustration.com Oi, Chef inha, E aí, esse monitor cardíaco que você precisa usar é grande? Parece estiloso. E em quanto

tempo eles conseguem os resultados? Não parecia que a dra. Fung estivesse muito alarmada. Isso é um bom sinal, não é? Eu falei que você vai ficar bem. Me mantenha informado.

E não deixe que a dra. Fung mexa demais nos seus lindos peitinhos.

Então, o primeiro dia oficialmente acabou.

Hoje o Dennis tomou notas, e eu tirei fotos enquanto todos os outros – a pastora Sheila, o padre Chet, o comandante Kent, Russ, France e EJ – limpavam a casa de uma idosa, a dona Verna. Você devia ter visto a pilha de mofos na casa. Ou, eu devia dizer, o que antes era a casa dela. Demos a ela uma caixa pequena com tudo o que conseguimos recuperar (além de uma pia de banheiro que, por milagre, estava em ótimo estado). Na caixa havia algumas panelas e frigideiras e os sapatinhos banhados em bronze do filho dela. Ela chorou quando pegou os sapatos. Disse que era seu filho único e que tinha morrido no Vietnã. Disse que, depois que a tempestade passou, ela foi ao telhado procurar ajuda. Que todo mundo em volta dela fora embora, mas ela ficou porque não achava que a tempestade seria grande coisa. E então, na manhã seguinte, do outro lado da rua havia um cadáver inchado preso no poste telefônico, boiando ali. Por acaso era seu vizinho de 37 anos. Dá pra imaginar?

Lá estava eu, tirando fotos dessa mulher, enquanto ela contava essas lembranças horríveis pro Dennis: que ficou esperando no telhado completamente sozinha, sentada em um isopor cheio de água da banheira, apertando os olhos para o cadáver, tentando identificar quem era – e senti muita raiva. Como isso pode acontecer aqui, em nosso país? Mas ela parecia muito mais triste do que irritada. Ficou de pé ali na calçada, na frente do que antigamente era sua casa mas agora é uma pilha de coisas podres, e chorou, falando do filho e do vizinho. Ela estava triste, mas aceitava, de um jeito sensato. Já eu simplesmente tive raiva. Uma raiva que me queimava.

Não sei. É difícil explicar. Talvez Verna tenha superado sua raiva. Talvez tenha se acostumado com tudo.

De qualquer modo, você não acreditaria no lixo aqui, Zell. Fica empilhado pela rua, onde as pessoas estão limpando as casas. Tem pelo menos três metros de altura e oitocentos metros de extensão. Colchões, cômodas, privadas, geladeiras, telhas, vigas. Nada que preste pra catar, disso tenho certeza. Tudo está podre ou coberto de mofos.

Anexei algumas fotos pra você. Veja com muita atenção a última do Russ, com o garotinho sentado no colo, abraçado a ele. Essa foi tirada na igreja. Fiz eram uma reunião no início da noite, para agradecer aos missionários antecipadamente, católicos e batistas unidos e até um casal de muçulmanos do lugar islâmico na mesma rua. Sim, os olhos de Russ estão vermelhos. E não é de toda a poeira, terra e mofos, se é que me entende.

O padre Chet me disse uma coisa hoje, enquanto eu trocava as lentes durante a conversa com Verna. Ele se aproximou de mim com seu traje de proteção e cochichou em meu ouvido, com seu sotaque africano incrível: “Estamos todos ligados”.

Mas eu não devia me envolver, né? Estou aqui com Dennis; ele é o repórter, eu sou o fotógrafo. Não devíamos estar com a missão. Devíamos registrar o que nossos amigos estão fazendo e publicar uma reportagem no Wippamunker.

Mas não posso evitar.

Sinto que faço parte disso, quer eu goste ou não. Não é muito fotojornalístico, é? Não é imparcial.

Queria que você estivesse aqui, junto a mim neste saco de dormir.

Tenha sonhos excitantes comigo.

Seu homão, Nick 3

Zell De novo é manhã. A droga da manhã. Visto minhas roupas enquanto Gladys canta que detesta cada manhã em que ela abre os olhos e não vê seu homem.

Ahab fareja pelo quintal, o monte Wippamunk brilha. É um domingo bizarramente cálido, o mundo estranhamente se derrete. Pingentes de gelo pingam, e em algum lugar um passarinho solitário assobia.

Ingrid está em seu quintal, do outro lado da cerca. Usa o imenso gorro vermelho de esqui e um suéter de gola rulê cor-de-rosa. As luvas pendem de cordões por dentro das mangas. Seu cabelo castanho não está trançado e cai como cortinas frisadas.

– Vem andar de raquete de neve com a gente! – chama.

Levanto as mãos.

– Bem que eu queria. Mas não tenho raquetes de neve. – É uma mentira. O fato é que andar de raquetes com alguém que não seja Nick seria uma traição, uma espécie de admissão, como mandar consertar o carro, limpar a neve da entrada da casa ou preparar uma refeição ocasional; coisas que Nick costumava fazer.

Os esportes de inverno eram algo que fazíamos juntos.

– Tenho um par a mais que você pode usar – diz Ingrid. – São da minha avó emprestada.

Ahab trota até a cerca. Balança o rabo uma vez, duas. A mão dourada de Ingrid traça círculos pequenos e rápidos no alto de sua cabeça, fazendo as orelhas dele se achatam nas laterais.

– Por favor? – pede. – Meu pai quer muito, muito mesmo que você venha.

– Ele quer?

– Quer.

– Bem que eu queria, mas tenho muito trabalho pra terminar.

– Num *domingo*? Vamos sair agora. Vem logo. – Ela dá uma última coçada prolongada em Ahab e corre para dentro.

Saco.

Penso em alguns folhetos que a pastora Sheila me entregou há pouco tempo, quando me fez uma visita em casa. Os folhetos sobre a superação da perda, destacando a importância dos exercícios e de mudar de ares, socializar e fazer novos amigos.

– Tudo bem – digo, embora Ingrid já tenha entrado. Ahab tomba a cabeça de lado e gane.

Desenterro minha calça de esqui da caixa de papelão meio desmoronada no armário de casacos. Amarro os cadarços de minha bota de caminhada.

Tateando, procuro meu gorro de *fleece*, mas decido que não vou precisar dele, está estranhamente quente.

As raquetes verdes de alumínio de Nick estão encostadas na parede do armário.

Amassadas e arranhadas. Seu gorro ridículo está encaixado nas pontas, um modelo de meados dos anos oitenta com os cordões pendurados e um pompom no alto.

Pego o gorro macio e cheiro seu interior fibroso, que me lembra de como eu podia estar desenhando filamentos de tecido muscular.

– Vou andar de raquete na neve, Nick – digo. – Desculpe.

Garrett está de costas para mim. Joga um par de raquetes grande e outro pequeno na caçamba de sua caminhonete. Também não está de casaco, mas com uma malha vermelha que acentua seus músculos.

Ingrid aparece correndo com outro par de raquetes para neve tamanho médio.

– Espera! – Ela lança o par sobre a cabeça, e ele cai junto com os outros.

– O que tá fazendo? – diz Garrett, fechando a caçamba. – A Trudy não vem.

– Mas a Zell vem – explica.

Ele gira o corpo. Estou parada na calçada, com uma garrafa de água na mão.

– Ah! – diz ele. – Oi.

Ele parece surpreso, e para mim fica claro que Ingrid inventou a parte de Garrett querer que eu fosse junto.

Olho minha varanda, depois fixamente minha garrafa de água.

– Ingrid disse...

– A Ingrid diz muita coisa. – Ele ri. – Entra aí.

Fecho a porta do lado do passageiro.

– Carro bacana – digo, admirando o interior arrumado.

– Obrigado.

Enquanto Garrett vai para o norte pela esburacada Rota 331, minhas entranhas se agitam com uma mistura louca de ansiedade e culpa – como se eu estivesse traindo Nick ou coisa assim. Olho atentamente pela janela. Passamos pelas fundações de pedra de uma antiga casa de fazenda a apenas meio metro da estrada. Passamos pela loja de antiguidades, onde as pontas de uma cerca de madeira branca projetam-se da neve como dentes de tubarão.

Passamos pela quitanda. Meus ouvidos estalam à medida que ganhamos altitude.

– Lindo dia – diz Garrett.

– Hummm – respondo.

Na igreja católica Príncipe da Paz, de estuque, o padre Chet – o primeiríssimo morador camaronês de Wippamunk – limpa a neve suja da calçada que leva à sacristia. Ele já está à frente da Príncipe da Paz há alguns anos, e o consenso entre os moradores é de que é sincero e gentil, embora às vezes meio biruta.

Em um sinal vermelho piscante, temos a biblioteca pública em estilo Tudor de Wippamunk. Ao passar por ali, temos uma visão em marrom, cinza e verde da Massachusetts central, os arranha-céus de Boston ao longe.

Garrett abre um pouco a janela. Semicerra os olhos para o sol que brilha nos bancos de neve e na estrada molhada. De um compartimento no alto, pega óculos de sol e os coloca.

– Como está sua cozinha? – pergunta. – Algum prejuízo?

– Não. Na realidade, não houve prejuízo nenhum. Acho que tive sorte.

– Alguma coisa que possamos fazer para ajudar?

– Na verdade, não. Mas obrigada.

– Qualquer coisa, é só falar.

– Obrigada.

– Fui eu que chamei os bombeiros, sabia? – diz ele.

Percebo que nunca me perguntei quem tinha feito isso.

– Senti cheiro de fumaça. Depois seu alarme disparou, e não sabia se você estava lá dentro, se estava viva, morta ou o quê.

Nem eu, penso, enquanto Ingrid acrescenta: – Foi de dar medo.

– Bom, obrigada. Por chamar os bombeiros – digo.

– Não foi nada. – Ele tamborila os dedos no volante. Sei que está tentando pensar em mais alguma coisa para falar. – Então, a vida está uma barra para mim e para Ingrid – diz depois de algum tempo. – Com o trabalho, a faculdade de direito e a escola dela, o dia a dia é uma luta. – O meu também – digo. O

que é uma mentira, pois trabalho em casa e não tenho filhos, e na realidade não tenho uma luta diária. Tento sorrir, mas, quando meus olhos encontram os de Garrett, aquela culpa ansiosa incomoda minhas entranhas de novo.

Rapidamente encaro a paisagem do lado de fora da janela.

Seguimos mais um tanto. Passamos por um antigo cemitério onde, alguns anos atrás, Nick fotografou estudantes do fundamental decalcando as lápides.

Passamos pelo orfanato abandonado onde ele e Dennis uma vez pernoitaram para uma matéria sobre os lendários fantasmas de Wippamunk. Passamos por muros de pedra, mirantes, regatos, e tudo isso me fere, tudo grita *Nick, Nick, Nick!* , mesmo agora.

– Aquela é a casa da minha avó emprestada! – anuncia Ingrid. Ela aponta uma casa grande com um anexo que parece um celeiro. Pequenos telhados de compensado protegem a cerca viva no quintal. Fadas de vidro colorido decoram as janelas. As fadas giram levemente, apanhando a luz. Ao lado da porta da frente, uma placa de madeira diz: NÃO IRRITE AS FADAS!

– Pai, dá oi. – Ela acena como louca para a casa de tijolos aparentes.

Garrett balança a mão.

– Pai, por que a Trudy não é minha babá?

– Porque não quero você andando por perto daquelas máquinas pesadas. Além disso, Trudy é uma mulher ocupada.

Ergo uma sobancelha.

– Máquinas pesadas?

– Nem pergunte. Minha madrastra é do tipo... criativo. Droga, perdi a entrada da trilha. – Ele dá a volta com a caminhonete.

– Como eu – digo. Percebo tarde demais quanto isso parece idiota. – Onde vocês moravam antes? Em Wippamunk mesmo?

– Do outro lado da cidade. Meu senhorio aumentou o aluguel. Por isso nos mudamos.

– Você tem mãe? – pergunta Ingrid.

– Ela mora em Vermont com minha irmã – digo.

– Minha mãe...

– Chegamos – diz Garrett de maneira eloquente, como um apresentador de circo.

Estaciona a caminhonete na entrada de uma estrada de terra a cerca de um quilômetro da casa de Trudy.

Esta estrada, eu sei, leva a um lago artificial. Em suas margens, há uma antiga chaminé de pedra. Nick e eu armamos nossa barraca ali mil vezes e dormimos nela, protegidos em nossos sacos de dormir, lado a lado.

*

Amarramos nossas raquetes nos pés e andamos por uma estrada secundária coberta de neve, subindo o sinuoso e primitivo lado sul do monte Wippamunk.

Atrás de mim, Ingrid canta em voz baixa a animada música-tema de *Pitada de amor*. À minha frente, Garrett está em silêncio, exceto pela respiração nasal, constante e determinada.

Mentalmente, monto as fotografias que Nick teria tirado: a luz do sol tremeluzindo; as bétulas cintilando; um cardeal trina-trina-trinando; os pontos onde a neve derreteu e voltou a congelar, distorcendo as impressões de tudo o que nela tocou – patas, pinhas e pingentes de gelo gotejantes.

Andar em raquetes de neve é um transe. Levanto um pé, depois o outro.

Minhas pernas ficam pesadas. O sol assa minhas costas. O suor escorre por baixo de meus peitos, descendo pelo umbigo e pela cintura.

Vinte minutos de subida depois, Garrett sai da estrada. Nossas pernas afundam mais aqui, pouco acima dos joelhos. Quando você anda de raquetes, *tem que* percorrer esses lugares ermos onde a neve parece proibitivamente funda.

À esquerda, o terreno tem um declive acentuado, que se transforma em penhascos gelados.

– Não caiam! – pede Garrett.

Olho atrás de mim; Ingrid finge tocar uma bateria.

Entramos numa clareira. Ele para, desamarra as raquetes e sobe num rochedo de dois metros de altura. Depois de chutar toda a neve do alto, ele se vira, abaixa-se e estende a mão.

Ingrid tira as raquetes aos chutes. Joga-se no rochedo, e ele a puxa para cima como se ela fosse leve como um lençol.

– Zell? – Garrett sorri para mim.

Balanço a cabeça vigorosamente.

– Não vou subir aí.

– Ah, sim, você vai! – grita Ingrid. – Du-du-du, você só precisa de... UMA PITADA!

– A vista é linda. – Garrett estende as duas mãos. – Confie em mim.

Ingrid joga o gorro vermelho para o alto e o pega de volta. Vasculha a mochila de Garrett e pega uma barra de cereais com embalagem prateada. Canta entre as mordidas: “Du-du-du, você só precisa de... UMA PITADA!”.

Desamarro minhas raquetes.

– Sou mais pesada do que aparento – digo.

– E eu sou mais forte do que aparento – diz ele. – Tome impulso e pule o mais alto que puder.

Assim faço. Ele me pega pelos braços, joga o corpo para trás no rochedo e me puxa para cima. Desabo em suas coxas.

– Está vendo? Nem suei – diz ele.

– É – respondo, meio sem fôlego. – Obrigada. – Sento-me e me sirvo de uma barra de cereais meio amassada que Garrett estende para mim.

A vista é do sudoeste, ensolarada e clara, funda e larga, uma vista que colocaria Nick de joelhos. Encostas e regatos surgem abaixo de nós. Fazem-me pensar em pedaços de lenços de papel rasgados, estendidos numa colagem.

Urubus-de-cabeça-vermelha voam, Ws pretos contra o céu luminoso. A brisa sopra – leve, depois forte, e então leve novamente.

Garrett sorri. Ingrid aponta a paisagem.

– O lago Long, em Rutland – diz ela. – A represa Wippamunk. A cidade de Worcester. E ali? Bem pra lá? O monte Greylock. Tá vendo?

– Tô – digo. – Tô vendo mesmo.

A oeste, ao longe, estende-se a crista do monte Greylock, como as costas de uma baleia – a visão que inspirou Herman Melville a escrever *Moby Dick*. Ou assim diz a lenda.

Ingrid enfia um canudinho em uma caixa de suco.

– Não sou meio velha pra suco de caixinha, pai? – pergunta.

– Não sei. Quando é que se fica velha demais pra suco de caixinha? Você tem nove anos.

– Exatamente. – Seu rosto brilha de suor. Ela sorve todo o suco, até que o papelão fica amassado. – Toma. – Ela mostra a caixa vazia a Garrett.

– Eu tenho cara de lata de lixo?

– Tem.

Ele puxa o gorro dela até os olhos. Ela ri.

– Quem traz, leva, lembra? – diz Garrett.

– Eu sei, eu sei. – Ela guarda a caixa vazia na mochila e volta a cantar enquanto joga e pega o gorro.

– Pare de cantar isso, Ingrid – diz Garrett. Ele está na segunda barra de cereais. – Cante qualquer coisa, menos isso. Por favor.

– Pai, a Zell e eu vamos entrar juntas no concurso de sobremesas da Polly.

– Vocês vão, é?

– Hummm... – digo. Quando jurei de mindinho que ela podia me ajudar, não pensei seriamente na reação de Garrett, nem sequer se ele permitiria. Mas ele não parece irritado. Na verdade, parece se divertir.

– É – diz Ingrid.

– Eu *estou pensando* em entrar – digo. – Sabe o outro dia, com os bombeiros?

Eu estava...

cozinhando.

– Fiquei sabendo – diz ele. – Também não sou muito de cozinhar.

– Você leva vinte mil dólares se vencer – digo. – E tem todas as despesas pagas...

– É um monte de dinheiro – diz Ingrid. – Não é?

Ela diz isso com tal rapidez que me pergunto se ela não quer que Garrett saiba sobre conhecer Polly no estúdio.

– E o que você faria com o dinheiro se vencesse? – ele pergunta à filha.

– Eu guardaria, aí, quando crescer, posso ir à França e estudar na famosa escola de culinária Cordon Bleu.

Garrett se deita, a cabeça apoiada na mochila, e joga um dos braços sobre os olhos.

– O que você faria com o dinheiro, Zell?

– Criaria uma organização de caridade ou coisa assim, para as pessoas em Nova Orleans que estão reconstruindo suas casas e comunidades depois do furacão Katrina e a enchente. Foi o último desejo de Nick – acrescento.

– Pai? Mudei de ideia. Eu daria meus vinte mil dólares às pessoas de Nova Orleans.

Ele se ergue um pouco e acaricia o rosto dela.

– Você é uma boa menina – diz com doçura.

Ela canta mais uma vez: – Você só precisa de UMA PITADA. UMA PITADA DE AMOR.

– Se vai continuar cantando, pode, por favor, fazer isso baixinho?

– Desculpe. – Ela pula para outra ponta do rochedo e senta de pernas cruzadas. Bate nas coxas, ainda cantarolando.

– Parece que você também é um pouco obcecada pela Polly Pinch – diz ele. – Não admira que Ingrid goste tanto de você.

– É novidade pra mim. – A verdade idiota é que não vejo a hora de chegar em casa, assistir *Pitada de amor* e tentar fazer outra fornada de biscoitos. – Polly Pinch é bem viciante – digo –, depois que você lhe dá uma chance.

– Não estimulo essa história com a Polly Pinch. Acredite em mim.

– Sobre o concurso. Ingrid se ofereceu para me ajudar, então eu disse que podia. Espero que não seja um problema.

– Claro que não. Quer dizer, desde que você saiba que ela só vai querer cozinhar, cozinhar e cozinhar mais um pouco quando estiver com você.

Tento sorrir e penso que dessa vez consegui, porque Garrett sorri também.

Quero mencionar que Ingrid me disse que Polly Pinch é mãe dela, mas acho melhor não.

Ele cantarola uma parte da música de Polly Pinch, depois cai em si e dá um pigarro.

– Li sobre seu marido no *Wippamunker* ano passado. Era um ótimo artigo.

– É. Dennis e meu marido trabalharam juntos no *Wippamunker* por uns dez anos, então elesse conheciam muito bem.

– Eu lamento pelo que aconteceu com ele.

– Obrigada. – Raspo com a unha um líquen morto no rochedo. – Você é casado?

– Não. Nunca. – Ele enxuga com a manga o rosto suado. Pega minha garrafa de água na sua mochila e me oferece.

– Ah, não, você primeiro – digo. – Foi você que a carregou.

Ele abre a tampa, bebe quase metade e me passa a garrafa.

De repente, Ingrid corre para nós; lágrimas molham seu rosto.

– Pai?

– Que foi, bubu? Qual é o problema?

Ingrid aponta o céu para além dos penhascos. Seu gorro vermelho ficou preso em um galho de carvalho a seis metros dali. Talvez oito. Um desfiladeiro fundo e penhascos gelados nos separam do carvalho, de séculos, trinta metros de altura, com uma casca de pele de elefante se soltando.

Garrett protege os olhos e examina Ingrid.

– Como conseguiu fazer isso?

– Eu estava tentando ver até que altura eu conseguia jogar – diz ela. – E o vento o levou.

– Agora acho que já era.

– Não. Tá bem ali.

No alto da árvore, o gorro vermelho parece tremer. Ramos o cutucam. Parece uma criatura de pernas frouxas tentando arrancar os fios e nascer.

– Deixa pra lá, bubu. – Garrett se levanta e recoloca a mochila nos ombros. – Talvez o vento o derrube, e da próxima vez que viermos aqui ele estará no chão, então poderemos pegá-lo.

– Mas eu quero agora – diz ela. – Eu *preciso* dele *agora*.

– Vou tentar uma coisa. – Ele faz uma bola de neve. Leva o braço para trás e a lança. A bola de neve dispara: um ponto branco contra o céu azul. Perde ímpeto a dois metros do gorro e mergulha no chão. Ele tenta mais uma vez, preparando uma bola de neve menor.

Dessa vez gira o braço ainda mais forte, mas erra.

– Não consigo alcançar, Ing. – Suspira. – Eu tentei. Desculpe. – Ele desce do rochedo e calça as raquetes. – Vamos andando. Hora de voltar pro carro.

Vamos comprar outro gorro pra você, tá bom?

– Pega ele pra mim? – pergunta Ingrid, puxando meu braço. Um soluço choroso escapa de sua boca. – Você tem que pegar pra mim. Ele era da minha...

– Hora de voltar – diz Garrett, mas não com impaciência.

– Pega pra mim, Zell?

Naturalmente, é impossível alcançar o gorro. Ela e eu o olhamos por um momento. Torço para que o vento o solte, mas o gorro continua preso.

A brisa fria joga o cabelo por cima da minha boca. Baixo os olhos para Garrett; não sei se ele

está olhando para Ingrid ou para mim.

– Acho que por enquanto não dá – digo à menina. Bebo um gole de água e ofereço a ela, mas ela meneia a cabeça. – Mas, como seu pai disse, talvez ele esteja no chão quando você voltar na primavera.

– Na primavera?

– É. Na primavera.

Levo-a à beira do rochedo.

– E até lá – digo –, você vai saber exatamente onde ele está.

Na tarde da terça-feira seguinte, Garrett está de volta à minha varanda. O nó de sua gravata está frouxo, e uma manchinha de óleo – do molho da salada, talvez – suja a camisa branca. A pele sob os olhos está caída e marcada.

– Nem acredito que estou te pedindo isso de novo – diz.

Ingrid passa esbarrando por mim e larga a mochila logo depois da porta.

– Ahab! – chama.

– Entrevistei alguém ontem à noite pra ser babá – diz Garrett. – Mas ela era...

Quer dizer, era uma boa menina e tudo, mas parecia... – Ele se interrompe.

Olha o relógio.

Ofereço-lhe as chaves de Nick.

– Pode ficar com elas.

Ele as coloca no bolso, estupefato.

– Vou te compensar. Eu juro. – Ele me entrega um maço gordo de cédulas.

– Não precisa me pagar. É sério.

Ele para por um segundo, como se pensasse em simplesmente enfiar as notas no bolso do meu avental e ir embora. Mas, em vez disso, assente.

– Obrigado, Zell.

Em minha cozinha, Ingrid folheia *Cozinhar é moleza com Pol y Pinch*.

– Já terminei o dever de casa – avisa antes que eu pergunte.

Pensamos juntas. Ingrid quer fazer o bolo invertido; eu, brownies de aveia.

Esboçamos a receita de um Bolo Invertido de Brownie de Aveia, e rapidamente percebo que Ingrid não é o prodígio da culinária que deu a entender. Ela sugere uma xícara de bicarbonato, mas a convenço de que é demais. Sugere, então, três latas de leite condensado e uma dúzia de ovos, e explico – gentilmente – que não queremos alimentar um batalhão. Por fim, negociamos um plano geral de ataque – acrescentando aveia à massa do brownie, depois criando camadas alternadas de mistura para brownie e massa de bolo.

– Como você sabe tanto assim de bolos? – pergunta. – O que é demais, o que é de menos?

Como sabe tudo isso?

É mesmo, como? Aprendi com a Bruxa Velha? Talvez. Talvez eu seja o suflê murcho da sala oito do porão da escola – a sala de aula da Bruxa Velha. Ou a omelete encharcada na frigideira amassada de cabo enferrujado na sala oito do porão do colégio. Talvez eu seja as raspas de cenoura presas no ralo da pia cheio de água com sabão, ao que a Bruxa Velha olha feio e aponta com um dedo de verruga. (Ela realmente tem verrugas, ou esse detalhe só faz parte da lenda?) É inconcebível que Polly Pinch tenha verrugas. Ela é a faca santoku com lâmina de aço forjado e cabo de polipropileno antiderrapante anunciada na página onze de *Cozinhar é moleza*. Ela é o morango de caule comprido mergulhado no fondue de chocolate branco da página cinquenta e seis. Ela é a xícara de porcelana com café cultivado na sombra, orgânico, de comércio justo e prensa francesa da página noventa e nove.

E eu não sou nem uma nazista da cozinha nem uma *chef* de televisão com pele esticada e peitos bronzeados e perfeitos. Sou Rose-Ellen Roy, nascida Carmichael, a omelete encharcada tentando ganhar um concurso de culinária de vinte mil dólares. Se não com Delícias de Pasta de Amendoim sem Farinha, se não com Bolo Invertido de Brownie de Aveia, pelo menos com Alguma Coisa Fora de Série.

– Quer saber como sei de tudo isso? – Seguro a tigela. Ingrid está de pé numa cadeira e despeja a mistura para brownie. Levanta uma nuvem de cogumelo em nosso rosto. Tossimos.

– Anos e anos de prática. – Quebro um ovo com uma só mão.

Ela pega a casca e a joga na pia.

– Prática? Mas você disse que não sabe cozinhar. Tipo nadinha.

Seguro a colher de pau e mexo.

– Não vamos nos apegar a detalhes, tá legal?

Impressões de farinha de trigo sujam os armários. Há açúcar espalhado na bancada. Aveia amarronzada grudada na parede.

Ahab lambe alguma coisa junto à perna de uma cadeira. Fareja até a porta do forno, lambendo nacos de massa aqui e ali.

O Bolo Invertido de Brownie de Aveia esfria em cima do fogão. Parece um mingau vulcânico marrom enegrecido.

– Sabe ano passado? – começa Ingrid. – Fui a uma festa de Halloween no trabalho do meu pai. E tinha um vômito de mentira no chão.

– É mesmo?

Ela aponta o Bolo Invertido de Brownie de Aveia.

– Isso parece o vômito de mentira.

– Hummm. Que apetitoso.

– E isso com anos e anos de prática. – Ingrid tamborila os dedos na mesa. – Ei! Conheço alguém que pode ajudar.

– Uma fada madrinha?

– Mais ou menos. Pega a chave do carro, vamos sair.

– Não vou de carro até a casa de alguém que nem conheço. Basta me dizer quem é.

– Vai ser mais divertido se for surpresa. Por favor?

– Nem pensar.

– Bom, acho que vou ficar aqui sentada lambendo a massa do meu braço, então. – Ela passa a língua do cotovelo ao pulso. – Ou de repente a gente pode experimentar fazer um Bolo Desinvertido.

Ahab fareja Ingrid. Ela deixa que ele lamba seu braço.

– Quanto dinheiro você ia ganhar? – pergunta ela.

– Vinte mil dólares.

– É muito, né?

– É.

– E você daria todo esse dinheiro pros sobreviventes do furacão. E eu conheceria minha mãe. Finalmente.

Dentro da fôrma, a massa de aveia se mexe, lançando um borrifo molhado sobre a bancada.

– Essa sobremesa é simplesmente bizarra – ela comenta.

Suspiro.

– Você venceu. Aonde vamos?

Ahab deixa o braço de Ingrid completamente limpo. Ela ajeita a manga e sorri – ampliando as sardas, alargando os olhos. Seu sorriso me lembra o de Garrett, e o de Polly Pinch. Ela é parecida com Polly, principalmente nos olhos e na boca. Talvez ela seja realmente sua mãe.

– Quero te fazer uma surpresa. – Ela salta pela sala de estar até a porta da frente.

Gesticula para eu me apressar. Ahab galopa atrás dela.

– Espera só até conhecê-la – diz ela, jogando-me meu casaco. – Ela é o máximo.

Deixo Ingrid sentar no banco da frente. Ela me diz para onde ir e parece tão adulta que me esqueço de que é só uma criança. Na metade da esburacada Rota 331, pergunto-me se ela tem idade suficiente para sentar na frente. Por baixo do cinto de segurança parece tão pequena que quase paro o carro e a faço pular para o banco de trás. Mas ela abre a janela e grita no vento gelado.

Abro minha janela e coloco o aquecedor no máximo que ele aguenta.

Passamos pela biblioteca, iluminada como um parque de diversões. Depois pelo orfanato escuro e abandonado; pelos muros de pedra que esfarelam; pela estrada de terra na encosta sul do monte Wippamunk.

Paro na entrada de uma grande casa vermelha com fadas de vidro em cada janela. Um refletor na neve ilumina a placa NÃO IRRITE AS FADAS!

– Você acha que sua avó emprestada vai nos ajudar? – pergunto.

– Eu *sei* que minha avó emprestada vai nos ajudar. – Ingrid corre até a porta de entrada.

Quando a alcanço, levanto a aldrava de fada de estanho e a deixo cair. Um instante depois a porta se abre. Uma mulher magra está parada diante de nós.

Usa óculos de proteção. Seu jeans está preso com fita adesiva às botas de operário, e as mangas compridas da camiseta também estão presas com fita nos pulsos ossudos. Há um fio

ligado a protetores auriculares laranja néon pendurado em seu pescoço.

– Ora, olá, meu docinho! – exclama a velha. Ela empurra os óculos para cima e se abaixa para abraçar Ingrid.

Reconheço, por baixo dos cachos brancos e curtos, uma cara quadrada e áspera.

A Bruxa Velha de Economia Doméstica.

Se for humanamente possível, parece ainda mais velha do que me lembro.

A Bruxa Velha é a avó emprestada de Ingrid? Impossível.

Ingrid pula e abraça a Bruxa Velha.

– Oi, Trudy.

A Bruxa Velha belisca a bochecha da menina.

– Como chegou aqui, meu docinho?

– Minha melhor amiga, Zell, me trouxe.

A Bruxa Velha endireita-se em toda a sua altura, uns doze centímetros a mais do que eu.

Põe as mãos no quadril e me olha de cima a baixo. Anos atrás, seus olhos malignos avaliavam desdenhosamente minhas panquecas meio cruas. Seu nariz irascível farejava minhas bolachas de gengibre não muito condimentadas. Suas mãos nodosas varriam farelos insistentes de minha mesa.

Ela joga os ombros para trás e parece crescer mais dois centímetros.

– Rose-Ellen Carmichael. Quem diria!

– Agora é Rose-Ellen Roy. Nem acredito que a senhora se lembra de mim. Eu me formei há dezesseis anos.

– Nunca me esqueço de um rosto. Nem de um nome.

– Senhora Chaffin...

– Não era assim que vocês costumavam me chamar, não é?

– O quê? – digo, embora não esteja verdadeiramente surpresa que ela conheça seu apelido. Fico pouco à vontade, como se estivesse de volta ao colégio, de novo na sala oito, de novo no porão. PQP. Meto as mãos nos bolsos e finjo examinar a cerca viva abrigada por telhados

protetores.

– Sei como vocês me chamavam – diz a Bruxa Velha. – E também sei que nem sempre era *bruxa*. – Ela ergue uma sobrancelha e me olha feio.

Ingrid desvia o olhar dela para mim e me pergunto se a palavra puta está no vocabulário de uma menina de nove anos. Talvez. Mas ela não parece entender, ou talvez só não se deixe abalar. Sorri e abraça a mulher com mais força, apertando sua cintura.

Ainda me olhando de cara feia, a Bruxa Velha acaricia o alto da cabeça de Ingrid.

– Você ainda deve me chamar assim quando se encontra com seus amigos do colégio para lembrar os velhos tempos – diz.

Ouçoo um som que nunca ouvi na vida – um som seco e arranhado – e percebo que a Bruxa Velha está rindo. Agora sua expressão se abrandando. Talvez até *brilhe* com alguma coisa.

Gentileza? Compreensão?

Ela estende os braços pela soleira da porta e segura minhas mãos em suas garras frias.

– Sinto muito por sua perda, querida. Nicholas era um bom garoto. Um rapaz de primeira.

Teve um lindo artigo que Dennis escreveu sobre ele no *Wippamunker*. Sei que meu enteado se mudou para a casa ao lado da sua. Eu estava mesmo me perguntando quando é que nos encontraríamos.

Ela me olha – amorosamente? – e acaricia minhas mãos.

– Entre.

Impossível.

Ingrid corre até cozinha, sobe numa banqueta giratória no balcão de café da manhã e roda.

– Enfim – diz a Bruxa Velha –, sente-se e vamos deixar o passado para trás.

Agora você é uma pessoa diferente, vivendo uma vida adulta. E eu também.

Pode me chamar de Trudy.

Suas botas deixam marcas pretas no linóleo. Ela vai ao fogão, onde uma panela solta vapor.

– Que tal um chocolate quente? – Ela o serve em duas canecas decoradas com fadas e as coloca diante de nós.

Ingrid bate as palmas da mão no balcão.

– Trudy, precisamos da sua ajuda em um concurso de culinária.

– Eu não cozinho mais, docinho. Você sabe disso.

Ingrid gesticula como quem diz “lá vem ela de novo”.

Tomo um gole; o chocolate quente tem o gosto de minhas lembranças da aula da Bruxa Velha: granuloso, amanteigado, não amargo demais. Perfeito.

– Você não dá mais aula no colégio? – pergunto.

– Meu bem, por mim aquele lugar pode ir para as cucuias – diz Trudy.

– Então o que faz em sua aposentadoria?

– Cuido de um negócio muito lucrativo, na verdade. Depois que Lew morreu...

– Lew era meu avô – diz Ingrid, rodando na banquetta e fazendo os cabelos voar.

– Depois que Lew morreu, eu precisava fazer alguma coisa – conta Trudy. – Algo diferente.

Algo mais criativo, para variar. Cozinhar é criativo, mas não depois de você ensinar as mesmas receitas a uns arruaceiros... Sem querer ofender... Por trinta anos. Eu queria algo mais criativo. E também, mais... *agressivo*.

– Agressivo?

– Agressivo. – Trudy dá uma piscadela para Ingrid.

– Mostra a ela, Trudy – diz a menina, batendo nas próprias bochechas. – Mostra o celeiro pra Zell.

Trudy nos leva ao celeiro, um anexo de três andares. Ingrid e eu levamos nossas canecas de fada pela cozinha e pela sala de jantar, passando por um jardim de inverno. As fadas ocupam cada espaço disponível. Fadas de cerâmica. Fadas de papel. Fadas de vidro. Placas de fada e material de escritório de fada. Luminárias de fada e penduricalhos de fada. Galheteiros de fada e relógios de fada.

Paramos no corredor, e Trudy abre uma porta.

– Vocês apareceram em boa hora – diz. – Estou prestes a ligar meus bebês e começar um novo projeto.

Ela acende interruptores que parecem industriais. Diante de nós, o celeiro se ilumina como um

campo de futebol. O piso de lajotas de cimento pode comportar tranquilamente oito carros, talvez dez. Vassouras e escadas de alturas variadas estão encostadas às paredes.

Pedaços de madeira enchem lixeiras de metal. Centenas de latas de tinta spray tomam as prateleiras.

Para onde se olhe, há troncos de árvore altos e largos, sem a casca. Alguns são retos e lisos. Outros parecem criaturas. Um golfinho fazendo malabarismo com pequenas varetas vermelhas. Um coioote andando de skate. Uma águia de tênis verde lendo um livro.

Ingrid cruza as mãos às costas e anda pelos corredores. Admira cada criatura de madeira como se fosse uma inestimável relíquia de museu.

– *A Família de esquiadores?* – pergunto. Acaricio o bico de um cardeal gigante com uma luva de beisebol encaixada na ponta da asa. – No alojamento ao pé do monte Wippamunk?

Foi você? Você é a escultora? Soube que tinha sido um ex-professor, mas não sabia que era você. – Logo toda a cidade vai saber disso, porque Dennis está fazendo um perfil sobre mim – diz Trudy. – Já faz algum tempo que ele anda me perseguindo, querendo uma entrevista, mas eu rejeitava. Acho que não tinha certeza se meu trabalho era realmente digno do jornal. Mas ele acabou me convencendo.

Trudy aperta os cadarços das botas.

– Esta águia é para a nova escola primária que estão construindo em Princeton. Gosto de ficar com elas aqui por uma ou duas semanas depois que estão concluídas, assim posso dar retoques ao acabamento. Sou perfeccionista, como você deve se lembrar, Rose-Ellen. Este é Johnny Appleseed. – Ela aponta a imagem desengonçada de um jovem com um ar de vagabundo, roupas remendadas e sementes nas mãos em concha. – Fiz para o Clube de História Leonminster. Johnny Appleseed fundou o Leonminster. E este é para o Aquário de Worcester. – Ela aponta um pinguim-imperador saindo de uma onda do mar, carregando uma bola de praia.

– Você sem dúvida é bem eclética – digo.

– Prefiro diversificar. Afinal, quanto mais você gosta, mais feliz é. Eu mesma faço a pintura. – Ela alisa a fita adesiva em volta dos pulsos. – As esculturas para exterior têm tratamento para proteger da ação climática. As interiores, apenas uma camada de proteção contra todas as mãozinhas carinhosas que aparecem para acariciar. E só uso madeira naturalmente caída. Não quero os ambientalistas atrás de mim.

Num canto mais distante, um encerado azul cobre algo que tem pelo menos três metros de altura. Trudy percebe que estou olhando.

– É uma obra em que estou trabalhando – explica. – Uma encomenda surpresa muito especial e

importante em que estou trabalhando. É ultrassecreta.

Ingrid bebe um pouco do chocolate quente e estala os lábios.

– Conta pra gente o que é, Trudy. O projeto secreto.

– Não posso, docinho. Vai descobrir quando chegar a hora. Por acaso, esta noite estou trabalhando em algo diferente. Algo mais urgente. – Ela abre um livro de páginas acetinadas na fotografia de um lince. – Era isso que eu estava prestes a fazer quando a campainha tocou.

Têm meia hora?

– Temos – responde Ingrid.

Ponho nossas canecas numa prateleira enquanto a menina pega em uma caixa dois pares de óculos de proteção. Coloca um par na própria cabeça, o outro na minha, e me leva para a porta do celeiro, por onde entramos. Sentamos lado a lado no chão de concreto.

Trudy se ajoelha ao lado de outro encerado, embaixo do qual se destaca uma fila arrumada de objetos. No estilo toureiro, tira o encerado.

Motosserras, arrumadas da menor para a maior. Ao todo, doze.

– A serra maior é para as formas básicas: uma cabeça aqui, os pés ali. – Ela recoloca os óculos e os protetores auriculares. – As menores são para os detalhes. Penas, dentes e assim por diante. – Escolhe a motosserra maior, levanta-se e recua o cotovelo. A serra geme e gorgoleja. O cheiro de gasolina enche o celeiro.

Ajeito meus óculos.

– Espere um segundo! – grito. – Você vai entalhar esse tronco enorme – aponto um tronco liso colocado de pé no chão – para ficar como esse lince – aponto o livro, agora aberto numa mesa – com *motosserras*?

Trudy sorri, revelando a dentadura amarelada. Lança a serra barulhenta ao alto.

– Querida – grita –, macaco gosta de banana?

Ela se abaixa para o tronco liso, e os dentes trituradores da lâmina afundam na madeira.

Circula o tronco, cravando a lâmina ali, tirando, cravando de novo em local diferente. Voam nacos de madeira. Nacos grandes. Pedacos pequenos. Outros grandes. Mais nacos pequenos.

Voam seis, nove metros no ar. Um bate nas vigas do teto e cai perto de meu pé.

Ingrid o pega e o agita no alto.

– Urruuuuu!

Uma por uma, Trudy liga as outras motosserras até que todas estão gemendo a seus pés.

Alterna entre uma e outra. Serragem se acumula em volta do tronco. O lince toma forma, exatamente como Trudy descreveu: uma cabeça aqui, os pés ali.

Metade de um rabo. O tronco baixo e longo. O pelo da cara voltado para trás.

Orelhas peludas. Olhos inteligentes. Dentes ferozes. Garras grossas em patas grandes. Depois ela cria um pequeno esqui embaixo de cada pata, um capacete no estilo solidéu entre suas orelhas e um cachecol ondulante. O lince parece descer a encosta de uma montanha, impávido como um raio.

Por fim, Trudy se vira para nós. Está meio suada. Mostra o polegar para cima e, uma por uma, desliga as motosserras. Escolhe dez latas nas prateleiras, aninha todas nos braços e as deposita no chão. Enquanto borrifava, o cheiro no ar muda de gasolina para tinta em aerossol.

Ela agita os braços. Aparece o pelo marrom-avermelhado. Manchas e riscos pretos. O nariz rosado. Bigodes pretos. Dentes quase brancos. Apesar de seus acessórios, o lince de esqui parece tão real que quase espero que rosne, ronrone ou lamba a pata.

Ingrid explode em aplausos e uivos.

– Trudy, isso é animal, animal mesmo!

– Concordo. – Ela ri e espana a serragem das roupas com uma grande escova para poeira.

Recoloco os óculos de proteção na caixa.

– Mas como você...

– Como eu passei da Você-Sabe-o-Quê Velha de Economia Doméstica para toda essa bobagem? – Ela ri mais uma vez, agora um riso rouco e intermitente.

Limpa a serragem do cabelo branco cacheado. – É uma história e tanto.

Nós a seguimos enquanto apaga as luzes e fecha a porta do celeiro.

– Eu estava limpando o galpão na primavera depois que Lew morreu – disse –, e viessa motosserra Husqvarna pendurada na parede.

– Trudy, posso ir ao banheiro? – Ingrid cruza as pernas e pula. – Chocolate quente demais.

– Não precisa pedir. Vá, vá. – Trudy finge chutar o traseiro de Ingrid, que vai saltitando pelo corredor até o banheiro.

– Enfim, quase deixei de lado aquela motosserra velha. Ia vender na feira anual da cidade.

Mas... não sei o que deu em mim... Puxei o cabo e liguei essa Husqvarna. Foi a primeira vez que *segurei* uma motosserra, que dirá usar. A coisa era rebelde.

Sacudiu meu corpo todo, zunia até em meus ossos.

Ingrid sai correndo do banheiro, mas Trudy a faz voltar.

– Lave as mãos. Com sabonete. Pelo tempo que durar “Parabéns pra você”.

Mas então – prossegue –, atrás do galpão tinha um tronco velho e alto. Fui até ele. Ataquei com a motosserra. E quando vi... Bom, não seria melhor *mostrar*?

Ingrid volta do banheiro de novo. Enxuga as mãos no jeans.

– Não quero sujar sua toalha bonita de fada.

– Tá tudo bem, Docinho – diz Trudy. – Vista o casaco. Quero mostrar uma coisa pra vocês lá fora.

Nós nos agasalhamos e seguimos o caminho sem neve até o galpão. A lua brilha nas árvores cobertas de gelo. Ingrid cantarola “Parabéns pra você”.

Atrás do galpão, Trudy aponta uma pequena lanterna para o tronco de árvore coberto de neve. Espana a neve, revelando a forma de prédios que se inclinam como em quadrinhos, ainda na cor natural da madeira.

– *Voilà!* – exclama. – A silhueta de Boston, vista bem daqui, por um binóculo antigo de observação de pássaros que Lew guardava no galpão. A minha vida toda olhei esses prédios nos dias claros. Tenho certeza de que você também.

Ali eu fiquei, com minha motosserra roncando na mão. Dei uma longa espiada no Prudential e o entalhei na madeira. Depois olhei longamente o antigo edifício John Hancock e o entalhei. Quando me dei conta, tinha usado a motosserra no que qualquer morador da Nova Inglaterra digno de seu nome...

até do Maine, que não consegue se lembrar da última vez que saiu do estado...

reconheceria como Boston.

Numa porcaria de tronco de árvore.

– Puxa vida! – Passo as luvas pelos prédios. Trudy diz os nomes enquanto eu os acaricio.

– One Financial. Custom House Tower. É. Estão todos aí. Até a placa do Citgo. Está vendo?

É claro que são rústicos. Certamente não são tão refinados como o trabalho que produzo agora. Mas não ficaram ruins, para uma primeira tentativa.

Ingrid vai até a cerca de tela fina que envolve uma construção baixa com uma porta pequena.

– Trudy, cadê as cabras?

– Estão todas aí dentro, docinho. Se protegendo do frio. Mas então... – Trudy coloca a lanterna no bolso e voltamos para a casa sob a luz do luar. Ingrid fica para trás. Estala a língua e tenta atrair as cabras para fora da casinha. – foi assim que descobri meu... talento muito latente e incomum – diz Trudy.

Preciso me equilibrar em um trecho de gelo.

– Tá brincando!

– Não. Não estou brincando. O estranho é que não consigo me lembrar de Lew usando aquela motosserra. Nunca. Ora, talvez ele tenha usado quando era mais novo, antes de eu o conhecer, quando a mãe de Garrett ainda estava viva. Mas é quase como se aquela motosserra estivesse pendurada ali todos aqueles anos, só esperando que eu aparecesse e a usasse. Ei, quer levar para casa um pouco de queijo de cabra? Eu mesma fiz. É delicioso. Acabo de receber meu certificado de orgânico.

– Ah, não. Mas obrigada.

– Vou colocar num saquinho de presente para você. Ingrid? Deixe as cabras em paz. Venha agora.

– Só um minuto – diz.

De volta à cozinha, Trudy embrulha um pouco de queijo de cabra.

– Trudy – digo –, eu simplesmente não acredito que você é...

– Tão diferente da Puta Velha da Economia Doméstica? – Ela me entrega o saco de papel com estampa de fadas surpreendentemente pesado. Prendendo o saco, há uma fada de queixo pontudo, expressão tristonha, um prendedor feito de arame. Admiro por um momento, tiro do saco e o guardo no bolso. – Não sou mais aquela mulher, como eu disse. O tempo muda uma pessoa, Rose-Ellen. A tragédia também.

Penso na primeira vez que alguém disse essa palavra – “tragédia” – na minha presença, desde

A Viagem. Espero que ela diga mais alguma coisa – sobre como a tragédia me mudará –, mas em vez disso ela assente e fala: – Guarde no freezer. Vai durar mais tempo.

Ingrid vem para dentro com os olhos brilhando e o rosto vermelho.

– Gosto das cabras – diz ela. – Gosto da barba, de ver que fazem cocô e comem ao mesmo tempo.

– Eu também gosto delas – diz Trudy, e sei, por sua expressão, que ela contém o riso. Dá um beijo na testa de Ingrid. – Ei, onde está seu gorro velho?

– Ah. – Ingrid estende os braços enquanto Trudy fecha o zíper de seu casaco até o queixo.

– Eu perdi.

– Então vamos te arrumar outro.

– Não quero outro. Quero o velho. Era da minha mãe.

Trudy me olha.

– Sua mãe, é? – pergunta.

– É.

– Então você vai andar por aí sem gorro?

– Vou.

– Você é quem sabe. Obrigada pela visita.

– Trudy, e o concurso de culinária? – pergunta Ingrid.

– Vou colocar meu chapéu de pensar, docinho.

Ingrid enterra a cara nas roupas sujas de serragem de Trudy.

– Te amo e te adoro – diz.

– Te amo e te adoro – repete Trudy com um sorriso um tanto triste.

Tiro o carro da entrada da garagem. Trudy acena da sala de estar, através de um grupo de fadas coristas na janela.

Ingrid pendura o corpo todo na janela do carona e acena com os dois braços.

– Boa sorte com seu projeto ultrassecreto!

Abro a janela também, aumento o aquecedor e uivamos na volta pela Rota 331, retornando ao centro da cidade. Pego a estrada rápido demais. Meu estômago gira na garganta, então diminuo a velocidade. Ingrid me pede para acelerar, mas digo que não é seguro.

Passamos pela igreja Príncipe da Paz, onde tenho um vislumbre do padre Chet na janela da sacristia do segundo andar, sua pele escura em contraste com a parede branca atrás. Meu coração faz uma dança louca. Batidas aceleradas, depois batida nenhuma.

Pode ser uma doença, mas admito: de certo modo gosto disso, dessa sensação de suspensão, de que algo desconhecido – uma força, um espírito – segura meu coração e não o deixa bater, não o deixa seguir, pelo menos por um tempinho.

EJ

EJ está recolocando o descafeinado de amêndoa na cafeteira quando France manobra a viatura atrás do furgão da Muffinry e estaciona. Sabe que ela detesta aquela piada sobre policiais andarem por lojas de donuts e, embora a Muffinry não seja uma loja de donuts, chega perto. Sobretudo agora que EJ

serve sonhos. Por isso, ela sempre estaciona atrás do prédio, fora de vista da Main Street.

– Oi, Eege – ela cumprimenta, passando pela porta dos fundos. Serve-se de uma xícara de café comum e senta num saco de farinha.

– France? – diz ele, o que significa “oi”.

– Tem s’mores hoje?

– Só na cobertura de muffin.

– Vou querer um.

– É pra já – diz Travis atrás da caixa registradora. Ele tira um guardanapo de uma caixa, com uma pinça pega o muffin com a cobertura mais caprichada e joga como um Frisbee a France.

Ela o apanha com uma só mão e dá uma enorme dentada no suculento bolinho.

– Hummm. Que delícia, Silo! – diz ela com a boca cheia.

O apelido – Silo – faz EJ congelar; pode ser a primeira vez que alguém o chama assim desde A Viagem. Ele liga a cafeteira e aprecia seu barulho borbulhante.

– Ei – diz France. Ela está de pé ao lado dele, que sente o cheiro de marshmallows e bolachas em seu hálito. – Quero conversar com você sobre uma coisa.

Ele passa os olhos pela Muffinry. Três senhoras bebem café perto da janela, mas, de resto, o lugar está vazio.

– Sobre o quê? – Ele vai ao café de caramelo amanteigado, bate o reservatório na lixeira, coloca um filtro novo.

Ela passa ao lado dele para dar espaço.

– Nick.

EJ está prestes a abrir o saco prateado de café quando ela pronuncia esse nome. Ele para com o saquinho entre os dedos.

– O que tem ele?

France esconde os lábios ressecados no copo de café.

– Sinto que a gente devia fazer alguma coisa. Publicamente.

Ele abre o saquinho, despeja o café, coloca na máquina.

– Porque... – diz ela – ...você sabe. Nunca foi feito nada.

Ele liga a cafeteira.

– Do que você está falando?

Ela olha para Travis; está recurvado sobre o balcão, mexendo em seu BlackBerry.

– Encerramento – diz ela.

– Encerramento? – repete EJ.

– É. Um encerramento, pelamordedeus. Não entende?

Ele abre a boca para responder, mas o sino da Muffinry toca e entram seis pessoas. Duas mães trazendo quatro filhos. Travis guarda o BlackBerry no bolso.

– EJ, por favor. Ei – diz ele.

EJ suspira. Completa o copo de France, encaixa uma tampa nele e lhe entrega.

– Está de serviço esta noite? – pergunta ele.

– Não.

– Então apareça. E com roupas quentes.

Nick 4 de novembro de 2006

De:

nicholas.roy@thewippamunker.com Para: rose-ellen@roymedicalillustration.com Oi, Chef ona, Hoje tirei fotos do Russ e do padre Chet com vários caras de Nova Orleans enquanto eles reconstruíam um altar em uma igreja daqui.

Uma hora, baixei a câmera para tomar um gole de água e, quando vi, o padre Chet colocava um martelo na minha mão. Eu disse que não sabia o que fazer, mas ele me mostrou. Eu não tinha certeza se devia ajudar. Quer dizer, este não é meu lugar. Mas quando olhei pro Dennis, ele sorriu e deu de ombros.

Então, passei uma ou duas horas aprendendo com o padre Chet. Alguns daqueles caras podem martelar um prego em uma ou duas batidas. No final do dia eu ainda levava quatro ou cinco, mas sem dúvida tinha melhorado. Nunca tinha notado como é gratificante construir coisas com as próprias mãos. Ainda mais junto com outras pessoas. E

também nunca dei valor pra habilidade necessária nesse tipo de trabalho. É

incrível ver os resultados que conseguimos e com que rapidez os alcançamos quando estamos todos unidos.

O comandante Kent machucou as costas de manhã cedo, então fui com a pastora Sheila à biblioteca para ajudar a arrumar os livros. A pastora recebeu milhares de livros em caixas. (Dennis escreveu sobre essa remessa, lembra?) Os livros foram doados pelas pessoas que iam à biblioteca de Wippamunk; a daqui estava totalmente acabada. Eles perderam tudo. Na verdade, não tem nenhuma biblioteca pública aberta em Nova Orleans, segundo disse a pastora Sheila. Mas agora esta biblioteca tem uma sessão infantil que é maior e melhor do que antes do furacão, antes da enchente, graças aos bibliotecários, à pastora Sheila e à boa gente de Wippamunk.

Quando o chefe voltou, disse que foi bonito ver todas as crianças ali e contou que um garoto sentou no colo dele e o ouviu, sem se mexer, ler um mesmo livro, tipo umas trinta vezes.

EJ foi de carro ao centro turístico para pegar café com aquela garota, a Charlene. Ele está totalmente apaixonado por ela. Ela é uma graça mesmo.

Fico pensando se vai se tornar uma relação de longa distância ou coisa assim.

É sério: ele tá caidinho por ela.

Enfim, Charlene nos deu café de graça junto com aqueles donuts cajun que fazem por aqui e são uma delícia. Eles colocam a Bruxa Velha no chinelo.

Você se lembra dela??!! Lembra da história do Russ, quando ele pegou todo o feltro rosa da mesa de costura de uma menina e fez uma piroca com um saco grande, encheu de algodão e o pôs de pé na mesa da sra. Chaffin? Lembra como a Bruxa Velha ADORAVA o EJ??? Mas então, agora tô divagando...

France plantou flores na frente da nova placa da igreja, e todo carro que passava buzina e acenava, e eles gritavam um agradecimento pela janela. E

aí a France mostrava pra eles o sinal da paz , e eles buz inavam ainda mais.

Agora estou muito cansado, mas é um cansaço bom.

E então, tem notícias do ultrassom? Você não devia se preocupar com o mural da Gail agora, porque erguer os braços para pintar deve provocar alguma pressão em seu coração. Talvez você não deva fazer essas coisas extras, pelo menos até saber o que está acontecendo com sua bombinha. Só uma ideia. Gail pode esperar, sabia?

Tenha doces sonhos.

De Nova Orleans, Nick 4

Zell “Shoulda been me”, canta Gladys. “You know that it shoulda been me.”

Subi em minha banqueta e analisei meu mais recente projeto: OSSOS da mão esquerda, vista anterior. Escolhi o lápis com o rótulo BRANCO OSSO, número 081, das latinhas inclinadas.

Meu telefone toca. Desenho e cantarolo com Gladys enquanto a secretária eletrônica atende. Uma voz berra do andar de baixo: “Este é um recado para Rose-Ellen Roy. Aqui é Joan, do consultório da dra. Carrie Fung. Estamos tentando entrar em contato com você há algum tempo – há *bastante* tempo – e deixamos... *inúmeros* recados no *ano passado* dizendo que é...”.

Curvo-me, tiro o fone do receptor e o recoloco. Volto a minhas falanges segmentadas.

Meio que espero Joan telefonar de novo, mas ela não liga.

Desenho durante a manhã toda e paro para almoçar com Russ. Nesta sexta, ele traz uma pizza pequena de queijo da Orbit – a melhor e mais gordurosa pizza de todo o estado. Minha fatia murcha e pinga óleo quando a levanto da caixa.

Russ dá a Ahab um punhado de peru fatiado. Ele devora tudo.

Antes de voltar ao escritório, amarro o avental camuflado de Nick porque, de certo modo, isso me reconforta. De volta ao andar de cima, recoloco Gladys.

No final da tarde, meus ossos do dedo se estendem como uma planta espinhosa do deserto, como um inseto pré-histórico.

Enfim escolho PRETO SIMPLES – número 003 – e assino minhas iniciais no canto inferior direito.

Borrifo o papel e deixo secar.

Aproximo-me do toca-discos, pronta para afastar a agulha de Gladys, quando o telefone toca

de novo. Penso em atender antes que a secretária pegue, mas, em vez disso, espero e escuto. É minha irmã.

– O-iii, Ze-eell, por onde tem andado? – pergunta Gail. – Por que não aparece no fim de semana? Já faz muito tempo que você não vem. Sentimos sua falta.

Tasha anda perguntando pelo Ahab. Tasha, vem dizer *oi* ao Ahab.

– Abe-abb!

– Diga *oi* para a tia Zell também.

– Abe-abb!

– Enfim, apareça uma hora dessas. E traga uns muffins da Muffinry. Que tal meia dúzia de mirtilo e farelo de trigo para o freezer da mamãe e do papai?

Mirtilo porque a mãe gosta dos antioxidantes, e farelo porque o pai gosta da fibra. E, olha, não importa se você não terminar o... Escuta só. Queremos ver você. Não se preocupe com o banheiro. Nem mesmo *pense* no banh... Biiiiip.

– Gail fala tanto que a secretária eletrônica a interrompe. Espero um segundo, mas ela não liga de novo.

Pego a mão de plástico de Hank. Estudo a ponta de seus dedos, os ossos nodosos e granulados do pulso. Imagino a casa de Gail próxima à pista de esqui – o telhado de estanho vermelho e triangular, a hidromassagem para doze pessoas no deque que cerca toda a casa.

Fica na metade da trilha Sachen, na montanha Okemo, em um bosque de pinheiros. Meus pais também moram lá.

Com cuidado, mentalmente, entro na casa. Digo “viva!” para o marido de Gail, Terry. Ele é baixo e britânico, e seu hálito sempre cheira a aspargo. Em minha mente, ele se espreguiça no sofá na frente do fogo barulhento na lareira de pedra. Em seu peito, Tasha dorme e baba.

Imagino Terry respondendo baixinho “viva!” por cima da cabeça de Tasha, mostrando-me a versão britânica do dedo médio: indicador e terceiro dedos num V estreito, de dorso para mim, como um sinal da paz invertido.

Mentalmente, passo por Terry. Deslizo pela cozinha de aço inox reluzente, ando pelo corredor. Abro a porta que leva ao banheiro de hóspedes de Gail.

Admiro sua privada de três mil dólares, que parece uma chapeleira alta.

Colado na lateral do armário, um envelope. Dentro dele, uma fotografia, tirada por Nick, das

montanhas na primeira fase do degelo, com rochedos e sempre-vivas reluzentes. Na frente das sempre-vivas posam quatro pessoas, exaustas e felizes como cães de trenó.

Quem eram? Quando estiveram ali?

Volto ao tempo real, ao lugar real, enquanto Ahab anda de lado até mim daquele jeito silencioso e espectral dos galgos. Lambe o calcanhar de Hank.

Dobro os dedos de Hank para baixo, e, assim, só o dedo médio se destaca.

– Arriba! – digo na Voz de Ahab.

Rio da minha própria piada. Mas, com a mesma facilidade com que o riso borbulha, as lágrimas incham. E um segundo depois rolam pelo meu rosto, depois não consigo parar: choro tanto quanto chorei quando soube que Nick tinha morrido. Não tenho ideia do que incita o choro. Ele simplesmente *vem*. E

quem diz que levamos um ano para nos recuperar da morte de um cônjuge é mais louco do que eu.

Saco.

Agarro o toca-discos no peito. Ahab me segue pela casa toda. Não posso ficar no escritório, onde Hank está pendurado, onde meu globo ocular gigante me olha ao lado do meu velho coração. Não posso ficar no quarto, com os móveis que Nick catou no lixo. A cozinha não serve, porque posso ver o monte Wippamunk emoldurado pela janela, todo iluminado, os esquiadores – uns pontinhos que pulam de um lado a outro. Não pode ser a sala de estar, porque a cerâmica do pai de Nick – vasos e tigelas, pratos decorados, bules e xícaras de chá – toma as prateleiras.

Assim, volto ao pequeno banheiro embaixo da escada. O lavabo, como Nick o chamava.

Enxoto Ahab, porque o cômodo tem o tamanho de um armário e nós dois não cabemos ali dentro. Ele pisca para mim com muita tristeza enquanto fecho a porta entre nós.

Equilibro o toca-discos na pia. Toco Gladys e os rapazes. Desabo na tampa da privada e me apoio na parede.

A acústica aqui é incrível. Os violinos crescem, o idiofone parece um coração batendo, e Gladys suplica. Ela só precisa de tempo. Talvez mil anos.

Anos atrás, pinteí um mural aqui. É de Ahab, de quando ele era um jovem Capitão robusto. Capturei-o em plena passada, as quatro pernas metidas abaixo do corpo. Um torpedo peludo. A fotografia que serviu de modelo – tirada por Nick, é claro – está pendurada em uma moldura acima da pia.

Ahab tinha apenas dois anos quando o adotamos. O abrigo resgatou-o diretamente de uma pista de corrida em Connecticut. Injeções de esteroides o tornaram musculoso, como um super-herói de desenho animado. Seu traseiro e suas coxas eram carecas de tanto ficar deitado em lajes de cimento. Uma cicatriz deixou a base de seu rabo pelada; ficamos sabendo que os tratadores espetam os galgos com agulhões elétricos para gado a fim de ter uma largada mais rápida. Crostas pontilhavam as patas e as pernas de Ahab, pois outros cachorros o mordiam enquanto corriam para o cocho de comida.

Tapa da Memória: a mulher bronzeada e roliça encarregada do abrigo, vestida em um short manchado e coberto de pelos. “Lembrem-se”, disse ela. “Nunca sem a guia. *Nunca*. Se você precisa colocar casaco por causa do frio, então seu galgo também precisa. Vocês terão de ensinar tudo a ele. Como subir e descer escadas. Brincar. Ser afetuoso. Ele nunca viu um aspirador de pó na vida, nem um espelho, nem uma máquina de lavar, nem um...”

“Absurdices”, disse Nick. Ele se ajoelhou ao lado do cachorro e deu uma chave de braço no pescoço de Ahab. Beijou a área plana entre o olho e a orelha de Ahab. “Vamos levar você para sua casa nova, Capitão”, disse.

Ahab o beijou também, um beijo delicado de galgo, mais nariz nervoso do que língua.

“Acho que *isso* é um bom sinal”, disse a mulher do abrigo.

Uma porta bate, jogando-me de volta ao tempo real, ao lugar real.

A porta bate na casa dos Knox, em algum lugar no primeiro andar. A agulha pula no toca-discos, e giro o botão para desligar. Ouço choro. É Ingrid. Ela solta um som digno de pena, como um pombo arrulhando debaixo de uma ponte.

Nunca ouvi Ingrid e Garrett fazendo tanto barulho. Na realidade, nunca prestei atenção.

Eles provavelmente têm um lavabo igual ao meu. Talvez Ingrid esteja bem a meu lado, do outro lado da parede.

Ouço a voz de Garrett, mais abafada do que o choro de Ingrid. Aposto que ele está no corredor, falando com ela através da porta.

– Escute, bubu – diz. – Estou tentando melhorar a nossa vida, indo para a faculdade de direito. E, quando eu acabar, terei um emprego melhor e vamos ter mais dinheiro. Uma vida melhor. Mas, até lá, a vida vai ser *assim*.

– Eu não quero mais dinheiro! – diz Ingrid. – Quero a minha mãe. Tenho o direito de conhecer a minha mãe.

– Polly Pinch é para *mulheres*. Não para meninas.

– Eu odeio você!

O ar parece tinir com seu grito. Depois do tinido, uma longa pausa vazia.

– Você pode cozinhar com a Zell – diz ele.

– *Fazer sobremesa* – corrige ela.

– Cozinhar, fazer sobremesa, o que for. Pode fazer todas as sobremesas que quiser, desde que Zell esteja por perto e desde que ela *queira* participar. Tudo bem? – Garrett diz mais alguma coisa, mas não consigo distinguir as palavras, que saem num murmúrio. Seus passos desaparecem.

Ingrid soluça.

Não sei por quê – nem mesmo penso nisso –, bato o nó dos dedos na parede acima da caixa de descarga, no tronco do Ahab pintado.

Uma batida leve e desanimada me responde.

– Zell? – chama Ingrid.

– Oi. Ingrid? Está aí?

– Tô. – Ela soluça.

Recosto-me na parede e aperto o rosto no peito do Ahab de mentira.

– Você está bem?

– Não.

Ela não diz nada por tanto tempo que me pergunto se não teria saído.

– *Você* está bem? – pergunta ela por fim.

– Chuchu beleza – digo.

– Chuchu o quê?

– Beleza.

– Não sei o que é isso.

– Pois é. Nem eu.

Os passos de Garrett reaparecem.

– Ingrid? – chama. – Está pronta pra ir pra casa da Zell?

Ela não responde.

– Fez o dever? – pergunta ele.

– Fiz. Todinho.

– Ótimo. Então pegue seu pijama, a escova de dentes e vamos. Estou atrasado para meu grupo de estudo.

Instantes depois, eles estão à minha porta. Garrett agradece e parte às pressas.

Ingrid não diz uma palavra. Arrasta-se até a cozinha e se joga numa cadeira.

Não tenho experiência em lidar com as oscilações de humor de uma garotinha.

Não sei o que fazer, nem o que dizer. Devo deixá-la sozinha? Ou ficar sozinha é a última coisa de que ela precisa?

– Hora de fazer uma sobremesa? – pergunto.

Ela examina as mãos, pousadas no colo, e assente.

Sento-me de frente para ela.

– Qual é seu doce favorito?

Nenhuma resposta.

– Vamos lá! – digo. – Você não tem uma sobremesa favorita?

– Bom, eu gosto de sorvete de hortelã.

– Hummm. – Não tenho hortelã, nem sorvete. Mas tenho bengalinhas que sobraram do Natal, a pastora Sheila me deu, junto com folhetos sobre a superação da perda. E tenho creme de leite leve, que às vezes uso para misturar no café. Creme de leite leve certamente não é sorvete, mas é da mesma família, não é?

Pego mais ou menos vinte bengalinhas no armário e o creme na geladeira, arrumo tudo na mesa.

Ingrid observa a arrumação.

– Sonho Cremoso de Hortelã – diz ela. – Acha um bom nome para uma sobremesa?

– Acho. Tem um toque divertido. É até excêntrico.

– Não sei o que isso quer dizer. Mas acho que devemos fazer.

– Legal. Alguma ideia?

Ela puxa da pilha uma bengalinha enrolada em celofane, joga no chão e pisa.

– Primeiro passo – diz. – Esmagar as bengalinhas.

Segue-se um frenesi de esmagar bengalinhas. Ingrid joga todas no chão e dançamos, segurando nos pulsos uma da outra e rodando. A cozinha se enche de pisadas e amassados.

– Que demais! – grita Ingrid, jogando a cabeça para trás. – Aaah! Vem com a gente, Capitão! – Ahab entra para nos olhar. Recosta-se no batente da porta, ao estilo galgo.

– Segundo passo – digo, abaixando-me para recolher as bengalinhas. – Abrir as embalagens e jogar o conteúdo em uma panela.

– Numa panela? – Ela sobe em uma banqueta, e sacudimos os pequenos pedaços pulverizados de doce em uma panela pequena.

– Esquentamos junto com o creme de leite leve – digo. – E, quando esfriar, ficará tipo, não sei... *Crème brûlée* sem ovos. Ou coisa assim.

– Tudo bem, tá legal. – Ingrid chupa um caco de bengalinha. – Já entendi.

Despejo um pouco do creme, coloco uma colher na mão ansiosa da menina e acendo o fogo. Ficamos algum tempo recurvadas sobre o fogão, sem falar muito, só olhando os pontinhos vermelhos e brancos girar no creme enquanto o aroma de menta limpa nossos seios nasais. Quando a mistura começa a borbulhar, abaixo o fogo.

– Está líquido demais – digo. – Não queremos uma *bebida*. Precisa ficar mais grosso.

– Mais grosso? – Ingrid mexe a mistura com as duas mãos no cabo da colher. – Põe um pouco de farinha.

– Acha mesmo?

– Sei lá. A adulta aqui é você, Zell.

Uma ideia apavorante.

– Bom, vamos experimentar. – Despejo um pouco de farinha, e também açúcar, enquanto ela

mexe.

– Que interessante – ela comenta. Depois de vários minutos mexendo, decidimos tirar a mistura da panela e deixar esfriar.

Seguro o cabo da panela e aponto duas tigelas de cereais.

– Você devia ter ramequins – diz Ingrid enquanto sirvo.

– O que quins?

– Parecem tigelinhas redondas.

– É mesmo? Nem acredito que você entende dessas coisas.

– Pode ser que eu ainda não entenda de *tudo*, mas sei muita coisa.

A mistura é fina e granulosa. Levo as tigelas para a mesa e nos sentamos, esperando que o Sonho Cremoso de Hortelã fique pronto. Ahab pousa o queixo em meu colo, e acaricio suas orelhas.

– Quer provar? – pergunto por fim.

Ingrid baixa o rosto até a tigela e respira, torcendo o nariz. Depois, mergulha o dedo mínimo na gororoba branco-rosada e chupa.

– Hummm – geme ela. – Tem textura de cola. Cola *gostosa*. Mas ainda assim cola.

– Cola gostosa não vai servir, Ingrid. – Mexo em uma de suas tranças e suspiro.

– Voltamos à prancheta?

– Infelizmente sim. – Mas não estou tão decepcionada com a experiência fracassada. Estou feliz porque Ingrid não está mais chateada e triste.

Ela afasta a tigela.

– O Sonho Cremoso de Hortelã é natalino demais mesmo.

– Bom argumento. Não queremos nada festivo.

– E queremos... O quê, exatamente?

– Universal.

– Exatamente. – Ela se levanta e põe as tigelas na pia. – Universal.

– Quer levar Ahab até o campo?

As orelhas dele empinam quando ouvem seu nome, e ele olha para mim com expectativa, virando a cabeça de lado.

– Sim, companheiro – diz Ingrid, girando em torno dele. – Içar velas!

E mais tarde, no campo, Ahab corre e galopa, gira e dispara. Quase parece que está dando um espetáculo para a menina. Quase parece que ele sabe.

EJ

France telefona e diz que Dennis também virá. Assim, EJ arrasta duas cadeiras de jardim de dentro do galpão. Da última vez que as usou era verão, quando foi com o furgão da Muffinry até a praça da cidade para ver os fogos de artifício. O primeiro Quatro de Julho em muito tempo sem Nick.

Agora EJ coloca uma cadeira de jardim de cada lado do banco e arrasta uma caixa de cerveja do galpão. Seu celular apita, e ele o tira do bolso do macacão, abre e vê uma mensagem de Charlene: “oi, lindo, como vc ta?”.

“oi, linda, bem, noite linda aqui”, digita EJ. Ele acha que a resposta é boa, um tanto romântica – até sedutora –, mas não sugestiva demais.

“aqui tb, vou ao bar c/amigos, falamos amanhã”, é a resposta dela.

“divirta-se”, EJ tecla. Ele se pergunta como seriam os amigos dela. Pensa se ela é do tipo de mulher que se sentaria com ele na maioria das noites da semana, na maioria das semanas do ano, na frente de uma fogueira, tomando cerveja e ouvindo os sons da noite e o crepitar da lenha no fogo.

Dennis chega, arrastando sua lata-velha pela entrada de carros. EJ o cumprimenta com um abraço de um braço só.

– Tem um exemplar do jornal desta semana? – pergunta EJ. – O meu não foi entregue.

– Se eu tenho um exemplar do jornal desta semana? – repete Dennis. – Francamente. – Ele abre a porta do carona, e vários jornais se derramam no calçamento. – De quantos você precisa?

– Só um. – EJ abre uma cerveja e entrega a Dennis enquanto ele lhe passa o *Wippamunker*.

– Quentinho das rotativas – diz Dennis.

– Fresquinha do iglu – diz EJ sobre a cerveja, que na maior parte do inverno ele guarda no galpão.

Eles batem as latas e bebem; EJ nota uns pedacinhos de gelo em sua língua enquanto engole.

France estaciona e desce do carro.

– Dá uma cerveja aí – pede.

Todos sentam – EJ no banco, France e Dennis ao seu lado, nas cadeiras de jardim.

– Aquela é a casa do pai do Nick? – pergunta France. Ela olha para além da fogueira e do lago, onde quase todas as janelas da casa pequena do sr. Roy brilham amarelas.

– É – diz EJ. – E lá vai ele, descendo pro porão. – Na janela quadrada e pequena pouco acima da terra, passam o corpo e a cabeça do homem.

– Ele ainda tem aquela oficina lá embaixo? – pergunta ela. – De cerâmica?

– Imagino que sim – diz EJ.

O fogo estala e chia. Eles ficam em silêncio por um tempo, olhando os quadrados amarelos do outro lado do lago. EJ lembra-se de estar na oficina do porão do sr. Roy numa tarde, depois de andar de trenó. O sr. Roy se ofereceu para ensinar a ele, Nick, Zell e France a centralizar argila na roda de oleiro.

– Quem quer experimentar? – perguntou. – EJ?

– Eu, não. – Ele se sentia intimidado com o talento artístico do homem, embora o pai de Nick fosse muito humilde; para o sr. Roy, esse era o momento de ensinar, não de se exhibir.

France virou a cara; nunca se prontificava a fazer nada.

Zell levantou a mão. Ela e Nick sempre foram do tipo artístico.

Ela sentou à roda e mergulhou as mãos no pequeno balde plástico com água.

O sr. Roy puxou uma cadeira.

– Mantenha as mãos inteiramente imóveis – disse – e deixe que a argila gire por baixo delas. Basta deixar que rode até que pare de bambolear, pare de lutar e se encaixe perfeitamente em suas mãos. É assim que você centraliza argila. Não dá pra fazer nada antes de ela estar centralizada.

A argila se mexia e inclinava sob as mãos de Zell, seus dedos se abriam sem parar, pedacinhos de argila voando entre eles. Ela ria de si mesma.

Nick olhava, parecendo pensar que o pai era o sujeito mais legal do mundo.

Então subiu a escada e voltou com a câmera, uma geringonça grande, presa a uma antiga alça de violão com uma estampa maluca. Tirou fotos do pai ensinando a namorada a centralizar argila.

Também tirou fotos de EJ e France abraçados.

Quem sabe onde essas fotografias estão agora? Provavelmente no lixo, como acontece com tantas outras coisas ao longo dos anos. Ou talvez estejam num armário em algum lugar, empilhadas dentro de uma caixa. O que EJ veria se as olhasse hoje? A mesma pessoa, praticamente, exceto pelas tatuagens. Ainda EJ. Ainda o Silo.

Agora estou mais confiante, esta é uma diferença, pensa EJ. Mais gentil também. E, espero, mais interessante. E mais inteligente, sem dúvida nenhuma mais inteligente.

France se levanta, anda até a pilha de lenha e arremessa mais uma na fogueira.

Curva-se para trás, a fim de evitar as faíscas que sobem em turbilhão. Puxa a cadeira de jardim para mais perto do calor e senta.

– Agora vou falar sobre o Nick.

Dennis dá um pigarro e crava as botas na neve.

– Estamos ouvindo. Pode falar.

– Nada nunca foi feito pelo Nick publicamente – diz ela. – O pai dele fez um velório, mas era particular. Só para a família. O que era direito dele. Mas nós, os amigos... e Nick tinha muitos amigos... nunca tivemos nenhum... nenhum...

– Encerramento – diz EJ.

– Isso mesmo. Não quero dizer com isso que o que você escreveu sobre ele no *Wippamunker* não foi um encerramento, porque foi, Dennis.

Dennis assente. Olha a neve entre suas botas.

– É. Mas esse tipo de coisa é diferente.

France descreve em detalhes seu plano de fazer um tributo à vida de Nick. *É*

uma boa ideia, pensa EJ. *É mais do que boa. É perfeita.* Ele fica surpreso ao ver quanto ela pensou no assunto. Isso deve ter ficado em sua cabeça por muito tempo.

– É que eu sinto que nós, a cidade, devíamos dar adeus direito – ela continua.

– Não quero a morte de Nick pairando sobre nós... – Suas mãos vão à boca. – Isto saiu errado, Eege.

Desculpe.

EJ ignora o lapso.

– E a Zell?

– Você falou com a Zell? – pergunta Dennis.

– Não – diz EJ. – Não desde o... Já faz muito tempo.

– Me passa outra cerveja, amigo? – Dennis pede, e EJ lhe joga uma lata.

– Zell precisa participar – diz France.

– Ela não vai querer – argumenta EJ.

– Concordo. – Dennis abre a lata. – Devia, mas não vai querer.

– Ainda assim, vamos fazer – diz France. – E a convidamos.

– Eu te ajudo a organizar – Dennis se oferece. – Direi aos outros também, verei se querem se envolver. A pastora Sheila, o padre Chet, Russ e o comandante Kent. Com certeza todos vão curtir a ideia.

– Vou falar com a Zell – diz EJ, embora provavelmente não o faça, porque não tem certeza se é capaz de encará-la. Ele lhe deixou aquele bilhete na cozinha, um gesto de coragem. Mas ela não respondeu.

– Gostaria que você conversasse com ela – diz France. – Vocês não se falam há muito tempo. Sinto falta de como era. Zell devia estar aqui conosco esta noite. Batendo papo.

Tomando uma cerveja.

EJ fica em silêncio por um momento. Depois concorda: – Eu sei.

– E ele? – France olha mais uma vez para a casa do pai de Nick, do outro lado do lago.

Eles veem o homem subir a escada do porão, carregando uma caixa, e descer novamente de mãos vazias.

– Vou falar com ele também – diz EJ.

– Não o vejo pela cidade há muito tempo – diz Dennis.

– Ele sempre foi assim. – France limpa a boca de dentes tortos com a manga do casaco. – Mesmo antes.

Isso é verdade, pensa EJ. Antes de seus pais se divorciarem, o sr. Roy ia jantar com eles de vez quando e às vezes ia ao bingo no Blue Plate Lounge.

Ele não visitava Nick e Zell, embora eles passassem por sua casa de tempos em tempos. Tirando isso, era um recluso. Assim, fica difícil saber se esse comportamento se intensificou depois da passagem de Nick.

– O que você pode fazer? – EJ arrota, abre outra cerveja, bebe e prende a lata congelante entre as pernas.

France lança um catarro pela língua enrolada. Ele descreve um arco alto quando ela o projeta na direção do fogo.

– Quanta elegância – diz Dennis.

Ela mostra o dedo médio.

EJ pega o *Wippamunker* a seu lado no banco. Na primeira página está uma foto em cores de uma magrela de cabelos brancos. Ela usa óculos de segurança e afunda as lâminas de uma motosserra em um enorme tronco de árvore. PROFESSORA TROCA ASSADEIRAS POR MOTOSSERRA, diz a manchete.

– Ei. – EJ olha mais atentamente a foto. Vira a imagem para o fogo a fim de ter mais luz. – É a sra. Chaffin. A Bruxa Velha de Economia Doméstica.

– Ela ainda é uma figura – diz Dennis. – Acabo de entrevistá-la.

– France, viu isso? – EJ lhe mostra o jornal. – Ela tem uma motosserra. É a Bruxa Velha de Economia Doméstica. Com uma *motosserra*.

Ela sorri.

– Tenho uma confissãozinha a fazer. Fui à casa dela um tempo atrás, num assunto da polícia.

– Na casa da Bruxa Velha?

– No início do inverno, alguém que mora perto da montanha disse ter visto um puma. Bati em algumas portas, só pra dar uma acalmada no pessoal. Quer dizer, não há pumas em Massachusetts faz um século. E, então, uma das portas era daquela casa de fazenda antiga, vermelha e grande, bem na Rota 331.

– Conheço essa. – EJ assente. – Com todas aquelas fadas nas janelas. Ela mora ali?

– Mora. A Bruxa Velha atendeu à porta. Na verdade, ela se lembrou de mim.

Nem acreditei. Ela cria cabras pra fazer queijo, então obviamente estava muito preocupada com o puma. Ela me deu um queijo de cabra. Já provou? É

estranho. Mas então Trudy...

– *Trudy?* – repete EJ.

– É. Trudy me convidou a entrar e me mostrou suas esculturas.

– Esculturas?

– Leia meu artigo, analfabeto! – reclama Dennis.

– Tem outras fotos aí dentro. – France senta-se ao lado de EJ e vira algumas páginas até encontrar a colagem fotográfica feita pelo cara novo, mostrando as esculturas da Bruxa Velha.

– Dá só uma olhada.

– Meu Deus do... – EJ ri. Nas fotos, um peru selvagem marcha com um mosquete embaixo da asa; um boston terrier acende um charuto; uma família de esquiadores se aproxima do teleférico. – “Arte com motosserra prospera para a professora de economia doméstica aposentada Gertrude Chaffin”, diz a legenda.

– Digamos – diz France, voltando para a cadeira – que eu a apresentei.

– Apresentou a quê? – pergunta Dennis.

O sorriso torto de France se estica.

Nick 5 de novembro de 2006

De:

nicholas.roy@thewippamunker.com Para: rose-ellen@roymedicalillustration.com Minha meiga Chef inha, Como tem passado?

Estou meio gripado. Minha garganta está inf lamada, e parece que estou com f ebre. O comandante Kent colocou todos os paramédicos no meu rabo e me f ez tomar duas aspirinas e tirar um cochilo esta tarde. Eu me sinto um f resco, mas quando o comandante diz pra você f az er uma coisa, você f az . Acho que agora melhorei um pouco. Ainda com uma dor de cabeça estranha, mas só isso. Provavelmente é de todo o mof o, poeira e toxinas com que a gente entra em contato na limpeza das casas. Estive f az endo um pouco disso. E também Dennis. Na verdade, não achávamos que f aríamos parte do esf orço quando chegamos aqui. Mas o estranho é que é dif ícil não participar. De qualquer modo, mesmo pondo as máscaras, os óculos de proteção e todos aqueles trajes especiais, ainda f icamos expostos a umas coisas muito pavorosas. Mas não se preocupe. Vou f icar bem.

Sabe o que não tinha percebido? Parece que metade da cidade de Nova Orleans ainda não tem

água, nem eletricidade. Eles querem que as pessoas venham para os bairros turísticos, que estão a todo vapor. Mas você não ouve muito falar sobre a destruição nas outras partes da cidade, porque eles não querem assustar os turistas. Então, ainda está uma bagunça enorme por aqui, e muita gente não sabe disso.

Dennis fala em fazer uma reportagem bem grande sobre esta viagem, tipo uma série em duas, três ou até quatro partes. Ele quer fazer umas impressões imensas de minhas fotografias. Queremos divulgar quanto ainda precisam de ajuda aqui. Eu me sinto muito bem por fazer parte de algo tão importante.

Como está seu coração? Você não falou nada quando te liguei ontem e me esqueci completamente de perguntar, mas você precisa entender que tenho muita coisa em mente. Estive muito ocupado falando com você sobre a visita que fizemos ao Musicians Village. Ah, nem acredito que me esqueci de contar que vi o Brad Pitt. Ele estava visitando o bairro, dirigindo um carrinho de golf e com o filho sentado no banco da frente, do lado dele. Ele é um cara bem bonito mesmo. Até EJ ficou todo: “Nossa. Nem acredito que estou dizendo isso em voz alta, mas o Brad Pitt é bem atraente”.

Teve um cara que convidou o Dennis e eu para visitar o trailer dado a ele pela agência de emergência do governo. Ele e os seis filhos, o irmão, a mulher e os dois filhos deles moram ali. Tipo dez pessoas num trailer pequeno.

Inacreditável. Ele me deixou tirar todas as fotos que eu quisesse, porque disse que o pior da tragédia é pensar que você tem de passar por isso sozinho, e, se contarmos a história dele, o povo de Nova Orleans vai se sentir menos só. Ele disse isso com uma eloquência muito maior do que a minha, mas a essência é essa. Enquanto ele falava, Dennis escrevia como um louco, porque sabia que era uma ótima citação, talvez até o lide da matéria.

Mas e aí, pegou os resultados da ultrassonografia?

Tentarei ligar pra você mais tarde, tá bom?

Te amo.

Nick 5

Zell – A Trudy tá esperando a gente – diz Ingrid, colocando o cinto de segurança.

É uma tarde escura, e dirijo pela Rota 331 imaginando tigelas enfileiradas na bancada da cozinha de Trudy, da menor para a maior, e medidores bem-arrumados junto de uma batedeira elétrica acompanhada de suas peças de metal e plástico. Imagino Trudy usando um avental recém-passado e engomado. Em minha fantasia nós fazemos sobremesas, mas não é como nos tempos da Bruxa Velha de Economia Doméstica. É mais como cozinhar com Polly Pinch – sem estresse, com um ar de espontaneidade, nada convencional.

Metemos os dedos na tigela e os lambemos. Contamos piada. Cantamos músicas de Gladys Knight and the Pips.

Ninguém está nos avaliando, não fazemos prova nem somos vigiadas.

Mas, quando bato a aldrava de fada, ninguém atende. A porta não está trancada, então entramos. A cozinha está imaculada. Uma panela morna de chocolate espera na boca de trás do fogão.

– Truuuuuu-dyyyyyy? – Ingrid chama.

– Olá? – chamo. – Ela deve ter se esquecido que a gente vinha.

Ouvimos uma motosserra gemer. Ingrid sorri – uma expressão maliciosa, que também já vi no rosto de Garrett. Ela pega minha mão e me puxa até o celeiro.

Suas tranças com miçangas batem nas costas.

No corredor, sentimos cheiro de escapamento e aparas de madeira. Quando o gemido da motosserra para, Ingrid bate na porta.

– Olá? – chama Trudy.

– Somos nós, a Ingrid e a Zell.

– Esperem um minutinho. Não entrem ainda. Esperem sóóóóóó um minutinho.

Ouvimos um farfalhar.

– Ela deve estar cobrindo o projeto secreto – cochicha Ingrid.

– Tudo bem – diz enfim Trudy. – Pode entrar, docinho.

Empurro a porta e sigo Ingrid para dentro do celeiro. Trudy passa uma corda pelo encerado azul que esconde o imenso projeto ultrassecreto.

Ingrid corre, mas para quando Trudy ordena: “Sem correr!”, exatamente como a Bruxa Velha.

– Desculpe – diz Ingrid.

– Vem cá – diz Trudy. De volta a ser Trudy. Ajoelha-se e abre os braços. Seus óculos de proteção seguram os cachos de poodle, e os de grau escorregam para a ponta do nariz suado.

– Vem cá, docinho. – Trudy cobre de beijos o rosto lindo e dourado de Ingrid.

– Eu avisei que a gente vinha aqui – diz Ingrid. – Pra fazer sobremesa.

Lembra?

– Não adianta combinar nada comigo, docinho. Eu sou velha!

Trudy cobre as motosserras, e eu a escovo da cabeça aos pés, para tirar a serragem. Vamos para a cozinha e bebemos chocolate quente reaquecido.

Ingrid eu nos sentamos lado a lado nas banquetas; Trudy fica de frente para nós, encostada na bancada.

– E então – diz Trudy –, o que temos?

– Temos um concurso de sobremesas pra vencer – digo.

– E pouco tempo – acrescenta Ingrid.

O prazo final é dez de março, explico; temos de apresentar nossas receitas até essa data, então os juízes escolherão os vencedores depois de um período de espera indeterminado.

Ingrid procura a revista na mochila e a entrega a Trudy, que segura a página especial à distância de um braço, empina o queixo e lê.

– Polly Pinch – ela declara quando termina, devolvendo a revista a Ingrid. – Ela é o novo sucesso, não?

– Ela é minha mãe – diz Ingrid.

Os olhos de Trudy disparam do rosto de Ingrid para o meu. Engulo em seco.

Quero perguntar a Trudy quem realmente é a mãe de Ingrid. Ou era. Ela deve saber. Mas é claro que não pergunto.

Trudy dá de ombros.

– Tudo bem. E?

– E a Zell *precisa* ganhar esse concurso – diz Ingrid.

– E por que isso?

– Porque o marido dela que morreu queria dar vinte mil dólares ao povo de Nova Orleans, para reconstruir as casas deles depois que foram destruídas pela enchente do furacão Katrina.

E se você vencer esse concurso – Ela dá um tapinha na revista –, ganha vinte mil dólares.

Então, é o destino. E depois, Zell também pode levar uma convidada ao programa para

conhecer Polly Pinch, e essa convidada sou eu. Então é tipo duas vezes o destino.

Trudy chupa a dentadura.

– Duas vezes o destino. Entendi.

– Pode nos ajudar? – Ingrid une as mãos como se rezasse.

– Não seria trapaça se eu ajudasse vocês? Afinal, sou uma profissional aposentada.

Ingrid morde o lábio, nervosa, como se não tivesse pensado nisso. Dois riscos de chocolate quente sujam os cantos de sua boca.

– Não é trapaça – digo. – Só estamos procurando alguma orientação. Um pouco de inspiração.

– Meus dias de forno e fogão acabaram, é claro – diz Trudy. – Mas acho que posso dar umas dicas a vocês. E supervisionar. Sou boa em supervisionar. – Dá uma piscadela.

– Até agora nossas experiências não deram muito certo. – Recapitulo todos os nossos fracassos, começando pelo Bolo Invertido de Brownie de Aveia e terminando com nossos mais recentes desastres: o Macaron de Canela do Pecado Nham-Nham, que se provou complicado demais; o Bolo Inglês Pudim de Caramelo, que ficou cru no meio e Russ considerou “convencional demais”

quando servi a ele depois do almoço numa sexta-feira; e os Minimanjares de Lima, tão azedos que fizeram Ingrid contorcer o rosto, e que Russ mais tarde se recusou a comer, proclamando-os “efeminados”.

Trudy passa as mãos no rosto.

– Sobremesas que aquecem a alma. – Ela reflete. – Não sei se sou a pessoa indicada para isso, meninas. Eu posso fazer cookies de manteiga até dormindo.

Uma xícara de manteiga, uma xícara e um terço de açúcar, dois ovos, duas xícaras e meia de farinha de trigo, duas colheres de chá de... – Suspira. – Vejam bem. Professores de economia doméstica aposentados não *inventam* coisas. Eles *seguem*. Receitas, padrões de costura. Gente como eu não *lidera*.

Pelo menos, não quando se trata da cozinha.

– Mas, Trudy – diz Ingrid –, a Zell e eu somos um cocô.

Trudy joga a cabeça para trás e ri. Seus ombros estreitos sobem e descem antes de ela se recompor e repreender mansamente Ingrid pelo “linguajar feio”.

– Vou dizer o que vocês vão fazer – diz Trudy. – Vocês farão o que faria qualquer mulher sensata, determinada e com respeito próprio.

– E o que é? – pergunto.

Ela joga a revista por cima do ombro. A revista flutua e cai feito uma tenda na frente da pia. – Sejam pioneiras – diz ela. – Vocês precisam ser pioneiras.

Ingrid baixa a cabeça. Suas mãos se torcem no colo.

– Mas é isso que estamos fazendo. Estamos sendo pioneiras.

Trudy pega o rosto de Ingrid em suas mãos nodosas.

– *Continuem* assim, meu docinho. Ninguém jamais abriu um caminho desistindo.

– Como assim? – pergunta Ingrid.

– Quero dizer que o único jeito de sair é continuar em frente.

– Não entendi.

– A Zell entendeu – diz Trudy. – A Zell compreende.

O olhar de Ingrid vai de Trudy a mim.

– Você sabe, Zell?

Penso nas palavras de Trudy – “o único jeito de sair é continuar em frente”. A frase parece algo que Yoda diria, ou o sr. Miyagi. Nick poderia ter dito algo assim, de brincadeira, quando eu reclamava de uma tarefa comum – passar o aspirador, levar o lixo para reciclagem.

– Precisamos ir – digo. – Desculpe por termos interrompido você, Trudy.

Ela balança a cabeça.

– Tenho uma escultura pra fazer. Uma encomenda da sorveteria. E adoro uma plateia.

Interessadas?

Ingrid hesita, roendo a unha. Mas logo sua carranca evolui para aquele sorriso malicioso, e ela dá um giro rápido na banquetela. Suas tranças voam em volta da cabeça. Em seguida, caminho novamente atrás da menina enquanto ela pula pelos cômodos da antiga casa de fazenda.

No celeiro, Ingrid e eu colocamos os óculos de proteção e os protetores de ouvido.

Sentamos lado a lado no chão, olhando Trudy converter uma tora alta de madeira em um sorvete de casquinha de seis bolas com flocos de chocolate.

Um sábado melancólico. Garrett entra correndo na minha casa, carregando Ingrid num braço e uma sacola de compras no outro.

– Tenho uma apresentação esta manhã – explica. – Não posso me atrasar.

Escute, Zell, de agora em diante vamos pagar por todas essas experiências culinárias.

Ingrid desliza do colo e envolve Ahab num abraço.

– É mais que justo. – Garrett coloca os mantimentos na bancada, pega um maço de notas e as mete no bolso de meu avental. – Este é um extra, para cobrir suas despesas anteriores com as compras. Ing me falou de algumas experiências suas... leiteiro, limão, aveia, canela, e por aí vai. Nunca parei pra pensar em quanto dinheiro você estava investindo nesse concurso da Polly Pinch.

– Você não precisa pagar por meu...

– Nada disso. Você é a melhor babá de Wippamunk. – Ele pisca e se abaixa para dar um beijo em Ingrid. – Deseje-me sorte.

– Boa sorte!

– Ah, Zell, tenho um presente pra você. – Na sacola de compras, ele pega duas imensas luvas de forno de camuflagem. – Ingrid disse que você não tem nenhuma, então...

– Combinam com meu avental – digo, enfiando as mãos nas luvas. – Obrigada.

– A loja de 1,99 é o máximo. – Garrett vai para a porta. – Divirtam-se.

Sem as luvas, vasculho a sacola de compras e arrumo seu conteúdo na bancada – mistura para biscoito de gengibre, extrato de alcaçuz, ovos, leite condensado (“cond”, como Ingrid chama, porque é assim que Polly Pinch chama).

– O que vamos fazer, Ing?

Ela me mostra uma página arrancada de seu caderno. “Sandubas de Biscoito de Mulheres de Gengibre com Recheio de Alcaçuz”, diz ali. “Para os sandubas, precisamos de biscoito de gengibre, não do tipo crocante nem do tipo fofo, mas alguma coisa entre um e outro, e para o recheio precisamos de alcaçuz e glacê para misturar e fazer glacê de alcaçuz.”

– Ótima ideia – digo. – Quando foi que você inventou essa?

Ela dá de ombros.

– Inventei na aula de matemática, outro dia.

– Como é? Você precisa prestar atenção na aula. Não pode ficar brincando de Polly Pinch durante a aula de matemática.

Ela arrasta a ponta do pé no chão, desenhando um arco.

– O concurso não é *brincadeira*. É importante.

– Durante a aula de matemática, você devia estar fazendo *matemática*.

Ela suspira.

– Eu sei.

Imagino-a rabiscando mulheres de gengibre enquanto os colegas de turma resolvem obedientemente uma divisão longa e me sinto irresponsável, insegura e um tanto culpada.

Mas logo Ingrid está saltitando pela cozinha, entoando uma cantiga improvisada sobre como fez todo o dever de casa. Lá fora começa a chover granizo – golpes gordos e prateados –, e assar Sandubas de Biscoitos de Mulheres de Gengibre me parece a atividade perfeita.

Começo a ler as instruções na caixa da mistura para biscoitos de gengibre.

– Não precisa – diz Ingrid. – Lembra o que a Trudy disse? Vamos ser pioneiras, mulher. A mistura é só para termos um pontapé inicial.

Ela insiste que, se adulterarmos a mistura corretamente, chegaremos à consistência perfeita para os biscoitos de mulheres de gengibre – entre o crocante e o fofo. E está tão confiante e entusiasmada que começo a acreditar que realmente somos capazes.

Assim, no espírito do pioneirismo, acrescento um pouco de amido de milho à mistura e menos ovos do que pedem, além de leite. Mexo os ingredientes com uma espátula.

Numa assadeira, Ingrid modela a massa em duas mulheres de gengibre: uma alta, para mim, com o cabelo rebelde, a outra mais baixa, de tranças, botas e um chapéu grande.

Enquanto elas estão no forno, preparamos o glacê de alcaçuz, misturando açúcar, manteiga e meia colher de chá de extrato de alcaçuz com uma antiquada batedeira manual que Nick usava para fazer seu lote anual de gemada caseira. Seguro a batedeira reta na tigela enquanto Ingrid gira a manivela.

– Queria comprar alcaçuz, mas meu pai disse que eles deviam ter *extrato* de alcaçuz, você

sabe, igual ao extrato de baunilha – diz ela. – E tinham.

O glacê fica perfeito – liso e cremoso, e de fato muito saboroso, para quem gosta de alcaçuz, claro. (Duvido que alcaçuz e gengibre sejam sabores que combinem, mas guardo isso para mim mesma.) Quando o timer soa, tiro a assadeira do forno. O Biscoito de Gengibre Eu e o Biscoito de Gengibre Ingrid são maçarocas indistinguíveis.

– Porcaria! – Ingrid bate o punho na mesa enquanto eu coloco a assadeira sobre um suporte para esfriar.

– Ninguém disse que seria fácil – digo. – Não tem sentido ficar frustrada.

Podemos tentar de novo.

Ingrid tamborila os dedos na mesa.

– Podemos fazer uma guerra de comida?

– Uma guerra de comida? – Pergunto-me de onde ela tirou essa ideia. – De jeito nenhum.

– Por que não?

– Porque depois vamos ter que limpar tudo.

– E é um desperdício também, né?

– É, isso mesmo. Um grande desperdício.

Ela se joga numa cadeira.

– O que a gente vai fazer? Nunca vamos vencer o concurso. Nesse ritmo, a gente nem vai conseguir *entrar* nele.

– Estamos chegando mais perto.

– Bom, ultimamente parece que está ficando menos pior.

Junto-me a ela na mesa. Mergulho o dedo na tigela de glacê e passo em seu nariz.

Ela ri.

– Ah, não, isso não. – Ela cava o glacê com três dedos e borra meu nariz.

Depois sujo mais embaixo do nariz dela, fazendo um bigode de glacê.

Seu riso vira uma gargalhada. Ahab espia pelo canto, curioso, farejando o ar, virando a cabeça.

Agora a cara de Ingrid está coberta de glacê, quase como uma máscara de beleza.

– Posso deixar Ahab lambe tudo isso de mim?

– Manda ver, garota.

Ela se ajoelha e chama pelo Capitão. Ele se aproxima a trote, farejando como louco. Ela dá gargalhadas enquanto ele lambe seu nariz e vasculha as bochechas, o queixo, a testa e até as orelhas, procurando mais. Ele se apoia nela, com força demais, e Ingrid desaba no chão, guinchando de rir com Ahab por cima, lambendo todo o seu rosto.

2 de fevereiro de 2008

De:

rose.ellen@roymedicalillustration.com Para: nicholas.roy@thewippamunker.com Querido Nick, É isso mesmo. Estou escrevendo um e-mail pra você. Sei que a maioria das pessoas consideraria isso “horripilante”, para citar Ingrid.

Ela também diria que é “bizarro”.

Quem é Ingrid?, você pergunta. Minha vizinha.

Dei a Garrett, pai dela, seu chaveiro do Guns N’ Roses. Na primeira noite em que cuidei de Ingrid, ele devolveu as chaves. Mas quando ficou evidente que meu trabalho de babá seria rotineiro, disse a ele para ficar com elas. E ele ficou.

Mas agora é noite de domingo, e Ingrid não está dormindo no meu sofá.

Dorme em sua própria cama. Pelo menos, deveria estar dormindo.

Enfim, encontrei seu presente escondido no forno. Essa foi boa. Quase incendiei a casa toda.

Coloquei o presente no sótão. Na verdade, a Ingrid o pôs ali. Já fez mais ou menos um ano que não subo aquela escada. Sei que deveria me livrar de todas aquelas coisas lá em cima. Talvez até doá-las ao colégio ou coisa assim. Ou tudo aquilo se tornou obsoleto?

Um lixo inútil? Você sempre gostou de coisas retrô. Talvez a loja de antiguidades arranque tudo isso de minhas mãos.

Outra manhã fui ao mercadinho para comprar açúcar, manteiga e farinha de trigo, coisas que, em nome da experimentação, tenho usado muito ultimamente (é uma longa história). Estava com um carrinho a caminho do caixa quando, cercada de garrafas de água com gás, ouvi meu nome.

Parei e me virei. Era a pastora Sheila. Estava de tamancos, meiacalça e um vestido de veludo vermelho de alça larga. Só consegui pensar naquele dia – no dia em que soube de você, quando encurralei a pastora Sheila e o padre Chet na entrada de carros de Terry e Gail.

Mas então, no mercadinho, ela me perguntou sobre as coisas. Como você está, como está sua cozinha *etc.* Respondi com coerência suficiente. Depois perguntei a ela: “Na Viagem, Nick falou algo sobre um presente que comprou pra mim?”. Minha teoria, olha só, é que será mais fácil abrir seu presente se eu souber de antemão o que é. Será que isso faz algum sentido no céu?

Porque, aqui embaixo, faz todo o sentido do mundo.

E então ela me abriu aquele sorriso bondoso de pastora Sheila. “Não”, disse.

“Infelizmente não.” Ela apertou meu braço, disse-me que Wippamunk ainda rezava por mim, que Wippamunk jamais esquecerá. E terminou com: “Cuide-se”.

Você já sabia de tudo isso, Nick? Sabia que ando o dia todo sem sutiã? E que passei a usar seu avental pela casa, só por diversão?

Você está me vendo? Ouvindo? Sabe do meu coração? Se for assim, a declaração seguinte – ora essa, o e-mail todo – é desnecessária: sinto sua falta.

Toc-toc-toc, pausa. Toc-toc-toc, pausa. Um ritmo constante e inalterável. Estou no escritório quando ouço, digitando para Nick. Ahab entra e gane. Toc-toc-toc, pausa.

Desço e sigo a origem do barulho. É mais alto no lavabo. As batidas vêm do outro lado da parede. Ahab para à porta, tombando a cabeça de lado enquanto digo: – Olá?

– Oi. – A voz de Ingrid parece muito distante. – Estou batendo faz tempo.

– É tarde. E hoje é domingo. Você tem aula amanhã.

– Só queria desejar boa-noite. Sei que vamos ganhar o Concurso de Sobremesas que Aquecem a Alma. Eu simplesmente sei.

– Onde está seu pai?

– Estudando. Está com fones de ouvido.

– Você devia estar na cama.

– Eu sei.

– Então vá pra cama e leia um livro até dormir.

– Tá bom.

– Boa noite.

Levanto-me e apago a luz do banheiro.

Toc-toc-toc, pausa. Toc-toc-toc, pausa. Ahab solta um ganido.

– Ingrid? Agora precisa parar de bater. Tá deixando o Capitão maluco.

– Só mais uma coisa: te amo e te adoro.

Ahab se encosta em mim, e coço sua orelha. Sorrio comigo mesma.

– Te amo e te adoro.

423: BORGONHA-REAL.

399: CEREJEIRA.

314: AZUL DIAS CHUVOSOS.

Meus alvéolos incham de tubos brônquicos, como uvas púrpuras e maduras demais em uma parreira.

É sexta-feira. Russ toca a campainha exatamente a uma e quinze da tarde. Uma rajada de vento percorre a casa quando abro a porta. Está nevando e gelado lá fora. Ele me dá seu “toca-aqui” habitual e me entrega a correspondência antes de caminhar pesadamente até a cozinha para servir o almoço: sobras de empadão de frango, que a mulher dele fez para o jantar na noite anterior.

Sirvo-lhe um copo de leite enquanto ele enfia na boca a comida aquecida no micro-ondas.

O telefone toca, mas eu o ignoro. A secretária eletrônica bipa, e minha irmã está falando: “Oiê, Ze-ell. Por que não retorna meus telefonemas? Quando vai aparecer aqui?”.

– Essa é a Gail? – pergunta Russ, com o garfo a meio caminho da boca. Ele sempre teve uma queda por minha irmã. Acho que ainda tem.

– É, é a Gail. – Raspo o prato.

– Bom, vou atender. – Ele atravessa a cozinha e tira o telefone do gancho. – Ora, ora, *ora*, se não é a rainha do baile em pessoa, a senhorita Gail Carmichael-Dunbar.

– Quem é? – pergunta minha irmã; ouço porque a secretária está gravando.

– É seu antigo e fiel parceiro de laboratório de química do segundo ano e antigo e fiel carteiro.

– Ah. – Gail suspira. – Oi, Russell. Ainda sou casada, Russell.

– Ora, não quero ser rude, senhorita Carmichael-Dunbar – diz ele. – Mas eu também sou casado. *E* estou a trabalho. A trabalho do *governo*. Mas é bom falar com você. Nem acredito que se mudou. Como está a terra do esquí, aliás?

– Melhor do que o monte Wippamunk.

– Nunca mais diga uma coisa dessas.

– Digo, sim. Melhor do que o monte Wippamunk.

– Dê lembranças a seus adoráveis pais – diz Russ. – Vou passar pra sua irmã.

Reviro os olhos quando ele me entrega o telefone. Com a mão livre, ele fecha o punho e se posiciona como se fosse me dar um soco no queixo. E então vai lavar os pratos do almoço.

– Estive muito ocupada com um trabalho – explico. – Mas vou até aí. Esta noite. Para o fim de semana.

Ela grita tão alto que afasto o telefone do rosto. Quando o recoloco na orelha, ela está falando: – Mas e a neve?

– Não deve estar tão ruim aqui – digo. – Como está por aí?

– Por aqui, sempre neva. Estou *louca* pra ver você.

Meu carro não dá a partida. Tosse e engasga quando giro a chave.

Cai uma neve fina, os flocos feito lascas de gelo, como fibra de vidro.

O carro era domínio de Nick. Projeto de Nick.

Saco.

Bato no volante, no painel. Giro a chave. Tosse. Engasga. Cospe.

No banco do carona, Ahab solta um ganido.

Saio do carro e fecho a porta aos chutes. Lama gelada escorrega do para-lama.

Chuto o pneu da frente com tanta força que a dor queima meu dedão do pé.

– Problemas? – É Garrett. Está com um suéter apertado da moda. Não consigo distinguir suas

feições, pois a luz forte da varanda o ilumina por trás.

– É. O carro não quer pegar.

Com um grunhido, ele abre o capô e examina o emaranhado de mangueiras e caixas pretas.

Recuo um passo nas sombras, onde não preciso semicerrar os olhos.

– Não sabia que você entendia de carros.

– Pra falar a verdade, não entendo. – Ele deixa o capô cair. – Pra onde você está indo?

– Pra casa da minha irmã. Ela mora em Vermont. Nas montanhas Okemo.

– É urgente?

– Não. Na verdade, não é urgente. Mas parece urgente, sabe? – Penso no mural, nos corpos vazios com rostos vazios. Gail disse para não me preocupar com o banheiro, mas é claro que eu *me preocupo*. Em vez de esquiar, pretendo me trancar ali até terminar o que comecei. Já está na hora. – Tenho um trabalho a fazer. Negócios inacabados, pode-se dizer.

Os flocos de neve ficam mais grossos e caem mais rápido. Polly Pinch diria que os flocos só estão “dando uma incrementada”.

Garrett empurra a neve com a bota esquerda.

– Se não se incomoda de eu perguntar, negócios inacabados relacionados a quê?

– A um banheiro.

– Um banheiro? – Ele mete as mãos nos bolsos. – Você me explica no caminho?

– O quê? Não. Você não vai me levar por centenas de quilômetros a Vermont numa tempestade de neve às dez horas da noite. – Eu pretendia sair mais cedo, mas estava trabalhando numa cavidade nasal e não resisti ao seio frontal, à tonsila faríngea, à narina anterior. Todo esse espaço, todas aquelas câmaras e passagens de labirinto por trás de uma face. – Isto – Garrett estende a mão e pega alguns flocos – não é uma tempestade de neve. Não é nada. Deve passar logo. Enfim, não é grande coisa.

– As famosas últimas palavras – digo. – Não vou deixar que me leve, Garrett.

Ele estremece e bate os pés.

– E por que não? Por que não posso te dar uma carona?

– Porque é pedir demais.

Ele ri – uma gargalhada profunda.

– Ah, por favor. Você tem sido babá da minha filha maluca há semanas, cedendo a todos os caprichos dela.

– Isso é diferente. Gosto de ser babá da sua filha maluca.

– Bom, eu gosto de dirigir. E você pode pagar a gasolina.

– Mas é muito tarde. Normalmente é uma viagem de duas horas, e nessa neve...

– Eu não durmo mesmo. Sabe disso. Eu pretendia estudar a noite toda, mas vou ficar vesgo. Preciso de um descanso.

– E Ingrid?

– Ah, ela dorme em qualquer lugar. Além do mais, ela vai a qualquer lugar com você.

– E o Capitão?

No carro, as orelhas de Ahab se eriçam à menção de seu nome.

– O Capitão pode manter Ingrid aquecida no banco traseiro. – Garrett se coloca à minha frente com as mãos em meus ombros. – Por favor? Deixa eu fazer isso por você. Eu *quero* fazer isso por você.

– Por quê?

– Eu simplesmente quero. Além disso, só o que faço na vida é dirigir a Boston e voltar.

Isso será diferente. Uma aventura.

*

Quinze minutos depois, embarcamos na caminhonete de Garrett – Ingrid, Garrett, Ahab e eu – e zunimos pela Rota 331. A neve cobre a estrada. Hannah Montana berra, Ingrid canta junto no banco traseiro. Ahab deita a cabeça em seu colo. Ela segura a orelha dele entre o polegar e o indicador e a acaricia.

Aos pés dela, a malinha que preparei para ele.

Passamos pelo monte Wippamunk. A visão dele, volumoso na neve, incita um Tapa da Memória: o dia de meu casamento, primeiro de janeiro de 1999. Usei um vestido de noiva de trinta dólares – reto, de miçangas, comprado em um brechó, dois números maior do que o meu – por cima de minhas roupas de esqui. Nick vestiu duas camadas de ceroulas compridas por

baixo do smoking azul-claro que o pai usou no baile de formatura em 1979.

Na montanha, Nick e eu pegamos o teleférico do pico norte. Na cadeira atrás de nós, o padrinho e a dama de honra: o pai de Nick, Arthur, e Gail, vestida para um dia normal de esqui. Meus pais dividiam a terceira cadeira com o marido de Gail, Terry, que está com um hábito que pegou emprestado da pastora Sheila. Por baixo do hábito, no bolso de seu macacão roxo, leva uma folha de papel carimbada, emitida e assinada pelo governador, proclamando-o juiz de paz por um dia e dotando-o do poder de realizar casamentos no glorioso estado de Massachusetts.

No alto do teleférico, perto das árvores, formamos um semicírculo e esperamos que Nick e Terry soltem o fecho de suas pranchas de snowboard.

– Muito bem! – grita Terry ao vento. – Está mais frio do que você-sabe-o-quê de freira, então vamos acabar logo com isso.

Esquiadores curiosos se reúnem à nossa volta enquanto Arthur pega o saquinho de veludo no bolso da perna. Gail tira fotos com sua automática, uma luva metida entre os dentes. Nick e eu tiramos nossas luvas; ele põe uma aliança em meu dedo embranquecido, eu coloco a outra no dele. Então nos beijamos: um selinho rápido e gelado. Rindo e batendo os dentes, recolocamos as luvas.

Terry diz algo como: “Pelo poder em mim investido pelo governo de Massachusetts, eu agora os declaro marido e mulher”.

A multidão de estranhos grita, uiva e bate seus bastões de esqui. O operador do teleférico, na cabine, ergue sua garrafa térmica num brinde. E nosso pequeno grupo louco de casamento desce minha pista preferida – a pista avançada Look Ma, sinuosa, estreita e íngreme, com obstáculos de bom tamanho do lado esquerdo. Ela nos leva diretamente ao alojamento onde, no salão de festas do segundo andar, o fogo crepitava, copos-de-leite decoravam as mesas e a banda de dois homens de Russ e EJ, os Massholes, se aquecia.

Com uma nova música de Hannah Montana, Ingrid canta um pouco mais alto, e o Tapa da Memória recua. Tempo real, lugar real. Agora estamos quase em New Hampshire. Em voz baixa, enquanto Ingrid berra a letra das músicas, conto tudo a Garrett: sobre a casa de Gail, o lugar preferido de Nick no mundo todo. Sobre o banheiro e a foto que Gail quer que eu recrie na parede, e o dia em que quase terminei o projeto. Conto a Garrett exatamente como Nick morreu, incluindo alguns detalhes que o artigo de Dennis não divulgou. Não é bom falar de tudo isso, mas surpreendentemente também não é horrível.

A cabeça de Ingrid se mete entre os dois bancos da frente.

– Podemos passar a noite na casa da irmã da Zell?

Garrett reduz ao ver uma placa de GELO FINO

– Acho que não.

– Podemos ir esquiar amanhã?

– Não, garota. Preciso estudar. Você sabe.

– Você estuda o tempo todo! – reclama Ingrid. – Me deixa com a Zell, então.

Garrett me olha como quem diz “o que acha disso?”.

– Pode ser divertido – digo.

Ele ri e meneia a cabeça.

– Vamos deixar a Zell, depois vamos dar meia-volta e voltar pra casa, garota.

Desculpe.

Talvez em outro dia.

– Aaaahhhh – resmunga Ingrid. – Isso não é divertido. – Ela se recosta e canta.

Depois de um tempo, começa a bocejar enquanto canta. Logo está dormindo com a cabeça encostada na janela.

Garrett muda o iPod para John Legend.

– Essa é uma história triste, Zell.

– Eu sei.

– Lamento que seja uma história *verdadeira*.

– Todo mundo lamenta.

Ele cantarola e dirige. Na Rota 12, a neve fica mais espessa, e ele reduz ainda mais.

Começamos a subir. As casas e os postos de gasolina ao lado da estrada tornam-se espaçadas.

O número de carros no sentido contrário diminui.

– Agradeço muito por isso, Garrett. Por você me levar.

– Tá tudo bem – responde ele.

Minhas pálpebras fecham e abrem de repente. Fecham e abrem. Fecham...

Acordo sobressaltada. A caminhonete dá uma guinada e rabeia – direita, esquerda, direita. As mãos de Garrett agarram o volante, ele tenta estabilizar a caminhonete e colocá-la de volta na pista. Avançamos para a pista contrária, que está vazia – nenhum farol do sentido oposto.

Meus braços cobrem o rosto. Meu coração dispara. Não respiro.

Do banco de trás, Ingrid geme.

– Papai?

E então estamos rodando completamente. Trezentos e sessenta. Setecentos e vinte. Mil e oitenta. Sem batimento: meu peito parece rodopiar com esse evento vazio e sem peso.

Silêncio.

Pelo para-brisa, tudo o que vejo é o tronco largo de um bordo antigo. *Não batemos nele*, penso. *Mas chegamos perto*. A caminhonete se projeta do acostamento, e a cabine mergulha na mata.

Garrett parece sem fôlego.

– Tá todo mundo bem? – Ele se vira e acaricia o queixo de Ingrid. Ela assente.

Ahab gane, e ela o puxa para perto, beijando seu focinho.

– Zell? – Garrett põe a mão no meu joelho. – Você tá bem?

– Estou – digo, apesar do galope em meu peito. – E você?

Ele baixa a cabeça no volante – *tum!* – e murmura alguma coisa.

– Garrett? – digo.

– Tração em duas rodas. – Ele suspira. – Só tem tração em duas rodas. Custou milhares de dólares mais barato do que um com tração nas quatro rodas.

– Ah. Bom, então isso é inteligente.

– É. É inteligente. Se você mora na Flórida. – Ele engata a ré, mas os pneus rodam em falso. Uma carreta passa rapidamente, lançando neve suja.

– Você deve derrapar o tempo todo quando vai e volta de Boston – digo.

– Na verdade, não. Essa viagem é relativamente tranquila.

– É verdade. Bom, tem alguma areia na caçamba? Ou areia para gato?

– Devia ter – diz Garrett. – Mas não. – Ele engata novamente a ré e pisa no acelerador. A caminhonete balança um pouco, mas os pneus giram em falso, e deslizamos um pouco mais para dentro da vala, em uma ladeira íngreme. Ele puxa o freio de mão e suspira pesadamente.

Está tremendo, noto – embora mal seja perceptível. Sai da caminhonete, verifica a situação e sobe de volta. – Acho que você não vai chegar à casa de sua irmã esta noite.

– Tudo bem. Você tem seguro ou coisa assim?

Ele desliga John Legend e o motor.

– Desculpe.

– Imagina! – digo. – Não se preocupe com isso. Não é culpa sua. – Olho meu celular: meia-noite e meia.

– Vamos chamar a polícia? – sugere Ingrid. – Liga para a policial Frances. Ela vai ajudar a gente.

– Sei que ajudaria – diz Garrett. – Mas a policial Frances está a uns oitenta quilômetros para lá. – Ele aponta para o sentido de onde viemos.

Olho pela janela. A camada de neve agora é tão grossa que mal dá para enxergar.

– Talvez alguém pare.

Esperamos alguns minutos, mas não passa nem um carro.

Garrett olha seu celular.

– Sem sinal.

Olho meu telefone – nada.

– Bom – diz ele. – Acabamos de passar por um lugar. Podemos ir para lá a pé.

Não fica longe. Que tal se arranjarmos uns quartos para passar a noite? E ver o que vamos fazer de manhã?

Dou de ombros.

– O que mais *podemos* fazer?

Ele puxa o ar e balança a cabeça. Está frustrado, eu sei; talvez até constrangido. Mas não quer

demonstrar.

– Quanto tempo até a casa da sua irmã? – pergunta ele.

– Pelo menos uma hora. Talvez mais.

– Bost... – sussurra ele.

Descemos da caminhonete, nos preparamos para enfrentar a nevasca e saímos da vala. No acostamento, visto o casaco em Ahab.

– Ahab não é a coisa mais fofa do mundo? – comenta Ingrid enquanto me ajuda a calçar as botinhas nele. Ela parece ter se recuperado de qualquer medo que tenha sentido quando o carro rodou e não está assustada com a neve que cai pesadamente à nossa volta. Está pronta para outra aventura. Esse é o estilo Ingrid.

Garrett está tenso demais para comentar sobre Ahab. Olha a estrada enquanto eu prendo a guia na coleira de Capitão. Me sinto culpada; não devia ter deixado que ele me trouxesse. Na verdade, me pergunto por que ele insistiu tanto em me levar, ainda mais considerando o tempo, a hora da noite e o fato de que sua caminhonete só tem tração em duas rodas.

Caminhamos: Garrett na frente, Ingrid logo atrás, depois eu, com Ahab ao meu lado. Não passa carro nenhum. O vento que sopra é tão frio que a pele do meu rosto endurece. Nos aproximamos de uma casa de fazenda coberta por tábuas.

Chalés formam um semicírculo em torno da casa, e mantas de plástico cobrem todas as janelas. Junto à calçada, uma placa iluminada diz: CABANAS DE

VERÃO DO LAGO TUNKAMOG.

– Garrett – chamo.

– É aqui – ele diz e acelera o passo. – Foi este lugar que vi quando passamos.

– Acho que é de temporada.

– Temporada?

– Só abre no verão.

Garrett para. Observa as cabanas, a casa, a placa. Junto-me a ele na calçada.

– De temporada – sussurra ele.

Ingrid puxa sua manga.

– Papai, me carrega?

Ele a pega nos braços.

– Vai se f... – sussurra acima da cabeça de Ingrid. – Vamos bater.

Nessa hora, a porta da casa se abre. Uma mulher corpulenta e meio desdentada, com um roupão com estampa de gatinho, dá um passo para fora.

– Pensei que vocês fossem um gambá – diz ela.

Garrett sorri.

Ela aperta os olhos para nós.

– Não tá frio procês?

– Tem alguma vaga? – pergunta ele.

– Temos cem por cento de vagas. Mas estamos fechados.

– Precisamos muito de um lugar pra passar a noite.

– Tem um hotel a quinze quilômetros daqui, em Walpole.

– Minha caminhonete está atolada.

Ela aperta os olhos para Ingrid, cujo rosto está amassado no peito de Garrett.

– Oi – Ingrid cumprimenta.

Essa mulher deve pensar que somos uma família. Eu sou a mãe; Garrett, o pai; Ingrid, nossa filha. Garrett sorri para mim; a mesma ideia deve ter passado pela cabeça dele.

Por fim, a mulher balança a cabeça. Sua franja prateada dança pela testa.

– Vou pedir um reboque procês. Mas eles costumam se arrastar pra chegar aqui. Numa tempestade dessas, vocês vão esperar de duas a três horas.

– Precisamos muito dormir – diz Garrett.

– Eu também. Vou ligar pra polícia. Eles podem cuidar docês esta noite.

Fazem isso o tempo todo com motoristas perdidos. Principalmente no inverno.

– Vamos passar a noite na cadeia? – pergunta Ingrid. Ela estremece e se aninha em Garrett.

– Não é bem *isso* – diz a mulher.

Ahab solta um ganido. Ouço seus dentes bater.

– Zell, minha carteira está no bolso de trás – diz Garrett. – Pode pegar?

Levanto a bainha de seu casaco de esqui e pego a carteira. Procuro não tocar em seu traseiro, que, devo admitir, é uma belezinha. Abro a carteira – couro falso gasto – e conto algumas notas de vinte dólares.

Ele olha a mulher.

– De repente a senhora tem alguma coisa pra nós.

Ela esfrega as mãos e pisca.

– Devo ter uma cabana que posso ajeitar procês. Mas pode ter camundongos ali.

– Ohnn – diz Ingrid. – Camundongos são tão fofos!

– Perfeito – digo. – Vamos ficar.

– Tem certeza? – cochicha Garrett.

Faço que sim com a cabeça, porque não consigo pensar em nenhuma alternativa realista.

Mancando, a mulher nos leva por uma varanda fechada enregelante – coberta de plástico, como as janelas da cabana – para o que serve como área de recepção. É tão bom sair do vento gelado que sinto meus músculos relaxar.

Garrett coloca Ingrid em uma poltrona marrom de estampa xadrez com braços de madeira. Mas ela não fica sentada: levanta-se e examina o ambiente, pondo-se na ponta dos pés para espiar por cima do balcão revestido de madeira que sustenta um enorme micro-ondas e um televisor com uma antena externa caída.

A mulher anda vacilante atrás do balcão e passa o dedo sob uma fila de chaves.

– Vou lhes dar o número sete, da sorte – diz. – Tem a melhor atmosfera. Mais distante da casa e mais perto do lago. – Ela se vira e sorri para Garrett. Suas gengivas parecem inchadas.

– Maravilha, obrigado. – Ele pega a chave de seu punho de presunto. – E seu nome é?

Ela procura pelo balcão e bate o crachá no seio esquerdo, que balança com o abalo. BOBBIE.

Bobbie pega uma pilha de cobertores de lã. A poeira sobe em nuvem à volta deles quando os coloca no balcão.

– É melhor levarem isso – diz ela. – Não tem aquecimento. É um prazer fazer negócio com vocês, pessoal.

Garrett dobra algumas notas na palma da mão e aperta a mão dela.

– O prazer é todo meu, Bobbie – diz. – O prazer é todo meu.

Experimento meu celular de novo: uma barra. Ligo para Gail, que arrulha de preocupação e decepção. Ela se oferece para nos buscar, mas eu declino, porque a última coisa de que precisamos é que ela também atole.

Do lado de fora, seguro os cobertores mofados o mais longe possível do nariz.

Ingrid leva Ahab, que se esforça para levantar as patas afundadas nos quinze centímetros de neve que cobrem o caminho. Ele tenta pisar nas pegadas de Garrett. Observo suas costas largas enquanto ele vai à frente.

Quando chegamos à cabana sete, ele enfia a chave na fechadura.

– Preparem-se – diz, abrindo a porta leve como papel.

Ahab entra e fareja o ar frio.

Em uma mesa de plástico, há um pequeno abajur. Eu o acendo; de algum modo, a lâmpada abriu um buraco na cúpula com estampa de pato. Duas camas de campanha com colchões finos e manchados estão junto da outra parede. Uma cabeça de cervo com chifres pequenos tomba acima da pequena lareira. A chaminé deve estar aberta, ou quebrada, porque a neve forma uma pilha pontuda na grelha. Uma cômoda no canto parece bem-feita, e seu verniz brilha.

Olho as gavetas: todas vazias, exceto pela última, onde cocô de camundongo rola como vírgulas tridimensionais.

– É bem o que eu esperava – diz Garrett.

Ingrid pula em uma das camas.

– Ahab, vem, Capitão. Que legal. Parece que estamos acampando.

– Precisa se acalmar, bubu – diz Garrett, fazendo carinho no pescoço de Ahab.

– Está tarde.

Coloco os cobertores na outra cama e anuncio que vou procurar o toalete das senhoras.

– Boa sorte – diz Garrett. – Ei, não quer levar a Ingrid, já que você vai lá?

Ela dá um salto e segura minha mão.

– Preciso muito fazer xixi.

Lá fora, enfrentamos a neve rodopiante e investigamos alguns anexos próximos até encontrar o banheiro. Junto à pia, examino a mim mesma no espelho rachado: cabelo bagunçado e armado para todo lado. Sobrancelhas ameaçando se tornar uma só. Incrível.

Abro a torneira, mas não sai água nenhuma. Ingrid passa por mim e dispara para um reservado.

– Ei, Zell? – chama. – A água da privada tá congelada. Tem tipo um bloco de gelo.

– Bom, não dá pra consertar isso. Pode fazer por cima.

– Tá legal – diz ela. – Vou soltar. Ei. Pelo menos tem papel higiênico.

De volta à cabana sete, o Capitão leva seu corpo velho até a cama da Ingrid e se enrosca numa ponta. O frio é tanto que decido deixá-lo com as botinhas e o casaco.

Ingrid se aninha com Ahab, e Garrett coloca um cobertor em volta dela, prendendo-o sob seu queixo. Conta-lhe uma história para dormir aos sussurros.

Procuo não escutar. Parece um momento íntimo de que eu não devia fazer parte, embora Ingrid e eu tenhamos partilhado momentos semelhantes. Abro um cobertor no chão.

– Zell, tudo bem se eu apagar a luz? – pergunta Garrett.

– Pode apagar.

Mergulhamos na escuridão. Em minha cabeça, rezo para que os cocôs de camundongo na cômoda sejam antigos, talvez restos da temporada anterior, e que continuemos sem a visita das criaturinhas.

Aos poucos, meus olhos se adaptam. Olho para Ingrid: o cobertor sobe e desce com sua respiração. Seu rosto é velho e jovem ao mesmo tempo: prestes a se tornar o de uma mulher, mas ainda é muito de uma criança.

– Te amo e te adoro, pai – sussurra ela.

– Te amo e te adoro – responde ele aos sussurros.

– Podemos assar marshmallows? – pergunta ela.

– O quê?

– Brincadeirainha. Boa noite.

Ajoelho-me no chão, prestes a me deitar, quando Garrett se põe de pé acima de mim. Está tão escuro que não o enxergo muito bem, mas sinto o calor de seu corpo, sua respiração.

– Ei – sussurra ele. – Nem pense em dormir no chão.

– Não me importo – sussurro de volta. – Você dirigiu muito. Fique com a cama.

Ele balança a cabeça.

– De maneira nenhuma. Fique *você* com a cama.

Contenho um bocejo. Imagino adormecer em um buraco infestado de camundongos.

Depois imagino adormecer em um buraco infestado de camundongos com um humano forte e quente dormindo encostado em mim.

– Podemos dividir a cama – sussurro.

Ele não responde de pronto, e não consigo ver sua expressão no escuro. Só o que enxergo é sua silhueta de queixo pronunciado.

– Para ficarmos aquecidos? – ele pergunta.

– É. E eu posso proteger você dos camundongos.

Ele ri baixinho.

– Tá *mesmo* frio aqui dentro. – Ele olha para Ingrid, depois suspira. – Vou ficar com o chão. – Ajoelha-se a meu lado e me dá uma cotovelada. – Saia da minha cama.

– Tudo bem – digo, cutucando também, de brincadeira. Tateio o caminho até a cama, engatinho para ela e me enrosco.

Pouco antes de dormir, sinto algo como uma pontadinha fria no meio do peito e imagino as fadas de Trudy girando na janela, pegando a luz.

– Zell? Cadê meu pai?

Acordo assustada.

Ingrid está de pé junto a mim. No escuro, distingo o ziguezague das trancinhas em seu couro cabeludo. Uma ideia semiadormecida se infiltra em minha mente: quem trança o cabelo dela?

Acendo a luz. Atrás dela, o chão está vazio; o cobertor que Garrett usava sumiu.

Lá fora – bem perto – uma coruja pia. Uma coruja-barrada, eu sei, porque Nick me ensinou o som que elas emitem: “Fui no guru, fui no Bhopal”.

Sento-me e esfrego o rosto. Percebo, daquele jeito sonolento e taciturno, que ainda estou de casaco e botas. Ando até a porta.

– Volte a dormir – digo.

O queixo dela cai.

– Aonde você vai?

– Tá tudo bem. Volte pra cama. Vou encontrar seu pai. Ele foi ao banheiro ou coisa assim.

Ela franze a testa, mas se enrosca numa bola debaixo das cobertas enquanto Ahab volta a se ajeitar em sua cama.

– Não pode me deixar aqui sozinha. Sou só uma garotinha indefesa.

– Fique aqui. Fique com o Capitão. Não vá a lugar nenhum e não abra a porta pra ninguém.

– Você tá *esperando* alguém? – Ela boceja e olha para mim, sonolenta.

– Só fique aqui. – Não quero deixá-la na cabana nem levá-la comigo, e estou em pânico pelo sumiço de Garrett. – Tente voltar a dormir – sussurro. Mas ela não responde; já adormeceu. Assim, pego a chave e tranco a porta em silêncio depois de passar.

O ar lá fora está parado, o céu, claro, exceto por nuvens escuras que vagam pela lua e lembram grandes bigodes torcidos. Devem ser três da madrugada.

Sigo as pegadas de bota de Garrett, descendo o que parece uma calçada tomada de neve.

As pegadas me levam às árvores, ao lago. Ele está acoradoado em um tronco caído, a pouca distância da margem do gelo. Não se mexe, nem diz nada quando me acomodo a seu lado.

Ficamos sentados ombro ao ombro, as coxas se tocando. Olhamos a lua sobre o lago Tunkamog congelado. O cheiro dele é bom – quente, de mel, como a colônia forte que passou horas atrás e que ao longo do dia grudou em sua roupa, seu cabelo, seus poros. Por um breve momento, permito-me admirar seu perfil atraente, sua pele macia.

– Não conseguia dormir – ele diz finalmente, e puxa mais o cobertor no corpo.

– A Ingrid tá bem?

– Tá ótima.

– Nunca tenha filhos, Zell. Assim que eles aparecem, você os ama tanto que está condenado. Não há nada que possa fazer a respeito. Você simplesmente está... condenado.

– Nick queria uma família grande – digo. – Costumava brincar sobre ter nove filhos e formarmos um time oficial de futebol. Esse era nosso código para a futura família: um time de futebol.

Garrett sorri. Tira um pedaço da casca do tronco e o joga pelo gelo.

– Não sei que diabos estou fazendo; como pai, quero dizer.

– Então você finge muito bem.

– Acha mesmo?

– Acho.

– Talvez a faculdade de direito não seja uma boa ideia afinal. É pedir muito dela. Minhas ausências. Eu estudando o tempo todo. É bem difícil pra ela ser a única negra em sua turma.

Praticamente a única menina negra no condado mais branco de todo o estado, aliás.

– Tenho certeza de que o condado de Berkshire é mais branco.

– Talvez. – Ele ri pelo nariz.

– Você pode transferir seus créditos e fazer um curso noturno em outro lugar – sugiro. – Em algum lugar mais perto.

– Já pensei nisso.

– Tenho certeza de que Trudy cuidaria de Ingrid se você pedisse. Ela é boa gente.

– Eu sei. – Garrett suspira. – Mas estou relutante. Ingrid sem dúvida é uma grande fã da Trudy. Mas ela é muito ocupada. Detesto sobrecarregá-la. Eu estou... sobrecarregando você?

– Ingrid não é uma carga. – Depois, por não ter certeza do que posso dizer, acrescento: – Bom, as crianças são resistentes.

– Será? Será que são resistentes? Todo mundo diz isso, mas...

Ao longe – talvez do outro lado do lago – um coioote uiva.

Garrett sorri.

– Ouviu isso?

– Ouvi.

– Faz o pelo de sua nuca se arrepiar. Zell? Estou feliz por você entrar nesse concurso de culinária com a Ingrid.

– Mesmo?

– Ela precisa disso. Talvez se livre dessa obsessão por Polly Pinch. Faz bem a ela passar um tempo com uma mulher, e ficar com você tem sido construtivo.

Ingrid gosta de cozinhar, e eu *detesto*, então...

– Sei que as chances são poucas... Ora essa, é loucura, mas imagina só se nós realmente vencermos? Imagine se Ingrid vai comigo conhecer Polly Pinch?

Ele me olha.

– Ir conhecer Polly Pinch?

– É o grande prêmio.

– Pensei que o prêmio fosse vinte mil dólares.

– E é mesmo. *Além* de ir ao programa.

Seus lábios se separam um pouco.

– Ah. Puxa. Sério?

– Você pode levar um convidado e cozinhar com Polly Pinch. Ingrid será minha convidada, se eu vencer. Ela não te contou isso?

– Deve ter contado. Ando muito preocupado ultimamente. E detesto admitir, mas tendo a me desligar quando ela tagarela sobre Polly Pinch. Mas você acha realmente que tem chance de vencer?

Dou de ombros.

– Não. Mas vou tentar assim mesmo.

– Só por garantia, né?

– É.

– Meus parabéns – ele me cumprimenta. – Gosto disso.

Ele desliza do tronco e fica de frente para mim e de costas para o lago.

– Vamos atravessar essa ponte, se precisar. Mas agora meus bagos estão congelando.

– Os meus também. Bom, não exatamente.

– Às vezes você é engraçada. – Garrett ri de novo, e pela primeira vez me ocorre que eleri muito.

– Lamento que você não consiga terminar o mural da sua irmã neste fim de semana – diz.

– Uma hora eu termino. Gail já está esperando há muito tempo. Ela pode esperar um pouco mais.

Ele suspira e ajeita mais uma vez o cobertor no corpo; na brisa, ele bate em seus ombros como asas.

– Bom, nós tentamos – diz ele. – Vamos voltar à cabana e dormir um pouco.

Ficamos de frente um para o outro. Nosso hálito pende entre nós em nuvens curtas e brancas. A lua brilha sobre o lago. Ele baixa o rosto. Fecho os olhos, e seus dedos deslizam por minha bochecha e prendem meu cabelo atrás da orelha. A eletricidade parece subir palpitando por minha coluna enquanto ele me puxa para perto e me envolve com seu cobertor.

Passo os braços por seu pescoço e sua boca se abre e fecha contra a minha, com segurança, com doçura. Derreto-me em seu calor. Mas então minha cabeça começa a rodar e meu coração galopa, e me afasto, até que haja alguma distância entre nós.

Saco.

– Desculpe-me, Garrett; não posso...

– Tá tudo bem. – Ele se vira para olhar o lago. – Eu entendo. É que...

– Eu sei. Eu também. Mas acho que precisamos esquecer isso. Pelo menos por enquanto.

Ele estremece e assente.

– Fui levado pelo momento. Desculpe.

– Não se desculpe. – Estaco, esperando que meu coração pare de dar pinotes.

– Boa noite – digo, virando-me e subindo o aclave.

Pela manhã estamos todos muito calados, até Ingrid. Garrett sorri para mim com certa timidez enquanto dobramos os cobertores entre nós. Andamos com dificuldade pela neve até a casa

principal, onde uma Bobbie animada nos convida a entrar em sua cozinha quente.

Prepara um bule de café, serve suco de amora para Ingrid e põe waffles no micro-ondas.

Depois pede o reboque, e Garrett pode nos levar para casa, de volta a Wippamunk, sob um céu azul e luminoso.

Procuro não pensar na noite passada. Concentro-me em vez disso na neve nova em folha, tão brilhante que dói em meus olhos.

Perto da divisa de Massachusetts, Garrett olha de lado para mim.

– Zell? – chama em voz baixa para não acordar Ingrid, que dorme no banco traseiro, enquanto Ahab descansa a cabeça em seu colo. – Não quero que as coisas fiquem estranhas entre nós.

– Eu também. Não tem nada de estranho.

– Que bom. Tem certeza?

– Absoluta. – Sorrio e concordo com a cabeça.

– Que bom – repete ele. E então cantarola junto com John Legend, e eu cochilo pelo resto da viagem para casa.

Mandeï consertar meu carro. Algo no carburador e na correia que me custou quase mil dólares.

Agora, uma semana depois, vou de carro à casa de Gail. Suponho que eu deveria me sentir catártica. Afinal, tenho o carro consertado – até a seta que estava quebrada. É um grande passo, não? Mas não sinto nada. Nem alegria, nem realização. Nem tristeza, nem sentimentalismo. Na verdade, ainda sinto o mesmo: uma dor contínua, um zumbido surdo, constante e entorpecido.

Dirijo por New Hampshire e atravesso o rio Connecticut em Vermont. Meu coração faz aquela coisa estranha – bate acelerado e duro, depois deixa de bater por cinco segundos inteiros. Devo telefonar para o consultório da dra.

Fung e marcar uma hora?

Chego à casa de Gail e Terry e estaciono em sua entrada íngreme, ao lado do SUV pérola de muitas janelas, que me lembra um enorme globo de neve sobre rodas. Na garagem, vejo o Mercedes preto 1983 de meus pais.

Quando entro, Gail, Terry, mamãe, papai e a pequena Tasha estão lanchando queijo, bolachas e uvas. Vestem suéter de lã fina e ceroulas, como se estivessem prestes a se vestir para esquiar. Sufocam-me com beijos e abraços.

Minha mãe me dá uma taça de Chardonnay gelado.

– Não são nem dez da manhã, mãe – digo.

– Eu sei – diz ela. – Não é maravilhoso?

Ahab aceita o carinho de todos, até de Tasha, que bate em suas costelas. Ele se deita na frente da lareira, onde a lenha recém-cortada estala. Suas pernas se estendem, retas. Esse é seu estilo galgo.

Meu pai carrega Tasha para a mesa da cozinha e a balança sobre seu joelho.

– Upa-upa cavalinho – canta –, upa-upa, para baixo vão, olha só a Tasha, vai cair no *chão*!

– Ele baixa Tasha entre os joelhos, suspendendo-a de cabeça para baixo a alguns centímetros acima do chão. Ela grita e ri. Quando ele vira a menina e a coloca direito, ela bate palmas com as mãos pegajosas.

– De novo! – pede.

– Upa-upa cavalinho...

– E aí, com *quem* você ficou atolada na outra noite, tentando chegar aqui? – pergunta Gail.

Ela espalha um pouco de cheddar macio em uma bolacha e me entrega. Terry está de pé atrás dela, os braços envolvendo sua cintura. Ele é uns dez centímetros mais baixo do que Gail.

– Seu vizinho, não foi? – pergunta mamãe. Ela segura a taça de vinho na luz e limpa uma mancha na haste. Joga uma uva na boca e mastiga.

Conto a eles sobre Garrett e sobre ser babá de Ingrid várias noites por semana e de vez em quando aos sábados, enquanto ele está em Boston na faculdade de direito de meio período.

– Garrett, é? – diz Gail.

Concordo com a cabeça.

– Ele é gostoso?

– Ei! – diz Terry, apertando Gail de brincadeira. – Estou bem aqui, sabia?

– Garrett é um homem bonito – digo.

– De que jeito? – pressiona ela. – Vamos lá. Johnny Depp ou Jude Law?

– Bom, mais para Will Smith.

– *Jura?* – diz Gail.

– Quem é Will Smith? – pergunta minha mãe.

Gail ergue as sobrancelhas.

– Parece que eu não o expulsaria da *minha* cabana no lago Tunkamog.

– Pare com isso! – digo.

Talvez Terry, mamãe e papai sintam a deterioração iminente da conversa, porque de repente fingem fazer outras coisas. Meu pai volta ao “upa-upa” com empenho ainda maior.

Terry vai até Ahab e coloca outra lenha na lareira. Minha mãe se empoleira em um banco de ratã no hall, abre seu estojo de maquiagem e começa a passar sob os olhos. Mexe no cabelo e une os lábios para espalhar o batom cor de passa.

– Meu Deus do céu – murmura. – Eu pareço uma traveca que dormiu num ônibus.

– E o que há de errado com Garrett? – pergunta Gail. – Não deve haver nada de errado com ele fisicamente, não é?

– Só faz um ano – sibilo de leve.

– Um ano – ela repete – e quatro meses inteiros. – E olha: você ainda não morreu.

Meus olhos se enchem de água.

Ela morde o lábio inferior e põe as mãos em meus ombros como se me escorasse. Por meio minuto, ficamos uma de frente para a outra à distância de um braço. Olho fixamente as pontas reforçadas de suas meias de esquí amarelo néon.

– Desculpe – diz Gail. – É que andei lendo todos aqueles livros sobre luto, para tentar ajudar você, para *entender*. E todos dizem que o processo... a parte verdadeiramente dolorosa do processo... acaba depois do primeiro ano.

E aqui estamos há *mais* de um ano, e você ainda está, bom, doída.

Esforço-me para não chorar. Faço um grande esforço. Mas, antes que eu consiga evitar, as lágrimas se derramam.

É claro que ela tem razão, e deve ser por isso que minhas lágrimas saem agora – porque *já faz* muito tempo e eu ainda *estou* doída. E Garrett é o candidato mais provável para um romance, mas, mesmo com ele, parece cedo demais.

– Ei, ei, eu te amo – diz Gail. Ela também chora e me dá um abraço ao estilo Gail; um esbarrão rápido. Alisa meu cabelo amassado, com força, como se acariciasse um cavalo de carga. – O que quis dizer é que você ainda está viva.

– Ela me oferece uma caixa de lenços, mas dispenso com um gesto.

– Escute – ela continua. – Esse Garrett parece um cara legal. Ama a filha, e você também.

Além disso, tem ambições e é inteligente. E você gosta da sua companhia.

Talvez você deva...

pensar nele. Ele pode tirar você da concha um pouquinho. Sabe disso. Pode te ajudar a superar o golpe. Quem sabe um arranjo temporário?

Estou perto de confessar o beijo do fim de semana passado, e a confusão que se instalara em mim. Mas sei que Terry e meus pais estão ouvindo, embora finjam que não. Por isso, enxugo as lágrimas com a manga e digo: – Eu...

estou bem. Desculpe.

Gail acaricia meu cabelo de novo.

– Desculpar pelo quê?

– Não sei.

– Pare de pedir desculpas. Você pede desculpas demais.

– Desculpe.

Nós duas rimos através das lágrimas.

– Ei! – chama Terry, sem dúvida sentindo a intensidade aumentar. Bate palmas uma vez e esfrega as mãos. – Quem quer descer as pistas?

– Vão vocês – diz meu pai. – Vou ficar aqui com a Tasha.

E agora papai e Gail fingem discutir; ela quer que ele fique, mas não quer admitir. Em vez disso, insiste que papai vá esquiar, embora todo mundo saiba que meu pai não gosta mais de esquiar porque está velho, enferrujado e suas reações são lentas. Mas finalmente eles concordam que Gail e mamãe vão esquiar, Terry fará snowboarding e meu pai cuidará de Tasha, que é pequena demais para a escola de esqui Little Stars de Okemo.

– Trouxe sua roupa? – Terry me pergunta.

Todos ficam em silêncio. Desde que Nick morreu eu não esquio, nem no monte Wippamunk, quanto mais aqui, em Okemo.

– Acho que vou ficar. – Bebo um pouco de vinho. – Pensei em terminar o banheiro, na verdade.

– Tem certeza? – insiste Terry.

– Ah, graças a Deus – resmunga minha mãe.

Gail lança um olhar maligno para ela.

– Ninguém está apressando você, Zell – diz ela. – Isso pode esperar. É só um banheiro.

– É, eu sei. Mas não quero demorar mais. Quero acabá-lo.

– Nesse caso, está tudo como você deixou. Não mexi em nada.

– Que bom. Ótimo.

Terry segura com uma das mãos a mesa da cozinha e faz algumas flexões de joelho para se aquecer.

– Pode pegar a roupa antiga da Gail, se quiser esquiar.

– Não – digo. – Mas obrigada.

– Não se preocupe, Zell – diz papai da mesa, entre um “upa-upa” e outro com Tasha. – Não vou ficar no seu pé. – É estranho ele dizer isso, porque meu pai nunca ficou no meu pé.

Na realidade, ele nem conversa comigo, pelo menos não desde a morte de Nick. E, além disso, ultimamente ele só tem olhos para Tasha.

– Bom – diz Gail. Ela recolhe todas as taças de vinho, menos a minha, e as coloca na pia que tem praticamente o tamanho de uma banheira. Vai até o hall, pega no armário dois pares de esqui, e bastões e os encosta ao lado da porta de saída.

– Zell, querida, notou as bancadas novas de Gail? – pergunta mamãe.

– São Corian – murmura Terry. Seu inexplicável hálito de aspargo chega a mim enquanto ele veste o macacão roxo para esquiar.

– Elas são Corian – diz minha mãe. – O decorador de Gail escolheu verde para dar a impressão de um espaço aberto. Não são simplesmente *maravilhosas*?

– Eu notei – digo, embora não tenha percebido. – São lindas. São mesmo lindas.

Gail fecha a alça de seu capacete preto e vítreo.

Ouço as costas de minha mãe estalarem quando ela toca a ponta dos pés algumas vezes.

– Seu pai prometeu não ficar no seu pé – diz ela. – Não é, Dick?

– Upa-upa cavalinho – arrulha meu pai –, upa-upa bonitinho, fique muito tempo fora, pratia Zell ter sua *hora*!

Tasha é virada de cabeça para baixo de novo. Seu cabelo preto e aparado roça o chão. Ela grita e bate palmas.

– De novo!

Minha mãe alisa a fita de velcro sobre o fecho do casaco.

– Se minha neta rachar a cabeça no piso de cerâmica novo de Gail...

– Vamos, Patty – chama Terry. Ele pega sua prancha e conduz minha mãe porta afora.

– Mantenha Ahab longe do sofá de mohair de Gail, por favor – instrui mamãe.

– Divirtam-se – diz Gail. – Tchauzinho!

Pela janela, vejo minha mãe, Gail e Terry andando pelo caminho sem neve para a pista de esqui. Ali, colocam o resto do equipamento e flutuam por Sachem, sob a neve que cai levemente.

Papai faz “upa-upa” mais algumas vezes; depois pega Tasha nos braços e veste nela sua macacão fúcsia de neve. Ela grita e agita braços e pernas.

– Vamos sair em um *se-gundo*! – canta ele, vestindo o casaco e levando-a para fora. Ouço-o fazer barulho na garagem, procurando trenós e pás. Vejo pela janela meu pai, com suas botas de lona grandes, arrastar um pouco a agora satisfeita Tasha pela entrada até o banco de neve mais alto.

Imagino como seriam *nossos* filhos. Nosso time de futebol. Eles teriam os olhos cinza de Nick e meu cabelo rebelde. Brincariam muito com Tasha.

Fariam esqui e snowboarding.

Imagino nosso armário cheio de pequenas raquetes de neve, pequenas botas de caminhada.

Luvinhas molhadas abertas no radiador para secar.

Saco.

Sento-me no sofá. Ahab está enrolado em um formato oval na frente da lareira.

Seu rabo e orelhas se mexem enquanto dorme. Quando a lenha estala, ensaio mentalmente o que acontecerá quando eu abrir as portas do banheiro de hóspedes e ficar sob a claraboia coberta de neve e o teto abobadado. Abrirei o envelope colado no armário. Meus olhos voltarão a se familiarizar com a fotografia dentro do envelope. A foto que Nick tirou depois de ter montado seu tripé de viagem na neve.

Vou terminar a m... do mural. Não falta tanto assim, se me lembro bem. Não deve levar mais do que um fim de semana.

Aproximo-me do banheiro de hóspedes e abro as portas. O ar ali ainda cheira a tinta acrílica e a construção recente. Calafetagem nova e canos novos. A poeira cobre minha caixa de material, que está no chão entre a privada e o armário.

Olho a parede. Viro o corpo todo e olho, de frente. As montanhas e os pontos vazios contra as montanhas.

Não posso fazer isso. Simplesmente não posso.

Duas vezes saco.

Dou meia-volta. Corro para a cozinha, pego minha bolsa e a guia de Ahab. As lágrimas ameaçam se derramar em meu rosto, mas logo param e embaçam minha visão.

– Vamos nessa, Ahab – chamo.

Ele acorda num sobressalto. Saímos pela porta. Ahab salta no banco do carona, chega o mais perto que suas pernas compridas e artríticas permitem de se sentar e, com um bufo de cavalo, bate a cara na janela manchada de baba.

Quando giro a chave na ignição, Tasha acena da parede de um castelo de neve em construção.

– Tchau, tia Zell.

Ela não entende que eu não devia ir embora. Ela não entende nada, porque ainda não desenvolveu a m... da compreensão, nem as m... das lembranças. É

uma *tabula rasa*, pura, como a parede *antes* de eu pintar.

A cabeça de meu pai aparece pela parede de neve. Ele empurra para trás a aba felpuda que cobre sua orelha esquerda.

– Zell? – chama. – Está tudo bem?

Dou a ré pela entrada. Abro a janela e ponho a mão em concha na boca, para ampliar minha voz acima do ruído do motor do carro, acima do zumbido do teleférico a cem metros, acima do tinido da neve que cai.

– Ótimo! – grito, engasgada com o bolo que se forma em minha garganta. – Só diga a Gail para pintar por cima.

– Hein? – diz meu pai.

– Diga a ela para pintar o banheiro de um belo bege ou coisa assim.

– Tchau, tia Zell!

– Aonde você vai? – pergunta meu pai.

– Pra casa.

– Zell, espera!

17 de fevereiro de 2008

De:

rose-ellen@roymedicalillustration.com Para: nicholas.roy@thewippamunker.com Querido Nick, Fui hoje à casa de Gail e Terry. A primeira vez desde que você morreu, se dá pra acreditar nisso. Não foi muito bom.

No caminho para casa, peguei o atalho atrás do antigo cemitério indígena, sobre os trilhos da ferrovia Worcester Providence. E

sabe quem eu vi? O comandante Kent, andando atrás de sua golden retriever de três pernas.

Então pensei no sótão e no presente que Ingrid levou para o alto da escada.

Lembrei que perguntei a Russ e à pastora Sheila se eles sabiam o que era. E

decidi que pararia e faria a mesma pergunta ao comandante, descobriria se ele tem alguma ideia do que diabos fica batendo dentro daquele cubo. Porque talvez seja mais fácil – de algum modo, melhor – se eu souber o que é ou pensar saber o que é. Talvez nem precise abrir. Posso dar para alguém que vá gostar. Ou posso jogar fora. Não se ofenda. Mas talvez alguém o aproveite.

Você adorava aproveitar coisas que os outros jogavam no lixo.

Então parei o carro, abri a janela e fiquei olhando pelo retrovisor o comandante trotando em minha direção. Ahab ficou tenso com a golden retriever, que andou em volta do poste de luz da sra. Dawson e não prestou nenhuma atenção em Ahab.

Quando o comandante alcançou o carro, trocamos amabilidades.

Depois eu perguntei: “O que tem no cubo, chef e?”.

Ele me olhou inexpressivamente. “No cubo? Quer dizer o presente no seu forno?”

Fiz que sim.

Ele assobiou, chamando a cadela, que o ignorou totalmente e continuou cavando um buraco ao lado do poste da sra. Dawson.

Não sei se você já viu um cachorro de três pernas cavar um buraco, mas é muito bizarro. Neve e por fim terra voavam entre suas pernas traseiras e se empilhavam na rua.

“Não faço ideia, Zell”, ele respondeu.

“Nick não falou sobre isso?”, perguntei. “Na Viagem?”

“Não. Nick não falou sobre isso. Daisy! Pare! Desculpe... Espere um segundo.”

E ele trotou até a cadela e puxou a coleira até ela parar de cavar e sentar, baixando a cabeça. Ele deu uma bronca nela. Ahab começou a ganir e ofegar, por isso acenei e fui embora.

E foi isso.

E aí, como é o céu? Espero que esteja se divertindo aí em cima.

Com amor, Chefinha

EJ

Na última manhã do grupo em Nova Orleans, Nick dirigiu o furgão ecumênico e EJ sentou-se no banco do carona. Foram buscar Charlene na cafeteria. Ela se aproximou lentamente do carro, carregando uma bandeja de cafés e um saco com folhados de queijo.

– Ela é pra casar – disse Nick enquanto EJ a olhava, admirando seu cabelo preto brilhando ao sol. – Ajude com a porta, cara. As garotas do sul gostam dessas coisas.

EJ saltou e abriu a porta deslizante. Charlene lhe deu um beijo no rosto e entrou.

– Bom dia, Nick. – Ela lhe entregou um café. – Estou muito feliz que você tenha vindo.

Continue em frente e vire à esquerda ali. – Ela contou um pouco sobre sua nova igreja e sobre como estava sendo construída de modo a parecer a Arca de Noé.

– Estou louco pra ver – disse Nick. – Gostaria de aprender mais de carpintaria e essas coisas. Andei pensando que EJ e eu podíamos construir alguma coisa juntos quando voltarmos para Massachusetts.

– Ah, é? – disse EJ. – O quê, por exemplo?

Nick bebeu o café fazendo barulho.

– Por exemplo, uma Cabana dos Homens ou coisa assim.

– Cabana dos Homens?

– Um lugar para sermos homens. Sabe como é. Um lugar pra beber cerveja e jogar pôquer.

– Mas não jogamos pôquer – disse EJ, dando uma enorme dentada no folhado.

– Não, ainda não.

Charlene riu.

– Todo homem precisa de uma cabana só dele.

Nick sorriu pelo retrovisor. Seu plano, segundo ele, era construir uma Cabana dos Homens no quintal de EJ, perto do lago, ao lado de seu galpão de ferramentas.

– O Russ pode nos ajudar.

– Por que no meu quintal? – perguntou EJ. – Por que não *no seu*?

– Porque o meu quintal é do tamanho de um selo. O que cê acha, Silo?

EJ soprou o café.

– Acho que é a primeira ideia boa que você tem desde que se casou com a Zell.

– Entre à direita aqui – disse Charlene. – Estamos perto.

– Este folhado está perfeito – elogiou EJ. E estava mesmo.

– Obrigada, doçura.

Charlene ouviu, fascinada, EJ lhe contar da sauna externa que o tio-avô e o avô construíram na década de trinta, na margem do lago Malden, não muito longe de onde agora fica a casa.

– Os homens da minha família têm uma tradição ótima: eles suam em bicas numa saunapor mais ou menos meia hora, depois correm até o lago gelado e pulam.

Ela jogou a cabeça para trás e riu – um riso que fez EJ pensar em água clara e fria.

– Ah, gosto muito dessa tradição – disse ela, bebericando o café. – Conte mais.

– Meu tio, meu pai, todo mundo costumava implicar comigo, dizendo que eu não podia ser finlandês puro porque, quando fiz doze anos, já estava mais pesado do que qualquer adulto do clã Murtonen. Eu era fortão, de um jeito nada finlandês. – EJ recordou uma imagem impossível de apagar: a silhueta nua de homens magros e velhos, correndo descalços pela neve à luz da lua, jogando as toalhas de lado, soltando gargalhadas roucas, fedendo a cerveja, partindo para o lago e pulando nele.

– Quando eu tinha catorze anos – continuou EJ –, um empreiteiro comprou aquelas terras em uma transação nebulosa, derrubou a sauna e construiu uma McMansão.

– Que pena – disse Charlene.

– E é por isso que vamos construir uma sauna *nova* – disse Nick. – Num anexo à Cabana dos Homens.

– Será difícil impedir a entrada das senhoras – disse Charlene. – As mulheres gostam de fazer uma sauna.

– Bom, talvez a *sauna* possa ser mista – disse Nick.

– Mas não a Cabana dos Homens. – EJ levantou o copo de café e bebeu.

– É isso mesmo – concordou Nick. – A Cabana dos Homens, não.

– É bem aqui. – Charlene se curvou para a frente e apontou entre os bancos dianteiros.

Agradava a EJ o tilintar de suas finas pulseiras de prata. Charlene tinha cheiro de açúcar de confeitiro. Seus brincos de cristal cintilavam no rosto. – Encosta. Pode estacionar aqui.

– Você sabe que vamos precisar de autorização para construir a Cabana dos Homens e a sauna – disse EJ. – Da prefeitura.

Nick colocou o furgão na vaga.

– Danem-se as autorizações.

Todos riram e saíram do furgão. O esqueleto de uma nova igreja se erguia do terreno plano como um fóssil enorme. Estava longe de ficar pronta, mas já passava a ideia um grande navio. Uma arca.

Charlene os apresentou ao mestre de obras, um sujeito chamado Pierre, grande amigo do pai dela.

EJ pegou um capacete com Pierre e fechou a alça sob o queixo.

Nick sorriu.

– Acho que o grandão aqui não precisa disso – disse Nick a Pierre. – O crânio do Silo é bem resistente.

– Depois de você, Nick – disse EJ.

– Sempre o cavalheiro, Silo. – O capacete não cabia na cabeça de Nick, ficando comicamente pequeno. Mas eles só fariam uma visita rápida. No máximo dez minutos.

EJ ficou atrás de Nick, com Charlene andando a seu lado. À medida que o corredor se estreitava, ele sentiu as mãos dela em seus ombros.

– Espere por mim, querido – disse ela. Ele reduziu o passo.

Eles se aproximaram da estrutura de uma grande sala octogonal e Pierre apontou, dizendo que um dia haveria uma claraboia ali que permitiria a entrada de luz.

– Vai ficar lindo – comentou Nick, entrando no octógono.

Foi quando EJ sentiu um formigamento de consciência percorrer seu corpo.

Do alto, gritaram vozes masculinas.

Nick se virou e fixou seus olhos cinza em EJ.

– Merda! – diz EJ. Às vezes o som da própria voz corta a lembrança.

Ele abre o celular e aperta o número 2 para discar automaticamente o número dela.

Charlene vai tranquilizá-lo, dizer que não foi culpa dele. Que Zell falará com ele quando for uma boa hora para ela, que não é possível que ela o odeie.

Nick fez a passagem instantaneamente, dirá Charlene – num átimo. Não sentiu dor nenhuma.

O telefonema cai na secretária.

– Oi – diz ele quando soa o sinal. – Eu estava aqui sentado, pensando em você. Eu só estava, bom... Queria muito falar com você. Se estiver por aí.

Quem sabe mais tarde? – Desliga o telefone para não dizer mais nada. – Merda.

Há um saco de papel na mesa da cozinha: restos de muffins de chocolate. Ia colocá-los no freezer. Em vez disso, guarda o saco inteiro dentro do casaco e vai até o lago, no escuro. É

fácil andar; o Departamento de Parques e Jardins da cidade tirou grande parte da neve para a competição anual de pesca no gelo.

A casa dos Roy e a casa dos pais de EJ – no estilo rancho, com três quartos – foram as duas primeiras no lago Malden, nos anos setenta. Agora, várias McMansões praticamente idênticas dão para a margem, em terrenos uniformes, sem nenhuma árvore.

EJ provavelmente ganharia uma pequena fortuna se vendesse sua propriedade de frente para o lago a um empreiteiro, que demoliria a casa, nivelaria o terreno e ergueria mais uma McMansão. Mas o pai de EJ fez o último pagamento da hipoteca pouco após o divórcio, antes de se mudar para a Califórnia e de a mãe de EJ ir para o Cape. É ótimo não ter uma hipoteca mensal. É ótimo viver em um lugar pequeno que atende a suas necessidades, junto a um lago pequeno cujos ruídos e odores tornam seu ambiente mais selvagem e isolado.

Além disso, como o pai sempre dizia, os finlandeses-americanos não gostam de excessos.

EJ anda até o terreno lateral do sr. Roy. As lembranças o dominam: andando de trenó no inverno, pegando vaga-lumes em vidros no verão. Todo outono, quando EJ e Nick eram tão pequenos que as macieiras podiam ser escaladas, o sr. Roy os levava ao Pomar Bedard. *Se eu tentasse subir numa macieira agora, quebraria os galhos*, pensa EJ. *Como é possível que eu seja a mesma pessoa – o mesmo ser – que era na época?*, pergunta-se ele. *Será que sou?*

Ele toca a campainha. Um minuto depois a porta se abre, e ele entra na cozinha do sr.

Roy. O cheiro dessa casa – o cheiro poeirento de aquecimento elétrico e terra – é muito familiar.

O homem o envolve num abraço completo.

– Aí está você, Silo! – diz ele. – Eu tinha esperanças mesmo de que você me fizesse uma visita.

EJ entrega o saco de muffins ao sr. Roy.

– Tomara que não estejam amassados demais.

Eles ficam em pé na cozinha. O sr. Roy está praticamente igual: blusa de moletom genérica; jeans no estilo cowboy; barba grisalha sem aparar e cabelo cheio, o que confere à sua cabeça uma aparência arredondada e fofa; olhos cinza e fundos. A casa também não mudou – a cozinha prática com o painel marrom por cima da pia; paredes revestidas de madeira e cortinas pesadas na sala de estar, onde um violão completamente decrépito está encostado no sofá.

– Quer descer? – pergunta o sr. Roy. – Está quente lá embaixo. Não ligo muito o aquecedor porque os fornos consomem eletricidade demais. De qualquer forma, passo o tempo todo lá embaixo.

No porão, sentam-se em bancos sujos de argila. EJ cruza as pernas e fica balançando o pé suspenso de maneira quase compulsiva: um velho hábito do qual ele nem se dá conta. No canto, três fornos para cerâmica, da altura de meio homem, irradiam calor. Emitem estalos estranhamente tranquilizadores.

Logo EJ começa a transpirar. *Nós dois dependemos do calor para forjar nossos produtos,* pensa.

Um mural de cortiça exhibe fotografias feitas por Nick: o sr. Roy em um teleférico no monte Wippamunk; o sr. Roy mergulhando a borda de um pequeno vaso em um balde de esmalte.

Tachinhas prendem dois distintivos, do tipo que se costura na manga da camisa, no canto do mural. Os distintivos mostram uma árvore sem folhas em uma colina verde contra um céu azul. Uma trilha serpenteia em volta da árvore, rumo ao horizonte.

O homem acompanha o olhar de EJ.

– São distintivos oficiais da trilha Midmass – explica. – Nick e eu sempre falamos em percorrê-la, por partes. Você conhece a Midmass?

– É aquela trilha que atravessa o estado de norte a sul, não é?

O sr. Roy concorda com a cabeça.

– Vai de Rhode Island a New Hampshire, tem cerca de cento e quarenta quilômetros. É

dividida em segmentos, assim você pode caminhar sete ou oito quilômetros por vez. Parte dela passa bem atrás do prédio do *Wippamunker*.

O edifício Wippamunker, uma imensa fábrica onde produziam corantes um século atrás, fica na Reservoir Street. O riacho fluía rosa às segundas e terças, amarelo às quartas e quintas, verde às sextas-feiras e aos sábados. Agora o jornal ocupa o prédio. EJ lembra-se do quarto escuro de Nick, no porão. O

cara novo deve usá-lo hoje em dia.

O sr. Roy solta os distintivos e os mostra a EJ.

– A trilha Midmass era algo que eu sempre pretendia fazer com Ilene, no início.

EJ se endireita. Fica surpreso com a menção ao nome. Na adolescência, Nick raras vezes falava na mãe. Ela morreu quando ele era muito pequeno. Em algum lugar desta casa deve existir uma lembrança dela – um cartão que escreveu, um casaco que usou. Mas agora ninguém sabia onde estaria metida essa lembrança.

– Depois eu pretendia percorrer a Midmass com Nick – ele continua. – Mas nunca nos decidimos a ir. Você pede os distintivos depois que faz a trilha toda, mas me antecipei e os encomendei antes. Talvez eu não devesse ter feito isso.

Talvez eu tenha nos trazido má sorte.

– Ele olha os distintivos na mão de EJ. – Acho que é meio tolo. Mas esses distintivos são o tipo de coisa de que Nick teria gostado.

– Ele sem dúvida nenhuma teria gostado deles – concorda EJ.

– Fique com eles. Nunca vou fazer a Midmass mesmo. A quem estou enganando?

EJ passa os dedos pelos distintivos e os guarda no bolso do casaco. De súbito, está deprimido. Domina o impulso vago de lamentar oportunidades perdidas, planos feitos e esquecidos.

– Eu os darei à Zell – anuncia.

– Faça isso. E diga que mando lembranças.

– Você a vê muito?

– Não. – Ele suspira. – Acho que devia ligar para ela, mas ainda não me decidi. Ela também não veio me ver. Como ela está?

EJ dá de ombros.

– Não nos falamos. Escute. Quero que saiba que estamos planejando um tributo para o Nick. A France está organizando tudo.

Ele conta a ideia de France.

– Adorariíamos que você estivesse lá. E, se quiser participar de alguma maneira, basta me dizer. – Ele o convida a levar quantos familiares e amigos quiser.

O sr. Roy mantém a mão sobre a testa, como se protegesse os olhos do sol forte. Seu dedo mínimo treme.

– Zell sabe disso?

– Ainda não. Mas vou contar a ela em breve. Eu acho.

O homem se levanta e examina a estante a suas costas. Vasos e pratos enfileirados numa prateleira, canecas e taças em outra. Objetos em variadas fases de secagem.

– Geralmente não gosto de grandes produções, como você sabe, Silo – diz ele, de costas para EJ. – Não quero participar da organização. Mas vocês têm minha bênção, quer esteja pedindo isso ou não. E pode apostar que estarei lá.

Raymond, tio de Nick, também. – O sr.

Roy olha os fornos. – Nick sempre foi abençoado com bons amigos.

Quando EJ está para ir embora, o sr. Roy lhe entrega o saco de muffins.

– Agradeço pelo gesto, grandão, mas nunca fui fã de café da manhã. De qualquer modo, obrigado.

EJ fecha o zíper do casaco por cima do saco.

– Você ainda tem o trenó?

– Quer ver? – O sr. Roy ri. Leva-o à garagem, onde o trenó comprido e pesado está pendurado na parede, com o assento virado para fora. EJ passa a palma da mão no acolchoado, corre a ponta dos dedos pela borda de madeira.

– Meu Deus, vocês, crianças, ficavam loucos por essa coisa. Ainda bem que Ilene não estava por aqui naquele tempo. Ela jamais permitiria que vocês subissem nisso e descessem naquela velocidade.

EJ ri. Lembra-se da rajada de vento, da respiração presa na garganta enquanto o trenó atingia a velocidade máxima pouco antes de se nivelar e disparar sobre o gelo.

– Isso traz lembranças, posso apostar – diz o sr. Roy.

– Quer dar uma volta?

O pai de Nick solta um leve suspiro pelos lábios franzidos, como quem diz: “Ah, claro!”.

– Não ando nessa coisa há trinta e cinco anos.

– E daí?

– Eu passo. Mas pode levar pra dar um passeio. E não o traga de volta.

– O quê?

– Leva isso daqui.

– Não posso levar o trenó, sr. Roy. É uma antiguidade. Está na sua família há...

– É seu. Eu insisto. Pra que vou deixar isso pendurado aqui? Pra nada. Não tenho neto pra usar.

– Ele bate na almofada do assento. – Nick ia querer que você ficasse com ele. Sabe disso.

EJ balança a cabeça.

– Ora, eu insisto – diz o sr. Roy. Ele tira o trenó da parede e quase o deixa cair, EJ o segura pelo outro lado.

– Vou cuidar bem dele; pode ter certeza disso.

Juntos, carregam o trenó para fora e o colocam na neve, apontando para o lago, morro abaixo. Do outro lado do lago congelado, as luzes do quintal de EJ brilham na cova da fogueira, e, ao longe, o banco feito por seu pai parece uma miniatura. Ele monta no trenó e o alinha junto a um rastro de suas pegadas.

– Talvez não devesse fazer isso no escuro – diz o sr. Roy, com certo riso na voz. Ele aperta o ombro de EJ. – Bom passeio.

Seus passos desaparecem, e EJ ouve a porta da garagem se fechar com estrondo. Sozinho, considera o morro íngreme à frente. Não há muita claridade vinda da lua nem das estrelas. A neve e o lago formam uma massa indistinguível de um branco-azulado espectral. Ele se abaixa atrás da frente alta e arredondada do trenó. Está prestes a levantar o pé quando ouve um bipe escapar de algum lugar de seu casaco. Pega o telefone. O pequeno retângulo verde elétrico ilumina a escuridão. Uma mensagem de texto de Charlene: “RECEBI SEU RECADO, AINDA

QUER CONVERSAR? VC TA BEM, O Q

TA FAZENDO???”.

EJ digita a resposta: “ANDANDO DE TRENÓ NO ESCURO!!”.

Nick 6 de novembro de 2006

De:

nicholas.roy@thewippamunker.com Para: rose-ellen@roymedicalillustration.com Oi, minha doce Chef inha, A pastora Sheila vai voltar para casa de avião amanhã porque não quer deixar o marido sozinho com as crianças por mais alguns dias.

O padre Chet também volta amanhã, porque morreu algum bispo velho ou sei lá o quê e ele acha que deve estar presente no enterro. De qualquer forma, a pastora Sheila é uma pessoa muito legal. Nos últimos dois dias, ela vem falando de “construção versus destruição”, o que não parece assim tão profundo, mas, quando se está num lugar como aqui, dá mesmo pra colocar em contexto, se é que me entende.

Enfim, obrigado de novo por me deixar vir nessa viagem. Você vai ficar boa e virá comigo da próxima vez. Vai adorar. Quero dividir tudo isso com você.

Há tanto pra contar que não dá pra ser por e-mail ou mesmo por telefone.

Precisamos fazer esse tipo de coisa juntos. Partilhar realmente e crescer juntos. Depois trarei nosso time de futebol, quando tiverem idade pra isso.

Quando fecho os olhos à noite nessa cantina fedorenta, penso em uma neném parecida com você. O que acha de Ilene, o nome da minha mãe?

Espero não estar assustando você com toda essa conversa profunda. Ainda sou eu, é sério!

Nick 6

Zell – Temos alguns problemas – diz Garrett. É terça-feira, e ele está parado na minha porta vestindo jeans e um moletom da Universidade de Boston em vez de seu habitual terno risca de giz. Eu esperava Ingrid, e a televisão está no canal que transmite *Pitada de amor*, que está prestes a começar. Até já separei os ingredientes para a experiência pioneira da noite: meia xícara de manjerição fresco, um pote de sorvete de baunilha e tangerinas sem casca nem sementes.

– Qual é o problema? – pergunto. – Cadê a Ingrid?

– Nada de Ingrid esta noite – diz Garrett. – Envolvi você em nossos problemas, Zell, e não

devia ter feito isso. Peço desculpas.

Eu o puxo para dentro.

– Vamos tomar um café.

– Com muito creme, sem açúcar.

– Entendi. – Preparo o café, perguntando-me se o beijo que trocamos, de algum modo, entra nos problemas que ele acabou de mencionar. Sirvo duas canecas e as levo para a sala, onde ele está sentado no sofá, a cabeça apoiada nas mãos.

– E então, o que foi? – Coloco as canecas na mesa.

– Hoje recebi um telefonema da professora de Ingrid. Disse que ela não tem feito o dever de casa. E que isso já está acontecendo há algum tempo.

– Mas ela *faz* o dever – digo. – O tempo todo. Pelo menos, quando pergunto, ela me diz que já terminou.

– E você verifica?

Não verifico; isso nunca passou pela minha cabeça.

– Ela não jura de mindinho sobre isso – digo. – Eu não a obrigo.

– Eu mesmo não verifico há um bom tempo. Simplesmente confio quando ela diz que fez.

É tarefa minha verificar, não sua. – Ele passa a mão no topo da cabeça. – Droga, minha tarefa é ficar sentado lá e vigiar para ter certeza de que ela realmente fez. Ela só tem nove anos!

Sinto que devia dizer alguma coisa, mas não sei o quê, assim permaneço sentada, ouvindo.

– No trabalho, fico que nem um zumbi porque estou cansado demais o tempo todo. É de admirar que eu ainda não tenha sido demitido. Bata na madeira. – Ele bate duas vezes na mesa de centro. – E agora descubro que sou uma porcaria de pai, ainda pior do que suspeitava. Que minha filha vem mentindo pra mim há semanas.

– Você *não é* uma porcaria de pai...

– Foi um erro pedir pra você cuidar dela, Zell. Não vou à aula esta noite.

Ingrid e eu precisamos acertar as coisas.

– Onde ela está?

– Em casa. Fazendo o dever. Pelo menos, é melhor que esteja.

– Onde?

– *Onde?* Na cozinha. Por quê?

– Ela pode me ouvir de lá.

– Hein?

Entro no lavabo e bato na parede de Ahab: toc-toc-toc, pausa. Toc-toc-toc, pausa.

Depois de um segundo, ouço Ingrid, do outro lado da parede, entrando no banheiro. Ela bate justo quando Garrett se junta a mim. Ele fica perplexo.

– Você tá fazendo seu dever de casa? – pergunto.

– Tô. – Sua voz parece distante.

– Jura de mindinho?

– Juro de mindinho.

– Então volte pra ele.

– Tudo bem.

Garrett sorri e balança a cabeça.

– Legal.

Voltamos ao sofá.

– Posso perguntar uma coisa? – digo.

– Claro. – Ele engole o café fumegante.

– Polly Pinch é a mãe da Ingrid?

Ele baixa a caneca na mesa.

– Pra ser franco, nem acredito que você não tenha feito essa pergunta antes.

– Eu queria perguntar, mas não era da minha conta.

– Pode desligar isso? – Ele aponta a televisão com a cabeça; começou *Pitada de amor*. Polly

conta que seu gato enlouquece quando ela prepara o Frango *à la King Supersimples* no estilo sulista. O gato mia, esfrega a cara em seus tornozelos, tenta pular na bancada, é o que Polly conta. Ela pisca lentamente uma vez e sorri com os lábios separados. “Acho que meu gatinho gosta *um pouquinho demais* do meu Frango *à la King*.”

– Meu Deus – diz Garrett.

Desligo a TV.

– Então... eu namorei uma garota chamada Anita na faculdade – diz ele. – Anita era muito parecida com a Polly Pinch. Anita podia ganhar um concurso de sócia da Polly Pinch. Ingrid encontrou uma antiga fotografia em que apareço com Anita e desde então tem certeza de que Polly Pinch e eu um dia ficamos juntos. E de que Polly Pinch é sua mãe.

– E ela é?

Garrett suspira. Esfrega o rosto com as duas mãos e as deixa cair no colo.

– Logo depois que nos formamos, Anita engravidou. Decidimos tentar ficar juntos.

Alugamos um apartamento, arrumamos trabalho, economizamos dinheiro. Mas, o tempo todo, eu sabia que Anita estava com medo e não entrara nisso pra valer. Eu tinha um pressentimento... Quando Ingrid estava com quatro semanas, Anita fugiu para Atlanta com um vendedor de joias.

– Ah. Nossa.

– É. Nossa. Foi uma barra, pra dizer o mínimo. Mas já faz muito tempo, e... já esqueci.

Não sei se posso perdoá-la, mas não posso culpá-la por fugir. Ela não estava preparada para um filho. Quer dizer, eu também não, mas...

– Teve notícias dela?

Garrett bufa, fecha a cara e encara o chão.

– Não exatamente.

Fica em silêncio por um tempo, e então me levanto, pego o toca-discos na cozinha e o trago para a sala de estar. Gladys canta que não pode mais desistir, porque é forte demais.

Garrett cantarola junto. De algum modo, os estalos do vinil num toca-discos são tranquilizadores e me fazem pensar na lenha seca crepitando na lareira de Gail e Terry.

– Essas canecas são bonitas – diz Garrett.

– Foram feitas pelo pai de Nick. Ele fez todas essas coisas. – Gesticulo para a cerâmica na estante.

– Zell? Mais uma coisa. – Garrett tira um envelope do bolso. Está escrito: *Para minha mãe, Pol y Pinch, Boston, Massachusetts*, na letra vacilante de uma garotinha. – Encontrei isso na caixa de correio quando fui colocar umas contas ali hoje de manhã. Dá uma olhada.

Sento e chego mais perto dele, perto o suficiente para sentir o cheiro de café em seu hálito e sua colônia amadeirada. Ele mostra o conteúdo do envelope: duas notas de cinco dólares, oito de um dólar, nove moedas de vinte e cinco centavos, dezessete de dez centavos, duas de cinco, vinte de um centavo.

Ingrid evidentemente encontrou o papel de carta do escritório de advocacia de Garrett pela casa. Ela dobrou os papéis em um pequeno quadrado, como Nick, EJ, France e eu fazíamos com os bilhetes que trocávamos na escola.

Desdobro o papel, e surge a letra de Ingrid em tinta verde.

Querida mamãe, Minha vizinha e melhor amiga Zel Roy diz que as pessoas que se amam trocam cartas, mesmo quando uma delas está morta. Eu concordo e também acho que as pessoas que se amam deviam passar algum tempo juntas. Aqui tem um pouco de dinheiro para a passagem de ônibus, assim você pode vim me visitar. Se você vier até a estação Wusster, meu pai ou a Zel vão pegar você. Eu mesma ia buscar, mas ainda sou nova demais para dirigir. Você deve saber disso. Mas talvez tenha esquecido quantos anos eu tenho. Ou, se você me mandar de volta minhas economias, vou guardar para ir visitar você em Boston. Talvez eu possa ajudar nos bastidões do seu programa de TV. É meu programa preferido. Eu sou muito boa em medir. De repente eu posso medir as coisas pra você, como farinha e açúcar. Eu também sou muito boa pra moer pimenta. Adoro um moedor de pimenta. Você gosta? Aposto que sim.

Com amor, Ingrid Knox P.S.: Por que você tem um sobrenome diferente do meu e do meu pai? É porque as pessoas famosas às vezes mudam de nome pra ficar mais famosas?

Depois de terminar de ler, aliso a carta na mesa.

– Meu Deus! Uma vez Ingrid viu um e-mail que eu estava escrevendo. Pro Nick. Deve ter sido isso que lhe deu a ideia.

– Pro Nick?

– Acho que você pode chamar de... mecanismo de superação.

– Talvez esta carta seja um mecanismo de superação para a Ingrid. – Ele não levanta a cabeça enquanto fala. – A professora disse, muito delicadamente, que Ingrid não parece ter muitos amigos porque todas as crianças da escola pensam que ela é maluca, porque ela só sabe falar

sobre a Polly Pinch. Ela nunca fala de amigo nenhum e já faz algum tempo que não é convidada pra brincar na casa de ninguém depois da aula, ou para festas de aniversário e coisas desse tipo. Acho que por isso nunca pensei em pedir à mãe de uma das coleguinhas dela pra cuidar da Ingrid enquanto estou na faculdade. A obsessão por Polly ficou ainda mais intensa com esse concurso de sobremesas. Pensei que por um tempo seria bom pra ela, mas agora não tenho certeza. Imagine a reação dela quando eu disser que não pode cozinhar mais nada. Nem mesmo com você.

– Quer dizer...?

– Preciso que ela pare com isso, Zell. Tenho de levar isso a sério. Ela não pode deixar a escola de lado. Vou ter que baixar um decreto. Chega de Polly Pinch, e ponto-final.

– Acabaram as experiências de sobremesa?

– Acabaram. Você está livre. E também está livre do papel de babá.

Não digo nada. Me imagino cozinhando sozinha e reprimo uma onda de autopiedade. A verdade é que não quero cozinhar sozinha. Não quero mais ficar sozinha, ponto-final.

– E o que você vai fazer com a Ingrid? – quero saber.

– Bom, a semana que vem não será um problema porque ela vai para o Nature's Classroom.

O Nature's Classroom é um acampamento hippie noturno onde muitos alunos da quarta série da rede pública de Massachusetts passam uma semana andando na mata, cantando músicas de Cat Stevens em volta de fogueiras e aprendendo a distinguir cocô de guaxinim de cocô de cervo e coníferas de árvores decíduas.

– Depois vou levá-la comigo para as aulas – diz Garrett.

– Pensei que isso não tivesse dado muito certo antes.

– É *injusto* pedir para outras pessoas cuidarem dela. E não posso largar a faculdade.

Simplesmente não posso. Estou muito perto. Só mais algumas matérias. Talvez eu tire um semestre de folga, aí vamos... reavaliar. Pensar numa situação melhor.

– Você já pensou em terapia? – A pergunta salta da minha boca. Nem sei de onde ela veio.

Garrett ri.

– Eu devo precisar mesmo de terapia.

– Eu quis dizer para a Ingrid.

Ele dá um pigarro.

– Quer dizer, se ela realmente inventa coisas sobre a mãe – acrescento –, é demais para qualquer pai. Especialmente sozinho.

Ele não responde e de repente fico envergonhada, como se tivesse ultrapassado um limite.

Quem sou eu para dar conselhos? *Eu* é que deveria estar fazendo terapia.

– Desculpe. – Balanço a cabeça. – Passei dos limites.

Ele ergue a mão, calando-me.

– Não sei. A essa altura, não quero fazer com que se sinta ainda mais uma aberração. Ela precisa de normalidade. Ela precisa de... não sei. Quem dera eu soubesse.

– Talvez ela só precise de você.

– O que é esse barulho?

Desligo Gladys e os rapazes; ouvimos Ingrid batendo na parede.

– Vou atender essa – diz Garrett. Ele vai ao lavabo, e eu não escuto os dois conversando pela parede.

Pouco mais de um minuto depois, Garrett volta à sala.

– Obrigado, Zell. Ela quer que eu volte para ver seu dever de casa. Então vou pra lá agora.

– Ei. Ainda estou com o autoinjeter.

– Guarde com você. Tenho um milhão deles por todo lado. Ah. – ele tira o chaveiro de Nick do bolso do jeans –, acho que devia devolver isso.

Quando pego a chave, seus lábios se separam, como se estivesse prestes a acrescentar alguma coisa. Mas em vez disso assente e fecha suavemente a porta depois de passar.

Três e quarenta da madrugada. Só estamos Ahab e eu no campo de futebol do alto da colina, debaixo de refletores tão fortes que parecem a luz do dia. A neve aqui está esburacada, e o ar frio transforma minha respiração em pequenas nuvens brancas. Eu as vejo se dispersar na noite.

Do outro lado do campo, a neve voa atrás de Ahab. Ele galopa em meio arco, para e faz uma pose de poeta *beatnik*. Expira, e o ruído ecoa na arquibancada.

Depois dispara três metros para o lado, dá uma guinada e corre novamente.

Vislumbro o gato do sr. Bedard do outro lado da cerca. Ele balança o rabo e mia. Ahab desiste, corre para o gol e bate as patas na neve.

Estremeço e me lembro dos lábios de Garrett nos meus, seus braços me envolvendo quando me puxou para perto e me embrulhou no cobertor. Foi um erro beijá-lo. Foi cedo demais. Ainda é cedo demais.

Meus dedos encontram algo pequeno e metálico no bolso do casaco. O

prendedor, a fada com que Trudy fechou o saco do queijo de cabra que ela me deu na primeira vez que fui à casa dela.

Enfim, Ahab salta de volta a mim, ofegante. Está feliz e exausto, como aquelas pessoas que deviam estar no mural da p... do banheiro de hóspedes de Gail.

Prendo o clipe da fada em sua coleira, ao lado da licença canina em formato de hidrante dos bombeiros, prova de que ele é um morador de Wippamunk, constrangido mas orgulhoso, como todos nós.

Fevereiro de 2008

Querida Zel , Estou no Nature's Classroom. Meu pai disse pra pedir desculpas a você. Me desculpe por não fazer meu dever de casa. Eu não devia ter mentido pra você, dizendo que fiz o dever. Espero que você continue aprendendo sozinha a cozinhar e ganhe o concurso. De repente, se você vencer, meu pai me deixa ser uma convidada no programa com você.

Este é meu sonho e seu também.

O Nature's Classroom é legal porque ficamos muito ao ar livre e eu adoro ficar ao ar livre.

Também é legal porque aprendemos sobre as diferentes tribos de índios que antigamente conversavam por sinais de fumassa e isso me lembra de como conversamos pela parede do banheiro.

Espero que você não esteja zangada comigo por mentir.

Te amo e te adoro, Ingrid Knox P.S.: Tem uns cursinhos aqui e meu preferido até agora foi o de culinária. Foi melhor do que Conheça as Feses, porque fizemos cupcakes. No Conheça as Feses só olhamos o cocô de bichos diferentes e não tem cupcake pra comer.

Ahab e eu dividimos um travesseiro. Respiro em seu pescoço. Estou prestes a cair no sono, pairando naquele mundo entre mundos, onde às vezes a voz de Nick soa tão perto que juro que ele está ao meu lado na cama.

Em meu estado semionírico – e na vida real –, Gladys e os rapazes cantam que pegarão o trem noturno. Ela preferia viver no mundo dele do que sem ele no mundo dela.

No verso “he’s leavin’”, os Pips pulam. “He’s leavin’” –arranhão.

“He’s leavin’” – arranhão.

“He’s leavin’” – arranhão.

Ahab se mexe, boceja e esfrega a cara na fronha. A fronha de Nick.

Saio da cama. Estou junto ao toca-discos, examinando o vinil em minhas mãos.

O

arranhão é quase imperceptível.

– Como, Capi? Como arranhou?

Respondo por ele na voz rabugenta do Capitão Ahab: – Caramba, e lá vou eu saber, Rose-Allen?

Quando sopro o vinil, voa um fiapo de tecido. A droga de fiapo de tecido. Às vezes não são as coisas grandes que acabam comigo, que me destroem. Às vezes – talvez na maioria delas – as pequenas coisas são as mais explosivas.

Algo naquele fiapo se torcendo à luz do abajur deixa-me solitária e frágil, desesperançada, aprisionada e minúscula. Minhas mãos tremem; meus lábios formigam. Quase choro, mas contenho as lágrimas, respirando fundo e de modo entrecortado.

Meu coração para de bater por quatro segundos inteiros. Imagino que ele esteja suspenso em uma cavidade escura como um relógio numa corrente, como um morcego dormindo em uma caverna úmida. Depois volta a bater, loucamente, como cavalos presos, escoiceando num estábulo em chamas. Em seguida, batida nenhuma. Depois disso, batidas ferozes.

Batida nenhuma.

Batidas ferozes.

Preciso sair da p... dessa casa. Afastar-me do sótão, do cubo queimado – e do que tem dentro dele.

Vou à Muffinry. E desta vez vou entrar. EJ e eu conversaremos. Vai ficar tudo bem, e a vida continuará, porque tem de ser assim. Porque deve ser assim.

Tremendo, dou um beijo acima do tapa-olho peludo de Ahab e puxo as cobertas até seu queixo. Mas ele se levanta, livra-se das cobertas e me segue escada abaixo. Ele nunca me abandonará, meu Capitão.

– Alvíssaras, pelas tetas de Lúcifer, alvíssaras! – digo. Puxo suas botinhas, seu casaco. – Que momento feliz! Arre! – Fecho o zíper de minhas botas por cima da calça do pijama.

Fecho o zíper do casaco por cima da camiseta – a camiseta da Viagem de Nick, uma daquelas bregas feitas por Russ. É vermelha e diz WIPPAMUNK

AMA NOVA ORLEANS. A pastora Sheila me deu a camiseta naquela manhã na entrada da

casa de Gail. A tinta cobria meus braços, e uma agulha de pinheiro morta se projetava dos cachos castanho-avermelhados da pastora Sheila.

O padre Chet postou-se atrás dela, as mãos em seus ombros, o rosto molhado.

Meus pais, Terry com um braço em volta de Gail, que apertava Tasha contra seu quadril – os cinco olhavam do deque, enfileirados na grade. Em minhas lembranças, estão inteiramente imóveis e em tons de sépia, como figuras de uma litografia antiga.

– Io-ro-rô! – Prendo a guia na coleira de Ahab.

Vamos escorregando e deslizando pela High Street, passando por casas coloniais pré-fabricadas, pelo Pomar Bedard, pelo distrito policial. Entramos à esquerda na Main e seguimos para o cruzamento da Rota 331.

O céu tem um estranho tom rosa-enegrecido, sem estrelas. O que significa – como sabe todo morador de Wippamunk – neve.

– Aurora de céu vermelho – resmungo –, alerta aos marinheiros!

Meu peito se alterna entre as batidas ferozes e nenhuma batida.

Uma viatura policial reduz e para diante dos portões do cemitério, perto do bordo de trezentos anos, a árvore mais velha do condado de Worcester. Luzes azuis e vermelhas giram, e France fica parada junto à porta aberta do motorista.

– Oi – cumprimento. – E aí?

– Meio tarde para um passeio, Zell.

Protejo os olhos com a mão.

– Ou meio cedo.

– Precisa de alguma coisa?

– Não.

– Quer uma carona?

– Só pegando um ar fresco.

Ahab gane; ele detesta parar.

– France? Posso te fazer uma pergunta?

– É claro.

– Na Viagem, Nick falou em um presente?

– Um presente?

– Que ele ia me dar. Quando voltasse.

– É aquilo que estava no seu forno?

Concordo com a cabeça.

– Não. Não comigo, quer dizer. Desculpe.

– Tudo bem. Só queria perguntar.

A ponta de seu nariz está num tom de vermelho vivo; o resto do rosto parece descorado.

Um grande Tapa da Memória: em meu casamento, perto do fim da noite, fui à varanda do albergue para clarear a cabeça. Olhei o monte Wippamunk – os refletores incríveis, os esquiadores, os praticantes de snowboarding, as cadeiras do teleférico em suas subidas e descidas incansáveis. Ao meu lado, o telhado inclinado com um Papai Noel em tamanho natural empoleirado em um trenó vermelho. Ele segurava as rédeas, dirigindo uma turma de pequenas renas de espuma.

Ouvi um soluço.

– France?

Seu braço ossudo – coberto de veludo azul-marinheiro molhado – disparou de trás do trenó.

Sua voz estava arrastada.

– Aqui. Policial Frances Hogan chamando você. – Ela manteve a mão erguida durante toda a nossa conversa; eu falei para dedos delicados, de cutículas soltas.

– Você ainda não é policial, France.

– Que merda. Quer dizer que não posso algemar legalmente o Papai Noel?

– Por que você não desce daí?

– Estou tão feliz por você, Zell. Tão feliz por você e Nick.

– Obrigada.

Outro solução dá lugar a fungadelas.

– Lágrimas de cerveja? – perguntei.

– Nick é um bom sujeito. E você é uma mulher de sorte. Você venceu, e com justiça.

– Venci o quê?

– Você venceu. Você é uma vencedora. – Fungada. Soluçada. – Você é *a* vencedora. A vencedora de Nicholas Roy.

– Quer que eu ajude você a descer daí? Não é um trenó de verdade, France.

Deve ser só compensado ou papelão. E você está no telhado de um chalé, a uma altura de três andares.

Fora que bebeu *muito*.

– Senhoras e senhores! – gritou France, como uma locutora de bingo. Sua mão formou o sinal de positivo. – Temos uma vencedora!

Vida real. Tempo real. Quatro da madrugada. Main Street, Wippamunk.

– Eu perguntei se você quer ver meu gatinho – diz France. Ela aponta com a cabeça para um pequeno prédio de tijolos aparentes próximo: a floricultura de Wippamunk. Seu apartamento fica na sobreloja. – Vem ver. Ele é uma gracinha.

– E Ahab? Ele gosta de perseguir e comer gatos.

France abre a porta traseira da viatura, e Ahab entra. Ele mais parece um filho de milionário entrando em uma limusine do que um cachorro pulando para dentro de um carro.

– Voltamos já, Capitão – avisa France, fechando a porta. – Bom garoto.

Eu a sigo até os fundos da floricultura e subo a escada de ferro escorregadia, segurando firme no corrimão. Ela gira a chave, acende uma lâmpada fraca e faz alguns ruídos de beijo.

O gatinho corre pelo piso da cozinha, miando sem parar. É todo cinza, tem o nariz preto, olhos verdes e uma ferida com casca na orelha esquerda.

– O nome dele é Bergie. – France o pega no colo. – Diminutivo de Bergamota.

Eu ia batizar de Earl Grey... Entendeu? Tipo o chá? Mas concluí que era óbvio demais. Assim, ficou Bergie.

– Ele é lindo. E o nome combina com ele.

– Que pena que Bergie e Ahab nunca brincarão juntos.

O apartamento está quente, como se ela tivesse colocado o aquecedor no máximo antes de sair para trabalhar. Abro metade do casaco. Pequenos grãos de areia sanitária pontilham o piso da cozinha.

Ela senta numa antiga cadeira de balanço de vime, perto da janela. Bergie de imediato se acomoda no vão onde as pernas de France se tocam. Ele mete as patas dianteiras por baixo do corpo. Ela acaricia seu queixo e imita um ronronar.

– Eu o peguei no abrigo. O diretor de lá me avisou que tinha um gatinho. Um lindo gatinho cinza que foi abandonado. Quer sopa?

– Nem. – É estranho oferecer sopa a alguém às quatro da manhã, mas essa é a France.

– Posso abrir uma lata e esquentar.

– Preciso voltar logo pro Capitão.

Olho em volta. Além da cozinha, só mais três cômodos: um banheiro do tamanho de um armário; uma sala de estar pequena com um sofá manchado e arriado e uma estante feita de caixas de leite; e um quarto mínimo. Pela porta aberta do quarto, vejo o canto de uma antiga arca de cedro e a perna de uma cama, que Bergie, ao que parece, usa para afiar as garras.

– Você está bem? – pergunta France.

– Claro. – Abro inteiramente o casaco e tiro o gorro. – O que quer dizer com isso?

– Quero dizer que já faz algum tempo que não saímos juntas. Devíamos sair pra tomar uma cerveja um dia desses. No Blue Plate. Conversar sobre as coisas. Sabe como é. A noite das amigas.

Procuro aparentar entusiasmo com uma noite das amigas – a ideia me agrada –, mas desanimo.

Saco.

– Desculpe, France. É que muitas vezes, quando você está por perto, eu penso na última noite de Nick em Wippamunk. Não é culpa sua, claro, mas...

Ela dá uma longa e lenta acariciada no dorso de Bergie.

– Quer dizer o acidente na Old Rutland Road?

Concordo com a cabeça.

– Eu só queria que a última experiência dele em Wippamunk fosse positiva. E

não horrível.

Um Tapa da Memória quase me faz vacilar, e tenho de me apoiar no encosto de uma cadeira da cozinha. Acordei à meia-noite e dois e encontrei um bilhete no travesseiro de Nick.

Amor, Com sorte, você só acordará quando for sua hora, mas, caso acorde, queria que soubesse que tive de sair para fazer umas fotos. France me ligou – um acidente muito, muito feio perto da Rota 331.

Não devo demorar muito. Não se preocupe.

Nick Ele chegou em casa uma hora depois, talvez mais. Tirou as botas. Elas caíram com um baque no chão. Ouvi-o se despir e fiquei de olhos fechados, de costas para ele, enquanto ele me contava o que aconteceu.

Na Old Rutland Road, seus faróis iluminaram um emaranhado achatado de metal, borracha, vidro e tronco de árvore. O que antes era um carro preto estava de cabeça para baixo. O sangue banhava o calçamento e o painel, que jazia encostado na base de uma árvore.

Fragmentos de entranhas, cérebro e crânio pontilhavam o asfalto.

France contornou o carro e acendeu sua lanterna aqui e ali. Dennis seguia o comandante Kent na cena e tomava notas. Nick fotografou o operador do reboque, que lutava para prender os destroços a uma corrente.

– Foi horrível – disse Nick, afofando o travesseiro e afundando nele com um suspiro. Ele acariciou meu bumbum por cima do cobertor. – Horrível e triste.

France disse que o motorista era um juvenzinho. Estava voando pela Old Rutland Road. É uma via cheia de curvas e fica bem escorregadia nesta época do ano, por causa das folhas molhadas. O garoto não usava cinto de segurança.

Bateu de frente numa árvore. Os primeiros a chegar procuraram seu corpo por vinte minutos; ele voou cinquenta metros pra dentro da mata e caiu em cima das árvores, a uns três metros do chão. Zell?

– Sim?

– Desculpe. Eu não devia te contar tudo isso. Enchendo sua cabeça com essas coisas.

– Tudo bem – eu disse. Ele se aninhou em mim e de certo modo caí no sono, sentindo-me quase culpada por meu conforto: o braço do meu marido em volta de mim em nossa cama quente, Ahab estendido a meus pés.

E, apenas poucas horas depois disso, acordei com Nick me dando um beijo de despedida.

– Não se levante – disse ele. – Continue dormindo.

Ele desceu a escada batendo a mala nos degraus.

– Voltarei antes que você se dê conta! – gritou. – Teremos uma noite épica de sexo de reencontro.

– Eu te amo! – gritei da cama. – Se cuida.

Olhei pela janela e vi Nick apertar a mão do comandante Kent e pegar um donut que Russ oferecia, enquanto EJ balançava a cabeça, fingindo nojo. Foi a última vez que vi Nick vivo: colocou a mala no furgão ecumênico, meteu um donut na boca e soprou um beijo cheio de açúcar para a casa.

De repente, Bergie pula no chão e dispara para baixo da mesa. Tempo real, lugar real.

France se levanta e fica ao meu lado de modo que nossos ombros se tocam.

Ela cruza os braços.

– De certo modo, *foi* bonita – diz ela. – A última noite de Nick em Wippamunk.

Penso no que Nick me contou, a carnificina e as partes do carro espalhadas para todo lado. France viu tudo isso. Como pode dizer uma coisa dessas?

– Bonita? – Procuro não demonstrar raiva. – Como?

– Bom. Nick voltou pra casa. Pra você.

Nunca pensei assim. Mas é claro que ela tem razão: tecnicamente, a última lembrança de Nick em Wippamunk *não foi* o que aconteceu na Old Rutland Road. Foi voltar para casa.

– Não é? – diz France.

Concordo e tento sorrir.

– Chuchu beleza.

Em cima do aquecedor, espio algo que me confunde e me assusta: a letra de Nick. Sua mensagem de parabéns enche o fundo de uma foto enquadrada e virada para a parede.

– Essa é a foto que Nick tirou de você? – pergunto. – De sua formatura na academia?

France me passa o porta-retrato. Examino de perto seu rosto – o sorriso oblíquo, a pele

marcada. A aba dura de seu quepe de policial tombando sobre suas sobrancelhas assimétricas, não definidas.

– Por que você pôs isso virado? – pergunto.

– Por que eu ia querer ver uma foto minha? – Ela examina as unhas coloridas.

– Por que Nick sempre foi tão legal comigo, Zell?

Coloco o porta-retrato de volta no aquecedor, a letra de Nick voltada para a parede.

– Porque Nick era um cara legal – digo. – Porque ele era um bom amigo.

France olha seu retrato. Não mudou muito desde aquele dia. Não fisicamente.

– Porque esse era um dia importante – acrescento. – Você concretizou o objetivo de uma vida inteira, e Nick queria celebrar a ocasião.

– Sinto falta dele – diz France.

– Eu sei. – O calor familiar se acumula atrás de meus olhos, mas não quero chorar, então rapidamente peço licença e vou ao banheiro, embora eu não esteja com vontade de fazer xixi.

Descanso por um tempo no assento sanitário almofadado azul de France, que nunca me pareceu ser algo que ela teria. Mas essa é a France. A caixa de areia está ali, no chão, ao lado do armário estreito de roupa de banho sem porta.

Quando volto à cozinha, France me estende um Bergie sonolento e ronronando.

Pego o gatinho nos braços. Ele lambe e mordisca meu pescoço, depois fecha os olhos.

– Aonde você estava indo mesmo? – pergunta ela. – Em geral você vai a pé até o colégio.

Nunca a vi subindo tanto a Main Street até esta altura.

– Vou à Muffinry. – Beijo a cabeça incrivelmente macia de Bergie.

– Puxa. – Ela sabe que EJ e eu não nos falamos desde A Viagem. Tenho certeza de que chegou a pensar em orquestrar uma reunião, uma espécie de intervenção, mas France não é de se meter.

– Bom – diz ela –, por que não me deixa te dar uma carona?

– É só mais uma quadra e meia até lá. Mas obrigada pela oferta.

– Não devia sair a pé a essa hora do dia.

- A única pessoa que vejo na Main Street às quatro da manhã é você, France.
- Coloco Bergie na cadeira da cozinha. Ele não acorda.
- Eu me sentiria muito melhor se levasse você.

Sorrio.

- Tudo bem, Rosco.

Ela põe um braço em volta de mim e me conduz à porta, fazendo sua melhor imitação do famoso riso de Rosco P. Coltrane: uma gargalhada gutural, mas ainda assim aguda.

Um instante depois estou entrando na traseira da viatura. Ahab balança o rabo uma vez, no estilo galgo. Ele dá algumas cheiradinhas em minha orelha, sua versão de um beijo.

France dirige lentamente pela Main Street, passa pela igreja congregacional, a loja de conveniência, a lojinha de souvenir. A viatura sobe suavemente, e logo entramos no estacionamento de cascalho da Murtonen's Muffinry.

- Obrigada pela carona – digo.

- O prazer é meu.

- Adorei conhecer Bergie.

Pelo retrovisor, os olhos de France sorriem.

- Ele é um gato, né?

- Espero que o resto do turno seja tranquilo.

- Espero que você tenha uma boa conversa com EJ. Estou muito feliz por você decidir falar com ele. Sabia?

- Eu sei. – Sigo Ahab, que sai do carro e anda pelas pedras pontudas do estacionamento. À

nossa volta, o cheiro de manteiga aquecida e açúcar enche o ar. Aproximamo-nos do toldo listrado, e, embaixo dele, France pega a Main Street e vira à esquerda.

Aperto minha cara contra o vidro, mas não consigo distinguir muita coisa por causa do vapor. Lá dentro, ouço música tocando: termina uma do Nirvana e começa outra do Guns N'

Roses. Todo mundo ouvia essas coisas no colégio. Nick tocava no nosso sótão por horas.

Durante anos. EJ Murtonen ainda ouve.

Ahab gane.

– Adiante, carrapato poltrão! – digo na Voz de Ahab. – Ou darei um cascudo em tua cabeça dura.

Tento abrir a porta. Trancada.

Ali dentro, aproxima-se uma sombra de mais ou menos um metro e oitenta. Um braço musculoso e tatuado limpa a condensação, e os olhos azuis e fundos de EJ espiam pelo vidro.

Ele parece mais velho; suas sobrancelhas louras parecem mais grossas do que me lembro.

– Zell?

Meus dentes batem, mas não porque estou com frio. E sim porque estou nervosa.

A porta se abre. Um cheiro doce e delicioso me envolve. É doloroso olhar para ele.

Uma bandana cobre seus cabelos. Um avental sujo de gordura se estica por sobre sua barriga. A farinha de trigo pontilha os sapatos e a calça xadrez preta e branca; seu cavanhaque parece ter sido mergulhado em farinha.

Ele me olha de cima a baixo.

– Você tá bem? São quatro da manhã.

– Eu sei. Estou bem.

– Oi, Ahab. Estou cheirando bem, não? Bom garoto.

Ahab fecha os olhos e se encosta na perna de EJ.

– Como está sua cozinha? – pergunta ele.

– Ah, ótima. Obrigada.

Ele solta a guia, e vemos Ahab disparar para dentro. Ele fareja as vinte e quatro pernas de mesa da Murtonen's Muffinry, depois se enrosca em um canto atrás da caixa registradora.

– Meu Deus – diz EJ. – Não nos falamos desde antes de seu incêndio. Desde que...

Levanto a mão com a luva.

– Não vamos fazer isso.

Ele assente.

– Escuta – digo –, preciso de sua ajuda.

Por um momento ele não se mexe, só fica parado ali, olhando Ahab. Por fim atravessa a sala, tira duas cadeiras de cima de uma mesa e as coloca no lugar.

– Sente-se.

Vai atrás do balcão e volta com dois pratos, cada um trazendo um donut fumegante e salpicado de açúcar.

– É um beignet. – Ele senta e suspira. – Os sulistas sabem fazer um donut danado de bom; posso garantir isso. Acho que eu os aperfeiçoei. Ou melhorei, pelo menos.

Comemos nossos beignets em silêncio. Noto que estou provando o delicioso donut *cajun* descrito por Nick, aquele que a proprietária da cafeteria – Charlene – ensinou EJ a fazer.

Bebemos café em copos de papel. É forte, tostado e amendoado. É assim que ele faz desde A Viagem, explica.

– Tem chicória.

Procuro não olhar para ele.

Ahab se levanta. Gane, ofega e põe a cabeça em meu colo; está dizendo que esqueci de tirar seu casaco e suas botinhas. Faço isso e coloco a roupa embaixo da mesa, e ele volta a se enroscar no canto. Seu rabo pousa sobre o focinho, cobrindo os olhos.

EJ olha o relógio de colher de pau.

– Travis está atrasado – diz ele. – De novo.

– Travis?

– Meu mais novo servo por contrato.

Pela janela, observamos a neve cair. Ela cobre o estacionamento de branco.

EJ verifica o forno e volta com um jarro. Completa nossos copos.

– Ele falou alguma coisa sobre um presente? – pergunto. Não digo o nome de Nick, porque, com EJ, não preciso.

– Um presente?

– Um presente que ele comprou pra mim. – Sopro meu café. – Que talvez ele fosse me dar quando voltasse da Viagem.

Ele leva o copo ao nariz e o deixa ali, respirando o vapor.

– Você tá tentando entender o que quase incendiou sua casa.

Não consigo ver a boca de EJ, mas sei que está sorrindo, porque os cantos de seus olhos se enrugam.

– Ele escondia coisas pra você no forno o tempo todo – diz ele. – Eu sabia disso. – Toma um longo gole. – É muito engraçado, se pensar bem.

– É. – Sorrio, quase rindo.

– Quanto a esse presente específico, não. Tenho certeza de que lembraria se ele tivesse me falado alguma coisa específica. E se eu soubesse que havia um presente esperando por você esse tempo todo em seu forno, teria avisado.

Suspiro.

– Eu estava torcendo pra que você me dissesse qual era o presente. Mas, de certo modo, sabia que você não poderia.

– Foi o que veio até aqui me perguntar?

– Na verdade, não. Essa foi uma espécie de pergunta bônus.

– Há mais alguma coisa?

Me obrigo a olhar seu rosto.

– Tem mais uma coisa.

Ele estala o nó dos dedos. Seus olhos disparam por toda a loja. Sei que ele não me quer aqui, e por um segundo penso em ir embora: basta me levantar e sair pela porta.

Mas tudo se derrama de mim. Tudo. E, assim que falo, o alívio parece dominar EJ. Ele me olha o tempo todo enquanto falo. Coça o cavanhaque e bebe seu café.

Confesso sobre minha vida adulta de refeições congeladas e jantares delivery, e o concurso que sinto ser meu destino vencer porque o prêmio é de vinte mil dólares, a quantia que Nick citou no e-mail. Quando menciono o valor, EJ

assente devagar.

Conto das Delícias de Pasta de Amendoim sem Farinha, dos Biscoitos de Banana, Cacau e Milky Way, do Bolo Invertido de Brownie de Aveia e assim por diante. Conto que cada

desastre na cozinha fez os lábios repuxar, a língua arder ou os olhos lacrimejar, deixou a boca supersaturada ou seca como poeira, o estômago vazio ou cheio demais, mas decididamente não aqueceram a alma.

Conto a ele sobre Trudy e o celeiro, o lince feito com motosserras, a silhueta de Boston.

Descrevo Ingrid. Conto que ela pensa que Polly Pinch é sua mãe, mas Garrett diz que não é.

Da semelhança dela com Polly Pinch, principalmente nos olhos e na boca, e do tom de pele de Ingrid, parecendo uma mistura perfeita da cor de Garrett e de Polly. Garrett não quer mais que Ingrid cozinhe nada, digo, porque ela está indo mal na escola, não tem amigos da idade dela e a culinária estimula sua fixação por Polly Pinch, que Garrett não acha saudável, embora eu não esteja muito convencida disso.

Falo por tanto tempo que minha garganta começa a doer, mas é uma dor boa, como se eu tivesse aberto uma pequena válvula em algum lugar e deixado sair o ar estagnado. Acho que não falo tanto desde que Nick morreu. Empurro meu copo, e EJ o completa mais uma vez, franzindo a testa.

– Ainda estou na parte em que a Bruxa Velha liga doze motosserras e entalha um lince na madeira. – Ele ri, e o riso parece surpreendê-lo. – Já viu o artigo sobre ela no *Wippamunker*?

– Não leio mais o jornal.

– É. Imaginei isso.

Lá fora, faróis varrem o estacionamento, mas não é o Travis, só alguém fazendo a volta.

Em geral, não adoço meu café, mas derramo três saquinhos de açúcar e mexo.

– O concurso de Polly Pinch é para amadores – digo. – Sou totalmente amadora; disso eu tenho certeza.

– Mas eu sou profissional – diz EJ. – Se te ajudar, estaríamos infringindo as regras.

– Eu sei. – Pego meu café. – Não quero que você *me ajude* me ajudando. Só preciso de alguma inspiração.

Ele assente.

– Quanto tempo você tem até estourar o prazo?

– Duas semanas.

Ele dá um pigarro e cruza os braços.

– Vou falar com franqueza, Zell: você jamais vai conquistar Polly Pinch com barras de Milky Bar, mistura para brownie ou aveia instantânea. Já viu o programa dela?

– Ultimamente, o tempo todo.

– Ela prefere o equilíbrio. O sabor. Não coisas pesadas. E nada que você possa comprar numa caixa ou numa embalagem. Ela prefere *comida*. Ela tem classe. O tempo todo. – Ele tira a bandana da cabeça, revelando cachos louros que estão perdendo o volume. – Não sei se você procurou a pessoa certa para ter inspiração. Quer dizer... – Sua voz fica mais baixa. Ele torce a bandana no colo. – Eu faria qualquer coisa por você. Sabe disso. Mas minhas habilidades nesta área são muito limitadas.

– Em que área?

– Na área gourmet.

– EJ, você foi o único aluno em toda a história do colégio... a receber nota máxima da Bruxa Velha. Isso deve significar alguma coisa.

Ele fica vermelho e agita a mão.

– Isso foi no colégio. Fichinha.

– Mas você foi para a Johnson and Wales. Você é o Homem Muffin. Você é o Homem Muffin.

– No condado de Worcester, ninguém me vence. Talvez em toda a Massachusetts central ninguém me vença. Isso é verdade. Mas perto da Polly Pinch? *A porra da Pol y Pinch?* – Ele franze o cenho e se recosta na cadeira, equilibrando-a em duas pernas. – Perto da Polly Pinch, sou um pé-rapado.

Espere um minuto.

Ele se levanta, dá um tapinha numa bandeja de muffins para saber se estão frios e os arruma numa vitrine. Ao voltar, abaixa-se para acariciar Ahab, que suspira, satisfeito.

EJ volta a sentar. Bebo mais café.

– Posso te perguntar uma coisa? – digo.

– Qualquer coisa.

– De onde você tira inspiração?

Ele sorri.

– Charlene e eu andamos conversando sobre isso. E a verdade é que... Sei que isso parece esquisito, mas vou confessar... É dos sonhos.

– Dos sonhos?

– Eu sonho com ingredientes. Charlene também. Isso não é estranho?

Recolho o açúcar do meu prato de beignet e lambo.

– É muito esquisito, Eege.

– Sonho com ingredientes que parecem não ter nenhuma relação lógica. Por exemplo...

Sei lá, caju e... raspa de limão ou coisa assim. Depois, de manhã, escrevo essas duas coisas. E nos dias e semanas seguintes, do nada, percebo por que sonhei com elas.

Entendo onde se combinam. Como se combinam. Nem sempre vão bem juntos, mas às vezes sim. Então, talvez você só precise prestar atenção em seus sonhos.

– Acho que isso não vai dar certo comigo. – Descanso a cabeça na mesa, e uma lágrima desliza pelo meu nariz.

A mão suja de farinha de trigo de EJ segura meu braço.

– Zell?

Não respondo.

– Sou um finlandês-americano – diz ele.

Balanço a cabeça em concordância.

– Eu sei. Todo mundo sabe disso.

– De terceira geração. Dos dois lados. O sobrenome da minha mãe era Haapajarvi. O

sobrenome da mãe dela era Hakkarainen. Meu avô e o irmão dele construíram uma sauna com as próprias mãos, na margem do lago Malden. Por que estou contando isso?

Fungo e dou de ombros.

– Porque você pode aprender algumas lições de vida muito importantes com um finlandês – diz ele.

– Tipo como fazer *glögg*?[[1](#)]

– *Glögg* é sueco.

– Ah. Desculpe.

– Escute. Um finlandês jamais arrega num desafio. – Ele bate palmas, criando uma nuvem de farinha no ar.

Respiro a farinha e tusso.

– E você sabe do que mais um finlandês nunca foge? – Ele aponta o dedo para a minha cara. – De Bruxas da Economia Doméstica, como a Polly Pinch.

Quase rio em meio às lágrimas – quase. EJ sorri e assente para seu copo de café. Ergue um dedo ao engolir.

– Antes que me esqueça, eu queria dar isso pra você. – Ele pega dois distintivos – verde, azul e amarelo – no bolso de sua calça cargo.

São distintivos oficiais da trilha Midmass. Eu os reconheço de pronto.

– Arthur deu isso pra você? – pergunto. O pai de Nick sempre quis fazer a Midmass comele. Na realidade, eles falaram nisso durante anos. Mas nunca botaram a ideia em prática.

Coloco os distintivos no bolso de trás de minha calça de pijama, embora eu não os queira.

– Valeu.

– O senhor Roy mandou lembranças – diz EJ. – Você devia telefonar pra ele.

Começo a negar, porque não vejo Arthur desde o funeral e não consigo imaginar falar com ele agora, mas lá fora um carro esmigalha cascalho no estacionamento.

– Deve ser o Travis, pontual como sempre – diz EJ.

Um instante depois, a cara de lua de Travis aparece na porta. Um gorro de inverno antigo dos New England Patriots, com um homenzinho furioso em uma posição de três pontos, está torto em sua cabeça.

– Venham aqui fora ver essa briga de gatos! – chama.

EJ e eu o encontramos na porta. EJ acende um refletor e banha o estacionamento, onde o gato de Bedard enfrenta um animal preto e lúcido que parece meio gato, meio doninha. Eles não reagem à luz ou a nós; estão hipnotizados um pelo outro.

– Coisinha esquisita, eita – diz Travis.

– É uma fuinha – digo. Sei disso porque uma vez Nick chegou em casa todo animado com fotos de uma fuinha. É difícil fotografá-las porque são reclusas, foi o que ele disse.

Essa fuinha é magra e forte, com uma cabeça meio quadrada, rabo grosso como uma corda náutica e garras tão compridas que posso distinguir a distância.

O gato de Bedard sibila e grita. A fuinha tenta bater no gato, mas erra.

– Caramba! – diz Travis. – A coisinha é enjoada. – Ele mete os dedos na boca e assobia. Os dois animais se agacham e nos olham. O ar frio invade o salão pela porta aberta.

Ahab dispara de seu cochilo e galopa para a porta, boquiaberto, os olhos em brasa.

– Ahab, *não!* – Corro atrás dele. Salto e tento pegá-lo pelas pernas traseiras, mas bato no chão duro com os braços vazios.

Ahab é um torpedo preto e branco. Esbarra de lado em Travis e EJ.

– Mas o que... – diz Travis, recuperando o equilíbrio. – De onde veio esse cachorro de corrida? Esse cachorro tem *colhões*.

Ahab late quando chega ao cascalho irregular e congelado do estacionamento.

Mas não reduz o passo. Agora tem dois alvos e galopa a toda velocidade para eles. O cascalho bate em suas costas.

A fuinha zune, um borrão preto. Corre para as árvores e desce a ravina no final do estacionamento.

O gato de Bedard se abaixa. Grita, cospe e agita uma pata. Depois também dispara para a mata e desaparece ladeira abaixo.

Ahab ganha velocidade.

– Capi! – Corro pelo cascalho. Soam passos atrás de mim: EJ também o persegue.

– Vou ficar bem aqui, é o que vou fazer! – grita Travis. – Nunca ouviu falar da doença de arranhão de gato? Existe de verdade, eita.

Ahab para na beira da mata. Fareja o ar onde, segundos antes, estava o gato.

As orelhas do Capitão ficam pontudas. Ele está imóvel como uma das estátuas de Trudy.

Reduzo o passo, não quero assustá-lo. EJ se esgueira a meu lado, respirando com dificuldade.

– Ahab, hora do biscoito! – cantarolo. Torço para ele se virar para mim, procurando um

biscoito de cachorro. – Hora do biscoito; tem biscoito pra você!

A neve se adensa. Parece uma cortina de mil contas brancas.

Estou a um metro e meio de Ahab. Um metro e pouquinho. Ouço seus dentes batendo.

Vejo os músculos tremer sob o seu pelo cheio de flocos de neve.

Um metro. Estendo o braço.

– Hora do biscoito, Capi – sussurro. Meus dedos estão a meio metro de seu lombo. – Por favor.

Ele olha por sobre o ombro e pisca seus grandes olhos castanhos.

– Perdão, Zell – sussurro. – Mas sou uma fera mais corajosa do que um maricas e o provarei. Pelas bolas do Todo-Poderoso, eu o provarei! Arre!

– Peguei! – EJ pula para Ahab, mas escorrega. Cai no chão com um gemido. – Merda.

Ahab corre ladeira abaixo. Eu troto pela beira, mas não consigo enxergar muita coisa. O esmagar de folhas e galhos congelados diminui, caindo ao silêncio.

– Me desculpe – diz Travis enquanto sigo EJ até o furgão da Muffinry. – Eu nem sabia que essa coisa estava ali.

– Só fique aqui e cuide da loja até eu voltar, Travis – diz EJ.

Dirigimos por toda a cidade enquanto o sol nasce. EJ deixa a janela aberta e chama pelo Capitão. Sua voz é muito alta, mesmo sem a mão carnuda em concha em volta da boca.

Ele passa lentamente pela Main Street algumas vezes, o que não é um problema a essa hora do dia, porque não há carro nenhum. Quando entra em uma transversal, o porta-luvas se abre e um vidro quase vazio de colônia cai no chão. A colônia foi um presente de Natal meu e do Nick alguns anos atrás; EJ sempre reclamou do cheiro dos muffins, que pareciam uma parte permanente dele. Enfio o vidro no porta-luvas e o fecho com um baque.

– Eu sinto muito, Zell – diz EJ. – Sinto muito. Ahab é tão tranquilo. Esqueci completamente que ele estava ali.

Eu ia dizer que está tudo bem, mas paro quando sinto meus olhos se encherem de lágrimas.

Ahab voltará para mim. Ahab voltará.

EJ retorna à Main Street. Olhamos as árvores entre o salão da manicure e a videolocadora, cuja vitrine é dominada por uma placa de PASSA-SE O

PONTO.

– Nick amava muito esse cachorro – diz ele em voz baixa.

Saco.

Respiro entrecortado algumas vezes enquanto as lágrimas rolam. Viro-me para a janela do carona e pressiono a testa contra o vidro frio.

– Merda. – EJ acaricia um pouco minhas costas, mas, como não reajo, ele para. – Foi a coisa errada de dizer.

– É só que pensei que a essa altura a gente já teria encontrado o Ahab – digo.

– Bom, só faz uns vinte minutos que estamos procurando.

– Eu sei. Mas pensei que a gente entraria no furgão, andaria um pouquinho e logo veria o Capitão andando pela rua. Que ele esbarraria em nós.

– Isso ainda pode acontecer. Vamos dar mais alguns minutos pra ele.

Enxugo os olhos com a manga do casaco e noto o gato de Bedard andando pela calçada na frente da Big Yum Donuts.

– Lá está o gato – digo.

– Se eu um dia colocar minhas mãos nessa coisa... – diz EJ, o que me faz sorrir só um pouco, apesar de tudo, porque ele não faria mal a uma pulga do pelo imundo daquele gato.

Ele encosta, e o gato corre pela calçada. EJ salta do furgão e o persegue, agitando o punho. – Babaca! – grita.

Saio e ando para o outro lado, chamando “Ahab! Ahab!”. Meu nariz está dormente; minha voz, rouca. Corro por uma transversal, onde as pequenas casas ao estilo da Nova Inglaterra são espremidas umas nas outras. Passo correndo por algumas entradas de carro. Olho toda a volta. Minha cara molhada de lágrimas arde com o frio.

Em uma entrada, um carro acelera. Em outra casa, as luzes da cozinha se acendem, e ouço um locutor de rádio dar o boletim do tempo. Na entrada seguinte, um homem de casaco de esqui por cima de um roupão abaixa-se para pegar o jornal. Velhos bilhetes do teleférico flutuam do zíper ao soprar um vento frio.

– Com licença, você viu um cachorro? – pergunto. – Alto, magricela, preto e branco?

– Não, sinto muito – diz ele com a voz rouca de sono e depois entra.

O furgão da Muffinry chega lentamente a meu lado. A porta do carona se abre.

– Entra, Zell. – EJ dá um tapinha no banco. – Você vai encontrá-lo, mas não neste exato momento. Vamos. Vou levar você pra casa.

Minha vontade de fazer xixi é tanta que vou diretamente ao lavabo. Depois que todo o café sai de mim, lavo as mãos, olhando o retrato de Ahab na parede. O

jovem Ahab acelerado.

Passo um pedaço de papel higiênico no nariz e estremeço em alguns soluços lacrimosos; penso que já chorei o suficiente, pelo menos por enquanto.

– Zell? – chama Garrett pela parede. – Tá tudo bem?

– Ahab sumiu.

– *Sumiu?*

Há uma pausa. Depois ele fala: – Tô indo aí.

Eu o encontro na varanda. Ele está de chinelos de pele de ovelha falsa, e o capuz do moletom da Universidade de Boston cobre a cabeça.

– O que aconteceu? – pergunta.

Depois de eu contar, ele se oferece para me levar pela cidade, como fez EJ.

Hesito, sentindo-me carente e digna de pena.

– Ah, não se preocupe – digo. – Eu mesma vou dirigir.

– Dois pares de olhos procuram melhor do que um. Não me importo. É sério.

– Isso faria *mesmo* com que eu me sentisse melhor. Mas e a Ingrid?

– Ela ainda está no Nature's Classroom.

– Ah, sim. – Tinha esquecido.

Um minuto depois, estou entrando na caminhonete de Garrett.

– Avisei que vou chegar atrasado no trabalho – diz ele.

Dirigimos ao estilo de Ingrid: com o aquecedor no máximo e as janelas abertas. Por sugestão minha, primeiro vasculhamos o terreno do colégio.

Percorremos todos os prédios.

Examinamos cada estacionamento e contornamos a arquibancada algumas vezes. Em seguida, rodamos pelos arredores da cidade; nos penduramos na janela e chamamos por Ahab mais ou menos a cada dez segundos. Eu canto a música “Hora do Biscoito”; Garrett me acompanha e berra enquanto dirige.

Pega a Rota 331, passando pela casa de Trudy. Na montanha, faz a volta, vai para a Old Rutland Road, e seguimos lentamente em ziguezague pelas curvas.

No local do acidente que Nick fotografou em sua última noite em Wippamunk, alguém construiu um santuário improvisado: uma cruz de madeira branca que traz o nome DYLAN MEAD e a data de sua morte, as letras e números feitos com fita isolante preta. Uma pequena coroa de flores de plástico está encostada na cruz.

Depois de cerca de uma hora e meia de buscas, voltamos. Agora é hora do rush, e o trânsito está pesado – carros sujos e caminhões acelerando na neve arenosa e lamacenta.

Assumimos nossa posição no fluxo do tráfego. Algo está diferente na Main Street, algo nos postes telefônicos.

– Pode parar por um segundo? – peço.

Garrett liga a seta, encosta, e eu desço na calçada sem neve, aproximando-me de um poste. No nível dos olhos, uma folha de papel exibe o retrato de Ahab.

De imediato reconheço a fotografia: Ahab recostado no para-choque traseiro amassado da lata-velha de Dennis. Nick tirou a foto alguns anos atrás, em um luminoso dia de setembro, quando eu passeava com Ahab até o prédio do Wippamunker para me encontrar com ele no almoço.

Garrett agora está ao meu lado. Aliso o papel contra a madeira lascada do poste e leio.

Procura-se galgo. Macho, preto e branco, atende pelos nomes de Capitão Ahab e Ahab. O

amado bicho de estimação do antigo fotógrafo do Wippamunker Nicholas Roy, morto no ano passado durante uma missão ecumênica para ajudar a reconstruir casas e igrejas em Nova Orleans.

Quem tiver alguma informação sobre o paradeiro do Capitão Ahab, entre em contato com a sra.

El en-Rose Roy, na High Street, 111, Wippamunk, ou procure a policial Frances Hogan na

delegacia.

Olho a Main Street dos dois lados. A cada três postes, vejo o folheto com a foto de Ahab.

– Essa foi rápida – diz Garrett. – Foi *mesmo* rápida.

– Você se importa de parar na delegacia?

France está sentada à mesa de operações da delegacia. Suas botas pretas estão apoiadas no tampo do móvel, as mãos entrelaçadas na nuca. Um pote de iogurte espera ao lado de um grande painel verde-oliva com todo tipo de botões e mostradores. Ela sorri com tristeza quando entro.

– Gostou? – grita France através do vidro à prova de balas que separa a mesa de operações do saguão. – Já viu?

– Gostei – respondo. – Valeu.

– EJ me ligou, e eu liguei pro Dennis. Ele tinha algumas fotos antigas do Nick no arquivo do *Wippamunker*. Preparou um folheto e fez cópias. Ele e o cara novo andaram pela cidade e os colaram por todo lado.

– Mas não faz, sei lá, nem três horas que ele está desaparecido.

France dá de ombros levemente.

– O que posso dizer? Quando o povo de Wippamunk apoia alguma coisa, ele apoia alguma coisa.

– Ele estava usando um prendedor de fada.

Ela torce a cara.

– Hein?

– Ahab. Na coleira. Sabe como é. Prateado. Feito à mão. Continhas de cores diferentes.

Parece uma pequena fada. Com asas.

France anota isso em um bloco.

– Fada pequena de prata e vidro com asas. Entendi. – Ela coloca colheradas de iogurte na boca.

– Ele tem microchip?

– Tem. Todos os galgos do abrigo receberam microchip antes da adoção.

Ela assente.

– Isso é muito bom. O diretor do abrigo esteve aqui há pouco e disse que os cães com microchip têm uma probabilidade muito alta de voltar. É

estatisticamente comprovado. – Ela se levanta e aperta a palma da mão contra o vidro. – Vamos encontrá-lo, Zell.

Garrett me leva para casa. Agradeço ao longo do caminho e peço que me deixe pagar pela gasolina, mas ele rejeita.

– Isso foi pelo Capitão – diz.

Ele me acompanha até a escada da varanda. À porta, abraça-me, um abraço de verdade, longo e cheio, e deixo-me afundar em seu corpo, em seu calor.

– Ele vai voltar, Zell – diz ele, a boca em meu cabelo.

Quero dizer que acredito nisso. Que dali a algumas horas Ahab vai se cansar da caçada e voltará para cá. Mas a verdade é que não sei. Simplesmente não sei.

– Café da manhã? – Garrett sorri com gentileza.

– Café da manhã.

Tomo um banho e preparo mais café. Vou desenhar um acetábulo – a cabeça do fêmur em rotação suave dentro da cavidade da pélvis, como um sulco –, mas desenho, em vez disso, Nick. Ele guarda um afloramento de gelo, e suas asas de anjo-soldado são azul e laranja, como as chamas se desdobrando do presente em meu forno. E, ao lado dele, Ahab, em trajes caninos de batalha, espia pela saliência.

EJ

Toda manhã antes do trabalho, EJ cruza as ruas de Wippamunk, procurando por Ahab.

Acende o farol alto em trechos de mata densa. Em certos dias, até anda um pouco entre as árvores, o que o faz perceber que está fora de forma.

Ele também procura à luz do dia, deixando Travis encarregado da Muffinry.

Travis é capaz. Pontual, não, mas capaz.

São duas da tarde e há a habitual calmaria do trânsito, depois do movimento do almoço e antes do rush pós-aulas. Passando pelo Blue Plate Lounge, EJ

sente o cheiro de batata frita, o que o faz lembrar do cheiro de gordura velha na cantina onde eles dormiram em Nova Orleans. A pastora Sheila se escondeu num canto, por cortesia, porque ronca, mas EJ achou o ronco meio fofo, na verdade. O padre Chet ficou com outro canto, e o comandante Kent também ficou sozinho. Dennis e Nick colocaram seus sacos de dormir perto um do outro, mais para o meio do salão, assim podiam conversar sobre coisas do *Wippamunker* e remoer ideias para a matéria e o ensaio fotográfico. Nick mostrava a Dennis as fotos do dia na câmera; era uma espécie de ritual da hora de dormir. E os três restantes – EJ, France e Russ – acocoravam-se juntos. Em algumas noites, riam e cochichavam feito crianças em uma festinha do pijama.

Numa noite, mais para o fim da viagem, depois que a pastora Sheila e o padre Chet voltaram para casa mais cedo, EJ não conseguia parar de pensar na mulher que conheceram no primeiro dia, Verna, que lhes contou sobre o cadáver do vizinho preso no poste telefônico.

Ele pensou nos sapatos de bebê banhados em bronze do filho único de Verna, morto no Vietnã. Ficou deitado imaginando cenas ao acaso da vida dela. Verna carregando uma grande tigela de salada de batatas para um churrasco no quintal. Verna pendurando enfeites numa árvore de Natal. Supôs que se passou cerca de uma hora desde que todos apagaram suas lanternas. E então ouviu seu nome aos sussurros. Era Nick.

– Estou acordado. – EJ acendeu a lanterna e viu Nick, em seu saco de dormir, rastejar na direção dele.

– E aquela igreja hoje? – disse Nick. Eles tinham trabalhado o dia todo na reconstrução de um salão paroquial ao lado de uma igreja batista. Bateram martelo junto com um imame, um rabino e um padre católico.

– É – disse EJ.

– Eu queria ser mais útil – disse Nick. – Gostaria de aprender mais sobre carpintaria e essas coisas.

– Você devia vir comigo e Charlene.

– Aonde?

– Ela quer me mostrar sua igreja nova. Estão construindo agora. Será bem grande, e o exterior vai ser parecido com a Arca de Noé.

– Isso é muito legal. Eu *adoraria* ir. – Nick se interrompeu, continuando em seguida: – Sinto falta da minha mulher, Silo. Tenho muita saudade dela.

– Como está Zell? Como está o coração?

– Acho que os exames não são nada conclusivos. Ainda não sabem o que está acontecendo.

Mas tenho a sensação de que vai ficar tudo bem.

O telefone de EJ toca. Tempo real, hora real. É Charlene.

Ele pisca, livrando-se das lágrimas nos olhos, para no acostamento e dá um pigarro.

– Alô, querida – atende ele.

– Ei, grandão. Já acharam o cachorro?

– Ah, cara. – Ele troca o telefone de mão e abaixa o rádio. – As chances de encontrarmos Ahab não parecem muito boas. Tanta coisa pode ter acontecido com aquele cachorro. E se a fuinha o mordeu e lhe passou raiva? E se a fuinha o arranhou e ele pegou uma infecção no sangue e se arrastou para debaixo de um arbusto em algum lugar e morreu de febre? E se ele congelou? Zell colocava nele um casaco e botas, mesmo com o termômetro em dez graus. E

ultimamente tem feito uns seis negativos.

– Você está se torturando com esses pensamentos – diz Charlene.

EJ fecha os olhos ao ouvir a voz doce e calorosa. Sente-se tomado de uma gratidão súbita: os cães desaparecem; as pessoas brigam, divorciam-se e morrem; mas ele pode ligar para Charlene a qualquer hora, seja durante o dia ou à noite, e ela o consola.

– Não faz nenhum bem a você pensar nessas coisas – diz ela.

– Nick adorava aquele cachorro. Zell também. Quer dizer, eles *amavam* aquele cachorro.

– Não é culpa sua. Não é culpa de ninguém. Cães caçam gatos. É a natureza deles.

Ele suspira. Bate o telefone na testa algumas vezes, depois o devolve ao ouvido.

– Você me odiaria, Charlene? Eu tenho certeza de que *eu* teria ódio de mim.

Mas sou um homem. Você é uma mulher. *Você* me odiaria?

– Ela vai se recuperar, EJ.

– Sinto falta do Nick.

– *Eu* sinto falta dele e só o encontrei algumas vezes. – Sua respiração parece estranha; prolongada e ponderada.

– Onde você está? – pergunta ele.

– Nos fundos, fazendo um pouco de ioga.

Ele ri. Não sabe realmente o que é ioga, mas a imagina estendendo os braços no alto, de olhos fechados, com um leve sorriso.

– Aposto que você fica linda fazendo ioga.

– Ora, você ia torrar muito dinheiro apostando nisso, meu bem. – Ela puxa o ar lentamente e expira devagar. – Escute. A vida não é simples. Mas a beleza dela é que você sempre pode recomeçar. Vai ficar mais fácil.

– Ah, é? – Ele abre a janela e acena, instando um carro a ultrapassar. – Quando?

Nick 7 de novembro de 2006

De:

nicholas.roy@thewippamunker.com Para: rose-ellen@roymedicalillustration.com E aí, Rose-
Ellen? É o Russ, seu simpático carteiro, ou, para ser politicamente correto, seu simpático
“portador da correspondência”.

Só queria dar um olá, estamos trabalhando muito e nos divertindo muito também. Estou devolvendo o laptop a seu marido agora porque ele está me olhando como se quisesse dar um chute na minha bunda magrela, nunca se meta entre um homem e sua mulher, ha ha, tchau, câmbio e desligo, Russ, o carteiro número 1 da Massachusetts central, ou, como diria EJ, o carteiro número 1 a oeste da 495, ha ha.

Oi, Chef inha. É o Nick.

Ainda estou meio derrubado. Nariz entupido. Eca. Mas com isso não estou cá, nem lá...

O reverendo da igreja daqui ficou todo emocionado quando viu que reconstruímos algumas paredes do salão paroquial. Pôs as palmas na parede e o rosto entre as mãos e disse: “Estamos voltando, não é?”. Foi muito comovente. Mexeu muito comigo ver como ele ficou emocionado. Tirei algumas fotos boas dele – veja no anexo.

Seguem outras fotos também. Uma é de um prédio que caiu num píer e está ali desde o furacão. Dá uma olhada em uma com uns velhos carros abandonados.

Faz pouco mais de um ano desde o furacão, e tem algo em torno de 200 mil carros abandonados nas ruas de Nova Orleans. É tipo “o que você faz com um lixo desses?”. Sabe como é?? Loucura. A Verna, a senhora meiga da casa que limpamos, disse que ainda tem outras 5 mil casas que precisam ser esvaziadas. 5 mil!!!! É um volume de trabalho imensurável.

Quero começar a fazer muffaletta quando chegar em casa. É um sanduíche de presunto gigantesco e louco que faz em Nova Orleans. Mas não são como os sanduíches de presunto comuns. Tem ovo cozido, uma espécie de tempero feito de azeitona, copa e provolone. Como um no almoço todo dia.

EJ traz da cafeteria aonde tem ido – ele está totalmente apaixonado pela dona, a Charlene.

Ela também faz aqueles donuts franceses chamados beignets. EJ está pensando em vender na Muffinry e reverter toda a renda para a organização de caridade que ele e eu queremos criar. Vai ser preciso uma tonelada de donuts, já que nossa meta é arrecadar 20

mil dólares. Eu sei, parece um exagero, meio ambicioso demais, mas, por que não? Ora essa, por que não? Na viagem pra casa, vamos discutir umas ideias pra levantar dinheiro e pensar em como será gasto. Bem legal, né?

Estive pensando em nosso “time de futebol”. (Piscadela, piscadela.) Eu me sinto preparado. Sei que você está. Mas deixarei isso pra depois. Esta uma é uma conversa que precisamos ter pessoalmente, né?!

Te amo, Nick 7

Zell Alguns dias depois da partida de Ahab, Gail vem de carro de Okemo e me ajuda a procurar por ele pela cidade. Dirigimos por duas horas em seu SUV.

Mas não vemos o Capitão.

Agora, ao meio-dia, estamos sentadas à mesa mais cobiçada da Muffinry – aquela na frente da janela. Gail veste um suéter de cashmere cinturado e usa brincos de diamante do tamanho de amendoins. Pega seu muffin de chocolate com marshmallow e o segura diante do rosto.

– Olha só isso – diz. – É maior do que minha cabeça. Ontem à noite fiz uma hora de elíptico e uma hora no aparelho de remo para poder vir aqui com você e comer essa coisa toda. Caso contrário, eu podia muito bem meter isso direto na minha bunda. A Murtonen’s Muffinry é o único lugar de que sinto falta...

sinto falta *de verdade* desde que me mudei para Vermont.

Gail tira o topo do muffin. O vapor lambe seu queixo.

– Mas isso não interessa – diz ela. – Quero falar com você de uma coisa. – Ela dá uma dentada no topo do muffin e joga a cabeça para trás. – Meu Deus do céu, como isso é gostoso!

Sei que ela está pensando em seu banheiro de hóspedes e no mural.

– Eu disse ao papai pra você pintar de bege – digo.

– Olha. Eu vou *pagar* você.

– Não pode contratar um universitário pra terminar?

– Hum. – Ela abre cinco pacotes de açúcar, joga o conteúdo no café e mexe lentamente. – Essa não é uma ideia de todo ruim. Um universitário.

– Coloque um anúncio na Craigslist. Ofereça uns duzentos dólares. Você terá uma dezena de estudantes famintos fazendo fila na sua porta mais rápido do que...

– Não. Quero que *você* termine aquele banheiro, Zell. – Ela me olha feio. – Não um universitário qualquer que nem me conhece, que não nos conhece.

– Então terá de esperar. Porque não posso fazer isso agora.

Ela dá um pigarro e põe a colher com cuidado na mesa.

– Por causa de Ahab?

– Não sei. Simplesmente não posso.

– Sabe de uma coisa? Terry diz que Ahab só “foi dar umas pernadas por aí”. É

como os britânicos dizem quando os cachorros decidem sair um pouco de casa. Não é lindo? O beagle dos pais dele dá pernadas por aí o tempo todo. E

ele *sempre* volta ileso. Escute: *sinto muito* por Ahab. Sei o que ele significa pra você. Mas é cedo demais pra perder as esperanças. E não quero te apressar pra terminar o banheiro. Só acho que você devia ir até o fim. Já está na hora, não? Além disso, talvez ajude a distraí-la um

pouco.

Nessa hora a sineta da porta toca, levanto cabeça e vejo o padre Chet entrando. Não sei se falei com ele desde o funeral. Ele me olha nos olhos, sorri e se aproxima da nossa mesa. Meu coração para de bater. Cinco segundos. Seis segundos. Bate novamente, com fúria no início.

– Padre Chet – digo. – O que está fazendo aqui?

– Pensei que a Murtonen's Muffinry precisava de alguma cor. – Joga a cabeça para trás e ri. – Olá, Row-sen- *len*. Não vejo você há um bom tempo.

Tento abrir um leve sorriso.

– Igualmente. É bom ver o senhor.

Ele cumprimenta Gail com um balanço de cabeça, depois se curva um pouco para a frente e sussurra algo em francês. Parece *nuse am blá-blá-blá*.

– Não sei o que isso quer dizer, padre – digo.

Ele balança o dedo comprido no ar e avança ao balcão para pedir um café.

– BabelFish, Row-sel- *len*. E se você comer esse muffin inteiro? Dez ave-marias.

Gail sorri radiante para o padre Chet e, quando ele sai do alcance, bate as mãos na mesa.

– Mas quem é *esse*?

– O padre Chet. Você já o conhece. Na frente da sua casa. Lembra?

– Ahh. É verdade. – Ela suspira e olha de lado por um momento, sem dúvida se lembrando daquele dia pavoroso. Depois, seu rosto se ilumina. – Bom, mas então, *ele* não é feio, né? De um jeito Seal?

– Pelo amor de Deus, Gail. Ele é um padre.

– Isso pode mudar. – Ela pega uma caneta na bolsa e escreve algo no guardanapo.

– O que está fazendo? – Não estou com fome, mas dou uma mordiscada em meu muffin de morango e farelo de trigo.

– Fiz um semestre de francês na faculdade – diz Gail. – Entendo bem a pronúncia. Vou procurar no BabelFish agora mesmo o que ele disse. Quando um homem sexy fala, Gail Carmichael-Dunbar ouve. E toma notas.

– Gail Carmichael-Dunbar, que é casada. E feliz no casamento. E cria uma filha. Feliz.

- Estou tomando notas pra você, meu bem.
- Você é perturbadora.
- Tim-tim. – Ela ergue o café, toca no meu e bebe.

Não consigo dormir. Meu impulso é levar Ahab ao campo. Mas não posso, é claro. Assim, levo o toca-discos para meu escritório e toco Gladys, que pergunta para que servem seus olhos, se ela não consegue mais ver o sorriso meigo, meigo de seu homem.

Desenho um crânio de recém-nascido. Suas linhas rabiscadas sugerem o ponto onde as placas cranianas um dia se deslocarão, fundindo-se e endurecendo. As suturas tornam o crânio do recém-nascido maleável. Permitem que os ossos se movam durante o nascimento e, posteriormente, durante o crescimento.

Fontanela anterior, este é o nome técnico da moleira. Quando Tasha nasceu, Nick e eu fomos de carro ao hospital perto de Okemo, segurei a pequena Tasha nos braços e me vi cheirando – por instinto, inconscientemente – a moleira, o ponto mais vulnerável.

Faço uma pausa no desenho do crânio e desço, envolta em minha manta felpuda, sentando-me por um tempo na escada dos fundos. Olho o portão e imagino Ahab passando por ele.

Ondas de culpa rasgam meu peito. Procuro pensar em todas as coisas que podia ter feito para evitar que Ahab fugisse, mas de nada adianta. Eu poderia tê-lo mantido na guia a meu lado. Poderia ter dito a Travis para fechar a porta assim que ele entrou. Poderia ter agarrado o rabo de Ahab e puxado com toda a força até que ele deslizasse de volta para mim.

Procuro não pensar nas muitas maneiras como um cachorro meio cego e magricela pode morrer na mata no inverno, mas isso também de nada adianta.

Ele está sem casaco, sem as botinhas e com os olhos leitosos e fracos. Imagino ataques de alce e bandos de coiotes, ursos que acordam famintos da hibernação. Lembro-me das costelas de Ahab, seus contornos visíveis por baixo do pelo; os dentes acinzentados batendo; as crostas ensanguentadas que se formam em suas patas nos meses mais frios. Nas pernas traseiras, a pele entre os tendões e os ossos é tão fina que dá para ver através dela o entrecruzar das veias mínimas.

Ouçó um barulho de passos depois do portão. O barulho de um animal.

– Ahab? – sussurro para o escuro. – Capitão?

Um tufo laranja pula das sombras para a pilastra do portão. É o gato do pomar.

Para no poste, olhando enquanto aperto mais a manta em meus ombros. Bato os pés e sibilo. O

gato salta do poste e parte a galope.

Um volume doloroso se forma na minha garganta. Procuro engolir, mas não desce.

– A hora que você quiser vir pra casa, Capitão – sussurro. – Qualquer hora será boa pra mim.

Trudy me empresta seu mixer, e eu o uso com frequência porque quero encher a casa de barulho para não ser lembrada constantemente da ausência de Ahab.

Uma noite faço uma mistura mole de iogurte de morango e Nutella. Olho o rosa se tornar um caramelo rosado e penso que Ahab detestaria o mixer, por ser barulhento demais.

– Desculpe, Capitão – digo, embora ele não esteja aqui para ser incomodado.

Procuro não fazer bagunça, mas a massa voa da tigela e salpica a bancada e os armários.

Toc-toc-toc, pausa. Toc-toc-toc, pausa.

Vou para o lavabo, limpando as mãos no avental.

– Ing? – digo à parede.

– Voltei do Nature's Classroom. Cheguei agora há pouco. Queria ir aí, mas meu pai disse que é muito tarde, que não devo te incomodar.

– Como foi?

– Eu gosto muito de caminhadas. Mais do que antigamente, quero dizer. Meu pai disse que a gente devia caminhar mais, nós três.

– Onde está seu pai?

– Adivinha.

– Estudando de fones de ouvido?

– Você sempre pergunta onde está meu pai. Você *gosta* dele ou coisa assim?

– É, eu gosto dele. – Ouço Ingrid rir. – Você tá rindo de mim.

– É. – Ela ofega. – Estou mesmo.

– Por quê?

Ela não responde.

– Olha, já ouviu falar da trilha Midmass? – pergunto.

– Não.

– Amanhã eu te conto, então. A gente devia caminhar por lá. – Estive pensando na Midmass, naqueles distintivos de nerd que EJ me deu e que Nick adoraria.

Nunca andamos muito pela Midmass; o monte Wippamunk proporciona uma vista panorâmica muito melhor que a Midmass, que, embora seja linda, entra sinuosa pela mata e raras vezes recompensa seus viajantes com aberturas por onde se pode ver a região por quilômetros. Nick era louco por uma vista panorâmica.

– Tudo bem – diz Ingrid. – Tranquilo.

– Eu também vou! – É a voz de Garrett.

– Ei! – exclamo. Ingrid ri de novo. – Pensei que era uma conversinha só entre mim e a Ingrid.

Ouçó o riso grave de Garrett.

– Não existem segredos na casa dos Knox.

EJ

– Correspondência para o grandão. – Por cima do balcão, Russ passa a Travis um maço de envelopes presos por um elástico.

– Correspondência para o grandão – repete Travis. Ele joga a pilha para EJ, que está largado numa banquetta perto da porta dos fundos.

EJ prova um bolinho de romã. Deixa a correspondência cair no chão a seus pés.

– Obrigado. – Espana um farelo do cavanhaque.

– Encomenda para o grandão – diz Russ. – Encomenda de Nova Orleans. Ele estende uma pequena caixa parda a Travis, que a leva a EJ.

– Oi, Russ – diz EJ.

– Você *ainda* tem contato com aquela garota dos...? – Russ abre as mãos na frente do peito, como se segurasse melões. – Quando é que você vai tomar uma atitude? Cê não tá ficando mais novo.

EJ engole um pedaço do bolinho e o olha feio.

– Não quero ficar no meio disso, eita. – Travis pega um frasco de desinfetante e um pano e vai até as mesas.

– Estou trabalhando nisso – diz EJ. – Tá legal?

– Calma, Silo. Só tô falando.

EJ se levanta e coloca o bolinho semidevorado na mão de Russ.

– Coma isso. – Ele pega uma faca de plástico em um copo no balcão e corta a fita adesiva do pacote. Sabe o que tem ali dentro: seu carregamento mensal de raiz de chicória, em perfeitas condições, como sempre. Pega o saco plástico lacrado, rasga e respira.

– Isto... seja lá o que for... é gostoso pra caramba, Silo – diz Russ, estalando os lábios. – Mas é meio seco.

– É um bolinho – diz EJ. – Molhe no café ou coisa assim.

Russ serve-se de um copo de café e mergulha o que resta do bolinho.

EJ nota, dentro da caixa, uma folha dobrada de papel pautado roxo. A letra de Charlene.

– O que é isso? – pergunta Russ. – Este mês veio com um pequeno bônus?

EJ o ignora. Leva a carta de Charlene à banqueta, senta-se de costas para Russ e começa a ler.

Querido EJ, Sinto que chegou a hora de lhe fazer uma pergunta muito importante. E a pergunta é: O QUE NÓS

SOMOS? O que eu quero dizer com isso é que estou gostando muito da nossa relação do jeito que está, mas gostaria de saber se ela evoluirá para algo mais sério. Gosto de falar com você várias vezes por dia – as mensagens de texto, os e-mails, a ocasional conversa pelo telefone. Verdade seja dita, eu gosto muito de você, como se fosse um amigo muito íntimo que vejo todo dia, talvez porque, em minha cabeça, eu veja você todo dia. Nunca conheci ninguém que pareça combinar tanto comigo. Entretanto, você está a centenas de quilômetros, e eu só o vi algumas vezes, naquelas manhãs em que você vinha à cafeteria, e isso já faz mais de um ano. Por que mantém contato comigo? É só para ser meu amigo? Se for assim, tudo bem. Será porque eu estava lá quando seu amigo fez a passagem e você sentiu uma espécie de ligação comigo? Se for assim, tudo bem também.

Por favor, não considere esta carta uma ameaça ou uma queixa. Podemos continuar como amigos, porque, como escrevi aqui, eu prezo sua amizade.

Mas sinto que existe mais entre nós.

Seria mais fácil de entender, é claro, se nos víssemos de vez em quando. Não sei se estou pedindo uma relação comprometida. Nem mesmo sei se você se sente atraído por mim desse jeito. Acho que só estou pedindo algum esclarecimento. Quando você estiver preparado (sem pressão). Espero que esta carta não deixe as coisas estranhas entre nós. Você pode ser inteiramente franco comigo.

Com amor, de sua amiga SEMPRE!!

Charlene Nick 8 de novembro 2006

De:

nicholas.roy@thewippamunker.com Para: rose-ellen@roymedicalillustration.com Oi, Chef inha, Hoje um cara, William, me deixou fotografá-lo lixando um novo corrimão ao lado da recepção da biblioteca. Estava com a neta presa às suas costas enquanto trabalhava. Ela é uma coisinha linda. Dormiu o tempo todo. O William contou a Dennis sobre o dia seguinte ao furacão. Que a água em sua cozinha ficou um metro abaixo do teto e que ele e a mulher tentaram remar pela rua naquelas caixas grandes de plástico, mas viravam a toda hora. Então nadaram um pouco e subiram no telhado de uma casa vizinha. A água era quase verde, e eles viram alguns peixes passar. Por fim, dois caras com barcos a remo os pegaram e levaram a

uma ponte em algum lugar.

Debaixo da ponte estava seco, e mais ou menos cinquenta pessoas estavam acampadas ali. Ficaram debaixo da ponte por dois dias até a chegada do resgate. A água ficava mais suja a cada dia, ele se lembrava, e quando saíram de lá ela estava turva e gordurosa, com latas vazias de refrigerante e fraldas sujas boiando.

Hoje, William, a mulher, a filha e a neta moram aqui neste novo bairro. Ele disse que agora o bairro antigo é praticamente uma cidade fantasma. Disse que, no dia em que as aulas começaram, eles ficaram no gramado e aplaudiram quando um ônibus amarelo virou a esquina. Ficaram muito felizes de ver esse ônibus porque significava “uma volta à normalidade”, foi assim que ele definiu.

Dennis perguntou: “Por que vocês não foram embora?”.

E William o olhou como se ele tivesse seis cabeças e disse: “Porque esta é a nossa casa”.

E eu entendo isso. Ando pensando num monte de coisas bregas, por exemplo, ter o amor que nós temos, você e eu... com um teto sobre nossa cabeça...

Ahab, nossa pequena família feliz ... trabalhos que amamos... o lindo monte Wippamunk praticamente no nosso quintal... temos tanta sorte, Zell. Mais sorte do que a maioria. Também acho que são as coisas simples que faz em uma pessoa de sorte. Desculpe, mas tivemos muitas conversas sentimentais e importantes desse tipo com o pessoal daqui. Todos nos sentimos verdadeiramente afortunados. Ainda não me acostumei com a história de rezar em grupo três vezes por dia, mas a gente acaba se habituando, e, bom, é interessante e me faz pensar. Não estou dizendo que quero ir à igreja quando voltar pra casa, só estou dizendo que talvez eu me torne mais sério sobre o que posso oferecer a meus companheiros. Além do mais, dormir algumas noites seguidas em um piso de concreto na cantina de uma escola torna a pessoa menos arrogante. (Recebemos muitas ofertas de gente querendo que ficássemos com eles, mas o padre Chet e a pastora Sheila sempre rejeitam.

Assim, ficamos com a cantina.) Bom, eu ia escrever mais, mas estou totalmente exausto. As fotos anexadas terão que bastar! Ligo pra você amanhã em alguma hora.

Espero que seu coração esteja menos estranho!

Com amor, Nick 8

Zell 5 de março de 2008

De:

rose-ellen@roymedicalillustration.com Para: nicholas.roy@thewippamunker.com Oi, amor, Ahab estava solto e correu atrás do gato do velho sr. Bedard. Eu nem acredito.

Toda noite me sento na escada dos fundos, como costumávamos fazer, e olho a montanha. Toda noite abro o portão e espero que Ahab apareça. Quero que ele venha andando até mim e descanse seu focinho comprido entre meus joelhos enquanto faço carinho em seu pescoço. Se isso acontecesse, eu choraria rios. Mas ele está desaparecido há duas semanas.

Desculpe. Peço mil desculpas. Talvez seja bom que nunca tenhamos conseguido formar nosso time de futebol, porque eu seria uma péssima mãe.

Não consigo nem mesmo impedir que um cachorro persiga um gato.

Espero que você veja seu e-mail no céu. Ou onde estiver. Tento imaginar você em um lugar de conto de fadas, onde pode andar pela neve com raquetes nos pés e tirar fotografias de aves, lince e cervos o dia todo.

Uma encosta de montanha nevada e perene bem ao lado de sua cabana particular, onde um fogo eterno crepita numa lareira.

Um exército de anjos o protege, e você sempre tem chocolate quente, do jeito que gosta, com um pedaço de marshmallow boiando por cima. E sempre que você quiser uma massagem nos pés, a versão de mim no céu faz pra você. É o que te desejo.

Eu te amo.

Sinto sua falta.

Morro de saudades de você.

Com amor, Sua Zell Não fica longe, mas Garrett me leva de carro com Ingrid à cabeceira da trilha Midmass atrás do prédio do *Wippamunker*. Ingrid parece mais velha e mais alta, embora só tenha ficado fora por uma semana. Procuro me lembrar se me sentia diferente quando *eu* voltava do Nature's Classroom. Mais curiosa com o que me cercava, talvez? Mais corajosa? Mais madura? Mas não consigo me recordar bem.

Garrett conta a Ingrid sobre Ahab – que ele fugiu e, apesar de termos procurado muito, não o encontramos. Ela não diz nada, só chora baixinho no banco traseiro e olha pela janela.

Depois de um minuto, enxuga as lágrimas. Ao pararmos numa vaga, pergunta: – Quando ele vai voltar?

– Talvez não volte, bubu. – Garrett estende o braço para o banco traseiro e acaricia o queixo da menina.

Ela afasta a mão.

– De repente a gente vai ver Ahab hoje, na trilha.

– É possível – diz ele. – Bem possível.

– Tem uma menina da minha turma – conta Ingrid, chutando distraidamente o encosto do meu banco. – Um dia o cachorro do tio dela sumiu, sabe? E, três meses depois, eles o encontraram no Kentucky. O cachorro andou aquilo tudo de Wippamunk até o *Kentucky*.

– Então, talvez Ahab só tenha tido vontade de viajar – digo, embora Ahab fosse o cachorro mais preguiçoso do mundo e a probabilidade de ele embarcar em uma travessia extensa pelo país seja tão remota quanto a de o encontrarmos.

– Exatamente – ela concorda.

No estacionamento, colocamos as raquetes nos pés. Já faz algum tempo que não chego tão perto da grande e velha fábrica convertida. A sala escura de Nick ficava num canto do porão, onde as paredes eram metade de tijolos, metade de barro. Mas, no quarto escuro, claro, eram rebocadas.

Tapa da Memória: o dia em que vendi minha primeira ilustração como *freelancer* e fui ao *Wippamunker*, saindo do apartamento que Nick e eu dividíamos, na mesma rua. Com uma garrafa de champanhe de cinco dólares dentro do casaco de *fleece*, passei de mansinho pela recepção e desci a escada íngreme. Esquivei-me das teias de aranha no alto e bati na porta do quarto escuro.

Nick abaixou o volume do Guns N’ Roses e abriu um pouco a porta.

– Pague o pedágio – disse ele.

Passei-lhe a garrafa.

– Vendeu alguma coisa? – perguntou.

– O ouvido interno.

– Uma grana boa?

– Uma grana ótima.

– Acha que pode fazer isso? Quer dizer, acha que vai dar certo? Como autônoma?

– Totalmente.

Ele abriu a porta. Entrei e a fechei, saboreando o cheiro de química do quarto escuro.

Sussurrávamos. Nós sempre sussurrávamos no quarto escuro. Alguma coisa nele era íntima.

– Isso é incrível, Zell. – Nick prendeu a garrafa entre os joelhos e tirou a rolha. – Meus parabéns.

Passamos a garrafa de champanhe de um a outro. Rimos e nos beijamos. Ele me mostrou, pelo ampliador, algumas fotos que estava revelando para a seção de esportes da semana: a semifinal de futebol feminino da escola.

Ele me contou como foi o início do dia: seu pai o encontrou para almoçar, e eles foram de carro comprar maçãs no Pomar Bedard. E, no caminho, passaram por uma casa antiga, branca com venezianas vermelhas alaranjadas.

Meia casa, na realidade – geminada –, mas vitoriana, grande e antiga, com laterais novas e uma varanda larga na frente.

– E? – perguntei. Dei um gole no champanhe e passei a garrafa a ele.

– Daí que está à venda – disse Nick. – E o preço é bom.

– Preciso vender mais algumas ilustrações antes.

– Talvez a gente possa ter um cachorro.

– Talvez a gente possa converter um dos cômodos em um quarto escuro.

– Talvez a gente possa ter um monte de filhos.

– Uma coisa de cada vez. – Aproximei-me, me meti entre ele e o ampliador e passei os braços por seu pescoço.

Ele tirou o cabelo do meu rosto.

– Oi, Chefinha.

– Chefinha?

– É seu novo apelido. Porque é você quem manda.

Nós rimos e namoramos nas sombras vermelhas. A ponta fria de seu nariz amassava meu rosto. Atrás de Nick, a fotografia da atacante de rabo de cavalo partindo com a bola para o gol boiou por tempo demais no banho de revelação – tanto que ficou inteiramente preta.

Tempo real, lugar real. Ingrid, Garrett e eu passamos pelo prédio do *Wippamunker*, acompanhando o riacho. Por fim, a trilha se afasta da água e segue para o norte, na direção das turbinas da finada estação eólica – as pás brancas e gigantescas das torres cintilando no alto. De vez em quando Ingrid chama por Ahab. Fora isso, não há barulho algum além do sussurro e

do esmagar do alumínio na neve e da nossa respiração ofegante.

Depois de um tempo, Ingrid para a fim de beber água.

– A regra é esta – diz ela, passando-me uma garrafa. – Andar por vinte e cinco minutos, parar por cinco. Aprendi isso no Nature’s Classroom. – Ela procura em seu casaco e tira do bolso um saquinho plástico transparente e vazio. – Tcharam!

– Pra que isso? – pergunto.

– Se a gente encontrar fezes de algum animal, posso coletar.

– Sempre preparada – digo.

Garrett sorri.

– Ela nunca me pareceu uma menina que se envolveria nesse tipo de coisa, mas olha só. – Ele cruza todos os dedos das mãos, e sei que torce para que o Nature’s Classroom de algum jeito tenha curado a obsessão de Ingrid por Polly Pinch.

Mas seu rosto assume uma expressão de desânimo quando Ingrid fala: – Ei, Zell, lembra quando fomos andar na neve e perdi meu gorro vermelho? O

gorro que era da minha mãe? Bom, meu pai e eu voltamos lá outro dia e ainda estava lá, em cima da árvore.

Não faço nenhum comentário, só abro um meio sorriso.

Ingrid enfia o saquinho no bolso.

– Você ainda faz sobremesas?

– Sim. Mas não é a mesma coisa sem você.

– Papai disse que a proibição de Polly Pinch ainda está em vigor. Não é, pai?

– Você precisa provar a si mesma, Ing. Tem de fazer seu dever de casa.

Todinho. Por um bom tempo. Depois, pode voltar a cozinhar com Zell.

– Eu sei, eu sei. – Ela olha o relógio cor-de-rosa da Hannah Montana. – Temos mais dois minutos de intervalo. Então conta sobre essa trilha, Zell.

Conto a eles sobre a Midmass. É uma trilha a ser percorrida a pé, aberta e mantida por voluntários, panorâmica, apesar de ficar perto demais das cidades e dos subúrbios. Mostro a Ingrid os distintivos que EJ me deu.

– O pai de Nick pegou esses para eles – explico. – Queriam fazer a Midmass juntos, mas nunca fizeram.

– Posso ficar com um? – pergunta ela.

– Ingrid! – Garrett a repreende.

– Tudo bem. – Entrego o distintivo. – Toma.

– Legal, Zell. Obrigada. Acabou o intervalo – diz ela. – Vamos. Mais vinte e cinco minutos.

– Ela parte na frente, examinando o caminho e gritando por Ahab a intervalos de poucos passos.

Garrett e eu nos arrastamos atrás dela.

– O pai de Nick mora por aqui? – pergunta ele.

O que digo: 1. O nome dele é Arthur Roy e ele mora do outro lado da cidade, em uma casinha à margem do lago Malden.

2. Não vejo Arthur há mais de um ano. O serviço fúnebre que ele organizou para Nick – porque eu estava perturbada demais para fazê-lo – aconteceu uma semana antes do Natal. O padre Chet recitou algumas palavras genéricas sobre a morte, o paraíso e Jesus a um pequeno grupo de familiares de Nick, a maioria de cabelos pretos e olhos cinza, a mim e a meus pais (Gail e Terry estavam na Inglaterra, visitando a família de Terry). Depois disso, eu estava sentando no banco de trás do carro do meus pais quando Arthur se aproximou de mim e colocou uma caixa pesada nos meus braços.

“Tome”, disse. Na caixa, estavam as cinzas.

3. Arthur me telefonou naquela primeira véspera de Natal, mas não atendi. Ele deixou um recado balbuciado e desconexo, algo sobre me mandar uma cesta de frutas. Nunca recebi nada.

O que não conto a Garrett: 1. Coloquei as cinzas no sótão e fiquei tão mal pela ausência de Nick que não subo lá desde então.

2. Uma vez, no colégio, Nick me contou da única lembrança que tinha da mãe, Ilene. Ele estava de costas sobre um carpete marrom e amarelo e olhava através da mesa de vidro. Era a casa de outra pessoa, ele explicou, porque eles nunca tiveram uma mesa com tampo de vidro nem um carpete de duas cores. A mãe sorria para ele através do vidro. Ela apertou o nariz ali, e seu hálito embaçou e cobriu seu rosto. Foi a única vez que ele falou sobre ela.

3. Arthur saiu cedo do nosso casamento, logo depois de terminar seu jantar.

4. Ele passou um fim de semana em Okemo comigo e Nick, quando Gail e Terry se mudaram. Nick se irritou porque o pai ficou lendo o tempo todo.

Ficava sentado à mesa da cozinha com suas meias esburacadas e não participava das conversas ou do jogo de tabuleiro da noite de sábado. O livro em questão falava sobre jardinagem; lembro-me por causa da ironia: Arthur nunca cuidou do jardim, e seu quintal sempre era bagunçado e espigado, como sua barba.

Garrett e eu seguimos na neve lado a lado por um bom tempo, sem falar muito.

Ingrid está a uns quinze metros à frente. Sempre que a trilha faz uma curva nós a perdemos de vista, mas a ouvimos chamar “Ahab!”.

– E então, o prazo do concurso está chegando, não? – pergunta Garrett.

Claramente ele está mudando de assunto, e me pergunto se falei mais do que devia sobre o pai de Nick.

– Daqui a alguns dias. É.

– Conseguiu alguma coisa?

Explico minha receita com iogurte de morango e Nutella. É bem o oposto do que recomendou EJ, mas não consigo pensar em nada novo e com cara de *comida*, como ele diz.

Acho que estou num beco sem saída.

– Sei que não vou vencer – digo. – Mas preciso terminar o que comecei, entende?

– Entendo.

Pergunto a Garrett sobre a questão da babá, e ele explica que Ingrid passará mais tempo com Trudy. É difícil para ele pedir ajuda, mas ela parece adorar ter Ingrid por perto e Garrett fica feliz com o envolvimento dela, porque uma menina deve conhecer sua família, e Trudy é a única parente por ali.

– Ela chorou muito quando eu disse que não podia ficar com você – diz. – Chorou litros.

Olho a trilha à frente. Um homem está parado a pouca distância de Ingrid, um companheiro de caminhada. Ouço-a perguntar se ele viu um cachorro.

– Ingrid! – grita Garrett, as mãos em concha em torno da boca.

O homem tem uma cabeça arredondada e cabelo preto e branco. Uma barba cresce próxima aos olhos e cobre quase inteiramente suas bochechas. Ele não está com raquetes para neve.

Polainas vermelhas se fecham pouco acima dos joelhos e cobrem tudo, exceto o bico das botas.

Por um segundo – ainda menos do que isso – não o reconheço. Depois penso que Nick ficaria assim dali a trinta anos se parasse de fazer a barba.

Arthur. Corro até ele, uma corrida aos saltos em câmera lenta, por causa das raquetes para neve, que batem em meus calcanhares a cada passada.

Paro quando estou a menos de meio metro dele e então não sei o que fazer.

Arthur não diz nada, só semicerra os olhos e me abraça apertado. Não consigo me lembrar da última vez que me abraçou. Talvez no meu casamento?

Deixo que me abrace. Por fim, afasto-me quando Garrett nos alcança.

– Este é Arthur Roy – digo. – Pai de Nick. Estes são meus vizinhos, Ingrid e Garrett.

– Vamos voltar agora – avisa Garrett. Ele aperta a mão de Ingrid. – Esperamos você no estacionamento.

Depois que se viram, ela pergunta: – Papai, a Zell vai ficar bem com aquele homem?

– Ela está ótima – responde Garrett. – Vai ficar ótima.

Arthur ouve o diálogo e sorri com tristeza às costas deles. Limpa a neve de um tronco caído próximo e gesticula para que eu me sente com ele.

– Já faz muito tempo que não saio para uma caminhada – diz.

Olho as cercanias. Percebo que ele provavelmente tem aquelas polainas desde os anos oitenta.

– É bom ficar ao ar livre – continua. – Não é uma pena que por todos esses anos estavelha trilha estivesse aqui, tão perto, e Nick e eu nunca a tenhamos aproveitado?

– Isso não é surpresa pra mim – digo. – Aposto que tem muita gente por aqui que pretende aproveitá-la mas nunca o faz.

– Talvez eu vá *mesmo* à Midmass. Talvez você e eu possamos fazer a trilha juntos. – Sem olhar para mim, ele aperta meu joelho.

– Seria bom – digo, mesmo sabendo que nunca faremos essa trilha juntos.

Definitivamente não faremos.

– Eu perdi Ilene. Nick era muito pequeno quando aconteceu. Ele ainda nem falava. – Suspira. – Depois, perdi Nick. Nosso menino.

Ele coloca a mão sobre os olhos, como se os protegesse. Fica sentado assim por um tempo, e logo seu dedo mínimo treme.

– Desculpe por não ter estado presente, Zell.

– Eu também.

– Simplesmente não consigo.

– Eu entendo.

– Sei que entende.

Um esquilo agitado atravessa a trilha a pouca distância dali. Pula sobre a neve revirada, depois dispara árvore acima, e logo em seguida ouvimos a aproximação de andarilhos e nos viramos para a neve sendo esmagada. Um casal mais velho passa, o homem bufando muito, a mulher procurando passarinhos nos galhos nus. Ela sorri e diz: “Lindo dia”. Arthur assente e acena.

Quando eles estão fora de vista e não podemos mais ouvir o rangido de suas raquetes, Arthur se vira e me olha nos olhos.

– Espalhou as cinzas dele?

– Ainda não – respondo, engolindo em seco.

Ele assente.

– Ainda não – repito, dessa vez um pouco mais alto. Ele segura meu ombro e me puxa firme em sua direção, e ficamos sentados e unidos num abraço de lado por um bom tempo, até que a ponta de meus pés e o nariz ficam dormentes.

Algumas noites depois da caminhada na Midmass, acordo sobre minha mesa de desenho.

Diante de mim, o contorno de um baço que comecei. Ao que parece, babei nele. Por isso, arranco o papel dos prendedores, amasso numa bola e jogo em Hank.

Meu coração bate como louco, depois reduz o ritmo, e Gladys canta sobre nenhum de nós querer ser o primeiro a dizer adeus.

Noto que estou com fome. Uma fome voraz e delirante. Desço. Vasculho a geladeira, pego um vidro de pickles, outro de geleia e um tablete de manteiga.

Abro a porta do freezer e, atrás de uma pilha de refeições Polly Pinch congeladas, percebo o pacote branco com o rótulo FAZENDA CAPRINA DA MAMÃE FADA. 100% ORGÂNICO.

FEITO COM AMOR POR TRUDY

KNOX. É o queijo de cabra que Trudy me deu quando conheci sua casa e o celeiro.

Recosto-me na bancada.

– Todo esse tempo – digo na Voz de Ahab –, e estavas sentada num tesouro enterrado.

Primeiro, coloco o queijo de cabra no micro-ondas. Em seguida, preaqueço o forno. Uma imagem salta-me à mente: o presente misterioso de Nick, em chamas na prateleira do alto.

Dizem que o fogo é terapêutico. Que purifica.

– Rá! – grito.

Minha geladeira tem um daqueles porta-ovos à moda antiga – uma dezena de recortes arredondados em uma bandeja embutida. Em uma das pequenas concavidades não há um ovo, mas um limão. Ao pegá-lo, um mofo cinza esverdeado gruda bem no fundo. Corto a parte mofada e jogo na lixeira.

– Mero refugio, marujos! – digo. – Lancem-no às águas cinzentas. Arre. – Faço um suco com o restante do limão, sem saber que papel terá.

Em seguida, dou uma olhada nas latas em meu armário. Feijões? Não. Coração de alcachofra? Passo. Rodelas de abacaxi?

Hummm. Rodelas de abacaxi.

Abro a lata e dreno a calda. Arrumo as rodelas em uma fôrma com tampa e coloco o queijo de cabra por cima. Despejo o suco de limão. Em seguida, vou ao armário, pego mel e espalho um fio longo, lento e grosso.

– E para o fogo ele vai! Arre! – Coloco no forno.

Minutos depois, deslizo as mãos nas luvas de camuflagem para forno da loja de 1,99, cortesia de Garrett, e observo o timer esgotar os últimos segundos restantes até que – *ding!*

Ponho as mãos dentro do forno. Levanto a tampa da fôrma. Os poros de minha pele se abrem com o vapor fragrante de limão.

Depois que esfria, provo. Ainda não é bem um vencedor. Além disso, falta o toque especial de Ingrid, suas contribuições.

Mas é um começo.

É a p... de um começo.

Janelas abertas. Vento gelado açoitando. Aquecimento no máximo. Vou pela Main Street. No banco do carona, a fôrma.

Meto a cabeça para fora da janela e uivo na noite que passa voando. Uivo por todo o caminho até a casa de Trudy.

Ingrid está na bancada da cozinha fazendo o dever de casa quando entro. Ela desliza da banqueta e corre para mim, batendo seu corpinho ossudo no meu.

Levanto a travessa pesada para não perder o equilíbrio.

– Espera aí – digo. – Não quero infringir as regras de Garrett.

– Como assim? – Trudy quer saber.

– Tenho uma questão sobre sobremesas. – Ponho o doce na bancada.

Ingrid empurra de lado livros e papéis.

– Para o concurso? Conseguiu alguma coisa?

Concordo com a cabeça.

– Preciso de sua opinião, Ing.

Trudy espia a sobremesa por cima dos óculos.

– Declaro por meio desta que tomo a decisão executiva de suspender temporariamente a proibição de Ingrid cozinhar, para que juntas possamos orientar nossa amiga em seus esforços.
– diz.

Ingrid bate palmas.

– Agora, atenção! – Trudy gira o botão do fogão a gás até que as chamas lambem a panela de chocolate quente. – Não sou mais uma autoridade nessas coisas. Estou velha. Já passei a tocha.

– Que tocha? – pergunta Ingrid.

– Pra quem? – pergunto.

– Para o Homem Muffin, é claro. Ele tem mais sucesso do que tive na vida.

Como dizem, “quem não sabe fazer, ensina”.

– Vou mostrar pra ele. – Levanto a tampa da assadeira. – Mas agora quero que vocês provem.

Ingrid lambe os lábios.

– O cheiro é *gostosuríssimo*.

– Acho que ainda não cheguei lá – digo. – Mas quase.

Trudy me entrega uma faca para manteiga. A faca afunda pelas camadas de queijo de cabra, abacaxi e mel quente e viscoso. Trudy transfere um pequeno pedaço para um prato de vidro vermelho, que estende para mim.

De cotovelo bem erguido e dedo mínimo estendido, Ingrid pega uma pequena porção com o garfo. Deixa os lábios se fecharem em volta dos dentes do talher.

– E então? – pergunto.

Ela engole e cruza as mãos no colo.

– Vigoroso. Penetrante. Cremoso. O queijo de cabra equilibra muito bem a acidez do abacaxi.

Olho para Ingrid. Trudy joga a cabeça para trás e ri feito uma bruxa.

Ingrid dá de ombros.

– Que foi?

– Nada – digo. – Então, consegui alguma coisa?

– Ah, sim. Você conseguiu. Sua vez, Trudy. – Ingrid empurra o prato para ela.

– Seja brutalmente franca – peço.

Trudy ergue uma sobrancelha grisalha e eriçada enquanto Ingrid estende seu garfo.

Ela mastiga um pedaço, assente com entusiasmo e atravessa a cozinha para servir chocolate quente em três canecas de fadas.

– É uma delícia – diz. – Ora, está vendo? Todas essas experiências que você julgou um fracasso na realidade não foram fracasso nenhum. Graças àqueles fracassos, entre aspas, você conseguiu criar *isto*. Entende?

E lá está ela de novo, toda mestre Yoda comigo.

– Entendo, Trudy.

Ela chupa a dentadura.

– Eu acho... e essa é só minha opinião... acho que falta apresentação. Antes de mais nada, precisa de uma crosta. Assim como está, tem uma aparência meio relapsa. Uma crosta sustentará tudo junto. Além disso, você precisa feminizar um pouquinho.

– Feminizar? – Ingrid toma um gole do chocolate quente. – O que isso quer dizer?

– Quer dizer tornar mais de mocinha – responde Trudy. – Torná-lo seu.

– É verdade – concordo. – Torná-lo meu. Tem uma assadeira grande ou coisa assim, Trudy?

– Ora essa – diz ela. – Você veio ao lugar certo.

Ela coloca a assadeira sobre o balcão, e despejo nela o conteúdo da fôrma.

Aos poucos se espalha para as bordas.

– Humm, não sei bem aonde você quer chegar com isso, Zell – diz Trudy, com a caneca a meio caminho do queixo.

– Cor – digo. – Precisa de cor. Precisa de...

Ingrid e Trudy procuram ideias na expressão uma da outra.

– Cerejas? – sugere Ingrid.

Trudy estala os dedos e pega uma tigela de framboesas na geladeira.

– Descongelei essas belezinhas esta manhã mesmo. Colhi no verão e congelei.

Quer esquentar?

– Não. Geladas. Assim mesmo. – Meus dedos afundam nas framboesas frias, que os mancham. Espalho-as ao acaso pela sobremesa.

– Agora, que tal açúcar mascavo? – sugiro. – Só uma polvilhada.

Trudy pega uma caixa de açúcar mascavo no armário e me entrega. Os cristais caem de meus dedos e apanham a luz.

– Não se esqueça da regra mais importante de Polly Pinch – diz Ingrid. – “Dê ao prato algo inesperado.”

Pego um moedor de pimenta ao lado do fogão de Trudy, no tripé de fada.

– Aaaah! – exclama Ingrid enquanto moo os grãos. – Adoro um moedor de pimenta.

– Passe a faca – digo por fim.

Com a faca de manteiga que Trudy coloca em minha mão, modelo num coração de Dia dos Namorados o que resta da mistura quente e apimentada de abacaxi, queijo de cabra e limão, coberta de mel, framboesa e açúcar mascavo.

– Ora, ora, é isso que chamo de “feminizar” – diz Trudy.

Ingrid bate palmas.

– Não se esqueça daquela pitada! – Ela imita o lento bater de pálpebras de Polly, separando os lábios devagar.

Como se brincasse de mímica, Trudy tira a tampa de uma lata imaginária e a estende a mim. Mergulho os dedos nela e os estalo sobre a sobremesa, salpicando-a com uma pitada de amor.

– Como vai se chamar? – pergunta Trudy.

– Pra falar a verdade, ainda não pensei num nome – digo. – A verdadeira questão é: o que *é* isso?

– Tenho uma ideia – diz Ingrid. Ela dá um pigarro. – Por que não usa a palavra “gostosuríssimo” no nome? “Gostosuríssimo” é meu adjetivo preferido. Eu inventei. Quer dizer “gostosura, só que melhor”.

– Gostei – diz Trudy. – Torta de Abacaxi Gostosuríssima?

– Mas não é bem uma torta – digo.

– Coloque uma crosta nela, e será – argumenta Trudy.

– Mais parece um pudim – digo. – *Apudinzado*. “Torta Apudinzada de Abacaxi Gostosuríssima”?

Trudy meneia a cabeça.

– Mas quem ia querer comer isso?

Ingrid fica carrancuda.

– Por que não damos o nome de Ahab? Qual é mesmo o nome completo dele, Zell?

– Deleite da Meia-Noite do Capitão Ahab.

Ela remói o nome, tamborilando os dedos na bancada.

– Então podemos chamar de “Deleite Gostosuríssimo”. Para Ahab.

– Deleite Gostosuríssimo... – repito. – É isso. – Polvilho um pouco mais de amor para batizar a invenção torta. Já perdeu seu formato de coração e agora está deplorável e calombenta como o gato do velho Bedard. – Uma sobremesa que só uma mãe pode amar.

Trudy suspira.

– Esperemos que não.

Acabamos com o que resta do Deleite Gostosuríssimo. Na verdade, ficou bem gostoso mesmo, mas tomo nota mentalmente para colocar menos suco de limão, para ele ficar menos úmido.

Ingrid termina o dever e vai para a cama. Mas está lendo. Eu sei porque, quando vou ao banheiro, vejo a luz acesa no quarto de hóspedes.

Trudy e eu tomamos chocolate quente. Ela batiza o dela com dois dedos de licor de menta que guarda trancado num armário de bebidas que fez quando começou a se interessar pelo trabalho com madeira. Oferece-me um pouco, mas declino, pois tenho de dirigir para casa.

Na cadeira de balanço ao lado do forno a lenha, Trudy fica mais embriagada a cada gole.

Filosofa. O que um pouco de licor pode fazer com uma pessoa que não está acostumada a beber... Fala de quanto é agradecida, todo dia, por poder ser uma mulher da Renascença e buscar suas várias “glórias”, como ela mesma diz: motosserras, cabras, fadas. Ela se pergunta em voz alta se é o acaso, o destino, ou as duas coisas, que coloca as pessoas onde estão na vida. Não dizemos nada por um bom tempo – só ficamos sentadas ali, bebendo e ouvindo o relógio da cornija bater.

Quando me levanto para ir embora, ela joga os braços em volta de mim, pousa o queixo em minha cabeça e me conduz para a porta.

– Bom, Zell, só há uma coisa que sei que é mais difícil do que a morte. – Ela me ajuda a vestir o casaco. – E me parece que você está fazendo um bom trabalho quanto a isso.

– O que é? – Calço as luvas.

– A vida.

C-h-h-h-h-i-i-i-i-a.

Oito horas da manhã de sábado. Esfrego o sono dos olhos, desço trôpega e atendo à porta bocejando. Garrett está na minha varanda. Ingrid dorme em seus braços; ainda de pijama.

– Ela acordou cedo para ver os programas de culinária – sussurra. – Depois, dormiu no sofá. Estava tão linda que não tive coragem de acordá-la. Preciso de você, Zell. Estou num dilema. Trudy caiu quando consertava a cerca das cabras. Escorregou no gelo.

– Ah, não. Que horror! Ela está bem?

– Está ótima. Só precisa de alguns pontos; só isso. Uma amiga está com ela na emergência.

Eu tenho uma prova agora de manhã.

Ingrid murmura dormindo.

– Você é minha única reserva – diz ele.

– Eu fico com ela. Vou tomar conta dela. Mas estou cozinhando. Quer dizer, fazendo coisas de Polly Pinch. O prazo termina hoje. Estou aperfeiçoando a receita.

Garrett assente.

– Considere a proibição suspensa. – Gentilmente, ele deita Ingrid em meu sofá. Pego a mochila dela. – Você é uma deusa, Zell. Alguém já te disse isso?

– Você é o primeiro – digo, sorrindo. – Mas não será o último.

Ele ri. Ingrid se mexe, olhando em volta.

– Pai?

– A proibição está suspensa, bubu – ele avisa e lhe dá um beijo na testa.

– A proibição está suspensa?

– Está. Agora preciso correr.

Ela se levanta e sorri, sonolenta. Eles fazem uma versão rápida do jogo de beijos; Garrett olha em volta com indiferença e de repente mergulha para beijá-la. Ela ri e tenta se esquivar do pai, mas ele a beija uma vez no nariz e outra no pescoço.

– Espera. – Ingrid boceja. – Isso quer dizer que você vai me deixar ir no *Pitada de amor* ao vivo com a Zell, se a gente vencer?

Garrett sorri.

– Claro. Se você for finalista, pode ser a convidada especial do programa.

– Jura de mindinho?

– Juro de mindinho. Preciso ir. Te amo e te adoro.

– Te amo e te *amo* – diz Ingrid.

Ela troca de roupa e entramos no carro. Dirijo até o supermercado ainda com uma marca funda do lençol no rosto. Na seção de frutas, Ingrid e eu cheiramos sete abacaxis antes de escolher o mais perfumado.

– É melhor levar dois – diz ela enquanto coloco a fruta pesada no cesto de compras.

– Por quê?

– Porque você é a Zell; é por isso. Precisa de reserva. Alguma coisa maluca pode acontecer com o primeiro abacaxi.

– Maluca?

– Tipo fumaça. Ou fogo. Ou explosões.

Hesito, perguntando-me se devia me sentir ofendida. Mas, quando ela assente e sorri, pego outro abacaxi e entrego a ela.

– Tem toda a razão, Ing.

Nos abastecemos de framboesas e mel, limões e pimenta. No caixa, Ingrid joga duas barras de chocolate na esteira.

– Esta marca é segura para crianças com alergia a amendoim – avisa.

– Esse é seu café da manhã?

– Café da manhã? Não, é para o Deleite Gostosuríssimo. Não sabe o que minha mãe sempre diz? “Praticamente toda sobremesa fica melhor com chocolate.”

Em casa, nos entregamos à criação do Deleite Gostosuríssimo, Protótipo II.

Reclamo de ter de fazer uma crosta, mas Ingrid bate o pé.

– É só preparar uma Massa de Flocos Supersimples.

Firmo uma tábua de corte e corto o topo do abacaxi.

– Esqueci que Polly Pinch tem uma receita para torta.

– Vou pegar na internet. – Ela sobe para usar o laptop em meu escritório e minutos depois volta aos saltos para a cozinha, agitando um papel. – Achei.

– Tenho uma ideia – digo. – Vamos grelhar o abacaxi. – Aquela antiga grelha apanhada no lixo era domínio de Nick, mas acho que ele não se importaria se eu a usasse.

– Grelhar? – diz Ingrid. – *Adoro*.

Lá fora, fico admirada ao ver como o carvão se acende. Raspo um grude preto e escamoso do metal e espalho as fatias de abacaxi fresco sobre a grelha.

Logo o suco pinga e chia, e formam-se marcas marrons nas rodela da fruta.

Voltando para dentro, corto o abacaxi em pedaços pequenos e misturo com queijo de cabra semiderretido, mel e um pouco de suco de limão. Ingrid mói um pouco de pimenta na mistura, cantando uma musiquinha sobre como ela adora moedores de pimenta. Preparamos uma Massa de Flocos Supersimples – que honra seu nome –, colocamos uma barra de chocolate inteira no meio e a mistura de abacaxi a colheradas por cima. Tento dar uma forma de coração.

Mas a massa se rasga, a assadeira não é tão grande, e a mistura de abacaxi vaza para todo lado. Tento salvar um pouco, mas um pedaço grande escorrega para o chão e se espalha.

– Não está feliz por eu ter feito você comprar outro abacaxi? – diz Ingrid.

Segundo *round*. Corto o segundo abacaxi em tiras e ponho na grelha. Quando temos outra massa para a crosta pronta para uso, misturo mais abacaxi com queijo e coloco a colheradas por cima da barra de chocolate.

– E agora? – pergunto. – Devo tentar um coração de novo?

– Experimente alguma coisa diferente – sugere Ingrid.

Junto as beiradas da crosta, formando uma espécie de retângulo. A assadeira a acomoda perfeitamente, e a massa fica intacta.

– Perfê! – diz Ingrid. – Parece um envelope.

– Um envelope de gostosurice.

– Isso mesmo!

Vinte e cinco minutos depois, quando tiro a assadeira do forno, Ingrid fica boquiaberta.

– O cheiro é muito bom! – exclama. Esperamos que a quase torta esfrie um pouco. Ingrid fica sobre uma banquetta e cobre a crosta com framboesas.

Depois salpica açúcar mascavo e amor na coisa toda.

– Queria que Ahab estivesse aqui pra provar isso – diz ela.

– Acha que ele teria orgulho de nós?

– Acho. – Ela assente. – Eu acho.

– Eu também. Bom, hora de pôr tudo no papel.

– Não vamos provar?

– Vamos, mas não agora.

Subimos a escada. Seguindo o formato de uma receita tradicional o máximo que posso, digito exatamente o que fizemos em um documento do Word. Ingrid me olha por cima do ombro, dizendo “bom trabalho, Zell”, de tantos em tantos minutos.

– Agora, ao verdadeiro teste – digo quando termino. – O Homem Muffin.

Ingrid faz alguns *pliés*.

– Incrível. Mal posso esperar.

– Vou avisar que estamos indo.

Travis atende o telefone.

– Obrigado por ligar para a Muffinry, os melhores muffins e café a oeste da 495 – diz. Ele pronuncia “quato-novi-cinqui”. – Como posso ajudar?

– Travis, aqui é Rose-Ellen. A amiga de EJ. Ele está?

– Está ocupado pra caramba. Manhã de sábado, essas coisas.

– Diga a ele que acho que consegui alguma coisa.

– Hein?

– Só diga isto, por favor: que acho que consegui alguma coisa.

Ouçõ alguns ruídos abafados.

– Zell? – É EJ. – Conseguiu alguma coisa?

– Consegui.

– Bom, mas o que tá esperando, pô? Venha pra cá e me deixe provar.

Ingrid fica no banco traseiro enquanto dirijo para a Murtonen's Muffinry.

Embaixo da minha coxa está um envelope endereçado aos jurados do concurso nos Estúdios Scrump, em Boston.

O envelope não está lacrado, assim podemos mostrar a receita a EJ antes de postá-la no correio.

Observo Ingrid pelo retrovisor. Ela segura a travessa de Deleite Gostosuríssimo no colo.

– Não respire nele – digo.

– Não estou respirando nele. Na verdade, nem estou respirando.

– Não toque nele.

– Dirija, mulher.

*

A Muffinry está movimentada. O sino toca quase constantemente com a entrada e a saída dos clientes. A única mesa disponível é aquela do canto, perto da caixa registradora. Ali, EJ

espera. Está com seu traje habitual: sapatos confortáveis, calça xadrez e bandana. Levanta-se quando nos vê e gesticula teatralmente para Ingrid pôr a travessa na mesa.

Travis sai da cozinha e entrega a EJ um garfo de sobremesa e uma pequena faca afiada.

– Puxa! – exclama Travis. Ele ergue as sobrancelhas e inclina a cabeça para a travessa. – Bela apresentação.

EJ aponta a caixa registradora, onde uma fila de clientes espera.

– Já vou, eita – diz Travis. – Já tô indo.

– Então vamos lá... – EJ corta um pedaço do Deleite Gostosuríssimo, cheira e coloca na boca. Mastiga lentamente, empinando o queixo e soltando pesadamente o ar pelo nariz. Coça o cavanhaque e engole.

– A framboesa deu um toque especial – diz ele.

Ingrid dá um soco no ar.

– Isssso! A framboesa foi ideia da Zell. Pra dar cor.

EJ põe outro pedaço de Deleite Gostosuríssimo no meio da língua e fecha os lábios em volta.

Passa a língua pelo interior das bochechas. Engole e estala os lábios, saboreando.

– Queijo de cabra?

– Issso! – Ingrid esmurra o ar de novo.

– Orgânico – completo. – Feito bem aqui na cidade.

– Por minha avó emprestada. – Ingrid soca de leve a barriga de EJ.

Ele ri e gesticula para ela se afastar.

– Isso aqui... – diz, apontando a sobremesa – ...seja o que for... me deixa sem palavras.

– Sem palavras? – repete Ingrid. Ela não sabe se isso é bom.

EJ tira a bandana e a segura sobre o coração.

– De respeito.

– É bom? – pergunto.

– É excelente! – Ele recoloca a bandana. – Acho que você deu uma guinada com essa sobremesa, Zell. E, como costumavam nos dizer na Johnson and Wales – ele cobre as orelhas de Ingrid com as mãos –, “essa sobremesa vai pregar o cu na cadeira”.

– Eu ouvi – avisa Ingrid.

EJ lhe dá um pedaço, e os olhos dela se arregalam.

– Hummm. – Ela assente.

– Agora me conta – diz EJ. – Que nome você deu?

Mostro a receita. Ele passa os olhos, sublinhando palavras com o dedo mínimo.

– Abacaxi, queijo de cabra, chocolate e açúcar mascavo. Genial.

Absolutamente brilhante.

Ingrid explode numa dancinha. Agita os braços e entoa: – U- ru, u- ru, a Zell é brilhante, ela é um gênio!

EJ faz um “toca-aqui” comigo.

– Veio num sonho? – pergunta.

– Indiretamente. E aos quarenta e cinco do segundo tempo. O troço precisa ser mandado pelo correio hoje. – Estendo a mão para o garfo, mas EJ está me olhando fixamente. – Que foi?– Bom... Então o que está fazendo aqui?

Ingrid para de dançar.

– Como assim?

Ele aponta o relógio.

– A agência dos correios fecha ao *meio-dia* aos sábados.

Empurro minha cadeira para trás. Será que estou tão desligada de Wippamunk – do mundo – que nem mesmo sei dessa realidade básica da vida semanal?

– Não pode ser! – digo. – Por favor, me diga que a agência dos correios não fecha ao meio-dia.– Sssssim. Fecha. E são... onze e quarenta e quatro.

– E se deixarmos em uma caixa de coleta em algum lugar da cidade? Seria postada hoje?

– Em tese, acho que sim – diz EJ. – Mas nunca se sabe.

Saco.

Ingrid arranca a receita da mão de EJ. Corremos até o carro. O correio não fica longe. Um minuto, talvez um minuto e meio rua acima.

No banco de trás, ela lambe o envelope e o sela. Abre-se um espaço no trânsito e giro o volante para a esquerda, metendo-me na primeira vaga. A cabeça de Ingrid bate na janela com o movimento repentino.

– Ai! – diz ela.

– Desculpe.

São onze e cinquenta e oito.

Ela corre para a porta dos correios, mas estão trancadas. Bate no vidro enquanto me junto a ela na porta. Lá dentro, um careca de uniforme cinza a olha e rapidamente se manda para uma sala nos fundos.

– Ei! – Ingrid bate mais no vidro. – Ei, você aí!

As luzes no interior se apagam.

– Tá brincando comigo, moço? – grito. – Ainda não é meio-dia. São onze e cinquenta e oito.

Tudo bem, onze e cinquenta e nove. Mas ainda não é meio-dia.

Ingrid gruda a cara no vidro e olha para mim com a expressão de um cachorrinho abandonado.

– Podemos ir de carro até Boston e entregar pessoalmente – ela sugere.

Bato na cabeça.

– Droga, droga, droga!

A porta em que Ingrid está encostada se abre. Ela cambaleia pela soleira, quase esbarrando no careca de cinza, que agora está com uma jaqueta. Ele fecha o zíper até o queixo e também a cara.

– Sabe que dia é hoje?

Pego o envelope e empurro para ele.

– Sei muito bem que dia é hoje. Dez de março. A data em que este envelope precisa ser postado. *Por favor.*

O homem estende o braço para fora da porta, aponta a chave do carro para o estacionamento, onde estão vários outros veículos, e aperta um botão. Nos fundos do prédio, ronca um motor.

– Hoje, minha jovem, é meu primeiro jogo de golfe da temporada. Tenho reserva no campo para meio-dia e vinte e cinco e venho sonhando com isso desde o outono passado, a última vez que joguei. Não vou perder minha reserva. Assim, por gentileza, com licença.

– Mas ainda não é meio-dia! – diz Ingrid. Ela exagera na cara triste.

O homem olha o relógio.

– Bom, agora é. Meio-dia e um, na verdade. – Ele passa por entre nós, tranca novamente a porta e anda em direção ao carro.

Olho o interior da agência; ainda há uma luz na sala dos fundos, onde alguns funcionários conversam e separam a correspondência.

Pego a mão de Ingrid e sigo o homem pela calçada. Não tenho certeza do que vou fazer ou dizer. Mas, detrás do prédio, um jipe enferrujado vira a esquina.

Russ. Ele para numa derrapada, abre a janela e toca a buzina.

– E aí, Zell? Ingrid.

– Pode dar uma ajuda aqui, Russ?

Ele bate no volante.

– Vamos lá, Phil – diz ele ao homem. – Por que não deixa essas adoráveis senhoras aqui entrarem? Lamba os selos delas e lhes dê essa alegria.

– Porque tenho reserva no golfe para o meio-dia e vinte e cinco...

– Eu sei, eu sei – diz Russ. – E você vem sonhando com isso desde o último outono. Escuta, eu cuido delas.

Phil gesticula para Russ, como se dissesse “se vira”, e continua andando em direção ao carro.

Russ estaciona, e o seguimos porta adentro. Ele finge não perceber que enxugo minhas lágrimas com a manga. Não sei por quê, mas estou chorando.

– Tá tudo bem, Zell – sussurra Ingrid. Ela aperta minha mão. – Nós conseguimos.

Russ encaixa uma chave na fechadura.

– *Agorra*, madame – diz ele, num sotaque francês exagerado, porque ele sempre encontra um jeito de abobalhar a situação –, você tem uma coisinha especial pra postar?

Ingrid conta que paramos na vaga dos correios às onze e cinquenta e oito, mas o homem rabugento queria ir jogar golfe e não nos deixou entrar, o que foi muito, mas muito injusto mesmo.

Russ age como se a história dela fosse a mais fascinante que ouve em muito tempo.

Enquanto Ingrid fala, ele assume um lugar atrás do primeiro guichê, aperta uns botões no computador e cruza as mãos em cima da balança.

– Vamos lá – diz ele.

Entrego a Ingrid o envelope, ela fica na ponta dos pés e o passa a Russ.

– Alguma coisa líquida, frágil, perecível ou potencialmente perigosa? – pergunta ele.

– Hein? – diz Ingrid.

– Vou tomar isso como um “não”.

– É claro – diz ela. – Não sei por que não estamos mandando nossa inscrição por e-mail.

Não teria sido mais fácil, Zell?

– As crianças têm cada uma... – Russ joga o envelope selado em uma lata suja.

PQP.

Cubro o rosto com as duas mãos.

– Esqueci essa opção, Ing. Mas você tem toda a razão. Teria sido mais fácil.

– Não importa – diz ela. – Nós conseguimos. Obrigada, senhor Russ.

EJ

Ainda bem que Charlene tem ligações interurbanas gratuitas, porque EJ fala com ela esta noite por quase duas horas. Ela telefona e pergunta de cara se sua última remessa de chicória chegou, e pela primeira vez EJ mente para ela.

– Ainda não. Deve chegar amanhã. – Ele não quer falar sobre a carta que veio com a chicória; ficaria nervoso demais. Quer escrever sua resposta.

Eles conversam, e em algum momento surge o assunto dos verões da infância; e ela fala do acampamento noturno no Mississippi onde foi campista e mais tarde monitora. Ele lhe conta de seu equivalente mais próximo: o Nature's Classroom e da vez que, depois do jantar, uma monitora do acampamento ia ensinar a música “Moon Shadow” e Nick levantou a mão e disse que conhecia, porque o pai havia ensinado. E ele se levantou ali, ao lado da monitora na pequena plataforma, ela dedilhou seu violão e Nick cantou. Nisso algumas crianças deram risadinhas, mas por fim todos se aquietaram e ouviram. Nick era um astro da música folk aos dez anos de idade. Liderou sessenta e cinco crianças e quinze adultos em sua versão esganiçada de Cat Stevens.

EJ fala sem parar, e Charlene ri nos momentos certos. Depois que finalmente se despedem, EJ encontra, numa gaveta do bufê de sua mãe – guardado junto com velas de cera que ele nunca acendeu e um caminho de brocado para a mesa de jantar –, papel de carta. Papel grosso e creme, com borda dourada cintilante e envelope combinando. O bufê estava entre as várias peças de mobília que a mãe deixou ao se mudar, porque pensou que o ar marinho e úmido de Truro as estragaria.

O papel de carta cheira a vela. Ele o abre na mesa de jantar, pensando que a mãe o repreenderia por escrever ali, pois a caneta marcaria a madeira. Mas ele não se preocupa com isso agora.

Já faz algum tempo que não escreve uma carta de verdade, com caneta e papel.

Sente-se um tolo, constrangido. Sua letra é troncuda, enviesada e feia. Mas escreve porque Charlene vai gostar.

Querida Charlene, Não sou muito de escrever, então esta será uma carta curta. Acho que não escrevo uma carta desde o colegial, quando eu e meus amigos costumávamos trocar bilhetes em aula o tempo todo, e minha ortografia é ruim, assim peço desculpas desde já por qualquer erro idiota.

Quero que você saiba que vou até aí pra vê-la. Não sei quando, exatamente, mas será em breve. Além da Muffinry, não tenho nada que me prenda aqui.

Sei que você já sabe disso, mas meus pais são divorciados e nunca os vejo.

Moro na casa em que fui criado, e muitas vezes é solitário aqui. Não sei por que estou escrevendo sobre isso neste momento. Enfim, vou aparecer. Vamos ficar algum tempo juntos. Vamos conversar e resolver as coisas. Estou feliz por você sentir o que sinto, eu também sinto isso, como se fôssemos bons amigos – ótimos amigos – que provavelmente podem ser muito mais.

Com amor (e é isso mesmo que quero dizer), EJ

P.S. Respondendo à sua pergunta, você me atrai muito.

P.P.S. Vou levar uma surpresa. Na verdade, duas. Você verá.

Nick 9 de novembro de 2006

De:

nicholas.roy@thewippamunker.com Para: rose-ellen@roymedicalillustration.com Oi. Está tarde. Todo mundo foi dormir, mas eu não consigo. Prefiro ligar, mas não quero te acordar. Estou digitando isso em meu saco de dormir.

Eu podia ficar zangado – muito zangado – com a reação do governo ao furacão Katrina. Podia ir embora desiludido, derrotado, murcho, desanimado, com vergonha do país. Aposto que muitos voluntários partem se sentindo assim. Tenho certeza de que as pessoas que moram aqui às vezes também sentem isso. Não as culpo. De jeito nenhum. Não negaria que há parte disso em mim. A decepção. E, às vezes, nojo.

Mas também há esperança. A esperança é maior do que a decepção. Talvez, para mim, seja fácil falar. Sei que, se estivesse vivendo aqui depois do Katrina, o que sentiria seria muito diferente.

Eu não diria exatamente que me sinto orgulhoso ou patriota, mas, quando olho tudo por aqui, vejo muita gente unida, se juntando para construir um mundo melhor. Para ajudar o outro a se curar.

Espero que esses e-mails não tenham assustado você. Sei que não devo parecer o Nick com quem você está acostumada. Mas não se preocupe, Chefinha. Ainda sou o mesmo Nick de sempre. Não vou me juntar a uma seita nem fazer voto de silêncio, nada disso.

Mas acho que você vai gostar do novo Nick. Porque quero que minha vida – a nossa vida – tenha significado. Quero que o trabalho que faço afete os outros de um jeito bom. Quero afetar a vida dos outros e melhorá-la, sem ser condescendente. Esta é uma corda bamba, mas acho que sei como andar nela.

E acho que posso ensinar nosso time de futebol a fazer isso também.

Esta viagem está me dando confiança. Sei que nunca falei isso, mas muitas vezes me sinto meio idiota por nunca ter feito f aculdade. (Pelo menos, não uma f aculdade normal, de quatro anos.) Às vezes me sinto menos do que um intelectual, porque eu sou mesmo, acho que sim. Mas, estando aqui, sei que nas pequenas coisas – mesmo quando só apareço e abro um sorriso pra alguém – estou fazendo a diferença e fazendo o bastante. E você não precisa ter um diploma universitário pra isso. Também não há trabalho pequeno ou insignificante demais, e você não precisa ser um mestre-carpinteiro para vir aqui ajudar. Só precisa de amor, como dizia John Lennon. Parece brega, talvez até clichê. Mas acho que há um motivo para que os clichês bregas se tornem clichês bregas, se é que você me entende. Mas com isso não estou nem aqui nem lá...

Ultimamente ando pensando muito nas injustiças da vida. Por que existe gente no mundo que é despojada de cada bem, cujo mundo é esmagado, a família se separa, e também existe gente como nós, com tanta sorte, tão feliz, sem nenhuma (bata na madeira – bata na minha cabeça!) catástrofe? Fico me perguntando o porquê disso. Quem está encarregado de tudo isso? Já se perguntou essas coisas? Provavelmente sim. Você é “mais profunda” do que eu. É uma das coisas que amo em você.

Estou louco pra te ver e te beijar todinha e só segurá-la em meus braços por um bom tempo. Fico imaginando nosso reencontro na entrada de casa. Você vai sair correndo pra me receber. Ahab estará esperando na porta. Você percebeu que estamos casados há oito anos e nunca ficamos separados? Nunca, até agora?

Vamos embora amanhã à tarde. De manhã, EJ e Charlene querem me levar para conhecer uma obra – uma igreja grande e nova que estão construindo nos arredores da cidade. Não estou muito animado com isso, mas vou. Por que não? Posso ter ideias para a Cabana dos Homens que EJ e eu vamos construir no quintal dele. Uma Cabana dos Homens com uma sauna no anexo. Falo mais sobre isso depois.

Então vamos pegar a estrada. E verei você depois de amanhã!!!

DEPOIS DE AMANHÃ!

Com amor, Nick 9

Zell Gladys canta sobre ficar sozinha sem um amor para chamar de seu.

Visto o avental de Nick. Bebo café como uma louca. E daí que minhas mãos estão tremendo? E daí que me arrisco a derramá-lo sobre minha vista anterior do aparelho digestivo? Eu vivo na p... do fio da navalha.

Meu aparelho digestivo é uma vista frontal, sem revestimento. É pesada em 242 (ALGODÃO

PÊSSEGO) e 276 (LARANJA NAVAL). Trabalho nela há dias, e agora todos as estrelas principais brilham para mim: esôfago e estômago, cólon transverso e intestinos. Formam uma estranha combinação de órgãos, delicada porém diligente. A boca está ali também, assim como a cavidade oral e a glote; pouca gente percebe que a digestão começa ali, na primeira dentada.

Estou prestes a assinar minhas iniciais quando... Chia. C-h-h-h-h-i-i-i-i-a.

France está em minha varanda. Vestida à paisana, como no colegial: bota de caminhada, jeans, colete de *fleece*. Seu cabelo castanho está num rabo de cavalo mirrado, como sempre.

Fios curtos e soltos flutuam sobre as orelhas.

– Oi, amiga – ela cumprimenta.

Curvo-me para a frente e lhe dou um abraço.

– Oi.

– Eu estava fazendo uma caminhada.

– Está um lindo dia pra isso – digo, porque é um daqueles dias de início de primavera em que o sol brilha tanto que quase dói. Mas no bom sentido.

– Estava procurando pelo Capitão Ahab – explica. – Caminhei um tempo pelas linhas de transmissão atrás da Muffinry. Depois andei mais um quilômetro e meio para o norte, para a montanha. – Ela põe a mão no bolso. – Aí encontrei isto.

Na palma de sua mão, o prendedor de fada. As asas de conta estão arranhadas e descascadas, e falta um pé.

– É de Ahab, não é? – Ela o entrega a mim.

Dobro os dedos sobre ele e concordo com a cabeça. O metal retorcido cutuca minha pele.

– Talvez signifique que ele está por perto – diz ela. – Tentando voltar pra você, seguindo os fios de energia até a Main Street. Ou talvez ache que está numa aventura e seguiu os fios na direção contrária, até New Hampshire. Ou talvez não signifique nada, além de que a fada se desprende ou ficou presa em alguma coisa e caiu.

– Você procurou por ele em volta? – pergunto. – Quer dizer, no lugar onde encontrou isso?

– Olhei tudo em volta. Chamei por ele. Até cantei aquela musiquinha idiota da “Hora do Biscoito” que Nick costumava cantar. – Ela franze os lábios em um meio sorriso, recordando-se. A culpa me toma de mansinho – culpa e remorso por deixar Ahab escapar –, e baixo a cabeça.

– Ah, me desculpe, Capitão – digo. Vou para a varanda, me perguntando como Nick reagiria se estivesse aqui. Será que ficaria zangado comigo por deixar Ahab fugir? Ou compreenderia e me perdoaria?

A meu lado, France se recosta na grade.

– Não é culpa sua, Zell.

O furgão dos correios vira a esquina. Berra Metallica de dentro dele. Russ para cantando pneu na frente da casa, desliga o rádio – preso por um cabo elástico ao painel – e sobe a escada. Coloca a correspondência na caixa dos Knox, depois entrega a minha: um cheque de pagamento, uma proposta de cartão de crédito e a mais nova edição de *Cozinhar é moleza*, que agora assino. Como sempre, Polly enfeita a capa. Neste mês, ela monta uma *scooter* rosa-choque, e suas mechas brilhantes de cabelo fluem por baixo de um capacete da mesma cor.

Olho a manchete e noto que, de algum modo, conseguiram usar as palavras “vrum vrum” e “pimenta”.

Suspiro e tento tirar Ahab da cabeça.

– Nada do concurso... – digo.

– Só faz duas semanas – diz Russ. – Paciência, minha filha. – Ele bate em meu braço, depois no de France, desce a escada aos saltos e vai embora.

– Ei – diz France –, quer tomar aquela cerveja agora?

– Agora não – digo. – Mas em breve.

Ela me dá um abraço rápido, desce a escada da varanda e dá alguns passos de costas pela rua, apertando os olhos por causa do sol.

– Você vai ficar bem, Zell.

Ela gira o corpo e parte pela High Street na direção do pomar de maçãs.

– Obrigada! – grito para ela, e France acena sem se virar.

Manhã de sábado. Gladys canta que a vida é tão louca e o amor é tão cruel.

O baço que desenho parece um punho flácido mosqueado, cinza e roxo, metido sob as costelas, por baixo do domo do diafragma. Meu baço é um guerreiro – destrói e recicla glóbulos vermelhos do sangue. Mas também é um reservatório, poupando o sangue até o momento em que seja mais necessário.

A campanha chia. Desço e vejo a silhueta de Russ pela cortina fina. Abro a porta. Ingrid está ao lado dele. Tem o cabelo preso num rabo de cavalo lateral acima da orelha direita.

Garrett espera atrás dela, as mãos em seus ombros.

– O que foi? – pergunto.

– Abra! – ordena Ingrid enquanto Russ me passa um grande envelope cor-derosa. Ele ergue as sobancelhas duas vezes, como um ator de *vaudevil* e. Passa a bolsa de carteiro de um ombro a outro.

Examino o envelope. Foi postado em Boston, e o remetente é “Estúdios Scrump”.

Abro o envelope. É uma carta oficial do Concurso de Sobremesas que Aquecem a Alma!

– É da minha mãe? – pergunta Ingrid. – Leia em voz alta.

Garrett puxa a filha contra ele enquanto leio.

– “Cara senhora Rose-Ellen Roy, meus parabéns! Você é um dos escolhidos para participar do primeiríssimo episódio de *Pitada de amor ao vivo*, a versão ao vivo do sucesso original de Polly Pinch, *Pitada de amor*. Polly está animada para preparar seu Deleite Gostosuríssimo ao vivo diante da plateia, junto com você e seu convidado, no dia 5 de maio!”

Russ bate os cotovelos como asas de galinha e grita: – Co-co-ro-cóoooo! – Ingrid pede silêncio. – Desculpe – diz ele. – Continue, por favor.

Continuo lendo: – “O ganhador dos 20 mil dólares será anunciado no final da gravação. Telefone, por favor, para os Estúdios Scrump no número abaixo assim que possível para que possamos fazer os arranjos. É com ansiedade que aguardo para discutir com você o que acontecerá em 5 de maio. Fique orgulhosa de sua realização. Foram mais de 2 mil inscrições do mundo todo.”

– Está assinado Polly Pinch? – pergunta Ingrid.

Passo os olhos pela carta.

– Não. É do secretário executivo e pessoal de Polly Pinch, senhor Spike Miller.

Ingrid afasta o papel da minha cara e olha para mim.

– O que isso quer dizer, exatamente?

– Quer dizer que nossa sobremesa...

– Nossa sobremesa de *gênio*.

– O Deleite Gostosuríssimo pode ganhar vinte mil dólares. Vamos descobrir no dia cinco de maio.

– E? – diz ela.

– E significa que terei de ir a Boston e aparecer no *Pitada de amor ao vivo*.

Seu lábio inferior treme.

– Isso quer dizer que vou conhecer a Polly Pinch?

Garrett morde o lábio.

– Eu fui boazinha. – Ingrid puxa o braço dele como se tocasse um sino imenso e pesado. – Tenho feito todo o dever. E matérias a mais. Além disso, você suspendeu a proibição.

– Tem *certeza* de que você é finalista? – diz Garrett.

Mostro-lhe a carta.

Ele dá uma olhada, mordendo o lábio inferior enquanto lê. Parece hesitante, como quem duvida de que seja uma boa ideia deixar que a filha obcecada por Polly conheça seu ídolo da televisão.

– Tudo bem – diz ele.

– Sim? – diz ela.

– Com a condição de que você não diga absolutamente nada... zero mesmo...

a Polly Pinch sobre ela ser sua mãe. Nem uma palavra. Está entendido?

– E por que não?

– Porque não seria adequado.

– Tudo bem. Prometo. Mas vou cozinhar com ela?

– Você vai cozinhar com a Polly Pinch – digo. – Na TV. Ao vivo.

Russ dá um salto e bate os calcanhares.

– Caraca! – Ingrid joga os braços para cima e balança a cabeça de um lado para o outro. – Todo mundo aqui. Abraço em grupo. Anda. Vamos nos abraçar logo!

Russ e Garrett colocam, cada um, um braço em volta de Ingrid, mas eu recuo um passo.

– Zell? – chama Russ.

Minhas narinas tremem, e meu coração está aos saltos enquanto contenho as lágrimas.

– Zell, o que foi? – diz Ingrid. – Nós *vencemos*!

Ninguém diz nada pelo que parece um bom tempo.

Apoio a cabeça nas mãos.

Saco.

As lágrimas se derramam, e meu corpo balança com a respiração entrecortada.

– Como posso aparecer na televisão? Eu escrevo e-mails a meu marido morto!

– Espio por entre os dedos, de Ingrid para Garrett e Russ. – Falo com meu cachorro, que nem está mais aqui. Ouço discos de vinil. Sou louca e deprimida. Choro o tempo todo. Fico dias sem usar sutiã...

– Tá legal, menos, Zell – diz Russ. – Menos...

– ...e aquele avental idiota. Uso sem parar, mesmo quando não estou cozinhando.

– O sinal de uma verdadeira deusa da cozinha. – Ingrid se desprende de Garrett e Russ, passa os braços por minha cintura e aperta o rosto em meu avental. Levanta a cabeça para mim e sussurra: – Você conseguiu.

Solto uma última fungadela chorosa.

– Quando não tem ninguém por perto, falo feito um pirata. Feito um FDP de um *pirata*.

Russ sorri.

– É por isso que nós amamos você, Zell. – E então ele também está me abraçando. Sorrio apesar das lágrimas. Garrett ri. Ingrid exclama: – Ôa, marujos! Com a breca!

Galhos de árvore batem na janela do meu quarto. As folhas guincham contra o vidro.

Durmo. Acordo. Penso em Ahab. Cochilo, fico agitada e durmo mais um pouco.

Chia. Chia. C-h-h-h-i-i-i-i-a.

Abro os olhos, de certo modo esperando Ahab, grogue, apoiar a pata em meu braço.

Chia. Bate, bate, bate.

Bate, bate, bate. C-h-h-h-h-i-i-i-i-a. Os números vermelhos no relógio mostram o horário: seis e dezoito.

Garrett está na varanda, calça de pijama de flanela e um casaco North Face aberto por cima de uma camiseta branca. Seus olhos estão vermelho. Ele trinca os dentes quando o vento o atinge.

– A Ingrid está aqui? – pergunta.

– O quê? Não. Do que você tá falando?

– Ela foi dormir na casa de Trudy ontem à noite.

– O que aconteceu?

Trudy acaba de telefonar, ele conta. Ingrid não estava na cama hoje de manhã.

Trudy não conseguiu encontrá-la em nenhum lugar da casa – nem na cozinha, nem no celeiro, no porão, no sótão. Ela também procurou do lado de fora, atrás do abrigo, no cercado das cabras.

Nenhum sinal.

Olho o céu cinzento. Flocos de neve giram para todo lado, uma estranha tempestade em plena primavera.

– Ela não está aqui, Garrett.

Ele fecha os olhos.

– Pode ir comigo à casa de Trudy?

– Claro.

Meto a calça do pijama por dentro das botas e fecho meu casaco por cima da camiseta da Viagem de Nick. Vou no banco do carona da caminhonete de Garrett.

Ele dirige com uma só mão pela Rota 331. Com a outra, segura o celular e fala calmamente com o atendente da emergência: – Sim... Não... Não sei... Não...

Não... A avó emprestada. Segunda mulher do meu pai...

Não tem como... Estou indo pra lá agora. Sim... Obrigado. – Ele dá o endereço de Trudy e desliga.

Passamos pela quitanda e pela loja de antiguidades e sua cerca de madeira.

Uma neve recente camufla de branco a neve antiga e suja.

Mudamos um pouco de altitude. Meus ouvidos estalam. Passamos pela igreja Príncipe da Paz e pelo espaço na fileira de árvores onde o centro e o leste de Massachusetts se encontram em um tapete verde, branco e irregular abaixo de nós. Aqui o vento bate com força sobrenatural no para-brisa. A caminhonete dá uma guinada para a faixa central.

– *Sentiu* isso? – pergunta Garrett, corrigindo a rota. Ele desliga o rádio quando o locutor anuncia nevasca repentina a oeste da 495.

– É *abril* – digo, como que dando uma bronca no tempo.

A caminhonete rabeia algumas vezes. Garrett cerra os dentes e bate no volante.

– Anda logo, tração nas duas rodas – resmunga. – Anda!

Mais à frente na estrada, luzes vermelhas e oscilantes giram em seus suportes.

Sirenes berram atrás de nós; duas viaturas policiais de Wippamunk passam e continuam morro acima.

Garrett se arrasta pelo cruzamento.

– Aposto que estão indo para o mesmo lugar que nós.

Pego um chiclete endurecido no porta-luvas. Desembrulho um pedaço para Garrett. Sua boca trabalha na goma de mascar.

– Eu vou matar o cara! – diz ele.

– Quem?

– O desgraçado que...

– Vamos encontrá-la. Ela só deve ter saído por aí. Não há motivo para achar que alguém...

– interrompo-me. Masco o chiclete e olho distraidamente pela janela. O cheiro de hortelã enche meu nariz. *Mas onde será que ela está?*

– Não vai ter pegada nenhuma – diz Garrett.

– Como assim?

– Por causa da neve. As pegadas dela estarão cobertas.

– Vamos encontrá-la.

No orfanato abandonado, outras sirenes berram atrás de nós. Dessa vez, somos ultrapassados por um caminhão vermelho-cereja com os dizeres CORPO DE

BOMBEIROS DE

WIPPAMUNK. Atrás dele, o furgão listrado da Muffinry. Um único farol amarelo gira no teto do furgão.

– O Homem Muffin? – diz Garrett.

– A cidade toda vai aparecer para ajudar, Garrett. Você vai ver.

O comandante Kent organiza sessenta e três voluntários de cara austera no gramado da frente da casa de Trudy. Alguns ajeitam walkie-talkies; outros testam se as lanternas estão com pilhas. Alguns prendem raquetes nos pés; outros colocam mochilas nos ombros. Uma mulher está de macacão caramelo de trabalho. Um homem monta bastões dobráveis de caminhada.

Seus carros e veículos quatro por quatro estão parados nas valas lamacentas da Rota 331.

EJ distribui cópias coloridas de uma foto de Ingrid. A fotografia a mostra com seu gorro.

Os fios vermelhos roçam suas sobrancelhas e acentuam os olhos verdes. Ela sorri. Um dente da frente é maior do que o outro.

Garrett e Trudy se abraçam na varanda da frente. As bordas de um curativo de borboleta na testa de Trudy balançam com a brisa.

A policial France se aproxima deles.

– A casa parece intacta – avisa. – Não há nenhum sinal de entrada forçada. – Ela faz perguntas enquanto outro policial toma nota das respostas monossilábicas de Trudy.

– E o puma? – pergunta Trudy. – Os vizinhos disseram ter visto um.

France põe a mão sobre o ombro de Trudy e diz que o último puma no estado de Massachusetts foi exterminado – ela de fato usa essa palavra – nos anos 1800.

– Eles devem ter visto um lince – diz France. – Os lince são muito maiores do que você imagina.

Dennis, com seu casaco puído, passeia pela multidão, tomando notas. Lembro-me dos e-mails de Nick – ele escreveu que devia continuar neutro em Nova Orleans, um observador, mas não conseguia deixar de sentir que de algum modo *pertencia* às cenas que fotografava.

Pergunto-me se Dennis sente o mesmo agora. Inextricável de seu ambiente, dessas pessoas.

Ligado.

O comandante Kent sobe a escada da frente, meio corpo acima da multidão.

– Ingrid Knox tem um metro e trinta e dois de altura e pesa trinta e um quilos – diz ele.

– Não conseguimos ouvir! – grita um voluntário no fundo da multidão.

EJ corre até o caminhão dos bombeiros e pega um megafone, que entrega ao comandante.

Ele o examina, liga e o segura junto à boca. O megafone amplifica os gemidos do vento, além de sua voz rouca e velha.

Encolho os ombros por causa do frio. Sinto uma estranha e leve alfinetada no fundo do peito – a mesma que tive na noite em que Ingrid, Garrett e eu ficamos presos na cabana do lago Tunkamog. Depois de alguns segundos a sensação passa, e ouço o comandante Kent se dirigir à multidão: – Ingrid Knox tem um metro e trinta e dois de altura e pesa trinta e um quilos. Tem cabelo comprido castanho-arruivado e pele castanho-clara, olhos verdes e sardas. Foi vista pela última vez às nove horas da noite de ontem nesta casa e vestia pijama cor-de-rosa, os cabelos estavam presos em maria-chiquinhas. Como muitos de nós, ela conhece bem essas matas. Mas a neve e o vento podem desorientar e assustar, especialmente uma menina de nove anos.

Um voluntário pergunta sobre a montagem de um centro de comando.

– Isso caberá à polícia do estado – responde ele.

Nesse momento, duas viaturas policiais de Massachusetts param na entrada da casa de Trudy. Os agentes começam a discutir imediatamente a questão com alguns policiais locais.

Outro voluntário pergunta sobre o alerta de criança desaparecida, e outro grita a respeito de uma unidade de cães farejadores.

– Olha, essas são perguntas pertinentes. Mas não vamos nos precipitar – diz o comandante.

– Não vamos entrar em pânico. Nós, de Wippamunk, não entramos em pânico.

Estou certo?

– Certo – murmura a multidão.

O comandante passa o megafone para o chefe de polícia local, um homem atarracado e musculoso com a barba branca bem aparada. O chefe dá outras instruções – não toquem nada que possa ser importante, não andem sozinhos e assim por diante.

Os voluntários formam grupos de dois ou três. Dennis e um policial de Wippamunk formam

uma dupla e entram na mata atrás do abrigo. France e o comandante Kent tomam uma rota em diagonal a partir da casa, atravessando a estrada. EJ e o chefe de polícia vão para o lado norte da montanha. Os agentes do estado ficam para trás.

Fico sozinha no gramado congelado, onde a neve cai grossa. Depois de um tempo, aproximo-me de Garrett, ainda na varanda.

– Eles disseram pra ficar aqui – diz ele. – Como posso ficar aqui, esperando?

Trudy abre a porta da frente.

– Entrem, para se aquecer – ela chama. – Os dois!

Sentamos na sala de estar, e por fim Trudy se junta a nós, os braços repletos de lenha.

Empilha algumas no fogo, e logo a madeira está crepitando, a sala se aquece, e o cheiro de lenha queimada enche a casa.

Ela vai até a cozinha e volta com uma bandeja com canecas de fada. Cada um de nós pega uma caneca e sopra o chocolate quente. Ninguém diz muita coisa.

Depois de um tempo, soa a aldrava da porta.

– Obrigada por vir, padre – diz Trudy enquanto o padre Chet entra. Ele sacode a neve do casaco e se empoleira na beira da cadeira de balanço, ao lado do fogo.

Um minuto depois da chegada do padre Chet, a pastora Sheila bate à porta.

Entra sem dizer nada e envolve Trudy num abraço apertado. Os óculos da pastora Sheila embaçam imediatamente na sala aquecida pelo fogo. Seu cabelo ruivo grisalho, desgrehado e frisado brilha de flocos de neve.

Ela e o padre Chet conduzem uma espécie de oração em grupo. A meu lado no sofá, Garrett baixa a cabeça e entrelaça os dedos junto do coração; Trudy, de olhos fechados, assente de vez em quando.

Seguro a caneca no colo e olho meu reflexo distorcido no chocolate quente. As palavras que eles pronunciam falam de gratidão, de mostrar o caminho, de reunião e comunidade, da beleza e maldição da natureza e da vida selvagem, de crianças como criações de Deus. As palavras fazem com que eu me sinta bem, como se estivesse em meu lugar de direito. Como se tudo isso fosse acabar bem. E penso no e-mail de Nick, em que ele dizia que se acostumou com as orações do grupo durante A Viagem. Entendo o que ele quis dizer. Há certo conforto na ideia de todos em uma sala concentrados nos mesmos pensamentos, ligados pelas mesmas meditações. Eu me vejo tentando lembrar a última vez que estive numa igreja. Talvez no casamento de Gail e Terry.

À medida que a oração esmorece, meu coração faz aquela coisa estranha.

Galopa, para.

Galopa, para. Galopa e então – justo quando o padre Chet faz o sinal da cruz e a pastora Sheila segura as mãos de Garrett – volta ao batimento normal.

Pego no bolso meu folheto fotocopiado de Ingrid, abro e o examino. O gorro quase cai da cabeça. Penso naquela vez em que fomos andar de raquete de neve, no calor daquele dia.

Penso em Ingrid dançando no alto do rochedo, jogando o gorro e pegando-o de volta.

Um gorro vermelho contra o céu azul, azul.

Sei onde ela está. Minha cabeça se levanta de repente.

– Garrett – sussurro. Minha intenção é que só ele ouça, mas os olhos de todos estão em mim. Mostro o folheto.

– Que foi? – diz ele.

– Olhe isto. Olhe a fotografia.

Ele a olha fixamente.

– Zell, o que é? – Está frustrado. Mas aos poucos o reconhecimento alcança seu rosto. – Ai, meu Deus. É claro!

Levantamos e vamos para a porta, vestindo apressadamente casacos e botas.

– Garr? – chama Trudy, seguindo-nos. – O que é?

– Sabemos pra onde ela foi. – Ele lhe dá um beijo no rosto. – Não saia daqui.

Garrett é muito mais rápido do que eu; está muitos passos à frente quando chego ao final da entrada. Eu o sigo, virando à esquerda e correndo pela estrada de terra. Ele escorrega no gelo, mas recupera o equilíbrio, passando pelo cemitério e o orfanato assombrado, cujo sótão de frontão irregular e cuja aparência proibitiva lembram o meu próprio.

Ele espera por mim no portão amarelo que bloqueia a estrada de terra para os veículos.

Recupera o fôlego enquanto contorno o portão e fico emaranhada em arbustos espinhosos.

Espinhos pequenos se agarram à calça do meu pijama e cortam minha pele.

Um fogo metálico e frio arde em meus pulmões.

O vento vergasta, e redemoinhos brancos giram em colunas altas. Galhos baixam e oscilam, estendem-se e rodam. Mais fundo na mata, um galho morto se quebra, derrubando outros em sua queda.

Fico ao lado de Garrett.

– Para! – Ele cospe a palavra, do mesmo jeito como repreende Ingrid.

– Parar *o quê?* – E percebo que estou chorando. De novo. Choro porque não suporto mais a perda. Primeiro, Nick. Depois, Ahab. E agora Ingrid.

Garrett precisa que eu seja forte, mas não sou assim. Talvez nunca tenha sido forte.

Ele parte de novo. Eu o sigo, e nós dois corremos firmemente. Procuro no terreno pequenas pegadas de botas Ugg até que me lembro da previsão dele de que a neve as cobriria.

O vento leva para longe minha voz.

– Ingrid? *Ingrid!*

O lago entra em meu campo de visão. Em suas margens, um volume cinzento toma forma e penso ser Ingrid, mas, quando Garrett passa por ele, noto que é só a velha chaminé de pedra. Ele vira à direita e pega a estrada que sobe a montanha. A mesma por onde andamos de raquete naquele sábado estranhamente cálido, alguns meses atrás.

– Fica aqui! – grita ele. – Ela pode tomar uma trilha diferente para descer.

Coloco as mãos em concha em volta da boca e grito “tudo bem” o mais alto que posso.

Fico onde estou, meus pés plantados na margem do lago, ao lado da represa de castor, um emaranhado louco que parece uma cabana de toras destruída por uma tempestade, congelada no gelo.

A neve cai numa massa sólida e singular. Golpeia meu rosto e arde em meus olhos. Olho Garrett pelo máximo de tempo possível. Não quero perdê-lo de vista. Por fim a neve o engole, estou sozinha, e logo a completa brancura me cerca. O branco é só o que tenho aqui, branco por todo lado.

Fico naquele lugar até a neve afinar um pouco. Alguns minutos se passam, talvez cinco. Se foi difícil imaginar Ahab vagando sozinho nessas condições, é insuportável imaginar Ingrid fazendo o mesmo. A neve me faz pensar em milhares e milhares de nervos, cintilando como fios de seda.

Não suporto mais a espera no vento, sem saber de nada; assim, pego a estrada atrás de Garrett. As pedras sob meus pés estão geladas, escorrego e caio no chão. Mas continuo, subindo,

subindo, impelindo-me sobre uma imensa árvore caída. E, do outro lado, vejo uma mancha vermelha.

O gorro encharcado de Ingrid. Lama e gelo o recobrem; folhas mortas e agulhas de pinheiro projetam-se dele.

O gorro, percebo, está na cabeça de Ingrid. Cobre a maior parte de sua face sorridente.

Garrett está ajoelhado, e seus braços estão firmes em volta dela. A árvore morta os protege do vento.

Não sei se tenho lugar nesse abraço, mas me junto a ele. Ajoelho-me, lanço os braços pelos ombros de Garrett e encosto o rosto no de Ingrid. Quando ela fala, quase posso sentir o alívio que toma Garrett. Ele a aperta; eu o aperto. A gratidão emana de nós como ondas de choque.

A respiração de Ingrid é quente em minha orelha.

– Pensei que de repente todo aquele vento tivesse derrubado o gorro dessa árvore.

Lembra, Zell? Você disse que na primavera eu podia voltar e procurar por ele no chão. Bom, é primavera. E você tinha razão. Ele estava no chão.

Abro a boca para responder, mas minha garganta parece vazia, um túnel oco.

Sinto uma colisão interna, como se minhas entranhas estivessem se chocando.

Não sei dizer se estou tremendo de frio ou de nervosismo.

– Nem acredito que peguei meu gorro de volta – diz Ingrid, batendo os dentes.

– Acordei e ventava tanto, e...

– Só o que importa é que você está bem – digo. – Todos nós estamos bem.

O chefe de polícia reúne rapidamente os voluntários, agradece a todos e os dispensa. EJ

convida-os a voltar à Muffinry para um café de cortesia; eles aplaudem e se dispersam, entram em seus carros e SUVs e voltam à cidade.

Na cozinha, o comandante Kent verifica os sinais vitais de Ingrid e se assegura de que ela não esteja com hipotermia nem desidratação.

– Todo mundo pra fora – diz ele –, menos Ingrid e o chefe de polícia.

Todos saímos – Garrett, Dennis, Trudy, France e eu – e nos reunimos na sala de estar, onde pegamos fragmentos da voz severa do comandante Kent. “É

perigoso andar na mata sozinha, especialmente na neve e no frio, sem avisar a um adulto”, diz ele. “Você matou a cidade toda de susto.”

Ouçõ Ingrid dizer, bem baixinho: “Desculpe, senhor comandante”.

O chefe de polícia Shay e o comandante Kent acompanham Ingrid ao sair da cozinha. Ele a pega no colo, deita-a no sofá e a enrola em uma manta de tricô, e assim só aparecem seus olhos e nariz.

Garrett dá no chefe um misto masculino de abraço com um braço só e um aperto de mão; eles trocam tapas nas costas, e nenhum dos dois diz nada.

Um por um, depois que o chocolate quente esfria, vamos embora. Sigo Garrett até a caminhonete e penso em pedir uma carona, mas decido deixar que ele e Ingrid tenham um tempo a sós.

– Vejo vocês depois? – digo, enquanto ele coloca o cinto de segurança em Ingrid, ainda enrolada na manta, no banco traseiro da caminhonete.

Ele abre a porta do carona. Parece ainda mais cansado do que no início desta manhã, quando me pegou.

– Obrigado, Zell. – Estende a mão. Quando a aperto, ele me puxa para um abraço rápido.

– Está tudo bem. Dirija com segurança.

O sedã verde-azulado da pastora Sheila sai resfolegando, France pega a “patrulha” de volta ao distrito, e Dennis retorna ao prédio do *Wippamunker*.

Ficamos só eu e o padre Chet, e ele me oferece uma carona para casa. Sentada no banco do passageiro, noto que ainda estou trêmula. Como se tivesse bebido café demais ou coisa assim. No início não falamos muito, o padre Chet e eu.

Ele pega a estrada, liga os limpadores de para-brisa na velocidade máxima e acelera só um pouco. A neve se adensa e voa na nossa direção.

Enfim batemos papo sobre a previsão do tempo, os boatos do puma e a sorte que Garrett teve de encontrar Ingrid. Finalmente, pergunto se Nick alguma vez falou com o padre Chet sobre um presente para mim.

– Um presente? – repete o padre Chet. – Noooooon, Row-sel- *len*. Presente nenhum.

Ficamos um tempo sem falar mais nada. Ele para no cruzamento da Main Street, e a seta tiquetaqueia. Olho o posto de gasolina e o cemitério, a prefeitura de quase trezentos anos e o

campanário com a cruz da igreja congregacional, pouco visível contra as nuvens cor de aço.

O padre Chet cantarola. O sinal fica verde. Ele vira a esquina lentamente, dizendo em francês o mesmo que disse naquele dia na Muffinry, quando eu estava lá com Gail, algum tempo atrás.

– *Nuse am blá-blá-blá.*

– O senhor já disse isso, padre.

– *Ouai.*

– Ainda não sei o que significa.

Ele para na frente de minha casa. Seguro a maçaneta da porta, esperando por uma explicação.

Por fim, ele para de cantarolar. Vira a cabeça careca encostada no apoio do banco e dá uma piscadela.

– Acho que você vai entender quando estiver pronta para ouvir.

Jogo-me no sofá – ainda de casaco e botas – e caio no sono quase de imediato.

Só acordo depois que o sol baixa. Vago pelo primeiro andar, acendendo luzes, sentindo-me solitária, e decido preparar Deleite Gostosuríssimo e levar à casa vizinha. Um presentinho doce e calor humano podem ser a coisa certa para que todos se sintam melhor.

– A Ingrid está dormindo – diz Garrett, levando-me à cozinha de iluminação amarelada. – Tomou um longo banho de banheira e está dormindo desde as quatro e meia.

Sentamos de frente um para outro. Garrett come quase metade do Deleite Gostosuríssimo, agradecendo-me entre as porções.

– Isso é bizarramente gostoso.

– Eu sei. Estranho, né?

Ele ri e afasta o prato.

– Não me leve a mal, mas estou meio chocado que você seja finalista. Quer dizer, quais eram as chances?

– Uma em milhares, pelo visto.

– Quase parece o destino.

– Seria bom acreditar nisso – digo.

– Nem acredito que estou deixando Ingrid ir ao *Pitada de amor ao vivo*. Mas, a essa altura, como posso *proibir*? – Garrett dá de ombros. – Quer dizer, eu prometi. Jurei de mindinho.

– Talvez ela se livre de toda essa história de Polly Pinch. Como você mesmo disse.

– Não sei por quê, mas duvido disso.

Sorrio.

Garrett balança a cabeça, dá uma garfada no abacaxi grelhado com chocolate, queijo de cabra, limão e pimenta e oferece a mim. Está quase escorregando dos dentes do garfo e caindo na mesa. Hesito, sem saber se devo pegar o garfo ou deixar que ele me dê na boca.

– Rápido. Coma.

Assim, curvo-me para a frente, abro a boca e ele ri, metendo o garfo por ela.

Mastigando, pego os farelos de crosta em minha mão em concha.

É a primeira vez que experimento o produto acabado, percebo. E é delicioso.

É mesmo uma delícia.

Ele pega duas cervejas na geladeira, tira as tampas com um abridor de garrafa e me oferece uma.

– Estou dividido entre colocá-la de castigo até que ela faça dezoito anos – disse ele, voltando a se sentar – e lhe dar tudo o que ela mais quer na vida.

Quer dizer, é sério, qual é a reação de um pai responsável neste caso? Depois que sua filha foge no meio de uma nevasca?

Tomo um gole da cerveja.

– Acho que ela aprendeu a lição.

– Quando é que eu vou aprender a minha? – Ele ri e procuro rir junto, embora não entenda realmente o que ele quer dizer.

Segue-se um silêncio canhestro, e nenhum de nós sabe para onde olhar. Bebo minha cerveja. Garrett tosse e passa o dedo por um sulco na mesa de madeira.

Por fim aponto para o prato, onde o que resta do Deleite Gostosuríssimo forma um crescente lunar.

– Bom, talvez a gente deva guardar o resto pra Ingrid.

– Sem dúvida nenhuma. – Ele reprime um bocejo. – Ela vai gostar.

Horas depois, não consigo dormir. Acendo a luminária sobre minha mesa de desenho, mas a luz me fere os olhos, e a glândula pituitária que começo a desenhar me parece quadrada e achatada demais. E então... Toc-toc-toc, pausa. Toc-toc-toc, pausa.

Desço e entro no lavabo.

– Ing? – digo à parede de Ahab.

– Não – responde Garrett do outro lado.

– Ah. Oi.

– Estava dormindo?

– Desenhando.

– Desculpe-me por ter estourado com você. Sabe quando. Hoje. Na mata.

– Eu peço desculpas pelo gorro – digo.

– Por que pede desculpas pelo gorro?

– Porque, naquele dia, quando ele ficou preso na árvore, eu disse a Ingrid que ela podia pegar depois.

– Não foi culpa sua, Zell. Eu disse a mesma coisa. Acredite em mim. Não culpo você por nada.

– Boa noite.

– Te amo e te adoro – diz ele, rindo.

– Te amo e te adoro. – Abro um sorriso.

*

18 de abril de 2008

De:

rose-ellen@roymedicalillustration.com Para: nicholas.roy@thewippamunker.com Oi, Ingrid se perdeu numa tempestade de neve (nós a encontramos), e eu me sinto responsável. Deixa pra lá; é uma longa história. A questão é que parece que não consigo fazer nada direito desde que você morreu.

A não ser por uma coisa: sou finalista em um concurso de sobremesas internacional muito famoso (risos) e vou ao Pitada de amor ao vivo, a nova versão do programa de Polly Pinch. E, se eu vencer, doarei o dinheiro do prêmio ao povo de Nova Orleans.

Porque é o que você ia querer.

O que devo vestir pra minha estreia na televisão? Experimentei algumas blusas bonitas penduradas no armário, inclusive a de gola canoa preta que combinei com a calça preta em seu funeral. Mas a blusa não cabe em mim; parece justa o bastante pra me deixar desconfortável e constrangida. Ou talvez eu não esteja acostumada a usar roupas bonitas, porque, no último ano e meio, fiquei meio largada, como diz em.

Spike Miller, o secretário de Polly Pinch, a quem telefonei em resposta à carta de notificação, disse que “especialistas em figurino”

me vestirão se não estiverem satisfeitos com minha roupa. Ele recomendou que eu usasse vermelho, porque o vermelho é uma cor universalmente favorável, em especial diante das câmeras. Mas não tenho nada vermelho, só um moletom velho dos Red Sox e, é claro, sua camiseta da Viagem, que estou pensando seriamente em vestir.

Foi por acaso que a camiseta passou a ser minha. No dia em que você morreu, eu estava pintando a parede do banheiro de hóspedes de Gail. Misturava as cores e as testava em meus braços, porque fiquei sem espaço na parede. Montanhas, árvores, granito e neve estavam todos pintados, e eu estava prestes a incorporar novas cores, para a roupa e a pele. Queria que ficassem boas.

Além disso, eu me sentia meio louca, provavelmente por ler todos os seus e-mails, em especial o último, em que dizia sobre como você se sentia inspirado, que estava louco pra chegar em casa e me mostrar o slideshow de suas fotos e fazer planos para nosso time de futebol. Eu estava muito ansiosa para encontrar um novo você e entrar em uma nova fase da nossa vida, uma nova fase do nosso amor.

Há algo de sensual em roçar as cerdas molhadas de um pincel no braço. Usar seu próprio corpo como paleta, um campo de testes. Mas meus braços estavam listrados de diferentes cores quando minha mãe bateu na porta.

“Tem alguém aqui”, disse ela. “Estão chamando por você. Na frente da casa.”

“O quê?”

“Venha aqui.” Ela estava meio frenética. “Acho que pode ser um problema ou coisa assim. Venha agora.”

Levantei um canto da lona plástica, encontrei meu celular e o liguei. Dez ligações perdidas de Kent Powers – o comandante Kent.

Quatro ligações perdidas de Chester Claude Mbo – o padre Chet. Três ligações perdidas de Sheila White. Nunca ouvi esses recados.

Minha mãe, papai, Terry, Gail com Tasha no colo, todos me seguiram e se reuniram no deque. A pastora Sheila e o padre Chet estavam na entrada de carros. Colocaram-se na frente do sedã de Sheila. Corri até eles.

É estranho como a gente se lembra de certos detalhes. A pastora Sheila estava com uma blusa de retalhos comprida. Veio diretamente a mim. Em uma das mãos, segurava a camiseta. Com a outra, segurou meu braço.

“Estávamos tentando falar com você”, disse ela. “A polícia de Ludlow se ofereceu para vir, mas queríamos dizer nós mesmos.

Localizamos você, conseguimos o endereço de sua irmã e viemos de carro...”

“Pra me dizer o quê?”, perguntei.

“Houve um acidente.” A voz da pastora Sheila tremeu. Ela pôs a camisa na minha mão.

Foi como descobrir que você estava morto.

Afundi a cara na camiseta. Eu queria que tivesse seu cheiro. Mas não tinha.

Não tinha cheiro de nada.

E ainda não tem cheiro de nada, embora eu a use muito desde aquele dia. Para dormir, para ir ao mercadinho...

Sheila contou mais tarde que a camiseta de algum modo se misturou na roupa para lavar; uma senhora da igreja de lá se ofereceu para lavar a roupa de todos, e Sheila encontrou sua camiseta na mala dela quando chegou em casa.

De qualquer modo, pelo menos a mensagem “WIPPAMUNK AMA NOVA ORLEANS” é uma boa causa para anunciar no Pitada de amor ao vivo.

E será adequada para o tributo depois.

Que tributo, pergunta você? Veja o e-mail de EJ, a seguir...

Oi, Zell. É o EJ.

Eu estava querendo falar com você sobre uma coisa. Tinha esperanças de que a essa altura soubesse pelos boatos ou visse no Wippamunker, assim eu não teria que falar, mas não aconteceu nenhuma dessas coisas e a hora está chegando, então...

Não sei por que não te falei pessoalmente. Não conversávamos há muito tempo, e foi meio difícil tocar nesse assunto. E depois teve o Ahab. De qualquer forma, um e-mail é mais fácil. Então lá vai.

Estamos organizando um tributo a Nick. France teve a ideia. Assim podemos ter um encerramento, segundo ela. Há muita gente envolvida. Teremos algumas boas surpresas. É muito importante que você vá.

O problema é que o tributo cai no mesmo dia do Pitada de amor ao vivo: 5 de maio. Veja você, Russ estava lá quando você descobriu que tinha vencido, e ele percebeu que o programa e o tributo estavam marcados para o mesmo dia.

Mas não podemos remarcar o tributo, porque o anunciamos há semanas no Wippamunker e estamos esperando muita gente.

Assim, falei com Garrett e ele vai levá-la ao parque depois do programa.

(Ou, se chover, à prefeitura.) Isto é, se você quiser ir.

Vá, por favor. Queremos você lá. Convide sua família também.

É isso.

Um beijo,

EJ

10

Zell Cinco de maio: um dia chuvoso e frio. Quando entro na caminhonete de Garrett, Ingrid já está tocando bateria no ar e berrando com músicas da Hannah Montana. O plano é que Garrett nos deixe nos Estúdios Scrump e vá estacionar, depois se junte à plateia de *Pitada de amor ao vivo*; Spike Miller fez a gentileza de lhe mandar um ingresso.

Vamos de carro para Boston. Garrett parece olhar para Ingrid pelo retrovisor com maior frequência do que de costume. Quando pega o olhar dela, dá uma piscadela.

– Nervosa? – pergunta-me.

– Sim, tenho de confessar: estou meio nervosa.

– Eu também – diz ele.

Quando chegamos a Boston, paramos em frente ao prédio dos Scrump Studios.

– Lembre-se, Ingrid – diz Garrett ao retrovisor. – Nem uma palavra com Polly sobre ela ser sua mãe.

Ingrid bate continência.

Lá fora, um homem magro de cabelo espigado corre até a caminhonete. Traz uma prancheta agarrada junto ao peito. Um fone de ouvido de bluetooth está pendurado em sua orelha.

Abro a janela.

– Eu sou Rose-Ellen Roy. Estou no lugar certo para...

– Estava esperando por você. Está atrasada. – Ele mete a mão para dentro do carro para me cumprimentar. – Spike Miller. Vamos.

Ingrid salta da traseira.

– Tchau, papai!

– Não ganho um beijo? – diz Garrett.

– Estamos atrasadas. – Ela se coloca ao lado de Spike e segura sua mão.

– Boa sorte – diz Garrett. Estou prestes a sair do carro quando ele diz: – Espera. Fecha a porta, sim? Preciso dizer uma coisa. Fecha a janela também.

– O quê? Qual é o problema?

Garrett suspira.

– O fato é que *you* tem sido uma mãe melhor pra ela, Zell. Você. – Ele abre o porta-luvas e pega um envelope enfeitado com adesivos. Eu o reconheço: a carta que Ingrid escreveu para Polly Pinch, que ele interceptou.

– Pode entregar isso a ela? Cuide pra que receba, está bem? Explicarei tudo a você mais tarde. Prometo.

– Entregar a quem?

Ele agarra o volante e o olha fixamente.

– Ah, não – digo. – Não faça isso comigo agora, Garrett. Você só pode estar brincando. – Olho a calçada, onde Ingrid está contando alguma história animada a Spike. Ele assente distraidamente e examina a prancheta, parecendo um tanto melancólico.

Baixo a voz e digo: – Polly Pinch e Ingrid são...

– Não estou brincando com você – diz Garrett. – Sabe aquela história que contei antes, sobre a sósia? Foi... não conte nada a ela, tá? Deixe tudo rolar naturalmente.

– Não contar o quê a quem? – Quero fazer mais perguntas; sinto que estou borbulhando com tantas perguntas. – Deixar *o quê* rolar?

Spike bate em minha janela.

– Vamos, gente!

– Você vai arrasar, Zell – diz Garrett. Ele me olha, seus olhos em um misto de ansiedade, arrependimento e carência. – Eu estarei assistindo. Você vai arrasar. Vocês duas vão arrasar. – Ele aperta minha coxa.

– Por quê? O que você espera que aconteça deixando isso rolar?

Ele dá de ombros.

– É hora de Anita ver a filha.

– Anita?

– Polly. O nome verdadeiro dela é Anita.

– E você joga essa bomba em cima de mim *agora*? – Eu o encaro; minha boca fica aberta.

Não só tenho de me preocupar em aparecer na televisão ao vivo e voltar a Wippamunk a tempo para o misterioso tributo a meu marido morto do qual, ao que parece, toda a cidade sabia antes de mim, mas também tenho de me preocupar com a reação de uma *chef* celebridade ao conhecer a filha que pelo visto ela abandonou quase nove anos atrás.

– Não se preocupe – diz Garrett. – Sei que vai correr tudo com tranquilidade.

– Tá. Tudo será *supersimples*. – Meto o envelope na bolsa, uma bolsa imensa com estampa de fadas, presente de Trudy.

– Desculpe-me por ter mentido. É que é tudo muito complicado, e acho que não estava preparado para enfrentar a verdade. Mas Ingrid *está* preparada.

Acho que ela já está pronta há muito tempo.

Respiro fundo.

– Eu entendo – digo. E é verdade; entendo como é mentir para vencer mais um dia; sei como é não querer enfrentar a verdade.

– Não esperava que as coisas fossem tão longe, Zell. A televisão e tudo o mais.

– Tudo bem. Nem eu esperava. – Aperto a mão dele. Saio da caminhonete. Ele arranca do meio-fio.

Saco.

*

– É um prazer conhecê-lo – digo a Spike.

Ele abre um sorriso duro e forçado.

– Venham comigo.

Ele nos leva ao saguão do arranha-céu, passando por um corredor reluzente onde o som de sapatos de solado duro de mulheres e homens sérios ecoa em paredes e pisos ladrilhados.

Ninguém nos olha. Passamos por um grande e cintilante balcão de recepção/segurança e pegamos um elevador. Os olhos hostis de Spike vagam por minha roupa – a camiseta WIPPAMUNK AMA NOVA ORLEANS, jeans, bolsa grande a tiracolo. Os olhos pousam em

Ingrid, cujo gorro vermelho engole a testa.

Ingrid abre um largo sorriso a Spike.

– Se a Zell aqui ganhar o concurso, ela vai doar todo o dinheiro para Nova Orleans. Para reconstruírem a cidade.

Spike não diz nada.

Ela continua falando: das centenas de milhares de carros abandonados em Nova Orleans, dos milhares de casas que precisam de limpeza, dos trailers superlotados e das bibliotecas que não existem; ela sabe de tudo isso porque contei a ela sobre os e-mails de Nick.

– Ingrid. – Levo o dedo aos lábios. – Shhhh.

– Mas é importante.

Abro um sorriso para Spike. Ele pigarreja e examina os papéis na prancheta.

Saímos do elevador, atravessamos o hall e entramos em outro elevador. Ingrid rói a unha do polegar o tempo todo.

O segundo elevador para de subir. Seguimos Spike por outros corredores.

Esses corredores são um tanto sujos. Portas fechadas têm placas de SALADE

CONTROLE; CABINE, NÃO ENTRE; NÃO ENTRE

– NUNCA, CAMARIM, MAQUIAGEM E FIGURINO.

Enfim passamos por uma curta fila de portas, todas com a placa CONVIDADOS, e, em uma dessas salas pequenas, Spike nos instala.

– Sentem-se. – Aponta um sofá puído encostado na parede. – Esperem.

Ingrid e eu nos olhamos.

– Senhor Spike? – diz Ingrid. Ela se joga no sofá. – O que está acontecendo?

– A maquiagem virá até vocês. O figurino, também. – Ele tem tanta pressa que bate a porta.

Meia hora depois, estou de botas de couro na altura dos joelhos, uma saia lápis e uma blusa de gola sem mangas. Meus lábios estão pintados de vermelho-tijolo escuro. Lápis preto e úmido cerca meus olhos. Óculos falsos pousam em meu nariz, e meu cabelo tem cachos imóveis de laquê.

Ingrid me examina. Levanta meus braços e roda abaixo deles.

– Você parece...

– ...um monstro? – completo.

– Não. Uma bibliotecária descolada.

– Obrigada. Eu acho.

– Como estou? – Ingrid, de anil, faz um pequeno sapateado. Veste sapatilhas de balé, leggings, uma túnica cinturada no quadril incipiente por um cinto de plástico grosso. Dois coques afro do tamanho de bolas de basquete dominam cada lado da divisão em ziguezague no couro cabeludo. Seus lábios e cílios brilham de glitter.

– Parece que vai fazer um show junto com a Hannah Montana.

– Ai, meu Deus! Tá falando sério?

– Não. Peraí. Parece que a Hannah Montana faria a *abertura* barata do seu show.

– Aimeudeus!

Spike coloca a cabeça pela porta e bate palmas animadamente.

– Senhoras, a senhorita Pinch lamenta não poder se apresentar a vocês antes do programa, então ela fará isso mais tarde.

Não tenho tempo para me preocupar sobre como será esse diálogo, porque Spike continua falando: – Eis o que vai acontecer. Vocês farão tudo o que eu disser. Depois disso, se a senhorita Pinch lhes fizer uma pergunta, respondam, mas não falem demais. – Ele olha diretamente para Ingrid. – Entenderam?

Ela assente.

– Quando estiverem no palco, colocarão um microfone em vocês – continua Spike. – Depois que puserem o microfone, não mexam nele e não façam cara feia. E lembrem – acrescenta: – estamos *ao vivo*, então cuidado com o linguajar.

Ele gira nos calcanhares e dispara pelo corredor.

– Venham comigo.

Andamos acelerado pelo set.

– Fiquem aqui! – ordena, sentando-nos em cadeiras dobráveis de metal junto a uma parede.

Ingrid aponta uma placa branca de NO AR. Semicerramos os olhos para o palco até que a vista distinga alguma coisa naquelas luzes muito fortes: temos uma vista lateral de Polly Pinch, que usa um avental de babados e se dirige a uma câmera imensa rotulada de CÂMERA 1.

Ela parece estar em uma lanchonete antiga. Banquetas cercam um balcão cromado com fileiras de milkshakes maltados; vidros de balas de goma, canudinhos listrados, coco ralado e fios de alcaçuz; e a famosa lata de AMOR.

Para além da lanchonete, está uma cozinha luminosa: piso de ladrilhos preto e branco, mesa cromada, um fogão a gás de seis bocas, uma geladeira de aparência pomposa.

A plateia observa, extasiada, de poltronas lustrosas que se estendem por trinta fileiras.

Homens de camiseta preta operam câmeras que deslizam por ali feito membros robóticos.

Polly se dirige a cada câmera, uma por vez. Fala das duas sobremesas finalistas e da refeição que preparará mais tarde: sua versão especial do tradicional frango com waffles.

Ingrid põe a mão em concha na minha orelha e cochicha: – Frango com *waffles*?

– Acho que é uma coisa do sul – cochicho, justo quando Polly diz: “...e, gente, esse prato é uma *gostosuuura*! Então, não vão embora. Voltaremos logo”.

Acende-se uma placa verde de APLAUSOS! A plateia aplaude.

Apaga-se a placa branca de NO AR

Três mulheres cercam Polly. Uma ajeita os babados do avental. Outra borrija seu cabelo. A terceira ataca sua testa com uma esponja de maquiagem.

– O que é *soul food*? – pergunta Ingrid. – O Deleite Gostosuríssimo é *soul food*?

– Porra, se é! – digo.

– Você disse um palavrão.

– Eu sei. Desculpe. Tô meio nervosa.

– Eu não estou.

– Que bom. Não devia estar mesmo.

– Não consigo encontrar meu pai. – Ela protege os olhos e rastreia a plateia.

– Ele está por aí. Em algum lugar. Não dá pra ver por causa das luzes.

Spike reaparece e se agacha a meu lado. Agora tem fones de ouvido.

– Está na hora – diz ele. – Prontas?

Ingrid assente. Seus coques afro balançam para todo lado.

No palco, os asseclas mudos de Spike nos cercam e nos posicionam nas banquetas da lanchonete. Depois que se dispersam e desaparecem nos bastidores, Ingrid e eu temos fios descendo por nossas costas e microfones do tamanho de ervilhas presos ao colarinho.

Spike bate em meu microfone, depois no de Ingrid.

– Lembram minhas quatro regras?

Ingrid conta nos dedos: – Não falem demais, não mexam em nada, não façam cara feia e cuidado com o linguajar.

– Boa garota. – Ele se afasta às pressas.

– Se lembra da outra regra? – pergunto a Ingrid. – A regra do seu pai?

– Não se preocupe. Não vou dizer nada. – Ela me dá uma cotovelada enquanto Polly Pinch se aproxima das banquetas.

– Fica de boa – sussurro.

Ingrid faz o sinal de positivo.

– Tô de boa – murmura.

Polly para junto da banqueta ao lado de Ingrid. Nela está sentado um sujeito desarrumado, com peito de barril numa camisa de caubói – o outro finalista do concurso.

Alguns centímetros de cabelo branco cercam sua cabeça quase toda careca.

Sua coluna fica reta quando Polly Pinch para diante dele e estende a mão perfeita.

As luzes são tão fortes que os pelinhos nas costas de minha mão ficam escuros e definidos como marcas de lápis. Estou transpirando abaixo dos peitos.

Muito. Meus joelhos estão gelados, expostos demais.

Batida nenhuma. Batidas ferozes. Saco.

– Oi. – Aquela voz familiar e convidativa, calorosa e cheia como xarope de bordo. Diante de mim, o famoso queixo fino acentua famosas clavículas finas.

Seios perfeitamente redondos avolumam o avental de babados. Olhos verdes eletrizam a pele macia e bronzeada. Sardas pontilham o nariz, as bochechas e o colo, como salpicos de canela em pó.

– Oi. Sou a Polly Pinch. – Ela sacode minha mão. – Meus parabéns por seu OxicocoOculto Temperadinho.

– Ah, obrigada – digo. – É um prazer conhecê-la. Mas eu... fiz... Deleite Gostosuríssimo.

– Ah, sim. Sim. Você é Rose-Ellen. E esta é sua pequena ajudante? – Polly irradia o lindo sorriso para Ingrid.

O queixo de Ingrid treme. Ela murmura alguma coisa inaudível.

Seguro a mão de Ingrid em meu colo e aperto.

– Esta é Ingrid.

Polly franze a testa.

Ingrid levanta a cabeça e olha fixamente para Polly. E então, em Polly, vejo um rosto que a tela da televisão nunca vê: um rosto totalmente desprovido de expressão, como um sonâmbulo de olhos abertos.

Spike agita a prancheta.

– Gente! – grita. – Entraremos ao vivo em cinco, quatro, três... – ele murmura – dois, um.

– Bate no ar com os dedos a cada número. Joga o punho fechado para Polly e corre para os bastidores como o vilão de um musical.

A animada música-tema toca, Polly belisca as bochechas e irrompe em sua mesa na lanchonete. Acende-se a placa verde de APLAUSOS! A plateia explode: bate palmas, assobia, uiva. Polly sorri, mostrando os dentes. Sua voz parece trêmula.

– Bem-vindos de volta a *Pitada de amor ao vivo*. Eu sou Polly Pinch.

EJ

Muita gente de Wippamunk assiste a *Pitada de amor ao vivo* na prefeitura. O

comandante Kent não permitiu que entrassem mais de trezentas pessoas – o número máximo permitido pelo código dos bombeiros. Assim, ele manda o excedente ao Blue Plate Lounge, à Orbit Pizza e à Murtonen’s Muffinry.

As pessoas ocupam cada espaço disponível na Muffinry. A lojinha modesta de EJ só tem uma sala, e muito mais fregueses do que cadeiras. É o dia mais movimentado de que ele pode se lembrar.

Travis trouxe um grande televisor de casa e o instalou na vitrine. Senta-se ao lado de EJ, junto à caixa registradora. Eles olham a multidão, e Travis tagarela sobre como Polly Pinch é gostosa. Por fim rolam os créditos, a música-tema começa a tocar, e a Muffinry vai da tagarelice ruidosa ao completo silêncio.

Na tela, Polly molha os lábios. Seus olhos acompanham a câmera sobre rodízios. EJ pensa que ela parece um cervo apanhado pelos faróis de um carro; talvez a televisão ao vivo não seja bem sua praia.

“Tenho alguns convidados comigo no palco”, diz a Polly da TV. “E *um* deles é o vencedor do prêmio de vinte mil dólares em meu primeiro Concurso Internacional de Sobremesas que Aquecem a Alma.”

A câmera aponta para uma mulher com uma cabeleira bufante, vestida como uma atendente de lanchonete dos anos 1950. Exibe uma edição de *Cozinhar é moleza com Pol y Pinch* e posa com ela nas mãos. A plateia da TV bate palmas.

“Vamos provar uma de nossas finalistas”, diz Polly.

Risadas acometem a plateia da TV. Na Muffinry, um velho grita: – Se ela quiser, pode *me* provar!

“Ah, oras”, diz Polly. Ela ri e toca os lábios com a ponta do dedo. “Quero dizer, vamos provar uma de nossas *sobremesas* finalistas. Senhoras e senhores, apresento Hamill Harding, de San Diego, Califórnia, cujos cookies deliciosos foram considerados por nossos jurados como, abre aspas: irresistíveis e leves como uma nuvem, entretanto de um sabor ousado.”

A câmera mostra Hamill Harding, o sujeito com cara de caubói velho. Ele faz uma leve mesura sentado e rola uma cartola imaginária pelo braço até a ponta dos dedos. “Obrigado, Polly”, diz ele.

Agora a garçonete de cabelo bufante desfila com os cookies de Hamill. São quadrados e estão arrumados em uma bandeja de prata.

“Pequena senhorita Ingrid? Querida?” Polly lança um olhar fixo a Ingrid, que a câmera mostra pela primeira vez. A Muffinry explode em aplausos e assobios.

Zell está sentada ao lado dela. *Ela parece bem*, pensa EJ. *Ela parece bem*.

“Poderia nos dar a honra de dar a primeira mordida no delicioso Oxicoco Oculto Temperadinho de Hamill Harding?” O olhar de Polly volta à câmera.

“Ingrid é... ah...

ajudante especial de nossa *outra* convidada, que apresentarei ao mundo daqui a um segundo.”

Ingrid pisca para Polly, depois para a câmera, que dá um zoom em seu rosto.

– Essa garotinha tem um dom natural! – diz o velho na Muffinry.

Ingrid escolhe um cookie grosso na bandeja sobre os joelhos de Hamill. Deixa que os lábios se demorem no cookie, no estilo Polly Pinch. Engole e dá outra mordida. “Hummm”, diz ela.

“Gostosura.” Ela lambe os lábios e olha a câmera.

A plateia da televisão ri, e a Muffinry também explode em assobios e risos.

Ingrid termina o cookie. Polly dirige-se a Hamill Harding com outro sorriso paralisado.

“Agora, Hamill. Antes de passarmos à cozinha para assar essas belezuras, pode nos contar a inspiração para o Oxicoco Oculto Temperadinho?”

Hamill esfrega os joelhos de sua calça cáqui e dá um pigarro na garganta com muco.

“Bom, fui inspirado pelos charcos de oxicoco de Nova Jersey, onde passava os verões quando criança, visitando meus primos de segundo grau. Adoro oxicoco e sempre cozinho com ele. A maioria das pessoas está acostumada com oxicoco cristalizado, mas eu cozinho com oxicoco fresco sempre que possível.”

“Hummm. Oxicoco fresco”, diz Polly. “É tão crocante e ácido, e sua cor é simplesmente liinda. O que mais tem pra nos contar, Hamill?”

“Bom, em meu Oxicoco Oculto Temperadinho, o ingrediente que faz a liga...

Isso pode ser uma surpresa, porque não parece combinar com oxicoco, além disso, não dá pra sentir o *gosto*... Mas o ingrediente da liga é na verdade pasta de amendoim, Polly.”

A câmera mostra Ingrid mordendo mais um cookie. Ela tosse ao engolir e cobre a boca com um braço. Parece ficar vermelha.

“Só uma pitada, Polly.” Hamill sorri e solta um “he-he-he” de sua piadinha.

Risos educados percorrem a plateia da televisão; uma pessoa bate palmas quatro vezes. Na Muffinry, alguém geme.

A câmera volta a mostrar Ingrid. Seus olhos ficam arregalados. E um pouco mais arregalados, até que se esbugalham.

– Tem alguma coisa errada ali – diz EJ.

– Tem, eita – diz Travis.

Marcas inchadas se formam no pescoço de Ingrid. Ela desliza de sua banqueta.

Ofega e pressiona a cabeça convulsivamente no balcão.

– O que tá acontecendo? – alguém pergunta na Muffinry. – Qual é o problema da garotinha?

A câmera mostra Zell, que dá um tapa na testa. Caralho!

– Cara – diz Travis no ouvido de EJ –, acho que sua amiga acaba de dizer “caralho” na televisão ao vivo.

O microfone de Zell dá uma pancada quando ela o arranca da blusa. “Você disse que tem pasta de amendoim nesses cookies?”

Um homenzinho de cabelo espigado e jeito urbano – evidentemente alguém que devia estar nos bastidores – entra correndo no set. Faz um sinal urgente de decapitação a Polly.

Polly se vira para a câmera: “Voltaremos logo. Não vão embora.”

Zell Apaga-se a placa branca NO AR

Ajoelho-me e abano Ingrid com as mãos.

– Tem uma coisa na minha bolsa de fadas! – grito. – Uma caneta.

– Uma *caneta*? – diz Polly, lívida.

– Uma EpiPen! Uma merda de EpiPen! Onde está a minha bolsa? Alguém pegue a p... da minha bolsa!

Dois asseclas de Spike saem correndo pelos bastidores.

– Garrett? – grito. Vejo-o correr da fila de trás, descendo a escada. Ele sobe tropeçando no palco e se junta a mim ao lado de Ingrid.

– Qual é o problema dela? – pergunta Hamill.

– Ela tem alergia a amendoim. – Tiro meus óculos falsos e os faço voar para a fila da frente.

Hamill e Polly estão boquiabertos.

Ingrid parece parar de respirar.

Na emergência do hospital, levam Ingrid de maca. Ela parece tão pequena, tomada pela máscara de oxigênio. Pergunto-me se consegue ouvir a comoção à sua volta – enfermeiras e médicos gritando, atarefados.

Agora a parte de trás de meus joelhos se gruda à cadeira da sala de espera.

Garrett está a meu lado. Tem os cotovelos pousados nos joelhos e a cabeça bem baixa.

– Sinto muito – digo. – É minha...

– Ela me abandonou.

– O quê?

– Ela me abandonou – diz Garrett. – Ela abandonou *nós dois*.

– Quem?

– Anita. Anita Pinchelman era o nome dela. Ela trocou o nome para Polly Pinch.

Um homem em traje cirúrgico entra na sala de espera. Garrett e eu nos levantamos, mas o homem se aproxima de um jovem casal sentado à nossa frente. Eles escutam solenemente o homem explicar alguma coisa.

Garrett e eu voltamos a nos sentar.

– Tentamos fazer com que desse certo – continua. – Mas Anita... *Polly*...

decidiu que não queria ser mãe. Não queria nada disso. Ela me abandonou quando Ingrid tinha um mês, me trocou por um representante de vendas de joias. Ele a levou pra Atlanta. Acho que lá ela aprendeu alguma coisa de culinária. Já percebeu quanto Polly se fia nos sabores tradicionais do sul em suas receitas? Toda aquela bobagem de “dar uma bela incrementada”? Polly pegou todos os clássicos da *soul food* e os tornou um pouco mais leves. Mais saudáveis. Sabe, com temperos em vez de banha de porco ou coisa assim.

Esse tipo de coisa.

Garrett apoia o queixo nos punhos.

– Ela não cozinhava porcaria nenhuma quando a gente estava junto, Zell. Nem mesmo uma fornada de uma merda de brownie. Era tão inútil na cozinha quanto eu.

O homem em traje cirúrgico sai da sala de espera. O casal desaba nas cadeiras. Olho pela janela, onde dois pardais adejam por um ninho sob o peitoril de uma janela vizinha.

Garrett fita os próprios sapatos.

– Quando as coisas em Atlanta não deram certo, Anita voltou pra Boston, mas não pra mim. Foi morar com amigos e mudou o nome para o que ela pensou que funcionaria bem para uma atriz... Algo com aliteração, que parecesse que podia ir de um anjo a uma dançarina de boate, dependendo das circunstâncias.

Compareceu a cada teste que pôde, procurando trabalho como atriz. Sua colega de apartamento me disse que ela estava a ponto de se mudar para Los Angeles quando tentou um programa de culinária. Nem mesmo sabia *para que* era o teste. E num estalo – Garrett estala os dedos – ela está ensinando todo o mundo anglófono a cozinhar. Ela tem as clavículas mais famosas da América do Norte. Está em caixas de biscoito, outdoors, comerciais da Big Yum Donuts.

– Quer dizer que na verdade ela não sabe cozinhar?

– Agora sabe, pelo visto. Mas quando a conheci... Como eu disse: nem uma merda de uma fornada de brownies.

– Caralho – digo, meio alto demais.

– Tentei entrar em contato quando descobri que ela tinha voltado. Antes de ela ficar famosa. É claro que sentia falta dela. Mas também queria que Ingrid tivesse mãe.

– O que aconteceu?

– Anita não foi me ver. Não retornou meus telefonemas. Daí, um dia recebi uma carta dizendo que, se eu não parasse de telefonar, ela iria obter uma ordem de restrição contra mim. Não era nada bom, já que eu queria ser advogado. Então parei de procurá-la.

Simplesmente parei. E é isso.

“Um bom tempo depois”, prossegue ele, “quando estava me mudando para Worcester, querendo economizar no aluguel, encontrei uma caixa com coisas antigas dela no sótão.

Velhos CDs que ela nunca ouvia, alguns suéteres, fotografias. Levei essa caixa comigo de

Boston para Worcester e para todos os apartamentos em que moramos em Wippamunk antes de nos mudarmos para a casa vizinha à sua.

Não sei por que fiquei tanto tempo com a caixa.

Talvez tivesse esperanças de que ela voltasse para nós. De que a gente conseguiria ficar junto.

Um dia. Sabe essa caixa, com as coisas velhas da Anita? Foi onde Ingrid encontrou uma antiga foto de nós dois. E o velho gorro de esqui da Anita. O

gorro de esqui vermelho, feio, velho, caindo aos pedaços.”

Lembro-me da primeira vez que cuidei de Ingrid e que eu a subornei a levar o presente de Nick para o alto da escada. Ela disse que adorava sôtãos porque eram cheios de segredos, histórias e tesouros escondidos.

É verdade, penso. Eles costumam ser repletos de verdade.

– Então a Ingrid encontrou a caixa – digo – e aquelas fotos antigas de Anita com você e simplesmente... deduziu?

– Como poderia não deduzir? Ingrid é parecida com ela. Ela é a pequena versão afro de Polly Pinch. A gente via *Pitada de amor* juntos, sabe, só zapeando pelos canais numa noite de sábado ou coisa assim. Eu assino a revista, só para acompanhar Anita e sua carreira.

– É uma revista muito boa. Quero dizer, é muito instrutiva.

– É. Até um pateta como eu pode seguir aquelas receitas. Mas então a Ingrid botou aquele gorro em sua linda cabecinha, e foi isso.

– E tem alguma notícia dela?

– Ela me manda cheques a intervalos de mais ou menos seis meses desde quando Ingrid tinha dois anos. Bem polpudos. Eu os deposito na conta poupança de Ingrid. Sabe como é, para a vida dela. Se um dia ela realmente decidir que quer se mudar para a França e estudar culinária.

– Quanto disso tudo é de conhecimento de Trudy?

– Ela sabe de tudo. É muito discreta quando se trata dos problemas da família.

– Uma verdadeira nativa de Wippamunk – digo.

– Trudy ama minha filha; disso, eu tenho certeza.

Uma voz de mulher vem pelo sistema de comunicação: *Chamada para o doutor Flores.*

Chamada para o doutor Flores. Linha 3, por favor. Linha 3.

– Eu sou um pai ruim? – Garrett morde o lábio. – Sou um pai horrível?

– O quê? Meu Deus, não. Você tá de brincadeira?

– Eu só não queria que a Ingrid se magoasse. Não sabia o que fazer. O que um garoto de vinte e três anos faz com uma neném? Uma linda garotinha? – Sua cabeça estava de volta às mãos, os cotovelos nos joelhos. – Há muito tempo ela não tem uma reação a amendoim. Eu nunca precisei usar a EpiPen nela.

Ninguém nunca precisou. Aonde quer que ela vá, aviso que ela tem alergia a amendoim. E dou uma EpiPen. E me *esqueci* de dar esse aviso justo lá? No programa de culinária da mãe dela? *Num programa de culinária?*

– Você faz o melhor que pode, Garrett. Acho você um ótimo pai.

– Quase matei minha filha com uma colherada de pasta de amendoim quando ela tinha onze meses. Estava fazendo sanduíche de geleia com pasta de amendoim para mim e ela estendeu a mão para a faca, aí eu mergulhei uma colher no pote e entreguei a ela. Vinte segundos depois eu me virei e ela estava sentada ali na cadeirinha, vermelha feito um tomate, de olhos esbugalhados, segurando o pescoço. Como eu poderia saber? Hoje em dia todo mundo sabe das alergias a amendoim. Mas naquela época?

Coloco a mão na cavidade entre suas escápulas.

– *Você não tinha como saber* – digo. – Às vezes acho que nenhum de nós tem como saber muito, no grande esquema das coisas. Entende o que quero dizer?

Um suspiro fundo de Garrett parece aquecer a palma de minha mão. Outro homem em traje cirúrgico entra na sala de espera e se aproxima de nós.

– Senhor Knox?

– Ela está bem? – pergunta Garrett.

– Ingrid vai ficar ótima – assegura o homem. – Demos uma injeção de adrenalina. Ela está se recuperando. Estamos fazendo alguns exames e, depois que ela descansar um pouco, deixarei que o senhor a veja.

Garrett abre a boca, mas não sai nem uma palavra. Cobre o rosto com as mãos.

O homem em traje cirúrgico me abre um sorriso gentil antes de se virar e sair da sala de espera.

– Garrett? – Acho que ele pode estar chorando.

Fico sentada com ele pelo que parece um longo período. Ele não se mexe nem soltaruído nenhum, só fica recurvado na cadeira. Por fim, suas mãos baixam ao colo.

– Quer ouvir uma coisa irônica? Não contei a Ingrid a verdade sobre a mãe porque não quero que ela se distraia com isso. – Nós dois rimos, mas baixinho, para não incomodar os outros na sala de espera, cujos problemas podem ser maiores do que o nosso. – Então – diz ele – desculpe por ter mentido pra você sobre tudo isso.

– Eu entendo. De verdade. Ei, tem uma máquina automática ao lado dos toaletes. Quer alguma coisa?

– Um café seria ótimo. Pega um pra você também. – Ele tira algumas notas da carteira no bolso traseiro e as agita para mim.

– Guarde seu dinheiro. – Levanto-me e ajeito a saia.

Estou prestes a passar pela porta quando ele chama.

– Zell?

– Sim?

Agora ele me fita com os olhos avermelhados.

– Gostei dessas botas.

– Obrigada. Não são minhas.

Ele suspira de novo e sopra pelos lábios.

– Bom, você estava um arraso naquele programa hoje, Zell. Se não se importa de eu dizer isso. – Não me importo. – Sorrio. Um sorriso de verdade, mostrando os dentes e tudo.

Passo pelas máquinas automáticas, procurando não respirar o cheiro de urina e desinfetante, lençóis sujos e gelatina. Paro no bebedouro e tomo a água fria com gosto de metal. *Água do reservatório de Wippamunk*, penso, enquanto passo as costas da mão pela boca.

Alguém corre em minha direção – uma corrida de salto alto, gingada. Polly Pinch, nascida Anita Pinchelman. Riscos forjados por lágrimas mancham sua maquiagem.

– Rose-Ellen! – ela chama.

– A Ingrid está bem – digo. – Mas não querem que ninguém a veja, por enquanto. Estão fazendo alguns exames.

– Vim assim que terminamos o programa. *Isso não devia ter acontecido. Dei uma bronca na minha equipe. A partir de agora, teremos EpiPens no estúdio.*

Sinto muito. Ela está bem?

– Ela está bem.

Polly se dobra, baixa a cabeça entre os joelhos e respira uma, duas vezes, pelas narinas.

Quando se coloca reta, seu rosto está recomposto e corado de um jeito atraente. Ela abre o sorriso da TV a que estou acostumada – vagamente afetado, mas um tanto sedutor.

– Ótimo, ótimo. E como você conhece Ingrid?

– Ela é minha vizinha.

– É mesmo?

– É.

Polly morde o lábio superior.

– Sei.

– Ele está na sala de espera. – Aponto o corredor.

Ela tomba a cabeça de lado.

– É mesmo?

Faço que sim com a cabeça.

Novamente ela se dobra, respirando alto. Levanta-se de repente. Sorri.

– Antes que você entre lá... – procuro em minha bolsa – ...Ingrid ia lhe dar isto. – Encontro o envelope. Aquele com a carta de Ingrid a Polly e as economias da vida da menina.

Polly a pega.

– Cuidado – digo. – Tem dinheiro aí dentro.

Ela assente e guarda a carta em sua bolsa de couro.

– Obrigada. – Polly estala os saltos pelo corredor. Antes de entrar na sala de espera, ela se vira.

– A propósito, você não venceu.

– O quê?

– Aquele sujeito de San Diego, Hamill, ganhou. Apesar da... interrupção, o episódio foi um sucesso. Embora eu tenha sido um completo desastre. Mesmo com Spike se juntando a um *cameraman* para me impedir de seguir os paramédicos até a ambulância. Os filhos da puta.

Mas eles tinham razão. Teria sido suicídio profissional ir embora. Portanto, me controlei. É preciso fazer isso quando se está ao vivo.

“Hamill assumiu seu lugar como meu ajudante de cozinha quando preparei o Deleite Gostosuríssimo. Que sobremesa, Rose-Ellen. Quer dizer, não é nada comum. Chocolate? E queijo de cabra? E uma fruta cítrica? E *pimenta*? Nossa, é original.”

– Então você gostou mesmo?

– É claro que gostei. Mas, bom, os jurados não a escolheram. Lamento. – Seus braços voam para fora e caem junto do corpo.

Balanço a cabeça, concordando.

– Tudo certo. Só estou feliz por Ingrid estar bem.

Ela abre um sorriso amarelo e segue para a sala de espera.

Pago dois cafés na máquina automática e preparo o de Garrett como ele gosta: muito creme, sem açúcar. Estou prestes a abrir a porta quando ouço as vozes dele e de Polly.

– Mas, então, que gracinha foi aquela? – pergunta Polly.

– Pensei que era hora de você ter algum contato com ela.

– Eu mando dinheiro. Na verdade, tenho mandado os cheques com muita frequência. E você os tem depositado com a mesma frequência.

– Dinheiro não é contato. Ela quer *você*, Anita. Ela precisa de você.

– Não é que eu não queira ter nenhuma relação com ela. Na verdade, recentemente, andei pensando um pouco em voltar a ter contato. Mas, francamente, não pensei que você gostaria disso. E o *timing* de tudo isso...

– Quando seria uma boa hora pra você? Em algum momento na próxima *década*?

Há uma pausa e ouço alguém respirar fundo, mas não tenho certeza de quem é.

- É muito pra mim agora – Polly fala por fim. – Me desculpe.
- Você tem muito por que se desculpar.
- Eu era nova demais. Tive muito medo.
- Você teve medo? *Você* teve medo?
- Cometi um grande erro. Fui covarde. Mas não posso alterar o passado.
- Uma ordem de restrição, Anita? *Sério?*
- Eu queria um novo começo. Mas agora sou uma pessoa diferente.
- Como?
- Eu... não sei. Mas sou diferente. Tenho certeza de que você também é. Só não acredito que deixou ela ir ao meu programa.
- Você entenderia se soubesse quanto ela venera você – diz Garrett. – Além disso, prometi que ela poderia ir se Zell fosse finalista. E quero que minha filha entenda que sou um homem de palavra. Já menti demais pra ela.

Chamada para o doutor Turner, aparece uma voz no sistema de comunicação.

Doutor Turner, linha 2.

- Acha realmente que você estava agindo pelo bem de Ingrid? – pergunta Polly.
- Não creio que você saiba alguma coisa sobre agir pelo bem de uma criança, Anita.

Os dois se calam por um tempo. Ouço Polly dar um pigarro.

- Escuta – diz ela –, preciso correr. Mas este é meu cartão. Quando ela estiver pronta...

Quando *você* estiver pronto... me ligue. Vamos sair ou coisa assim, os três. Ou talvez só eu e a Ingrid, ou o que for. Veremos como vai rolar. Que tal isso?

Garrett não responde.

- Quer dizer, talvez você tenha razão. Talvez esteja na hora – diz Polly. – Talvez não seja tarde demais pra... Sei lá. Não é isso o que você *quer*?

Ele continua sem dizer nada.

Os passos estalados de Polly se aproximam da porta.

Afasto-me rapidamente, depois me viro e ando, como se só agora estivesse chegando à sala de espera.

No corredor, Polly me olha, funga e parte para a saída.

– Pode ficar com essas roupas, Rose-Ellen – diz ela por sobre o ombro. – Ficam bem em você. E continue a cozinhar. Nunca se sabe aonde essas coisas vão levar.

Há mais gente sentada na sala de espera agora: duas mulheres de sári, numa postura perfeita; um adolescente de cabelo liso e jeans apertado, com as pernas jogadas sobre o braço da cadeira; um homem fedorento sem nenhum dente da frente recurvado na janela.

Garrett folheia uma revista e bebe o café.

– Prevejo muitas conversas longas com Ingrid em meu futuro – diz ele. – Como se explica a uma menina de nove anos que você esteve mentindo pra ela por todo esse tempo? Que ela tinha razão?

– Você vai pensar num jeito. Não se preocupe.

– Merda. Espero que sim. – Ele meneia a cabeça.

– E então, conseguiu o que queria? – pergunto. – Quer dizer, de Polly?

– Vai saber... Nem mesmo sei o que queria, pra falar a verdade. Acho que só queria que Ingrid ficasse menos... ansiosa ou coisa assim. Mas Anita parece tão inatingível, como sempre foi. – Ele dá de ombros. – Um dia desses eu ligo pra ela... Depois de explicar as coisas pra Ingrid.

A porta da sala de espera se abre de repente. É Dennis.

– Ela está bem? – Ele olha em volta e enfia o passe da imprensa debaixo da lapela. Os outros na sala o olham fixamente.

– Está ótima – diz Garrett.

Levanto-me e beijo o ar perto de Dennis.

– O que está fazendo aqui?

– Você apareceu ao vivo na televisão – diz ele, sem fôlego –, com a *chef* celebridade mais famosa do mundo. Esta é a maior notícia em Wippamunk desde que Cornelius Grambling fertilizou seus campos de feno com barriga de mexilhão e empestou a cidade toda por semanas. E agora tenho outra grande matéria pra cobrir, na prefeitura.

– O tributo a Nick. – Esqueci completamente. A julgar pela expressão de Garrett, ele também.

– Vim procurar você porque imaginei que precisaria de uma carona – diz Dennis.

– Eu queria ir com a Ingrid – diz Garrett, levantando-se. – A gente devia levar você de volta, é claro, mas...

Entra um enfermeiro e pede que as duas mulheres de sári o acompanhem.

– Agora você tem outras preocupações – digo. Fico na ponta dos pés e dou um beijo no rosto de Garrett.

Ele parece ficar surpreso e triste, comovido e exausto, tudo ao mesmo tempo.

Aperta meu bíceps.

– Obrigado.

– Pode se despedir de Ingrid por mim? Dizer a ela que eu estava aqui?

Ele assente.

Entrelaço o braço no de Dennis e ele acelera pela porta, andando pelo corredor. Sua urgência me faz rir um pouco, e rir é bom. Dennis também ri, depois estamos correndo pelo hospital de braços dados. Correndo e gargalhando.

Papéis e blocos forram o banco do carona do carro de Dennis. Abro a porta, e três antigos blocos de estenografia e uma edição amarelada do *Wippamunker* escorregam para a calçada molhada. As páginas batem e enrugam na chuva.

– Ah, desculpe – diz Dennis. Ele estende a mão pelo lado do motorista e joga a bagunça no banco traseiro. – Só preciso de um segundo.

Seu carro tem cheiro de refrigerante velho derramado. Não demora muito, e estamos passando pelo Mass Pike. Escuto a chuva e os limpadores de para-brisa guinchando.

– Dennis? – digo depois de algum tempo, rompendo o silêncio. – Obrigada pelos folhetos.

Para Ahab.

– Não foi nada. – Ele fala sem tirar os olhos da estrada. Seu queixo é proeminente, o rosto alongado, quase côncavo, como um crescente lunar. – Ele vai voltar, não acha? Aconteceu tempo todo.

– Espero que sim. Espero mesmo que sim.

– O cara novo me ajudou a espalhar aqueles folhetos pela cidade toda, sabia?

– Qual é o nome dele? Do cara novo?

A chuva aumenta, e Dennis pisa de leve no freio.

– Allen – responde. – Ele ganhou um prêmio regional da imprensa por suas fotos da competição de pesca no gelo.

– Você gosta dele? Do Allen?

– Gosto. – Ele me olha. – Mas não é a mesma coisa, Zell. Nunca será a mesma coisa.

Olho pela janela do carona.

– O Nick contou pra você o que era o presente? – pergunto. – Aquele que estava no meu forno?

– Desculpe. – Ele me olha de lado. – Acho que não falou.

Então acabou-se. Perguntei a todo mundo da Viagem – Russ, a pastora Sheila, o comandante Kent, France, EJ, o padre Chet e, por fim, Dennis. E nenhum deles sabe do conteúdo do cubo queimado. Eu podia perguntar a outros.

Arthur, talvez. Até Terry ou Gail.

Mas decido que não. Vou enfrentar essa coisa de frente.

– Você ainda não abriu? – pergunta Dennis.

– Vou abrir. Logo.

Em algum lugar perto de Framingham, reclino o banco e fecho os olhos.

Quando volto a abri-los, passaram-se quase quarenta minutos. Ainda chove.

Dennis entra no estacionamento da prefeitura de Wippamunk.

– Tá acordada? – O estacionamento está cheio, assim ele para irregularmente na Main Street. – A polícia deve estar toda lá dentro mesmo.

Passamos pelo estacionamento do prédio amarelo colonial. Lá dentro, a chuva bate nos quadradinhos ondulados de vitral.

– Você primeiro – diz quando chegamos às portas do auditório.

– Acho que preciso de um tempinho. Já vou.

Ele assente e entra. Antes que as portas se fechem, tenho um vislumbre de Russ, de terno azul-marinho e sapatos pretos de solado macio, no palco, segurando um microfone, entre as bandeiras dos Estados Unidos e de Massachusetts.

Não posso entrar ali. Simplesmente não posso. Em vez disso, abro uma portinha no canto com uma placa escrito GALERIA. Tateio pela subida na escada estreita.

A pequena galeria bolorenta está vazia, exceto por uma dupla de banquinhos de dois lugares que beliscam meu traseiro quando me sento. Estou atrás da plateia. Tem mais de cem pessoas. Muito mais. Reconheço as de sempre: EJ, France, o padre Chet, a pastora Sheila com sua família, meus pais, Gail e Terry, Arthur. Reconheço alguns outros rostos. A maioria me é estranha. Mas não eram desconhecidas para Nick, evidentemente; ou, pelo menos, não desconheciam seu trabalho.

Dennis sobe ao palco e cochicha alguma coisa ao comandante, que está de colete e sapatos de bico fino. O comandante assente enquanto Russ lhe passa o microfone. Atrás deles, uma capa preta cobre um objeto de três metros de altura. Reconheço o formato. É do celeiro de Trudy. Só então percebo: era o que estava por baixo do encerado azul. A encomenda ultrassecreta de Trudy.

– Soube que nossa convidada de honra chegou, então vou dar início aos trabalhos – avisa o comandante. Ele olha a galeria e me vê. Viro o rosto. – Não sou muito de fazer discursos – continua –, mas fui solicitado a dizer algumas palavras nesta ocasião solene, embora todos saibamos por que estamos aqui. E então, Russ? Obrigado por preparar a plateia. Serei breve, porque sem dúvida nenhuma estamos violando o código de incêndio aqui. – Umas dez pessoas riem, de bom humor.

“Conheci Nick melhor na missão que fizemos no outono passado em Nova Orleans, para reconstruir casas por lá”, – o comandante prossegue. – “Nick era um sujeito engraçado, mas também havia uma seriedade, uma sensibilidade nele. Era muito observador, um bom ouvinte e trabalhava arduamente. Ajudava a manter o clima leve, apesar da destruição à nossa volta.

“Vocês só precisam olhar as fotos de Nick para saber que ele era um humanitário, no sentido mais verdadeiro do termo. As fotografias dele são o seu legado, e por isso montamos aqui, à minha direita, uma espécie de instalação de seu emocionante trabalho em nossa missão no outono passado.

Espero que todos tenham tempo para desfrutar das fotografias. A policial Frances Hogan e o repórter Dennis Jolette, do antigo empregador de Nick, o jornal *Wippamunker*, ajudaram a montar a exposição. Vamos aplaudir os dois... Belo trabalho, meninos.”

Aplausos ondulam pela multidão. As fotografias têm dois metros de largura e altura, montadas em cavaletes. Pergunto-me onde France e Dennis conseguiram dinheiro para montar tudo isso. Do próprio bolso, provavelmente.

Reconheço algumas fotos dos e-mails de Nick; a maioria é novidade para mim. As fotos de Nova Orleans – e ali há muitas – mostram a construção, e não a destruição, o que tenho certeza de que foi a intenção temática de Nick.

Meus olhos vão às fotografias de gente que conheço. Russ, com um cinto de ferramentas no quadril, aponta uma viga do teto. A pequena pastora Sheila de costas: está com um macacão de proteção e se posta diante de uma pilha enorme de lixo. O padre Chet em seu saco de dormir e pijama de gola mostra a capa de seu livro, intitulado *A cada passo, paz*.

Nick aparece em uma foto, dentro do furgão ecumênico. A imagem está ligeiramente fora de foco, e me pergunto quem a tirou. Ele veste a camiseta WIPPAMUNK AMA NOVA ORLEANS – a camiseta agora embolada em minha bolsa. Alcanço a bolsa a meu lado no banco e seguro o tecido no punho fechado.

– Bem – diz o comandante –, a artista da cidade e originalíssima Gertrude Chaffin aceitou a encomenda de criar alguma coisa para lembrar nosso rapaz Nick Roy. E creio que todos concordarão que o que ela conseguiu é exatamente como nos lembraremos de Nick: *Por sua arte. De sua arte.*

Fazendo sua arte.

“E então, Trudy? Obrigado do fundo de nosso coração. Quero que todos saibam que Trudy doou esta obra. Ela não aceitou nenhuma remuneração por seu trabalho. Ainda não decidimos onde esta escultura terá seu lar permanente.

Houve uma conversa sobre arrecadar fundos para um parque na cidade com o nome dele. Se alguém estiver interessado em orçar ou ajudar nisso, por favor, fale comigo depois.”

Trudy sobe ao palco e fala baixinho ao microfone: – Muitas pessoas responsáveis pelo diade hoje... Frances Hogan, Russell Stapleton, Emmett Murtonen e assim por diante... são ex-alunos meus. Foi maravilhoso assisti-los se tornando o que são neste mundo. É maravilhoso ver as pessoas que surgiram deste lugar, desta cidade. Nicholas também foi meu aluno. – Ela recoloca o microfone no suporte e baixa a cabeça. Todos no salão repetem o gesto.

Passa-se um minuto de silêncio.

– Bem – diz por fim o comandante, e as pessoas levantam a cabeça –, sem mais delongas...

Eu sempre quis dizer isso... Vamos revelar o que temos aqui embaixo. Senhor Stapleton?

Pode fazer as honras?

Explode um flash de câmera; o cara novo – Allen – tira fotos de Russ, que ressurgue da filada frente. Ele segura sobriamente uma das pontas do tecido preto e a puxa. A multidão parece prender a respiração coletivamente. E então, como um só, todos avançam um ou dois passos,

para mais perto de Nick.

É exuberante. Está de jeans desbotado, um colete acolchoado e óculos retangulares de aro de tartaruga. Até daqui de cima posso ver que Trudy captou os menores detalhes: um clipe de papel pequeno e dourado prende a haste esquerda e quebrada dos óculos. Uma marca em formato de losango é entalhada no queixo, onde o gato gigante da avó o mordeu quando ele tinha sete anos. Está com seus Timberlands caramelo. As mangas da camisa de flanela vermelha estão dobradas até os cotovelos calejados. A lente se projeta da câmera em suas mãos. Ele parece ter visto algo que quer fotografar.

Circulam aplausos brandos, que esmorecem. O salão volta a fazer silêncio, a não ser pelo barulho de uma pessoa chorando. E, pela primeira vez, o choro não vem de mim. Vem de Arthur. Alguém – o tio Raymond de Nick? – lhe dá um abraço de urso.

Minhas mãos voam à boca. Levanto-me e derrubo o banquinho, que cai com barulho no chão.

Todos se viram e olham para cima. Ninguém fala nada, mas os rostos são gentis. Tão gentis e puros que não consigo olhá-los. Não consigo olhar para mais nada nem ninguém.

Corro pela escada escura da galeria e vou para o estacionamento e, em meio às filas bem-arrumadas de carros e caminhonetes molhadas, tombo a cabeça entre os joelhos, no estilo Polly Pinch. Respiro fundo algumas vezes.

Respiro fundo, bem fundo.

– Zell?

É EJ. Reconheço seus sapatos de *chef*. Ele está de calça preta amassada, uma camisa mais amassada ainda e uma gravata barata que fica pendurada cinco centímetros acima de sua cintura – a mesmíssima roupa que vestiu na formatura de France na academia, anos atrás.

Ainda estou recurvada. O sangue zumba em minha cabeça. O muco pinga no calçamento escorregadio. Meu pescoço parece esticado demais, e os lábios formigam. Mas não choro. Não solto nem uma lágrima.

– Agora não posso olhar pra você, EJ. Pra vocês todos.

– Eu sei, eu sei. Tá tudo bem. Não precisa olhar pra mim.

EJ

Zell está recurvada no estacionamento, ainda com as roupas bonitas que usou na televisão.

Está ensopada; os dois estão. Ele a olha por um momento, imaginando o que dizer, perguntando-se se tudo isso – este *encerramento* – não teria, afinal, sido um erro. Talvez o encerramento seja um mito.

As portas da prefeitura se abrem. As pessoas saem, vestindo capas leves e abrindo guarda-chuvas. Ao ouvir as vozes, Zell se endireita, mas ainda não olha para EJ.

– Vamos nos sentar no furgão – ele a convida. – Venha.

Ela assente, e eles correm até o furgão da Muffinry. Ele sobe ao banco do motorista e destranca a porta do carona. Depois de entrar, ela olha as pessoas pelo para-brisa borrado de chuva, em grupos de dois, três e quatro, zigzagueando pelo estacionamento. Gotas de água pendem das pontas de seu cabelo.

Não é um silêncio desagradável, pensa EJ, ficar sentado aqui, enquanto a chuva tilinta no teto do furgão. É um silêncio paciente. Ele afaga o cavanhaque, que aparou para a ocasião. Tem uma tendência a crescer em pontos irregulares, se não tiver cuidado. Sente um sopro do spray para cabelo que Zell está usando, depois seu próprio cheiro doce e terroso, de amêndoas picadas.

– Nós fizemos tudo errado? – pergunta ele por fim. – Com a escultura e tudo o mais?

– É claro que não. É maravilhoso. É perfeito.

– Quer ver outra coisa legal?

Zell ri um pouco, erguendo as sobrancelhas, olhando as unhas.

– O quê?

– Vire-se.

Na traseira do furgão há um enorme sanduíche de madeira pela metade. O pão é grosso e branco, e o recheio está em camadas com queijo, fatias de ovo cozido e uma pasta esverdeada. Pasta de azeitona, EJ sabe. Ele se lembra de seu gosto salgado, lembra-se de que Charlene a chama de “tapenade”.

Ele assobia, admirando, para melhorar um pouco o astral.

– É uma *muffaletta* – explica.

Zell ri um pouco mais uma vez, agacha-se e vai para a traseira do furgão. Toca a ridícula e impressionante *muffaletta* com a ponta dos dedos. Pressiona os lábios nela, só por um momento, depois se ajoelha ao lado.

EJ se junta a ela, colocando a mão na fatia de cima do pão. *Quem dera a escultura fosse real*, pensa. Quem dera ele pudesse dar uma mordida, sentir aquele conforto de muitas texturas.

Ele conta a Zell sobre a visita à Bruxa Velha, para encomendar a *muffaletta*. A sra. Chaffin – ele tem dificuldade de chamá-la de Trudy, embora ela tenha insistido – mostrou-lhe a oficina. Ele andou em meio às criaturas – uma lontra tomando banho de sol numa cadeira de praia, guaxinins dançando quadrilha no alto de uma lixeira. Ela lhe mostrou sua mais recente mascote escolar, felizmente nada politicamente correta: o Montanhista do colégio, um velho desdentado e descalço agitando uma espingarda, de calça rasgada, tornozelos nodosos e uma barba comprida e desgrenhada.

– A senhora Chaffin era mesmo má, como a gente pensava dela, na época do colégio? – pergunta EJ. – Ou nós é que fomos maus o tempo todo?

– Entendo o que quer dizer – diz Zell, olhando o imenso palito que se projeta do alto do sanduíche. Ela ainda não consegue olhar para ele, EJ sabe disso.

– Este – ele continua – é para minha amiga de Nova Orleans. Esse neném, quero dizer. – Ele bate duas vezes na *muffaletta*.

– Charlene? – pergunta Zell.

– É. Charlene.

Zell aponta à esquerda de EJ, para um velho amplificador remanescente dos tempos de Russ e ele nos Massholes.

– O que é isso? – pergunta.

Do alto do amplificador, EJ pega uma caixa térmica rasa. Dentro da caixa, uma fôrma de bolo cheia de neve.

– Vou levar pra Nova Orleans – ele conta. – Ficarei um tempo por lá, até resolver umas coisas. Esta neve também é pra Charlene. Ela disse que não vê neve há anos. Dá pra imaginar isso? Estive guardando esta neve no meu freezer. Só pensei em fazer um teste na rua, dirigir por aí com ela nesta pequena caixa de isopor, pra ver se derrete. Até agora, tudo bem. Acho que posso parar no caminho e completar o gelo, se necessário.

Ele passa a fôrma para Zell.

– Travis vai cuidar do navio enquanto eu estiver fora – diz ele. – Devia ter visto a Muffinry hoje. Um monte de gente foi ver você na TV. A Ingrid está bem?

– Ela vai ficar bem. – A ponta dos dedos de Zell roça a neve dentro da fôrma.

– Você a ama? Charlene?

– Acho que é isso que vou descobrir – responde EJ.

– Ela é aquela da igreja nova que vocês foram ver. – Ela baixa a fôrma com neve a seu lado. EJ segura o ombro de Zell, que parece duro feito madeira. Ela dá um soluço e chupa o lábio inferior, como uma garotinha que caiu de uma bicicleta e ralou o joelho. Mas não chora.

A chuva bate mais forte no furgão, cai de lado pela janelinha redonda acima de sua cabeça.

– Antigamente a vida parecia tão simples – diz ela. – Eu, Nick, Ahab... Nada mais importava.

– Respira com força pelo nariz. Seu rosto está toda amassado, mas continua seco.

EJ não sabe o que fazer e fica sem ter o que falar. Então ajoelha-se e curva-se para ela, abraçando-a apertado. Seu cavanhaque raspa o couro cabeludo de Zell quando ela corresponde ao abraço.

– Agora preciso começar do zero. – A voz de Zell está baixa e firme. – Todo dia. A cada minuto, ao que parece.

– Eu não pude fazer nada – diz ele em seu cabelo molhado.

– Eu sei.

– Era pra ter sido eu.

– Não.

– Podia ter sido eu. Tranquilamente.

– Mas não foi.

Ele desmorona sobre si mesmo como uma rajada de vento: a respiração quente e as lágrimas, por tudo o que eles perderam.

– Não me odeie mais – pede EJ, chorando. – Não me odeie porque não fui eu.

Zell enterra a cara em seu peito. Os dedos são pontinhos gelados na nuca de EJ.

– Eu jamais poderia odiar você, Silo.

Zell Um dia depois do incidente de Polly Pinch, Ingrid estava animada, como sempre. Até foi à escola naquela segunda-feira, e ela e Garrett apareceram mais tarde para me contar da festa que a professora dela deu, que ela leu para a turma o artigo de Dennis sobre o Concurso de Sobremesas que Aquecem a Alma, depois disso falaram de culinária, de alergias alimentares e de aparecer na televisão.

E, no dia seguinte, só uma terça-feira comum, acordo, abro as cortinas e entro no sótão.

Não sei bem por quê. Talvez seja apenas a ideia que me vem – a ideia de que está nahora.

Fico surpresa ao ver como a escada está empoeirada. Quer dizer, é de supor que a mobília fique empoeirada, e prateleiras, mas não escadas. E, no entanto, meus pés deixam marcas a cada passo, como se pisassem em neve.

Levo o toca-discos comigo. No alto da escada – antes mesmo de olhar em volta –, eu o conecto à tomada e o coloco no chão. Logo Gladys canta – em cada batida de meu coração, há uma batida para você.

Fico de pé, ereta, jogo os ombros para trás e enfrento o cômodo inacabado. De certo modo espero que Nick esteja ali, cercado de luz vermelha, de costas para mim, prendendo uma fotografia para secar. Imagino-me passando os braços por ele, sentindo seu cheiro – suor acobreado, madeira, Old Spice – por cima do odor pungente das substâncias do quarto escuro.

Mas as luzes vermelhas não estão acesas, é claro. O sol brilha por entre as ripas frouxas da janela coberta por tábuas.

Passo os dedos por seu equipamento. Está tudo coberto de pó: o ampliador, a mesa estativa, o tanque de revelação, o tanque de lavagem. A pia, as pinças, os rolos de filme.

Esponjas e luvas. A poeira cobre os galões de substâncias químicas no chão.

Acaricio sua velha e surrada bolsa da câmera, aquela que ele nunca mais usou, mas não conseguia jogar fora. Folheio um antigo caderno em que ele escrevia o nome das pessoas que encontrava pela cidade, para as legendas. Passo o dedo pelo pequeno pincel que sopra ar para limpar a lente.

As cerdas são muito macias.

Afora a poeira, tudo está como Nick deixou, até aquela foto que tirou de Ahab comigo no quintal, um dia antes da Viagem. A língua de Ahab balança, e ele parece sorrir. A foto está pendurada em um cordão, totalmente seca, é claro.

Na realidade, está dura e enroscada.

Posso fazer alguma coisa com ela. Talvez alisá-la e colocá-la num porta-retrato.

Sento-me no chão do sótão e abro a caixa de papelão que Arthur me deu depois do serviço fúnebre. Abro o arame do saco plástico ali dentro – um arame de saco de pão! – e afundo a mão nele. Retiro um punhado de Nick.

Agora ele está cinza-esbranquiçado e espesso, mais parece cascalho do que poeira.

Depois me aproximo do cubo queimado. Parte de mim espera que o presente do forno seja uma brincadeira. Como uma caixa de surpresa. Ou uma lata de pé de moleque que não é pé de moleque, mas uma cobra falsa, toda enroscada, que salta quando você a abre.

Bato duas vezes o cubo no chão para abrir a tampa derretida no fogo. Por fim, ela se quebra. Dentro, uma autêntica lata de cerâmica bojuda de AMOR Polly Pinch, em perfeitas condições, o que na realidade é um mistério, quando se pensa bem. Quando se considera que metade do esquadrão de bombeiros voluntários de Wippamunk andou por minha cozinha naquele dia; quando se considera toda a fumaça preta e furiosa rolando para fora do forno.

Será que este presente é irônico de propósito?, pergunto-me. Será que Nick tentava dizer alguma coisa sobre eu nunca cozinhar? Talvez. Ou talvez ele não soubesse que era um acessório Polly Pinch. Talvez pensasse que podia guardar minhas raspas de apagador nele.

Talvez só o tivesse visto numa loja em algum lugar e dito: “Ei, Zell, pode guardar seu café fresco nessa coisa”. Talvez simplesmente tenha gostado.

No início, penso que a lata AMOR é o próprio presente, mas noto que tem alguma coisa *dentro* dela, então, tiro a tampa grande de cortiça.

Olho o interior e encontro um coração novo. Um novo modelo de coração, para substituir o antigo que ele me deu em nossa formatura no colégio.

Fico sentada ali no alto da escada do sótão por algum tempo, os pés plantados entre a caixa com as cinzas e a lata AMOR, e seguro o coração que, por mais incrível que pareça, ainda tem cheiro de plástico novo. Lembro-me do dia de nossa formatura, Nick arrastando-me para debaixo da arquibancada. Ele me beijou enquanto o sol jorrava pela madeira. Disse que eu era a única mulher no mundo que chorava de alegria por ganhar um modelo de coração.

Este modelo novo pode ser dissecado, então retiro as paredes do átrio e a seção frontal para ver o interior. Examino os ventrículos, as artérias, a seção superior do esôfago, os brônquios superiores. Seguro a válvula na altura dos olhos e vejo por ela a escada, e é como se olhasse por uma lente cercada de vermelho.

Sorrindo, pisco para me livrar das lágrimas, meto o coração sob o queixo e abraço os joelhos. A pulsação em meu pescoço lateja contra o plástico, e é como se eu pudesse absorver esse novo coração, fazendo do presente de Nick uma parte viva e palpitante de mim.

E então percebo que sempre foi. E sempre será.

Em junho, vou passar uma ou duas semanas em Okemo; há coisas ali que preciso fazer. Mas não falo com Gail e Terry sobre essas coisas. Só pergunto se posso me hospedar com eles por um tempo. E é claro que concordam.

A ida de carro a Vermont é positivamente verdejante. Paro na entrada da casa.

Terry surge à porta. Uma jiboia cor-de-rosa está enrolada em seu pescoço.

– Brincando de princesa? – pergunto.

Tasha cambaleia atrás dele em saltos altos demais.

– Tia Zell! Abe-abb?

– Bem-vinda – diz Terry, acenando para eu entrar. – Estamos muito felizes por você ter decidido aparecer.

– Gail contratou um universitário? Para terminar o mural do banheiro?

– Um universitário? Não.

– Ela pintou por cima?

Ele solta sua gargalhada britânica teatral de “ora essa”.

– Não, não, claro que não. O mural está esperando, para quando você estiver pronta.

– Estou pronta.

– Maravilha. Agora?

– Agora.

Na p... do agora.

Passo rapidamente por meus pais, que estão recurvados sobre um tabuleiro de xadrez na sala de estar. Minha mãe se levanta um pouco.

– Rose-Ellen, você chegou! Posso lhe servir um vinho?

– Obrigada, mamãe – digo. – Só preciso fazer isso.

No banheiro, seguro o envelope granuloso de poeira e frágil pelo tempo.

Belisco a beira da fotografia e a tiro. Montanhas na primeira fase do degelo, rochedos e sempre-vivas reluzindo.

Estamos alinhados. Nossos rostos banhados pelo sol estão alegres. Terry, de roxo da cabeça aos pés, passa o braço por uma Gail muito mais alta, que fica com os cotovelos virados e o queixo baixo, como se posasse para uma sessão de fotos. Estou ao lado de Gail. Nick me abraça bem perto. Ele está com o mesmo gorro de esqui em formato de A e pompom que usava desde a oitava série, aquele que estava esticado na ponta de suas raquetes para neve, no armário.

Na manhã da fotografia, quando tínhamos andado pela neve subindo três quartos do Okemo, Terry anunciou que precisava tirar água do joelho. Pediu a Gail para dar uma ajuda, porque não queria machucar as costas levantando objetos pesados.

– Ha! Ha! – Gail riu. Ela abriu o zíper do bolso e passou protetor nos lábios.

– Hurra! – Nick chamou Terry, que entrou em uma moita de abetos.

Segundos depois, Terry gritou para nós, então seguimos suas pegadas, passando pelo buraco amarelado que ainda soltava vapor. Paramos em uma pequena clareira que dava para picos ao norte, Killington, provavelmente, e depois dele o monte Ellen e o monte Abraham. A leste, assomava Ascutney.

Terry descobrira uma vista oculta. Nenhuma placa apontava para lá; nenhuma trilha levava até lá. Curtimos nosso panorama privativo de picos cinza-azulados e nuvens gordas.

Nick pegou a bolsa da câmera.

– Isso merece ser registrado para a *prosperidade*.

Terry riu.

– *Posteridade*, seu colono burro! – Bebeu água da garrafa.

– Posteridade – corrigiu Nick. – Tanto faz. Podem ficar aqui um segundo enquanto preparo o disparador?

– Ora essa, não! – disse Gail. Ela estendia o celular e, quando conseguiu uma barra, ligou para nossos pais. Colocaram Tasha na linha, e Gail arrulhou: – Te amo, bonequinha. Seja uma neném boazinha.

Ficamos ali a manhã toda – conversando, rindo, comendo passas e barras de cereais.

Fizemos cadeiras de neve.

Depois de uma hora, Nick passou filtro solar na cara toda e disse: – Hora da cultura inútil: o que significa “okemo” em abenaki?

– Colono burro? – disse Terry. Ele descansou a cabeça no colo de Gail.

– Não – disse Nick. – Gail? Quer chutar?

Gail revirou os olhos e perguntou: – Zell, trouxe granola?

Nick passou o braço em mim, deu um beijo em minha testa e suspirou.

– “Okemo” quer dizer “tudo volta para casa”.

Tempo real, espaço real. Na parede do banheiro, contra as montanhas, há quatro lugares vazios em que Terry, Gail, Nick e eu, felizes e cansados como cães de trenó, finalmente apareceríamos.

– Oi – sussurro. Minha mão preenche o espaço em branco para o rosto de Nick. Minha testa toca o local onde a testa dele deve surgir, molhada, enrugada de franzir o cenho.

Ouçó minha irmã dar um pigarro. Ela põe a cabeça para dentro e fala em voz baixa: – Antes de você começar e antes que eu me esqueça, só queria te mostrar uma coisa.

Lembra daquele padre gato na Muffinry?

– O padre Chet?

– O doce padre Chet. – Ela desliza para dentro do banheiro. – Lembra que ele sussurrou uma coisa sensual em francês? E eu escrevi e disse que ia traduzir com o BabelFish? Bom, finalmente consegui, e aqui está o resultado. – Ela me mostra o guardanapo amassado e sujo de café.

Por baixo das palavras em francês com pronúncia fonética está a tradução de Gail – uma declaração de que me lembro de um dos e-mails de Nick, uma declaração que o frustrava, porque o padre Chet nunca lhe deu uma explicação concreta: *ESTAMOS TODOS LIGADOS*.

Pinto o dia todo. Na manhã seguinte – depois que meus pais saem para o torneio de polo anual –, trabalho por mais ou menos duas horas. Até que o mural está completo.

Acabou. Não tenho senso de cerimônia, nem mesmo um senso verdadeiro de realização. O

mural era uma coisa que precisava ser feita – um projeto inacabado. Eu o acabei, e... acabou.

Nick está como na fotografia: suado, ávido. Só que aparece em tamanho natural, mais brilhante e, de algum modo, palpável.

Depois de tomar um banho, junto-me a Gail e Terry, que estão de mãos dadas e observam minha arte com uma expressão tristonha. Tasha entra e aponta.

– Tio Nick?

Terry se abaixa e ajeita um cacho rebelde atrás da pequena orelha.

– É isso mesmo, meu amor – diz ele. – Tio Nick.

Amarro os cadarços de minhas botas de caminhada. Prendo o clipe de fada de Ahab nobolso do short. No banco do carona do meu carro, afivelo o cinto em torno da lata AMOR.

É o melhor dia de verão em Vermont: sem nuvens, deslumbrante e quase quente. Vou para o monte Holly, onde se pode ter acesso a uma antiga trilha de mato que praticamente segue reta até Okemo. “A racha de Okemo”, costumava dizer Nick. A mesma trilha de mato onde andamos com raquetes de neve naquele dia de inverno – ele, Gail, Terry e eu.

Mas dessa vez caminho sozinha, a lata AMOR metida debaixo do braço. O conteúdo é surpreendentemente pesado.

É uma linda caminhada. Tudo à minha volta e embaixo de mim – árvores, folhas, terra – está úmido, quente/frio, tornando-se novo. Praticamente não há brisa – o ar parece imóvel. E

não encontro outras pessoas na subida, o que, por mim, está ótimo.

Bufando e bafejando, caminho para cima. Sem parar. Brevemente, procuro pela vista oculta que Terry descobriu em nossa caminhada no inverno, porém não a encontro.

No cume, espero ver outros andarilhos, contudo parece que tenho o lugar só para mim.

Aproximo-me da torre de observação frágil e defunta, com uma placa de

PROIBIDO ULTRAPASSAR

presa por correntes no primeiro degrau. E digo em voz alta: – Proibido ultrapassar? Até parece. – E pulo a corrente.

Subo, subo, subo a torre. Virando, dando voltas. Quanto mais alto chego, mais a torre oscila e geme, e penso que talvez eu não devesse ter ultrapassado. Mas continuo: cinco andares de altura.

Quando chego ao topo, recupero o fôlego por um momento e desejo ter trazido um pouco de água. Puxo pelo nariz o ar fresco da montanha, para limpar o cheiro residual de tinta e banheiro fechado.

Pego no bolso o prendedor quebrado, puxo e passo o dedo por ele. Suas asas de fada e o pé restante cintilam ao sol. Jogo o braço para trás e estou prestes a atirar o prendedor na mata – mas ouço algo. Um bicho? Uma pessoa?

Aproxima-se da torre. Galhos se quebram, folhas são esmagadas. Procuro no chão bem abaixo, porém não consigo detectar a origem do barulho.

Ahab?, pergunto-me, e meu peito salta com essa ideia. Imagino Ahab aparecendo na beira das árvores, farejando o ar. Em minha fantasia a coleira sumiu, espinhos de ouriço projetam-se de seu flanco, e seu olho do tapa-olho está inchado e fechado. Ele sofreu, mas sobreviveu e está sereno como um velho capitão do mar. Esse é seu estilo galgo. Imagino-o subindo toda a escada da torre. Enterro o nariz em seu pescoço, onde o pelo tem o cheiro da primavera; de sangue seco; de uma aventura indelével e indescritível.

– Arre! – sussurro, olhando as árvores, onde os galhos e as folhas continuam a crepitar. – Um trago de rum, é do que preciso!

Enfim a criatura aparece – uma raposa. Fica parada por um momento, tempo suficiente para que eu admire sua delicadeza. A cara e o peito brancos brilham no sol forte. Ela passa pela torre, sem saber de minha presença.

Lembro-me da previsão de Terry de que Ahab só “foi bater perna por aí” e certamente voltará, e do tio da colega de turma de Ingrid, cujo cachorro andou até o Kentucky.

Guardo o prendedor no bolso – vou ficar um pouco mais com ele. Só um pouquinho mais.

O que foi mesmo que Nick escreveu? *A decepção, mas também a esperança.*

Algo assim.

Dou uma boa sacudida na lata AMOR com as duas mãos. Não digo nada, nem mesmo *penso* em nada. Nem oração, nem música, nem pausa reflexiva de adeus. Simplesmente tiro a tampa do AMOR e, como se espalhasse um balde de água em um carro ensaboadado, jogo as cinzas de Nick no céu azul – tento cobrir o sol, as pontas dos pinheiros, os picos das montanhas com Nick. Agora ele está neste lugar para sempre e, ao mesmo tempo, ele se foi.

Nem aqui, nem lá.

As lágrimas surgem e de algum modo também o riso. Aquela velha alfinetada apanha meu peito. Mas não é uma perfuração mínima e distante; são mil delas, fazendo-me sentir como se estivesse contida e explodindo, quente e fria, feliz e triste, tudo ao mesmo tempo.

29 de junho de 2008

De:

rose-ellen@roymedicalillustration.com Para: nicholas.roy@thewippamunker.com Querido Nick, Obrigada por minha lata Polly Pinch e meu coração novo. É um lindo coração.

Um substituto maravilhoso.

Por falar em corações, finalmente descobri qual é o problema do meu.

Desde que você morreu, o consultório da minha cardiologista me deixou mil recados na secretária eletrônica. Nunca liguei de volta. Não queria saber o que havia de errado comigo. Não estava nem aí. Ou talvez eu tivesse medo de que não houvesse nada de errado comigo. Eu queria que meu coração estivesse com defeito, queria que ele me matasse, assim eu me encontraria com você no céu. É. Eu me sentia patética nesse ponto.

E então, só alguns dias atrás, quando cheguei de Vermont, minha campainha tocou. Imaginei que fosse Ingrid, Garrett, Russ ou Gail. Mas era a dra. Fung, com seu cabelo sedoso na altura do queixo e olhos pretos e úmidos.

Ela me disse que uma das secretárias do consultório conhecia a pastora Sheila. Por intermédio desse canal social, a dra. Fung soube que você morreu em uma viagem missionária a Nova Orleans e que, desde então, fiquei desesperadamente deprimida. E

assim, quando ficou evidente que eu nunca atenderia o telefone, ela decidiu me ver pessoalmente.

Pensei que ela ia me dizer que eu sofria de síndrome do coração partido.

Existe mesmo, sabia? Algo nos hormônios do estresse liberados quando se tem notícias chocantes – os hormônios do estresse ficam em seu sistema indefinidamente, forçando o coração. Mas me lembrei de que eu tinha essa coisa esquisita no coração desde antes de você

morrer, então não podia ser síndrome do coração partido.

“Quantas xícaras de café é você bebe por dia?”, perguntou a dra. Fung.

“Três. Às vezes mais.”

“Mais quanto?”

“Tipo três”, eu disse. “Ou sete, ou oito.”

“Beba menos café, Rose-Ellen”, recomendou a dra. Fung. Ela sorriu.

Beber menos a m... do café.

“Só isso?”, perguntei.

“Só isso.”

“Está me dizendo que não tem nada de errado com meu coração?”

“Sim. Acredito que você só esteja supercafeinada. Algumas pessoas são extremamente sensíveis, então diminua a cafeína, e veremos o que acontece.”

Assim, essa é a história do meu coração. Gostou? Todo aquele drama, toda a preocupação por nada. Eu podia ter feito A Viagem com você, afinal.

Imagine se eu fiz esse. Imagine como nossa vida seria diferente.

Talvez naquela manhã você não concordasse em visitar a obra da igreja que construíamos arredores da cidade. Talvez EJ, você e eu, nós três, tivéssemos uma manhã só para nós, fôssemos à cafeteria de Charlene para curtir e conversar. As pessoas, os projetos, o trabalho que teríamos feito em Nova Orleans, o trabalho que ainda deve ser feito.

Ou imagine que EJ não fosse tão cortês. E se ele entrasse antes, bem atrás do mestre de obras, em vez de deixar você ir primeiro?

Ou, imagine se eu fosse ver a obra com você e eu entrasse primeiro. Imagine se aquele andaime desabasse em mim. Imagine se a viga caísse em cima de mim. Que esmagasse meu capacete e, por baixo dele, meu crânio, meu cérebro, minha coluna.

Sei tudo sobre a coluna, como é construída. Vértebra aladas protegem a medula espinhal, e discos esponjosos entre as vértebras permitem que a coluna se flexione. Por dentro da bainha, todos aqueles nervos. Milhares e milhares de nervos, finos como um fio de cabelo, vivos de eletricidade, vibrando suas mensagens, seus comandos.

Quando é que você ia me dar os presentes? Quando voltasse da Viagem? De Natal? Você ia me chamar da rua naquela tarde e me dizer para abrir o forno?

Como você sempre costumava dizer, essas perguntas “não estão nem aqui, nem lá”, não têm nenhuma importância. Com o tempo, desconfio, simplesmente passarão.

Mas então aqui está outro e-mail que queria que você visse. Recebi esta manhã. Acho que vai deixar você feliz. Está colado abaixo.

Não sei quando vou mandar um e-mail pra você de novo. Este pode ser o último por algum tempo. Mas eu ainda te amo.

Sempre te amarei.

Zell Cara sra. Roy, Talvez se lembre de mim, Hamill Harding, de San Diego.

Fiquei feliz em saber, por intermédio do assistente de Polly Pinch, Spike Miller, que a garotinha se saiu bem daquela horrível provação. Tenha certeza de que lamento por isso. Se soubesse da alergia a amendoim, jamais teria deixado que ela comesse o Oxicoco Oculto Temperadinho.

Estive pensando muito no que Spike me disse quando eu estava nos bastidores, me preparando. A garotinha contou a ele que, se ganhasse, você pretendia doar o prêmio em dinheiro à caridade em Nova Orleans. Que você foi inspirada pelos e-mails que seu marido escreveu quando estava numa missão por lá.

Fiz as pesquisas e encontrei alguns artigos na internet de um jornal pequeno, o Wippamunker, onde, pelo que entendi, seu marido trabalhava. Vi um artigo contando que ele morreu durante a missão e outro mais recente sobre um tributo público que os amigos fizeram eram, exibindo suas fotografias. E que uma artista da motosserra doou uma escultura dele. Minha mulher e eu ficamos muito comovidos pelo modo como sua comunidade se uniu e pelo impacto que um homem parece ter causado em tanta gente.

Encontrei um link para fazer doações online ao grupo ecumênico com que seu marido viajou. Entendo que todas as doações ajudam o povo de Nova Orleans a reconstruir a cidade – igrejas, escolas e bibliotecas – e, por sua vez, suas vidas, na esteira do furacão. Minha mulher e eu decidimos doar ao grupo ecumênico metade do prêmio em dinheiro que ganhei no Concurso de Sobremesas que Aquecem a Alma. Veja bem, o dinheiro não resolve todos os problemas do mundo. Mas, neste caso, acho que já é um bom caminho andado.

Atenciosamente, Hamill De volta a Wippamunk, passo alguns dias sem ver Ingrid e Garrett. A caminhonete deles sumiu, e seu lado da casa continua silencioso. Fico meio solitária com essa ausência, mas deve me fazer bem ficar um pouco sozinha, pôr o trabalho em dia e até fazer uma pequena faxina de primavera. Vejo-me realizando tarefas que não faço há anos, como

lavar as cortinas da sala de estar e virar os colchões. Até lavo Hank da cabeça aos pés com limpa-vidros e toalhas de papel. E levo meus pequenos tapetes de lã para os fundos e os sacudo. Juro que quando os recoloco no chão parecem novos em folha.

E então, num final de tarde, enquanto estou no segundo andar dando os toques finais em uma patela e Gladys canta sobre águas tranquilas e brisas suaves, ouço a caminhonete de Garrett roncar pela rua. Desço a escada aos saltos para recebê-los de seu lado da varanda.

Ingrid corre para mim e me abraça com tanta força que preciso dar alguns passos para trás a fim de não perder o equilíbrio.

– Nossa! – digo. – Oi pra você.

– Não vejo você, tipo, desde sempre – diz ela. – Você estava desenhando? Tá com cheiro de lápis.

– É meu perfume novo.

Ela ri.

– Passamos três dias em Boston.

Carregando uma mala pequena numa das mãos e a mochila de Ingrid na outra, Garrett para na escada. Olho para ele e sorrio. Ele murmura “oi”, sem querer interromper a história de Ingrid.

– Trudy foi pra lá um dia, e passeamos de pedalinho num lago – diz ela. – E no outro dia, quando choveu, encontrei minha mãe no Museu de Ciências. Eles têm um show de relâmpagos lá, e minha mãe gritou porque ficou com muito medo do barulho alto e louco dos raios. Foi engraçado. Mas eu não tive medo.

E no parque tomei sorvete de baunilha em um pequeno capacete de beisebol de plástico. E tinha uma linha vermelha pintada na calçada que leva a gente à casa de Paul Revere. Sabia disso? O nome é Trail to Freedom, a trilha para a liberdade.

– Ela quer dizer Freedom Trail – diz Garrett, rindo. – Vamos entrar.

Ele deixa as coisas perto da escada e segue Ingrid para a cozinha, onde ela vasculha a geladeira.

– O que tem pro jantar, papai?

– Ainda não sei, bubu. – Ele abre a cortina acima da pia e empurra a janela, que grunhe um pouco porque está emperrada. E, percebo, não estou só vendo Garrett tentar desemperrar a janela. Eu o estou *admirando*. Admiro os músculos de suas costas, trabalhando por baixo da camiseta, e o fato de que ele pensa em abrir uma janela, antes de tudo, depois de alguns dias

fora.— Aimeudeus! — Ingrid gira e dá um tapa do lado da cabeça. — O presente da Zell! Como é que a gente foi esquecer?

— No bolso da frente da minha mala — diz Garrett. — Por que não vai pegar?

Ela corre para a escada, e me sento à mesa da cozinha.

— Você comprou um presente pra mim? — pergunto.

— Ah, é só uma coisinha de nada. — Ele pisca. Olha a correspondência, separando envelopes em duas pilhas na mesa. Uma brisa cálida ergue as cortinas e agita meu cabelo.

— Enquanto você tirou suas férias em Vermont — diz ele —, decidimos viajar também, para Boston. E acabamos saindo um pouco com a mãe de Ingrid.

— E como foi? — pergunto em voz baixa.

— Foi... — ele se interrompe e se joga na cadeira de frente para mim — ...

estranho. Mas acho que estranho é melhor do que nada. Não é?

— É. Já é um começo.

— Um começo — repete ele, e me lembro daquela noite no lago Tunkamog, a sensação da ponta de seus dedos passando por meu cabelo, o calor que me envolveu quando ele me puxou para perto. Abro um meio sorriso por cima das pilhas de envelopes.

— É — digo. — Um começo.

Ingrid entra afetadamente na cozinha. Garrett e eu trocamos um último olhar antes de voltar nossa atenção para ela, que segura um objeto achatado embrulhado em saco plástico.

— Tchanananã! Pra você.

— Pra *mim*? — Finjo surpresa. Dentro do saco está *Gostosuras todo dia*, o livro de culinária de Polly Pinch. Folheio as páginas brilhantes e vejo que ela autografou: *Para Zel , que aqueceu minha alma*.

— Muito obrigada, gente — digo. — Sem dúvida nenhuma vou fazer muito uso disto aqui.

Ingrid bate palmas e pula um pouco.

— Não é legal? Eu tenho um também. *Autografado*. E aí, pai, o *jantar*? — Ela pula ao lado da cadeira dele e joga o braço em volta de seu pescoço. — Tô morrendo de fome.

— Você não devia dizer isso. — Ele beija a palma da mão dela com ruído. — Não está *morrendo*

de fome. Só está com muita fome.

– Tá bom, então estou com muita, muita fome.

Ele gesticula para o livro de culinária com a mão de Ingrid, o que a faz rir.

– O que teremos pro jantar, Zell? – pergunta Garrett.

– Está perguntando à pessoa errada – digo, rindo. – Mas tudo bem. – Abro numa página qualquer, onde Polly aparece descalça em uma cozinha banhada pelo sol, de bermuda de brim desbotado, fechando a tampa numa panela de lagosta. – Que tal isto? – sugiro. – Rolinhos de Lagosta Grelhada com Lemon-Pepper e Salada Caesar Supersimples?

– Hummm. – Ingrid assente.

– Claro – diz Garrett. – Vou um minuto lá fora pescar uma lagosta no mar.

– *Pai*. – Ela revira os olhos, no estilo Ingrid.

– É sério – diz ele. – Acho que talvez tenha alguma coisa no freezer pra jogar no grill.

Zell? Janta com a gente?

– É – diz Ingrid. – Podemos fazer o jantar, nós três. Como uma *família*. – Ela me olha com seus olhos grandes e brilhantes. Garrett me olha com expectativa.

– Por que não? – digo. – Vou pegar meu avental.

– Issso! – diz ela. – Não se esqueça das luvas de forno combinando.

– Ótimo. – Garrett vai ao freezer. – E Gladys? Ela pode jantar conosco?

– É claro. – Levanto-me da mesa. – Ela é muito portátil.

– Eu vou com você. – Ingrid segura minha mão e me puxa para a porta.

Eu pulo ao lado dela, minha garganta faz um barulho, e um segundo se passa até que eu perceba – estou rindo.

Estou pulando e dando risadinhas. PQP.

Talvez esse seja meu novo estilo Zell.

Deleite Gostosuríssimo (para Ahab)

Rendimento: Um

Deleite Gostosuríssimo. Serve de duas a quatro porções. Para que fique mais saboroso, use abacaxi f resco e grelhe as f atias antes de cortar. Se usar abacaxi f atiado em lata, drene bem a calda.

•

1 xícara cheia de abacaxi bem cortado (se substituir por morango, maçã ou pêssego f resco, lave e seque completamente a f ruta) •

50 gramas de queijo de cabra para espalhar, ligeiramente derretido no micro-ondas (substitua por outros queijos moles, como cream cheese, se pref erir) •

1 colher de sopa de mel •

1 colher de chá de suco de limão f resco •

Quase ½ colher de chá de pimenta-negra moída na hora (parece muito, mas conf ie em nós) •

Massa para Crosta de Flocos Supersimples de Polly Pinch (substitua por massa de torta comprada no mercado, ou prepare a sua do z ero usando sua receita pref erida, se desejar) •

Uma barra de chocolate ao leite ou meio amargo (50 gramas) •

Duas colheres de chá de creme de leite ou leite integral Guarnição •

Açúcar mascavo •

Framboesas f rescas geladas (substitua por mirtilo, se desejar) •

Pimenta moída na hora, a gosto

Modo de preparo: Preaqueça o f orno a 220 graus. Unte levemente uma assadeira.

Misture o abacaxi, o queijo, o mel, o suco de limão e a pimenta em uma grande tigela.

Abra com cuidado a massa na assadeira. Conserte qualquer f alha com a ponta umedecidos

dedos.

Coloque a barra de chocolate no meio da massa. Despeje a mistura de abacaxi por cima da barra de chocolate.

Usando uma espátula, espalhe a mistura para a borda da massa, deixando uma margem de cerca de dois centímetros e meio.

Com a ponta dos dedos, arraste os dois lados opostos da massa de forma que se encontrem no meio, formando um retângulo. Pincele o alto da massa com leite.

Asse por 20 a 25 minutos ou até que a crosta fique dourada.

Retire do forno. Salpique açúcar mascavo e pimenta, se desejar. Enfeite com framboesas.

Usando uma faca afiada, corte em pedaços.

Melhor se servido quente.



Agradecimentos

Estendo minha profunda gratidão às seguintes pessoas que deram vida a este livro: minha agente Laney Katz Becker; Celeste Fine; minha editora Erika Imranyi e a equipe da Dutton; os gentis escritores Amy MacKinnon, Roland Merullo e Rachel Simon, pelos conselhos generosos; parentes, amigos, professores e colegas que me apoiaram e inspiraram, em especial meus pais, Barbara e Robert Bessette, meu irmão Rob, minha irmã Ann-Marie Hanlon, Scott Humfeld, Jim Keogh e a turma da Landmark, Benj Lipchak e Jessica Sands, Lori Litchman e Dave Tavani, Joe Molis, Bob Moran, a família Quick, os Rayworth, Susan O’Keefe, Sue Rubenstein, os Shagensky, Jay Sommer, Jan Trembley; àqueles que leram meu trabalho inicial, em especial Shelly Halloran; aos voluntários que ajudaram em Nova Orleans; e às pessoas da região que compartilharam sua experiência, seus temores, êxitos e esperanças; e, sobretudo, a Matt – meu amor, meu sopro de vida, meu coração.

[1](#) [Vinho quente escandinavo.](#) [N. E.]

Document Outline

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

Table of Contents [Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)